

(n.t.)

REVISTA LITERÁRIA
EM TRADUÇÃO

ANO IX - 2º VOL. - DEZ. 2018 - EDIÇÃO BILÍNGUE SEMESTRAL - BRASIL

Yun Dong-ju

Pazıl Hüsni Dağlarca

Marcial

Nafiz Abu-Hasna

Baldomero Lillo

Henry Louis Mencken

Mary E. Wilkins Freeman

Katherine Mansfield

Abū l-ʿAlā' al-Maʿarrī

E.M. Cioran

Antonin Artaud

INTRO

“Esconde tua vida.”

Epicuro





www.notadotradutor.com
notadotradutor@gmail.com

(n.t.)

EDIÇÃO E COORDENAÇÃO

Gleitton Lentz

COEDIÇÃO E CONSULTORIA

Roger Sulis

ILUSTRAÇÃO E CURADORIA

Aline Daka

REVISÃO E ASSISTÊNCIA

Amanda Zampieri

CONSULTORIA LINGÜÍSTICA

Scott Ritter Hadley

REVISÃO DOS ORIGINAIS

Equipe (n.t.)

AGRADECIMENTOS

Fac-símiles e originais: • Google Books (EUA), para "하늘과 바람과 별과 시", de Yun Dong-ju; • Biblioteca Nacional de Chile, para "El Chiflón del Diablo", de B. Lillo; • Bibliothèque Numérique Romande (França), para "Van Gogh. Le suicide de la société", de A. Artaud; • Gutenberg.Org (EUA), para "Damn! A Book of Calumny", de H. L. Mencken; • Katherine Mansfield Society.Org (EUA), para "An Ideal Family", de K. Mansfield; • Library of Arabic Literature.Org, para "رسالة الغفران", de Abū ḤAlā' al-Ma'arrī; • Direitos de publicação: • Tüzmanlar (Turquia), para "Haydi", de Fazıl Hüsnü Dağlarca; • Editora Achiamé (Brasil), para "Van Gogh. O suicídio pela sociedade"; • Gallimard (França), para "Deux diatribes", de E.M. Cioran. Direitos autorais cedidos: • Nafiz Abu Hasna (Palestina), para "عقل الغرابيا".

Ao lado dos antigos povos mesopotâmicos, egípcios e chineses, os mesoamericanos também desenvolveram uma forma de escrita não relacional, sendo a mais conhecida, a maia, cujas primeiras inscrições datam do século III a.C. E embora ela seja a mais documentada e a única decifrada até o momento, outras escritas foram criadas na Mesoamérica ao longo do primeiro milênio a.C., especialmente no México, como a zapoteca e a epíolmeca. A origem delas ainda é incerta, mas se sabe que a escrita no continente americano se desenvolveu de forma independente e original a partir de algum sistema pictográfico usado em tempos remotos, e que ainda permanece não identificado.

A escrita zapoteca, cujo registro mais remoto é de 600 a.C. (Estela Monumento 3) e que chegou a ser considerada a primeira das Américas, e a escritura epíolmeca, cuja inscrição mais antiga é de 36 a.C. (Estela de Chiapa de Corzo) e que se originou e coexistiu com a maia, cederam lugar para as recentes descobertas em torno de outra possível escrita, a olmeca. Em 2006, a revista *Science* publicou um artigo anunciando a descoberta do Bloco de Cascajal (capa desta edição), um artefato talhado em mineral serpentina que trazia 62 sinais pictóricos semelhantes a plantas (como o milho) e a animais (como insetos e peixes), além de símbolos abstratos. No conjunto, os glifos eram diferentes de todas as demais escrituras de então, e pelo fato de apresentarem um padrão e disposição linear, sugeriam indícios de uma linguagem escrita. Após análises por carbono-14, foi considerada a mais antiga forma de escrita do hemisfério ocidental, que pode ter servido como ponto de partida para o posterior desenvolvimento que levou à constituição da escrita na Mesoamérica, cujas origens ainda são conjecturais.

Descoberto por habitantes da área nuclear olmeca em meio a fragmentos e figuras de cerâmica, aos arredores do sítio arqueológico de Cascajal, no estado mexicano de Veracruz, o bloco foi datado de 900 a.C., o que comprova que a civilização olmeca (que floresceu entre 1200 e 400 a.C.) foi a primeira a desenvolver a linguagem escrita no continente americano, pois as inscrições gravadas estão diretamente conectadas às representações de sua cultura. Ainda por ser decifrada, trata-se aparentemente de uma linguagem de sinais, cuja função era a de expressar o ideário da vida cotidiana dos olmecas. O significado dos glifos, no entanto, continua sendo uma incógnita, já que ainda não há uma tradução que possa associá-los a uma escrita já conhecida.

Eis aqui a tarefa da tradução, a mesma empreendida pelos tradutores deste número da (n.t.) que, ao cumprirem esse ofício, trazem pela primeira vez textos inéditos ou retraduzidos que evocam,



assim como os glifos olmecas, uma época e um lugar. A clássica seção de abertura inicia com o poeta coreano Yun Dong-ju, na seleção *Céu, vento, estrelas e poesia* | 하늘과 바람과 별과 시, por Carolina de Mello Guimarães; seguido do poeta turco Fazıl Hüsni Dağlarca, em *Vamos* | *Haydi*, por Miguel Sulis; e do poeta latino Marcial, com seus *Epigramas marciáticos* | *Epigrammata*, por Mariana B. S. do Amaral da Rocha.

Na sequência, cinco nomes da literatura estrangeira pedem licença para a leitura de suas narrativas: primeiro, o escritor palestino Nafiz Abu Hasna, com *Mel dos espelhos* | غسل المرايا, por Safa A-C Jubran; depois, o chileno Baldomero Lillo, com *El Chiflón del Diablo*, por Gleiton Lentz; o americano Henry Louis Mencken, com *Maldição! Um livro de calúnias* | *Damn! A Book of Calumny*, por Demian Gonçalves Silva; a americana Mary E. Wilkins Freeman, com *As sombras na parede* | *The Shadows on the Wall*, por Cílio Lindemberg; e a neozelandesa Katherine Mansfield, com *Uma família ideal* | *An Ideal Family*, por Thaís Fernandes.

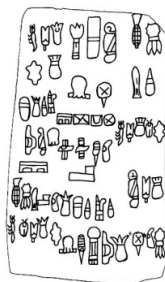
Nas páginas seguintes, dois grandes pensadores e polemistas, um do Oriente e outro do Ocidente, expõem suas reflexões e impressões acerca de suas respectivas épocas: o escritor árabe Abū l-ʿAlāʾ al-Maʿarrī, com sua *Carta de Clemência* | رسالة الغفران, por Marco Antonio Calil Machado, e o franco-romeno E.M. Cioran, com *Dois diatribes* | *Deux diatribes*, por Rodrigo Menezes.

E na última seção que busca retirar da estante física à virtual antigas traduções, relembramos o célebre ensaio de Antonin Artaud, *Van Gogh. O suicidado pela sociedade* | *Van Gogh. Le suicidé de la société*, publicado pela estimada editora carioca Achiamé ao final da década de 1990, na tradução de Rui Veiga.

E para encerrar mais um editorial, vale reiterar que esses poetas e escritores, não obstante a carga lírica de suas poesias, ou imaginativa de seus contos, ou conceitual de seus ensaios, o fazem através de seus próprios idiomas, cuja transposição a outras línguas é feita por seu agente intercultural, o tradutor. É essa mesma figura que os olmecas esperam há quase três milênios para decifrar sua escrita *original*, assim como aguardaram os *originais* presentes nesta edição.

Boa literatura atemporal! ■

Os editores
Desterro, maio de 2020.



(n.t.) | 17°

Publicada na Ilha do Desterro,
em Santa Catarina, Brasil.

© Todos os direitos reservados
aos autores, tradutores e editores.

Licenciada na Creative Commons,
Licença Internacional 4.0

ISSN 2177-5141



SUMÁRIO

POESIA

하늘과 바람과 별과 시 | Céu, vento, estrelas e poesia

de Yun Dong-ju

por Carolina de Mello Guimarães

09

Haydi | Vamos

de Fazıl Hüsnü Dağlarca

por Miguel Sulis

20

Epigrammata | Epigramas marciálicos

de Marco Valério Marcial

por Mariana B. S. do Amaral da Rocha

35

CONTOS

المرايا | Mel dos espelhos

de Nafiz Abu Hasna

por Safa A-C Jubran

43

El Chiflón del Diablo | El Chiflón del Diablo

de Baldomero Lillo

por Gleiton Lentz

85

Damn! A Book of Calumny

Maldição! Um livro de calúnias

de Henry Louis Mencken

por Demian Gonçalves Silva

106

CONTOS

The Shadows on the Wall | As sombras na parede

de Mary E. Wilkins Freeman

por Cílio Lindemberg

135

An Ideal Family | Uma família ideal

de Katherine Mansfield

por Thaís Fernandes

161

ENSAIOS

رسالة الغفران | Carta de Clemência

de Abū l-ʿAlā' al-Maʿarrī

por Marco Antonio Calil Machado

177

Deux diatribes | Duas diatribes

de E.M. Cioran

por Rodrigo Menezes

192

MEMÓRIA

**Van Gogh. Le suicidé de la société
Van Gogh. O suicidado pela sociedade**

de Antonin Artaud

por Rui Vega

242



poesia
(n.t.)|Amer



CÉU, VENTO, ESTRELAS E POESIA

YUN DONG-JU



O TEXTO: Seleção com cinco poemas da coletânea *Céu, vento, estrelas e poesia* (하늘과 바람과 별과 시), que reflete os elementos da natureza constantes na obra de Yun Dong-ju. Os temas principais são a resistência contra o sofrimento humano e a angústia causada por suas falhas morais contrastadas com a pureza do mundo natural. O nacionalismo coreano e a resistência à colonização japonesa também podem ser percebidos nas composições, em variados graus de sutileza.

Texto traduzido: 윤동주. 하늘과 바람과 별과 시. 서울시: 더클래식, 2016.

- **O AUTOR:** Yun Dong-ju (1917-1945), poeta coreano, nasceu na vila chinesa de Longjin, na Manchúria. Formou-se em Artes Liberais em Seul, na Coreia do Sul, e mudou-se para o Japão em 1942 para cursar Língua Inglesa. Em 1943, após ser detido por suspeita de crime ideológico, foi condenado a dois anos de prisão por participar do movimento de independência coreano. Morreu encarcerado em Fukuoka, aos 27 anos, por razões desconhecidas, ou, conforme se especula, por tortura ou experiências científicas. Em vida, sua poesia não foi reconhecida e não publicou nenhum livro. Em 1948, foi lançada postumamente *Céu, vento, estrelas e Poesia* (하늘과 바람과 별과 시), coletânea que reúne a maior parte de seus poemas.

A TRADUTORA: Carolina de Mello Guimarães é mestranda em Estudos da Tradução pela Universidade de São Paulo, licenciada em Letras Português/Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná e professora de Língua Inglesa.

하늘과 바람과 별과 시

「별을 노래하는 마음으로
모든 죽어가는 것을 사랑해야지」

윤동주

서시

죽는 날까지 하늘을 우러러
한점 부끄럼이 없기를,
일새에 이는 바람에도
나는 괴로워했다.
별을 노래하는 마음으로
모든 죽어가는 것을 사랑해야지
그리고 나한테 주어진 길을
걸어가야겠다.

오늘밤에도 별이 바람에 스치운다.

쉽게 씌어진 시

창 밖에 밤비가 속살거리려
육첩방은 남의 나라.

시인이란 슬픈 천명인 줄 알면서도
한 줄 시를 적어 볼까.

땀내와 사랑내 포근히 품긴
보내 주신 학비 봉투를 받아

대학 노트를 끼고
늙은 교수의 강의 들으러 간다.

생각해 보면 어린 때 동무를
하나, 둘, 죄다 잃어버리고

나는 무얼 바라
나는 다만, 홀로 침전하는 것일까?

인생은 살기 어렵다는데
시가 이렇게 쉽게 쓰여지는 것은
부끄러운 일이다.

육첩방은 남의 나라
창 밖에 밤비가 속살거리는데,

등불을 밝혀 어둠을 조금 내몰고,
시대처럼 올 아침을 기다리는 최후의 나.

나는 나에게 작은 손을 내밀어
눈물과 위안으로 잡는 최초의 약수.

자화상

산모퉁이를 돌아 논가 외딴 우물을 홀로
찾아가선 가만히 들여다봅니다.

우물 속에는 달이 밝고 구름이 흐르고
하늘이 펼치고 파아란 바람이 불고 가을이 있습니다.

그리고 한 사나이가 있습니다.
어쩐지 그 사나이가 미워져 돌아옵니다.

돌아가다 생각하니 그 사나이가 가없어집니다.
도로 가 들여다보니 사나이는 그대로 있습니다.

다시 그 사나이가 미워져 돌아옵니다.
돌아가다 생각하니 그 사나이가 그리워집니다.

우물속에는 달이 밝고 구름이 흐르고 하늘이
펼치고 파아란 바람이 불고 가을이 있고
追憶처럼 사나이가 있습니다.

새로운 길

내를 건너서 숲으로
고개를 넘어서 마을로

어제도 가고 오늘도 갈
나의 길 새로운 길

민들레가 피고 까치가 날고
아가씨가 지나고 바람이 일고

나의 길은 언제나 새로운 길
오늘도…… 내일도……

내를 건너서 숲으로
고개를 넘어서 마을로

봄

봄이 혈관 속에 시내처럼 흘러
돌, 돌, 시내 가까운 언덕에
개나리, 진달래, 노-란 배추꽃

삼동을 참아온 나는
폴포기처럼 피어난다.

즐거운 종달새야
어느 이랑에서나 즐거웁게 솟쳐라.

푸르른 하늘은
아른, 아른, 높기도 한데……

CÉU, VENTO, ESTRELAS E POESIA

*“Por meio de minha alma que canta as estrelas
Vou amar todas as coisas que estão a morrer.”*

YUN DONG-JU

PREFÁCIO

Para que até o dia da minha morte
Eu possa olhar para os céus sem nenhuma vergonha,
Até mesmo as folhas ao vento
Me causam tormenta.
Por meio de minha alma que canta as estrelas
Vou amar todas as coisas que estão a morrer
E no caminho que me foi dado
Devo andar.

Também nesta noite as estrelas acariciam o vento.

UM POEMA ESCRITO FACILMENTE

Do lado de fora da janela a chuva noturna sussurra
Em uma sala de seis tatamis que é o país dos outros.

Mesmo sabendo que é uma triste vocação a do poeta
Tento escrever pelo menos mais uma linha.

Tendo recebido o envelope com o dinheiro das despesas escolares
No qual estão brandamente disfarçados o cheiro de suor e o cheiro de amor

Eu vou assistir à aula de um professor velho
Com o caderno da universidade embaixo do braço.

Se tento pensar em meus colegas de infância
Vejo que esqueci um, dois, todos eles

O que é que eu desejo
Será que eu sou simplesmente um sedimento afundando sozinho?

Viver é difícil
Escrever um poema assim tão facilmente
É uma coisa vergonhosa.

Em uma sala de seis tatamis que é o país dos outros
Do lado de fora da janela a chuva noturna sussurra mas

Acendo a lâmpada para afastar um pouco a escuridão
Assim como uma nova época, o meu último momento espera a manhã
| que está por vir.

Estendo uma pequena mão para mim mesmo
Com lágrimas e condolências aceito esse primeiro aperto de mão.

AUTORRETRATO

Contornando o pé da montanha há um poço isolado em um arrozal
Sozinho, fui em sua direção e silenciosamente olhei lá dentro.

Dentro do poço, a lua brilha e as nuvens passam
O céu se desdobra, o vento azul sopra, é outono.

E lá tem um homem.
De alguma maneira eu odeio esse homem, e vou embora.

Indo embora, decido que tenho pena do homem.
Eu retorno, e o homem continua lá do mesmo jeito.

Novamente tenho ódio do homem e vou embora.
Indo embora, penso que tenho saudades dele.

Dentro do poço, a lua brilha, as nuvens passam, o céu se desdobra,
O vento azul sopra, é outono
E lá está o homem, como se fosse uma lembrança.

NOVO CAMINHO

Além do riacho, através da floresta
Além do morro, através da aldeia

Assim como ontem, hoje também eu vou
O meu caminho, meu novo caminho

O dente de leão floresce e o pega voa,
E a garota passa e o vento irrompe

O meu caminho quando quer que seja é um novo caminho
Hoje também... Amanhã também...

Além do riacho, através da floresta
Além do morro, através da aldeia

PRIMAVERA

A primavera sangra dentro das veias como um riacho
Pedras, pedras, e próximo a um regato no monte
Sinos de ouro, azaleias e flores de acelga muito amarelas

Eu, que resisti ao inverno,
Irrompo como a grama

Alegre cotovia,
Em qualquer leiva alegremente alce seu voo

O céu azul
Brilha até mesmo lá, lá no alto...

VAMOS FAZIL HÜSNÜ DAĞLARCA



O TEXTO: Publicado em 1968, *Haydi*, de Fazıl Hüsni Dağlarca, é uma imensa coleção de mais de 600 poemas que resgatam a forma clássica dos *rubaiyat* ou quartetos, mas despidos, grande parte, de rimas e metros rígidos. Esta breve seleção apresenta uma amostra da mão hábil do poeta que reinventa o clássico em versos ora imagísticos, ora reminescentes, de um *haiku* ou aforísticos.

Texto traduzido: Dağlarca, F. H. *Haydi*. İstanbul: Tüzm zamanlar, 1997.

O AUTOR: Fazıl Hüsni Dağlarca (1914-2008), poeta turco, é um dos poucos literatos que, com o advento do modernismo e a quebra da tradição, lançou o olhar e a sensibilidade ao clássico, trazendo novas dimensões à contemporaneidade em uma linguagem purista e com uma ética antimilitarista. Publicou mais de 60 tomos de poesia, tornando-se um dos mais prolixos representantes de sua geração e um dos mais traduzidos poetas turcos contemporâneos.

O TRADUTOR: Miguel Sulis, coeditor da (n.t.), é bacharel em letras (alemão e literaturas de língua alemã), mestre e doutor em literatura pela UFSC. É tradutor, professor de grego e dedica-se aos estudos da tradução. Para a (n.t.) já traduziu Solomós, Rufinos, Kaváfis, Ritsos, Forugh Farrokhzad, Sacher-Masoch e Haris Vlavianos.

HAYDİ

*“Ölüm yaşayacağımı yok edebilir
Yaşadığımı değil.”*

FAZIL HÜSNÜ DAĞLARCA

İLK SUÇ

Dağ bıçaklar
Erkenden
Güzelliğini
Gecenin.

ÇIĞLIK

Her gün
Her gece
Beni görür görmez
Gök Tanrı'nın çığlığıdır

DOSDOĐRU

İki kiři birbirini aldatır
Köy olur oraları
Uluslar yalan söyler birbirine
Ülkelerde dolar yeryüzümüz

ESKİ KAPI

Kadınların istediđi
Mavilik midir
Gece midir
Kocalar yaşlanır da anlayamaz

SENİ SEVMEK

Kişi seni severse
Soyunur aya karşı
Sever
Ölüsüne dek

DOLU SOKAK

Ne korkuyorsun
Uyanıp geceleri
Ölüm yaşayacağımı yok edebilir
Yaşadığımı değil

KEDİLER

Sıcaktır
Dulun
Kedisi
Gelinin kedisinden

VAMOS

*“A morte pode destruir o que tens para viver
Não o que viveste.”*

FAZIL HÜSNÜ DAĞLARCA

O PRIMEIRO CRIME

A montanha esfaqueia
No alvorecer
A beleza
Da noite

GRITO

Todo dia
Toda noite
Assim que me vê
O céu é o grito de Deus

JUSTO

Duas pessoas se enganam
Nos arredores surge uma vila
Nações mentem umas às outras
Nosso mundo se enche de países

VELHA PORTA

O que querem as mulheres

O azul?

A noite?

Os homens envelhecem e não conseguem entender

AMAR-TE

Se alguém te ama
Despe-se para a lua
Ama
Até a morte

RUA LOTADA

O que temes
Quando acordas à noite
A morte pode destruir o que tens para viver
Não o que viveste

GATOS

É mais quente

Da viúva

O gato

Do que o gato da noiva

EPIGRAMAS MARCIÁLICOS

MARCO VALÉRIO MARCIAL



O TEXTO: Os epigramas de Marcial a seguir apresentam mesma temática, o *carpe diem*, e o mesmo destinatário, Júlio Marcial. Em I, 15, o epigramista se mostra consciente sobre a fugacidade da vida ao aconselhar seu amigo a não desperdiçar seus melhores dias e não adiar mais as alegrias à espera de um futuro incerto, abandonando o tom mordaz, tão comum em seus versos. Em I, 55, o poeta expõe, de um lado, a rejeição de suas obrigações como *cliens*, os átrios dos poderosos e, por outro, o desejo epicurista de aproveitar de uma vida simples em um campo, onde poderia plantar apenas para o sustento. Em X, 47, o poeta recomenda ao amigo viver uma vida mais feliz e aproveitar as coisas simples dela, algo distante, embora pretendido, da rotina de Marcial. Esse epigrama foi lido, traduzido e adaptado pelos poetas do Humanismo europeu, como Clément Marot, Henry Howard e John Milton.

Texto traduzido: Martial. *Epigrams*. Vols. 1, 2, 3 (Loeb Classical Library). Edited and translations by D. R. Sacleton Bailey. Londres: Harvard University Press, 1993.

O AUTOR: Marco Valério Marcial (ap. 38-104 d.C.) foi um poeta latino que, em seus mais de 1500 epigramas, se apresenta como um cronista de sua época, por descrever a multifacetada sociedade romana do primeiro século da era moderna. Em sua obra, aborda uma variedade de temas, incluindo o próprio labor literário, caricatura de pessoas com seus vícios e virtudes, os espetáculos do Coliseu, os banhos públicos, os banquetes, além de homenagear o Imperador e seus amigos e tratar de assuntos filosóficos.

A TRADUTORA: Mariana Beraldo Santana do Amaral da Rocha é doutoranda e mestra em Letras Clássicas pela UFRJ, licenciada em Letras Português/Latim. Estudiosa dos *epigramas* de Marcial, investiga o percurso literário que empreenderam na história da literatura universal.

EPIGRAMMATA

“*Sera nimis vita est crastina: vive hodie.*”

MARTIALIS

Epigrammata I, 15.

O mihi post nullos, Iuli, memorande sodales,
si quid longa fides canaque¹ iura valent,
bis iam paene tibi consul tricensimus instat,
et numerat paucos vix tua vita dies.
non bene distuleris videas quae posse negari, 5
et solum hoc ducas, quod fuit, esse tuum.
expectant curaeque catenatique labores,
gaudia non remanent, sed fugitiva volant.
haec utraque manu complexuque adsere toto:
saepe fluunt imo sic quoque lapsa sinu. 10
non est, crede mihi, sapientis dicere 'vivam':
sera nimis vita est crastina: vive hodie.

¹ *Fides cana*: a boa fé nos tempos antigos, a antiga boa fé (cf. Virgílio. *Aen.* I, 296). (n.t.)

Epigrammata I, 55.

Vota tui breviter si vis cognoscere Marci,
clarum militiae, Fronto, togaeque decus,
hoc petit, esse sui nec magni ruris arator,
sordidaque in parvis otia rebus amat.
Quisquam picta colit Spartani frigora saxi 5
et matutinum portat ineptus Have,
cui licet exuviis nemoris rurisque beato
ante focum plenas explicuisse plagas
et piscem tremula salientem ducere saeta
flauaque de rubro promere mella cado? 10
pinguis inaequales onerat cui vilica mensas
et sua non emptus praeparat ova cinis?
non amet hanc uitam quisquis me non amat, opto,
vivat et urbanis albus in officiis.

Epigrammata X, 47.

Vitam quae faciant beatiorem,
Iucundissime Martialis, haec sunt:
Res non parta labore, sed relictā;
Non ingratus ager, focus perennis;
Lis numquam, toga rara, mens quieta; 5
Vires ingenuae, salubre corpus;
Prudens simplicitas, pares amici;
Convictus facilis, sine arte mensa;
Nox non ebria, sed soluta curis;
Non tristis torus, et tamen pudicus; 10
Somnus, qui faciat breves tenebras:
Quod sis, esse velis nihilque malis;
Summum nec metuas diem nec optes.

EPIGRAMAS MARCIÁLICOS

“Demasiadamente tarde vem a vida de amanhã: vive o hoje!”

MARCIAL

Epigrama I, 15.

Amigo, Júlio, de quem mais me lembro de todos os companheiros¹,
se as leis têm crédito e fidelidade nos antigos,
já quase o sexagésimo cônsul te segue de perto
e com dificuldade a tua vida conta poucos dias.
Parece mal que retardes o que podes negar 5
e somente tomes ser teu o que passou.
Esperam cuidados e trabalhos encadeados.
as alegrias não permanecem, mas, passageiras, voam.
Segura com as duas mãos e com os braços.
Mesmo assim, escorrem, passando pelo peito. 10
Não é sábio, creias em mim, dizer: ‘Vivere!’
Demasiadamente tarde vem a vida de amanhã: vive o hoje!

¹ Marcial relembra aqui os versos de Ovídio, em *Tristia* 1, 5,1. (n.t.)

Epigrama I, 55.

As aspirações do teu Marco, se as queres conhecer brevemente,
Frontão, illustre em milícias e honra da toga,
são estas: ser o lavrador de um campo seu, não muito grande,
pois ama os singelos ócios e as poucas rendas.
Quem pode admirar as frias pinturas em mármore espartano 5
e leva o matutino ‘olá’, desmotivado,
se pode, feliz, com as colheitas do bosque e dos campos,
desatar as redes plenas ante o fogo
e puxar o peixe saltitante da trêmula linha
e o mel dourado tirar do pote vermelho? 10
Se a caseira gorda põe a mesa enorme
e a cinza não comprada lhe prepara os ovos?
Não ame esta vida quem não me ama, desejo.
e que viva pálido entre as obrigações da cidade.

Epigrama X, 47.

O que faz uma vida mais feliz,
Amabilíssimo Marcial, é isso:
os bens adquiridos não no trabalho, mas herdados,
um campo não ingrato, um fogo eterno, 5
litígio, nunca, toga rara, espírito quieto,
vigor inato, corpo são,
simplicidade prudente, amigos semelhantes,
convívio fácil, mesa sem artifícios,
uma noite sem embriaguez, mas livre de preocupações, 10
uma cama não triste, porém pudica,
um sono que faça breve as trevas.
Não queres nada mais que ser quem seja,
não temas o último dia, nem o desejos.



contos
(n.t.) | Jaisalmer



MEL DOS ESPELHOS

NAFIZ ABU HASNA



O TEXTO: “Espelhos e estilhaços” é o 7º capítulo de *Mel dos espelhos*, de Nafiz Abu Hasna, o romance das cidades por excelência, cujos eventos ocorrem entre Bagdá, Beirute e Gaza. No livro, narra-se a ocupação do Iraque e a devastação de sua antiga civilização; a ocupação israelense em Beirute em 1982; e a ocupação de Gaza, na Palestina, envolta em memória e dor. É também o romance das mulheres do pós-guerra, que se tornam um refúgio para as famílias e as substitutas das pátrias. Neste capítulo, apresenta-se a história de Sanâ e de seus espelhos, mulher feita de rocha e do mar, e de outros personagens ao seu redor, como o casal Abdurrahmân e Salam e o general Jamal. A narrativa faz uso da metáfora dos espelhos, cujos objetos, ao refletirem, capturam e guardam as feições, os sentimentos e os fragmentos das almas sofridas.

Agradecimentos: Ao escritor Nafiz Abu Hasna, por conceder os direitos sobre a tradução deste capítulo e pela liberação do original.

Texto traduzido: نفاذ أبو حسنة، عمل المرايا، منشورات ضفاف، ٢٠١٥ (٢٠٣-٢٣٤)

O AUTOR: Nafiz Abu Hasna (1961-) é escritor e jornalista, nascido em Gaza, na Palestina. É bacharel em Língua e Literatura Árabe e Ciências Sociais e mestre em Estudos da Comunicação. Tem inúmeras publicações sobre política e sociologia, além de vários estudos e artigos acadêmicos. Entre suas obras de ficção estão *Lugar do pranto* (2000) e *Mel dos espelhos* (2015).

A TRADUTORA: Safa A-C Jubran é professora, livre docente de Árabe na USP. Além de livros, ensaios e estudos publicados, traduziu vários romances árabes modernos, como *Miramar*, de Naguib Mahfuz, *Porta do sol* e *Yalo*, de Elias Khoury, e *Nós cobrimos seus olhos*, de Alaa Aswany (Prêmio de melhor tradução, ABL, 2014). Para o árabe verteu Milton Hatoum e Martha Batalha. É líder do Grupo de Pesquisa *Tarjama*: escola de tradução de literatura árabe moderna. Para a (n.t.) traduziu Tamîm Al-Barghouti, Laura Macdissi e Mahmoud Darwish.

عَسَل المَرَايا

«في الحقيقة كل ما هو فائض يريكه:
الحزن الفائض، والحب الفائض...»

نافذ أبو حسنة

مرايا وشظايا

ع اد الهدوء إلى المدينة. في ضاحية بيروت الجنوبية كان الدمار هائلاً، شيء يشبه تلك الصور لمدينة اجتاحتها زلزال. يختلف الشعور إزاء الدمار حين يكون هناك نصر. هنا يمكن اعتباره نوعاً من الكلفة للنصر. الدمار حين تصاحبه الهزيمة يخلف خيبة عميقة لا تمحى. وعاد البيت كما كان، هادئاً وحميماً. وعاد عبد الرحمن إلى جسد سلام. أدرك بعد هدوء ضوضاء الطائرات أنه كان أيضاً يعالج خوفه باللجوء إليها. كان يتحين فرصة ليلمسها، أو ليضمها ولو لوقت قصير. هي طوال الوقت ظلت حريصة على صورتها الجميلة، على عطرها. تظل هذه المرأة مهجوسة بالرائحة الهية. الآن كان مشتاقاً إلى أن يدفن رأسه بين نهدتها ويشم رائحتها بعمق وهدوء.

لطالما كانت لعبد الرحمن طريقته في التعامل مع العطر، وكانت سلام تحب الإصغاء له وهو يتحدث عنه، قال لها مرة: "للعطر الملامس للجسد معنى خاص. العطر المتطاير لا يخص أحداً بعينه. قد يصطدم بأنفٍ هنا، وأنفٍ هناك. قد يقع في طريق من لا يدرك معناه، ولا يفهم بوجه. ربما يسعد به. أو يحس بأن الرائحة نفاذة. وليست مفضلة بالنسبة إليه. وقد تثير شهوة آخر. المستثار يشم وعندما يشم يتوق للمس. هذا هو المعنى الآخر للرائحة. لو كان يكتفى بشذاها المتطاير لفقدت خصوصيتها. وعندما تستثير إلى حدود الرغبة باللمس، تكون قد نفذت تماماً، داعبت كل الحواس، وصار التوق إلى ملامستها. للرائحة على الجسد ملمسها. لكننا لا نعرف إن كنا

نلمس أم نشم. هو العطر." هو في تلك اللحظة، كان مشتاقاً بالذات إلى الرائحة. لأن يلمس الرائحة. قال لها مرة: "مع الوقت يأخذ العطر تكويناً ملائماً للجسد الذي وقع عليه وصار يفوح منه. نقول رائحتها ورائحته. هي ليست رائحة العطر إذاً. هي رائحة العطر منغمساً، معانقاً، مندغماً في الجسد، حتى ليصيرا واحداً، يبوح ويفوح. ويفوح فيبوح. نحن نلمس البوح في العطر الفواح من الجسد. هي رائحة الجسد نفسه إذاً. لكل امرأة رائحتها الخاصة. رائحة لا تأتي من عطرها، بل من جسدها المنتشر بالعطر. بعض النساء مع العطر تظل لهن رائحة جلد قديم. ولبعض النساء رائحة حليب فائر."

تغزل دوماً برائحة ما بين نهديها العطرة، العميقة جداً. كان كمن يغوص. يُخال إليه أن خلف الجلد ما يضيخ في مسام تنضح عرقاً معطر. ما أن يستقر أنفه في الدفء الحميم، والسخي، حتى يبدأ تنفساً لاهثاً. يرشف ويلمس ويشم. يبدو كمن يبحث عن استقرار أبدي في وادٍ من ضوء ودفء معطر.

وسط استمرار الجدل السياسي في بيروت بعد الحرب، كانت المدينة تستعيد الحياةً بسرعة. لكن كثيرين كانوا يحكون عن دوي لا يزال يحتل مكانه في أذانهم. وشاهد عبد الرحمن كثيرين يهتزون بشكل مفاجئ جراء صوت باب يغلق بقوة.

بالنسبة "لسناء بحري"، كان خروج مراياها سالمةً من القصف، موازياً للنصر الذي بشرها عبد الرحمن به فأحبته. كانت سلام قد اصطحبت في إحدى عصارى أوائل آب إلى بيت مي. هناك تعرف إلى امرأة سمع عنها كثيراً من سلام، ومن ابنتها مي.

"سنا" ابنة صيدا الجنوبية. تقول إن أصول عائلتها من فلسطين، من عكا بالذات. وتحمل تلك الرواية التقليدية عن جدٍ ما جاء من بلاد إلى بلاد، وصار آخر. شكل سلالة جديدة ببطاقات هوية أخرى. لم يكثر عبد الرحمن كثيراً للرواية. لم تكن تعني له الكثير. هو أصلاً لم يفكر يوماً بالبحث عن تمايزات، في هذه الجغرافية المتداخلة والشقية في أن معاً.

استمع من باب اللياقة للإسهاب حول أصول العائلة. في الأثناء كان يراقب بهدوء، امرأةً ذاب فيها الصخر والموج، وكوناها من جديد. هي مزيج من عناصر الصخر والموج. قد تكون عكاوية أو صيداوية. الفرص متساوية على هذا الصعيد. في المدينتين كثير من يشبهون تكوينهما. صيدا وعكا تتشكلان من الصخر والموج.

سنة كانت تحب السياسة. لها قسما ت الجيل نفسه، ومرآحل آماله وانكساراته: الناصرية، مظاهرات الجامعة، المقاومة الفلسطينية، اليسار، فالخيبة والانكفاء. قبل الانكفاء أحببت شأياً من طائفة أخرى، تشاركاً أفكار اليسار والحلم. تزوجا. لم يثمر الحلم سوى مي الجميلة. طلقها اليساري السابق وعاد إلى حضن الطائفة مزهواً بالتراجع عن الخطأ القاتل وبالعودة إلى الأصول.

استقرت سنة في وظيفة حكومية، بدرجة أقل من مستويات التحاصص الطائفي اللبناني وتفرغت لرعاية مي، وقد نقلت إليها أجمل ما فيها: الحب. كانت امرأة تشبه الحبق. يكمن فيها الحب كما تكمن الرائحة فيه. فإن لأمست عينها محتاجاً فاضت إليه حباً ومعونةً. كثيراً ما عادت مي إلى البيت لتجد فيه حشداً غريباً من الأطفال والنساء والرجال يتناولون الطعام. وبعضهم لا يعرف الآخر. وجلهم عرفوا سنة اليوم. وقد لا تراهم مرة أخرى. وربما لم تكن رأيتهم قبل اليوم.

كانت سلام ومي تضحكان وهما تقولان: إن سنة لا تحسن الطبخ. وهي تأتي لهن بطعام جاهز ليأكلوه. تروي مي حكايات عن شهور اكتشفت فيها متأخرة، أن أمها قد وزعت راتبها الشهري مبكراً على محتاجين. تعرف ذلك حين تطلب سنة استدانة مبلغ بسيط، لقاء ما يوصلها إلى العمل. لم تكن تعرف سوى الابتسام توزعه على الناس كلهم. وإن بكت فوحيدة.

كان لها بيت صغير في "عين المريسة"، قبالة الشاطئ. وهي تحرص على ما تسميه وداع النهار. تراقب الشمس وهي تنزل بهدوءٍ سلسٍ في مياه البحر. تذرف دمعين على نهار آخر قد انقضى. تذهب الشمس لتنام. وتعود سنة إلى مراياها.

سنة تحب المرايا كثيراً. والداخل إلى البيت الصغير سوف تلفت نظره المرايا التي تغطي الجدران كلها. واحدة تُسلم الناظر إلى أخرى. في صدر الصالة تستقبلك المرأة الكبرى، وكأنها ترصد دخولك. وتريك قدرتك على الحركة: ربما تسجلك في ذاكرتها، وتبدو كمن وقع في مجال كاميرا للمراقبة. طبيعي أن تتلفت حولك في هذه الحالة، فتلتقي بالمرايا الأخرى. على الحائط المقابل امرأة أخرى أصغر قليلاً. تحتوي الكبرى أختها مع من سجلته الأخيرة في ذاكرتها. تدعوك سنة إلى الجلوس. أينما جلست فأنت في مواجهة امرأة ما. ثمة امرأة في زاوية بين جدارين. تشعر أنها تنظر إليك. وعلى الجدار الذي احتلته مكتبة مزدحمة، تراصفت فيها أنواع من الكتب، تدل على انتقالات سيدة المكان في الرؤية والمعرفة والاهتمامات. توجد امرأة صغيرة، باهتة. لعلها رضيت بالمكان الذي اختير لها هذا، لأن لا بديل له. لم تكن لها وظيفة، أو هكذا خيل لعبد الرحمن بداية. لكنه لاحظ بعد ذلك التماعات شاشة التلفزيون المقابلة للمرأة الصغيرة، التماعات بنفسجية، تكمل حقل الضوء المفتوح على مداه.

- المرايا؟

- جميلة.

- إنها توسع المكان. كما ترى هو صغير جداً.

لم يعلق عبد الرحمن بأكثر من همهمات بالموافقة، ولكنه خمن بأن وراء المرايا سرّاً ما. سناء تحفظ تواريخ قدوم هذه المرايا واحدة واحدة. لم تأت بها دفعة واحدة كي تؤثت بها الجدران. هي تقوم بلعبة وهم كي يتسع المكان. ولعله وهم للعب حين صارت أسيرة للمكان.

عصر ذلك اليوم، كانت الزوارق والمروحيات الإسرائيلية تطلق رشقات من الرصاص الثقيل، نحو المنارة. على شاطئ بيروت. كان الصوت قريباً جداً. المرأة المصنوعة من صخر وموج وحبقت شرعت بالابتسام. كانت تسعى إلى بث الأطمئنان في نفوسهم. ما داموا هم في بيتها فهي المسؤولة عن أمنهم وسلامهم، وحتى عن اطمئنائهم. هكذا تفهم هي الأمر. وهكذا تعي معنى المسؤولية. أخذتهم إلى الحديث عن أيام الحرب الأهلية، وتجاربها في التعامل مع القصف، والاشتباكات في الأڑقة. وفجأة سألت عبد الرحمن:

- كيف ترى الأمور؟ هل سيكون هناك اجتياح بري.

- لا أعتقد هذا. هم حاولوا وواجهوا مقاومة قوية.

- ببساطة هل سننتصر؟

- نحن حتى الآن منتصرون.

- وبعد الآن؟

- سننتصر.

- إن حدث. سأدعوكم جميعاً إلى الغداء.

لاحظت ابتسامات سلام ومي. فتابعت:

- في المطعم الذي تختارونه.

- بل أريد أن أكل شيئاً تصنعيه أنت بالذات.

في وقت لاحق ندم عبد الرحمن بشدة على لياقته الزائدة. وفقط بسبب نوعية الطعام. لسناء في التعامل مع الطعام مزاج غريب، ورؤية خاصة. بالنسبة إليها كل ما هو في وعاء معد للطعام، طعام. وهو نعمة لا يجوز الاحتجاج بشأن تكوينها، لأن هناك ملايين الجوعى في العالم. "فلا تشغلوا بالكم بنوعية الطعام ولذته".. وهكذا فقد تحل الملوخية اليابسة محل الكزبرة، وقد تنسى أن الفاصولياء البيضاء تحتاج إلى صلصة البندورة، أو أن طهي الدجاج يحتاج إلى الملح.

تقرر تحويل دعوة الغذاء إلى إفطار، أو "ترويقة" كما يسمون وجبة الإفطار في لبنان. هي اعتبرت إعداد الوجبة الصباحية أخف عناء، ويمكن تدبر أمرها دون انكشافات كبيرة. لو أنها اكتفت بالجبن واللبننة والزيتون لمر الأمر على خير. ولكنها أصرت على تحضير طبق من الفول ولذلك سلقت فولاً، لتكتشف لاحقاً أن الكمية غير كافية، فأحضرت فولاً معلباً، أضافته إلى ما قامت بإعداده وهكذا جاء الطبق من لونين: أسود غامق هو الذي قامت بسلقه، وأشقر كان في العلبه.

حاولوا كثيراً دفعها إلى كشف سر الفول ذي اللونين، دون جدوى. اختبأ الموج وراء الصخر كالعادة. قالت: هو كذلك. لكم أن تأكلوا أو لا تأكلوا، وأنصحكم أن تأكلوا لأنكم تحظون بشرف عظيم، أن أحضر لكم شيئاً بيدي.

عندما جاءت صحبة مي لزيارة عبد الرحمن وسلام. وقد مضت أسابيع على وجبة الإفطار تلك. كان الموج مهيمناً على الصخر.

- مراياتي اشتاقوا لك.

أسقط في يد عبد الرحمن. لم يدر بما يرد. غمغم بكلام غير مفهوم، وهو يحاول استيعاب هذه الجملة الغريبة. تساءل في نفسه: هل تشتاق المرايا؟ إن كانت تشتاق فللمرايا ذاكرة. المرايا هي الكاشفة، تمر الصور فيها. لم يفكر قبل اليوم إن كانت المرايا تحفظ الصور، تسجل ما في العينين وتحفظ الفرح والقلق والخوف. وهل تتبادل المرايا المشاعر والحكايات؟ تخيل مراياها وهي تتبادل النماذج الصغيرة، تخبر بعضها بعضاً بما جمعت من بوح الوجوه التي مرت بها. قد تقول واحدة منها: "لقد حظيت بالصبح، حين اخترقي أول ضوء"، وتتشافف أخرى: "لقد أنبأت سيدي بلون غسيل الجيران". فتسخر الراكنة في زاوية قصية: "أنتما لا تعرفان شيئاً عن سر المرايا. نحن نحضل بالصبح معاً. والعابر في عيوننا مقيم. والمقيم في عبورنا موغل في المكان. نحن كشف يسلم كشفاً، وسرينام في حضان سر. وخفق يوالي خفقا. نحن البهجة والفضيحة معاً. من يُحبون ما نمنحهم من بهجة، هم من سيشتمننا لاحقاً، حين نتولى الفضح. وكشف ما اعترى الوجوه جراء توالي الشمس والقمر."

عبارة صغيرة. عبارة مقصودة وليست لغو كلام، فجرت في رأس عبد الرحمن سؤال المرايا. المرايا تعكس وجوهنا كما هي، ولكنها تخبئ شيئاً لها. المرايا تشبه في هذه الحال دمعة، تجمعت في عيني عبد الرحمن عاكسة شعوراً فائضاً بالحب، بالألم، بالحزن، أو بالشكر. الدمعة تلملم أنساقاً من الشعور وتقولها دفعة واحدة. لعل المرايا تلملنا. تجمع شظايا الناظر فيها. صريحة، مباشرة. واضحة وواهمة. واقعية جداً. وخيالية إلى حدود العبث. المرايا تحكي بهجتنا، وتحكي وجعنا. وتوقظنا على أفاعيل العمر في الوجوه، ببرود التنبيه إلى خصلة شعر شاردة.

تطلب الأمر بعض الوقت، كي يفيض الموج ببعض سره، وفيه شيء من سر المرايا. أحبت سناء ابن الجيران. كان شاباً رياضياً يمارس التمارين على الشرفة. ولم يكن ممكناً لسناء أن تقف على شرفة منزل العائلة لتراه، فكانت المرأة. وضعت مرآة صغيرة على أرضية غرفتها، ووجهتها بزاوية مناسبة نحو الشرفة المقابلة. كي تصطاد وجهه المدلى، ليقتنص فسحة مما نضا الثوب عنه، أو ليعرف إن كان الوجه الصبوح، قد انسحب مع الجسد المخبأ خلف ستر أو جدار. أو حتى ليفهم إن كان بريق العينين ترجمة اشتعال في ثنايا القلب، أم غنج بنات يطوق بحريه العسلي قلب الصبي الفائز. تنظر إلى المرأة فتراه. تصطاد اختلاجاته. ولما كادت تنكشف، لجأت إلى سكب الماء، ليقوم مقام المرايا.

المرايا، بالنسبة إليها، هي لعبة الكشف والضوء والنظر. لم تعد تفتش عن وجوه تتدلى من شرفة، أو تطل من غيب بعيد، جعلتها مستودع السر. عندما تدخل من وداع النهار، فالمرايا فقط هي من يعلم بدمعتها الساختين. وحين تنام، تظل المرايا مستيقظة، تحفظ صورتها في العتمة، وتطالعها بأخرى عند القهوة الأولى. المرايا سرها وكشفها وفضيحتهما الكبرى. هي التي تقبض على ضياعها متلبساً بالانتباه. وهي التي تحكي لها العمر كله، من طيش اصطياد الوجه المدلى من شرفة، حتى الوقار المسكون بالشوق إلى شغب القلب، وإلى انفلاتات عابثة.

يوم حكّت لعبد الرحمن عن اصطياد الوجه بالماء المسكوب على أرض الغرفة، قالت: إن الوجه يترجح وسط بقعة الماء، كما تترجح نقطة العسل في كوب الماء قبل أن تذوب.

- هل تحبين العسل؟

- ومن لا يحب العسل؟

- إذا تحبين العسل؟

- ذكي.

فتحت سخريتها بوابة أخرى إلى روحه. تذكر مرطبانات العسل التي لم يسعفه الوقت كي يأخذها لأبيه. قرر أن يقاسمها إياها. مذ كانت هناك، لم يفكر يوماً في أن يتناول ولو ملعقة من عسل. لم يهدأ لأحد. لم يمنحها العسل كله. لسبب ما قرر الاحتفاظ بجزء منه، لعله يصادف أحداً آخر، فيهديه ما تبقى من الهدية التي مات صاحبها قبل أن تصل إليه.

مع سناء خاض دوماً في نقاش محتشد بالرموز. من بين كل من عرفتهم به سلام، كان لسناء جرس خاص، وحضور مختلف. سلام تحبها كثيراً، وأحست أن عبد الرحمن يسعد بالحديث إليها، فصارت تتحين الفرص كي ترتب لقاءات، تنفرد هي بحي، في حديث هامس. وتركان الاثنتين يغوصان في حديثهما المتشابك. وإذا تابعتا ما يقولان، ارتسمت الضحكات على وجهيهما. غالب

الوقت لا تعيان حديث الموغلين في الرموز والتاريخ المتشابه، الغارقين في الأحاديث عن أسرار المرأيا، وذوب العسل. سناء تقرأ هذه الأيام تتفأ من كل شيء. قليل هو الذي يعينها. وبالقليل الذي تعرفه، تملك القدرة على الاستنتاج وإطلاق الحكم. تلك إحدى فضائل التجارب العميقة في عمر الشباب.

بينما لبنان يللم آثار الجراح العميقة، وبعضه يفخر بنصره، وبعضه الآخر، يحصي كلفة النصر، كي يقلل من شأنه، راح عبد الرحمن وسناء يوجهان حديثهما نحو فلسطين. تلك التي في الذاكرة، والأخرى الحاضرة بوجع الانقسام، والتراشق بالسباب.

أتاح وجود سناء المتقطع في حياة عبد الرحمن وسلام، للأخيرة أن تنفقت قليلاً، نحو عالمها الذي صادره عبد الرحمن بقوة. لوقت طويل. انفلات تعود منه بالشوق والأسئلة.

أعادت سلام طلباً، ألقته في وجه عبد الرحمن أثناء الحرب.

في ذاك اليوم من آب، بدت الرطوبة خانقة أكثر من أي وقت مضى. لم يشهد في عمره كله شيئاً يشبه هذه الكثافة التي تشعرك بالزوجة، وفقدان القدرة على التنفس. كان الوقت ظهراً. هرب عبد الرحمن من الصالة إلى الغرفة التي أتيحت له بعض الوقت. المروحة تئن من العجز، وكأنها تكافح هي الأخرى، من أجل شيء من الهواء المسبب لشعور وهي، ومؤقت بالانتعاش. مع المروحة، هناك معاناة إضافية، مجاهدتها تجعل صوتها قريباً من صوت طائرات الاستطلاع "إم.كا". لهذه الطائرة طنين مزعج. قال له الشبابي إنهم يسمونها في غزة بـ"الزنانة". اسم يحاكي الصوت. ويؤشر على مدى الإزعاج الذي تسببه هذه الطائرة. يبدو الموت أحياناً أسهل من تحمل طنينها. هدير الطائرات مزعج. لكنه سريع وانفجاري. يصيبك بالخوف ثم يمضي مسرعاً، مخلفاً رجفة. لها عمر الرجفة بالضبط. لكن صوت طائرة الاستطلاع، رتيب ومديد. يشبه حقاً طنين الناموس قرب الأذنين في ليالي الصيف الحارة. وربما صوت أسطوانة مشروخة. لم يكن يعرف حقاً مصدر الصوت المزعج، هل هو من طائرة تحوم فوق رأسه مباشرةً، أم من المروحة التي تكابد كي تستمر في الدوران.

في تلك اللحظة دخلت سلام الغرفة. نظر إليها بكسلٍ ناجم عن إحساس بالاختناق. كانت المخدة مبللة بعرقه المالح. قلبها على الوجه الجاف، الذي سرعان ما تبلل أيضاً. كان يعود إلى الوجه القديم الآن.

أحس بأنها ليست على طبيعتها. خمن أن الضيق البادي على وجهها، قد تسبب به هذا الطقس المرعب. المكيف الموجود في الصالة، لم يعد قادراً على إصدار موجات جديدة من الهواء البارد. عدد الموجودين، يعطل قدراته بالأنفاس الحارة. المصيبة الكبرى كانت ستحدث مع انقطاع الكهرباء. لو حدث هذا، مع وجود الهواء الثقيل الراكد، لأصيب الجميع بالجنون حقاً.

حاول أن يقول لها شيئاً. لكنها ألقت بطلها في وجهه:

- أريد طفلاً.

نظر إليها محاولاً أن يفهم ما الذي يجري. رفع رأسه عن الوسادة، وأسنده إلى الحائط، أحس بقطرات العرق التي تتشكل على جلد ظهره اللزج. عاود النظر إليها، وبدا كالأبله.

- لماذا تنظر إلي هكذا؟ قلت لك أريد طفلاً.

تخيل للحظة أنه يهذي بسبب الحر الشديد، والرطوبة الخانقة. ثم هي لا تدخل غرفةً شهدت الكثير من أفراحهما بهذا الشكل. بل هي في كل مكان تلتقيه فيه، ولو غابت عنه لدقائق، تقوم بضمه وتقبيله. فكيف الحال في غرفتهما؟ ولكن مهلاً. هو يراها جيداً. إنها هي. وهو ليس غائباً عن الوعي.

- لم أفهم؟

- للمرة الثالثة أقول لك: أريد طفلاً.

كانت النبرة واضحة وقوية. وفيها شيء من التوتر، الذي جعله يعي ما يحدث أمامه الآن. لكنه لم يجد غير القول:

- لماذا الآن؟

- هكذا. ليس لشيء. هل ستفعل؟

- وأنا أسألك: لماذا الآن؟

- شكراً. إجابتك وصلتني.

- لا تضعي كلاماً في فمي.

- إنس الأمر. إجابتك وصلتني. وشكراً لك.

لفظت كلمتها الأخيرة وهي تستدير مغادرة الغرفة. بدا وكأنه لا يفهم شيئاً حقاً. منذ سنوات عرض عليها الزواج فقالت له: أنا أحبك. وانتهى الحديث في هذا الموضوع تماماً. أكثر من ذلك ظلت تروي طوال الوقت حكايات عن فقدانهم بسبب الزواج والإنجاب. فما الذي يحدث إذا؟ التفكير في هذا الأمر صعب في الأحوال العادية. ويصبح معذباً في هذا الجو الخانق. وفي وقت حرب أيضاً.

مع استناده إلى الجدار، صار هواء المروحة يصل إليه بصعوبة، وأحس بأنه يفرق في العرق المالح واللزج. عاد إلى التمدد، لعل هواء المروحة يجفف شيئاً من عرقه. خمن أنها واقعة تحت تأثير هذا الجو الحار. لعلها متضايقة من شيء ما، وعبرت عن ضيقها بهذا الطلب. وربما تكون خائفة. نعم. لعلها خائفة. أحب أن يستقر على هذه الفكرة. في أونة الحرب يمكن الربط بين الطلب وبين الخوف الذي تسببه الحرب.

ولكنهما يتشاركان كل شيء تقريباً. لا يمكن لأي شكل آخر، أن يشعرهما بالقرب أكثر من بعضهما بعضاً، مما هما عليه الآن. بدأت الفكرة التي أراد الركون إليها تفقد أرجحيتها. هل تختبره مثلاً؟ أحس بشيء من الندم. لماذا لم يقل لها: نعم وساعة تريدن. كان سيفرحها. قال لها مرة:

- أخشى على الأطفال من المصائر التي تنتظرهم.
- حلمت مرة بأن تكون لي طفلة جميلة. حتى أنني اخترت لها اسماً. ثم أقلعت عن التفكير في الأمر. لا أجدني صالحة لهذه المهمة.
- بالنسبة إليّ أشعر بالرعب من الفكرة. وأحياناً أشعر بالندم. عموماً فات الوقت على كل ذلك.

لم يخطر له يوماً أن ينظر إليها، ليرى وقع كلماته على قسماتها. لكن مهلاً لماذا لا نقيم حفل زفاف ورنجب طفلاً أو طفلةً صغيرةً جميلةً؟ سأل نفسه. كان يغرق في أفكاره. ويسبح في عرقه. وفي هذه اللحظة كانت تقف قبالته مرة أخرى، وابتسامة مفتعلة خفيفة تلعو وجهها.

- لا فائدة من محاولة النوم. تدبرت لك ماءً لتستحم. هيا قم.

حمام بارد الآن هو أكثر ما يحتاجه. وكان فكر في الأمر، لكنه عرف أن الماء غير متوفر. لعلها اشترت ماء للشرب كي يستحم به. وعندما أطل على الجمع المحتشد في الصالة، بدا وكأنه خارج من حمام، دون استخدام منشفة.

- لقد أعددت لك كل شيء. قالت مبتسمة أمام الجميع.
 - شغلت الكل بالماء - قالت باسمه.
 - شكراً لكم جميعاً - همهم عبد الرحمن محاولاً أن يبدو على طبيعته.
- سار باتجاه الحمام وهي تتبعه. وقبل أن تغلق الباب عليه، وتنسحب. قالت له:
- بالمناسبة. انس الموضوع كله. كنت أمازحك.
- وبينما كان يسكب الماء البارد على رأسه ويستعيد شيئاً من توازنه. كانت تبكي، وهي تهتف لمرام، وتطلب إليها أن تراها الآن.

- أعاد إليه الماء البارد شيئاً من الانتعاش. خرج من الحمام. لم تكن في الصالة. وقبل أن يتجه إلى الغرفة باحثاً عنها، وقد قرر أن يجيئها على طلبها بما كانت تود أن تسمعه. قالت باسمه:
- سلام خرجت. لديها عمل، وستعود ليلاً. ما رأيك بفنجان قهوة.
 - شكراً لذي عمل أيضاً، وسأخرج.

شارع الحمراء هو المكان الوحيد الذي يمكن الجلوس إلى مقهى فيه الآن. اختارت مكاناً بعيداً عن الازدحام. لم تتخل عن نظارتها الشمسية حتى داخل المقهى، فبدأ مظهرها غريباً نوعاً ما. بعد لحظات من وصولها دخلت مرام، والتوترباٍ عليها.

- شغلت بالي ما بك؟
- طلبت من عبد الرحمن أن ننجب طفلاً.
- وشو الغلط؟
- رفض.
- رفض؟
- يعني لم يرفض. ولكنه لم يوافق. لم يجبي.
- اسمعي. لست قادمة في هذا الحر لسماع حزورة.

روت سلام بالتفصيل، ما وقع بينها وبين عبد الرحمن في تلك الظهيرة القائضة. حافظت مرام على إظهار الجدية والاهتمام. ولكن ابتسامات عديدة أفلتت منها. اعتبرت الأمر كله جنوناً في جنون. لكنها من جانب آخر اعتبرت الفرصة سانحةً، كي تعيد تذكير صديقتها التي تحب، بأنها تهدر حياتها وتضيع وقتها دون جدوى.

- ولكن هذا من حقلك. عليك أن تفعلي هذا.
- ليس ما تقولينه هو الذي يجلب استقراراً له أوي.
- ما دمت تعرفين هذا. لماذا طلبت منه.
- لست أدري. أعرف شيئاً واحداً فقط: أحبه. وأعرف أيضاً مصادر قلقه الكثيرة. هو يشعر أن العمر تقدم بما يكفي لعدم التفكير في إنجاب طفل وتحمل العذاب الذي ينتظره. دون وطن، وأنا مقتنعة بهذا نسبياً.
- أنت تهدين العمر سدى مع رجلٍ مجنون ومعهقد. أعرف فلسطينيين مثله من اللاجئين يتزوجون وينجبون أولاداً كثيرين.

كادت سلام تندم على اختيارها مرام بالذات للتحدث معها في هذا الأمر. لكن البلد في حرب. والحرشديد. ولا يملك الكثيرون ترف الاستماع إلى حكاية عاشقة مرتبكة. لم تحصل سلام على ما تريد من تعاطف. ولكنها شعرت بشيء من الارتياح يتسرب إلى نفسها.

وصلا إلى البيت بفارق زمني قصير، قبيل الفجر. أمضى عبد الرحمن جزءاً كبيراً من المساء صحبة الجنرال جمال في المقهى. وتسكع لوقت طويل في شارع الحمراء. وتناول العشاء واقفاً على أحد الأرصفة. ثم عاد مشياً إلى البيت. تسلل مباشرة إلى المطبخ. كان معظم من في البيت نياماً، والقليل منهم يقاوم الخوف كي يستطيع النوم. أصوات القصف لم تكن بالحدة المعتادة. ولكن الترقب يخلف خوفاً يفوق، ما تخلفه الوقائع القائمة بكثير.

شرفة المطبخ تطل على الشارع. كانت نسمات خفيفة تهب بين حين وآخر. وفي اللحظة التي قرر فيها الذهاب إلى المكان المخصص لنومه في الصلاة، ظهرت سيارتها. فتوثب لاحتمال نقاش صعب. لكن شيئاً من هذا لم يحصل. دخلت سلام مبتسمة. قبلته كما تفعل عادة. سألته إن كان قد تناول عشاءه. قالت إن العمل في الجريدة، هذه الليلة كان مرهقاً. وطوال الوقت كان يكتفي بالنظر إليها. عرفت أنه يريد أن يفتح نقاشاً في ما حدث ظهيرة أمس. أو هو ينتظر أن تقول شيئاً يفتح هذا النقاش.

- لننس الأمر كله. كنت أمزح.

- ولكنني...

وضعت يدها على فمه.

- لا تقل شيئاً أبداً. سأكون حزينة جداً. إذا عدت إلى هذا الأمر. لقد نسيت كل شيء. وقلت لك كنت أمزح. وانتهى كل شيء.

كرر محاولته للكلام. ولكنها كانت حازماً جداً. وأخذت تنتقل إلى الحديث عن أشياء كثيرة، لفهمه أن النقاش في الأمر، قد انتهى تماماً.

- أريد أن أكتب في السياسة.

- في فلك الثلاثمة كلمة المكررة.

- أفهم الأمر على نحو مختلف. أشعر بأن لي رأياً محدداً تجاه الكثير من القضايا. نحن نتنفس سياسة.

- لا بأس في هذا. أنت صحافية مميزة. بصراحة أشعر بالغيرة منك، حين أقرأ تلك اللغة السلسلة...

- وهل من الضروري أن تكون لغة السياسة متحجرة؟
- أقصد أن فضائنها ليست مفتوحة بالقدر الذي نتناول فيه موضوعات أخرى..
- سأكتب شيئاً. أريدك أن تقرأه.

بعد انتهاء الحرب، عادت إلى شيء من تدفقها. ورغم ما بدا من معاودة الأيام سيرتها الأولى بين العاشقين. كان يلاحظ شروداً في عينها بعض الأحيان. وحين يوقظها من تلك اللحظة، بسؤال تكذب. تقول: أفكر بك. يعرف أنها تفكر في شيء آخر، وترفض أن تصارحه. لاحظ شروداً كهذا يوم أخبرته أن "صباح وجوهر" قررا الزواج. نقلت إليه الخبر. تحدثنا في الأمر. دخلا في كثير من التفاصيل، لكن لحظات شرودها كانت كثيرة، وصار يخمن بأن طلب الصيف، لم يكن مجرد نزوة، أو لحظة عابرة. لعلها بدأت تفكر في الأمر جدياً.

كانا يمضيان وقتاً مع سناء ومراياها، ومع الجنرال جمال. الرجل الصارم، بعينيه اللتين توقعان الخوف في نفوس الرجال، كان يستطيع أن يظهر كل حنانه، في مخاطبة امرأة.

عرفت سلام أن الجنرال يحنُّ إلى أحاديث الحب. إلى شيء ما يخفف ضوءاً حكايات الإستراتيجية والحروب، وققععة السلاح التي صدعت رأسه. بعد التعارف بوقت قصير، دعت له لتناول طعام العشاء في بيت عبد الرحمن، وأعدت مائدة عامرة. كانت الكبة النية التي يحبها جمال، طبقاً رئيسياً فيها. حكّت له عن قرية السنديان الصغيرة. كان يعرفها منذ زمن طويل. فهو كان من الطلائع الأولى للمقاتلين الفلسطينيين في لبنان. ثم صارا يلتقيان سوياً في مقاهي الحمراء، بمعرفة عبد الرحمن، الذي كان عليه أن يستمع لاحقاً لتفاصيل الأحاديث التي دارت بينهما. الجنرال بدأ يروي حكاياته الأخرى. حبه الأول. والنساء اللواتي عمرن روحه بالحب ومضين. هي تحسن الإصغاء، كما تحسن التحرش بكل ذاكرة مغلقة. الجالس إليها يشعر بالحاجة إلى أن يبوح، وهي تمد بساطاً أحمر للبوح. لكنها تستطيع أيضاً التقاط مقاطع كثيرة، تنفع للسخرية، أو تبين المفارقات الغريبة في حياة البشر. مقاتل شرس، تُبكيه امرأة، احتالت على إضرار حريق في قلبه، ومضت. تمر سنوات، ويظل الحريق. يأتي ذكرها، فتطفر من العينين دمعتان. ربما هرمت تلك المرأة

القضية الآن. أو لعلها عالقة في هموم مطبخها، أو أولادها الذين سافروا ليتركوها تكلم أطيافهم. طيف الحبيب الأول لا يحضر. ربما لا تذكره. لا تذكر حريقاً ولا اشتعالاً، صار الآن مجرد لحظة عبث.

عندما يتكلم الجنرال جمال تتعاطف سلام بقوة، تفتح بوابات البوح. والبوح عن ماضي، سيبدو مثل إشراقه. لكن الإكثار من البوح، يفتح على متزلقات خطيرة. لا يحكى الماضي بطريقة تجعل له وهج الحاضر وتوقده، مهما كان الماضي جميلاً. هو لحظة مضت. وفقدت الكثير من حرارتها. الكلام عن اللحظة، لإشعال التوهج من جديد، هو ببساطة محاولة ساذجة.

كلما التقى عبد الرحمن الجنرال جمال، عبر الأخير عن مدى غبطته لصديقه بهذه المرأة "النادرة" كما وصفها. أكثر ما كان يحضر في ذهن عبد الرحمن، حينها، طريقة سلام في تصيد بعض خواطر الجنرال، بصورة ساخرة. فيشعر بشيء من الشفقة، حتى إنه حذره في إحدى المرات، من أنه في مواجهة امرأة خطيرة. حينها اكتفى جمال بالقول: أعرف. أعرف. بدا كمن يريد القول: لمن تريدني أن أتحدث، في شؤون القلب والذكريات؟ لم يملك عبد الرحمن بعد ذلك سوى زجر سلام، كلما أزادت التقاط مفارقة، من القلب المتعب والمثقل بالهموم.

والحقيقة أن الصداقة بين جمال و سلام، تطورت بسرعة، وبدأت تأخذ طابعاً جميلاً. لعلها باحت إليه هي الأخرى بشيء من همومها. فقد نبه عبد الرحمن مرة إلى أنه يملك جوهرة، يجب أن يعرف كيف يحافظ عليها. وهي صارت تنقل لعبد الرحمن حكايات من الجنرال عن المسيرة الفلسطينية. يبدو أن أحاديثها صارت أكثر تنوعاً واتساعاً بعد انفتاح الذاكرة على مصادريها. صار الجنرال يصغي هو الآخر. وهي امرأة تفيض بالحكايات، وفي جعبتها كثير من النظريات العجيبة، ومفارقات السلوك البشري. سوياً صارا يسخران. ومع الوقت نقلت لعبد الرحمن التقاطات الجنرال الذكية. على مدى شهور أفلحت في تمرينه على السخرية. واستطاعت لمرات كثيرة أن تسحب لا دمع البكاء من عينيه بل دمع الضحك.

لو كانت هي غير سلام التي يعرفها. ولو كان جمال غير الجنرال الذي يعرفه، لارتاب عبد الرحمن في الأمر ولأكلت الغيرة قلبه. مثل كل النساء كانت سلام تُحب نظرات الإعجاب من الرجال، حتى وهي تسخر من التحديق الأبله لبعضهم في وجهها الجميل. وكثيراً ما نقلت لعبد الرحمن وقائع الكلمات والنظرات، والتحرشات الخفيفة التي كان تتعرض لها. يضحكان. ويقول لها صاروا خمسمائة. عدد معجبك صاروا خمسمائة.

الأمر مع الجنرال كان مختلفاً تماماً. سوف يمر وقت طويل، قبل أن يكتشف عبد الرحمن، نوع ذاك الحب الذي حملته سلام في قلبها، لهذا الرجل الفريد والاستثنائي، والذي كادت تقنعه يوماً

أنها تريد تنفيذ عملية فدائية، فكاد قلبه يذوب حباً وإشفافاً. قبل أن يخفف عبد الرحمن بطريقته من خوف الرجل وإعجابه معاً. ويومها اضطرب مرة أخرى لتنبهه من انزلاقات سلام. هذه امرأة مجنونة. أهدرك مجدداً. ولكنها رائعة. يرد الجنرال. وقد التقط ملامح غيرة خفية من تلميذه وصديقه على امرأة كان كل منهما يحبها بطريقته الخاصة. وكانت تمنح كلاً منهما إحساساً فائضاً بالحب والصدقة.

جاء الشتاء. عبد الرحمن وسلام يحبان رائحة التراب بعد المطر. كلما هطل مطر، وقفوا قرب النافذة، وأحياناً على الشرفة كي يشتما رائحة التراب الشهية. وغالباً ما اندفعا لركوب السيارة إلى حيث يزداد اختلاط المطر بالتراب، في أول الشتاء. تلك رائحة تتكرر مرة واحدة في السنة. وأحياناً أكثر من مرة إذا احتبس المطر وعاد لعناق التراب من جديد، بشوق ينتج تلك الرائحة العطرة.

تنتهي جولات تنشق رائحة التراب بمضاجعة كانا يريان فيها تجديداً، لكنها المرة الأولى التي يتعانقان فيها. كانت تكرر هامسة في أذنه: لجسدك رائحة الغابة بعد المطر الأول، فيطير مثل رذاذ قطرة ارتطمت بالأرض توأ.

أي نوع من العناق هو ذلك الذي يمارسه المطر مع الأرض. يرشقه، وكأنه يعاقبها، أو يفجر سكوتها، ولا مبالاة. أو يهبط متهادياً فيغوص رويداً رويداً. أحياناً يبدو كمن يمشط شعر الأرض. أو يُمسد بيده على رأسها. وحيناً يغسلها. يجرف وجهها من وجوهها كاملاً. لعبة شيقة، بألف شكل وشكل. لعبة تشبههما كثيراً.

انتهى موسم المطر. شتاءات نيسان أشبه بحالة وداع، ومعها تبدأ الأرض تنفسها القوي. الآن تظهر أعراض حمل ثقيل على الأم الكبرى، تفصلها عن لحظة الولادة لحظات. بعض المواليد تبكر في القدوم، وينتشر عبق شهبي، تغذيه رشقات مطر، تبارك الولادة. وتغسل المواليد في تطلعها إلى شمس شبيهة. تشبه دفاء الرحم. وتمدها مثله بأسباب الحياة. هي ثنائية المطر الوداعي والدفاء في نيسان. ليست للأرض رائحة المطر الأول. إنه المطر الأخير. يحمل معه عبقاً هيباً. هو نوع آخر من رائحة عناق المطر للأرض. نيسان موسم جميل. تنطلق فيه الروح، مع تنفس الأرض القوي.

هافتته ظهراً، وأخبرته أنها ستأتي لاصطحابه من المركز، وأوصته ألا يأكل شيئاً، فهي ستدعوه إلى الغذاء. سعد كثيراً بهذه الدعوة. افترض أنها ستختار مطعماً بحرياً لتناول الغذاء. ما أبهى البحر في نيسان! هو في حالته الوسطى المحببة. ليس غاضباً. وإن بدا مهيباً للغضب. وهذا يعني أنه ليس هادئاً مثل بركة أسنة.

عندما وصلت لتقله، كانت غير ما هي عليه حين هاتفته. قبلته على خده بفتور ظاهر. وقادت السيارة ببطء منتظرةً أن يشرع في الكلام. كان لديها ما تقوله. لكنها تفضل أن يبدأ هو الكلام.

- ما بك؟
- لا شيء. ليس بي شيء.
- واضح أن هناك شيئاً ما. هل أغضبك أحد؟
- نعم. أنت.
- أنا؟
- كف عن تصنع هذه البراءة التافهة.
- علا صوته قليلاً، واحتدت نبرته.
- لست قادراً على حل الألغاز. ولست راغباً في هذا أصلاً. قولي ما بك؟
- لماذا لا ننجب طفلاً؟
- عدنا؟!
- نحن لم نغادر هذا الموضوع أصلاً.
- كان يعلم أن شيئاً ما يشغلها. صباح تزوجت. مرام تعرفت بشباب قرر خطبتها. هذا يجعلها تتساءل، عما ينقصها عن الأخريات. قرر تغيير قواعد اللعبة.
- أنت تنسين دوماً أننا متزوجان. نحن زوجان شرعاً.
- جميل. تفهم بالشرع أيضاً.
- لا تتمكهي أليس هذا اتفاقنا؟
- أريد زواجاً، ثوب عرس وحفلة والأهم من كل ذلك: طفل.
- لم يستطع مداراة ضحكة أفلتت منه.
- وتسخر أيضاً.
- أنت مجنونة. لك ما تريدين.
- أنت تسخر مني. تهمني بالجنون، وتعاملني كطفلٍ صغير. سأريك الجنون على حقيقته.
- لم تكذ تنهي كلماتها، حتى انطلقت بسرعة جنونية. لم تأبه لازدحام الشارع. صارت تضغط على بوق السيارة بعنف، وبشكل متكرر وتحاول القفز فوق السيارات. تندفع في مسالك ضيقة وتفقد بعصبية شديدة. لم تكن تتكلم كانت تصرخ. كان ذهنها مركزاً على قيادة جنونية واستمرار الصراخ في وجهه. صرخ هو أيضاً. بدا كمن أسرفي عربة مع امرأة مجنونة، وتريد الانتحار أو قتله.

تخطت إشارات المرور، وتلقت شتائم من كل نوع. وباءت كل محاولاته لتهدئتها بالإخفاق. المرأة الجميلة الوداعة تحولت إلى بركان حقيقي. من حسن حظهما أن البيت الذي بدا أنها تقصده... بيتهما، كان قريباً من مكان عمله. وعندما أصبحا قريبين منه. صرخت في وجهه مجدداً.

- انزل من سيارتي الآن.

- أئن تهدئي؟

- انزل من سيارتي الآن.

- اهدئي ولنصعد إلى البيت ونتابع الحديث.

عادت إلى الصراخ مجدداً. بعض المارة صاروا يتمهلون لمتابعة المشهد. عند هذه اللحظة، نزل من السيارة، وصفق الباب بعنف، لتنتطلق بالطريقة التي كانت عليها قبل التوقف لأنزاله. راقبها قليلاً، وهي تندفع بين السيارات. ثم مضى إلى بيته، وهو يحس بغضب وقهر شديدين.

في الساعات الأولى التي أعقبت هذا المشهد السوريالي، تسلح بغضبه. اختبأ خلفه كي لا ينكسر ويتصل بها. ولكن مع مرور الساعات شعر بألم في صدره. تناول هاتفه أكثر من مرة. ومن ثم تركه. عندما طفق الوجد حتى كاد يحس به يخرج من حلقه. طلب الرقم، فكان هاتفها مغلقاً. تراجع الألم قليلاً. إغلاق الهاتف يعني أنها لم تكن تنتظره. وفي هذا بعض عزاء له، وفرصة كي يعود ليختبئ وراء غضبه منها مرة أخرى. ها هو يخاف عليها، ويخاف أن يفقدها. ها هو يعيش أول مرة في حياته خوفاً من هذا النوع. خوفاً من فقدان أحد ما. وبالتحديد فقدان امرأة. هذا يعني أنه كان يحبها حقاً طوال الوقت، وأن تلك المشاعر لم تكن خادعة. لقد أحب حقاً تلك المرأة التي تسللت إلى حياته، مثل مطر نيسان. غمرته بالماء والدفء معاً. جعلت لحياته كثيراً من المعنى الذي لم يشعر به سابقاً، ولا في أي وقت قبل أن تكون موجودة، مع عطرها وطفولتها وأنوئتها، وحنانها ونزقها وأفكارها الطريفة، وجنونها وتعقلها ورغباتها.

كانت غضبت منه مراتٍ عديدة. وغضب منها. غنج بنات وغضب محبين. تورط مراراً في تلك اللعبة التي لم يكن يحبها. صدره ضيق ولا يطيق المغاضبة. بدت كل هذه الأعيب تجاه ما يحدث الآن. عبد الرحمن لا يحب الاعتذار ولا التنازل. كان القلق يُشعل قلبه. ربما تكون في سيارتها المركونة بجانب منزله. أو واقفة على رصيف الكورنيش البحري، لكنه لا يملك القدرة على ارتداء ثيابه والنزول للبحث عنها. ليس من طبيعه أن يُشعر أحداً ما أنه بحاجة إليه، حتى لو كانت حبيبته. عاوده الإحساس بوجع في قلبه. كان قرأ شيئاً عن وجع القلب. يقولون إن القلب لا يؤلم

نفسه. ألم القلب ينعكس في مكان آخر. القلب يؤلمه الشوق فقط. وليس الخلل في نبضه. ولكنه كان يحس بالألم في قلبه. في قلبه تماماً. اكتشف فجأة أنه يكره كل ما هو فائض. في الحقيقة كل ما هو فائض يريكه: الحزن الفائض، والحب الفائض، والنظافة الفائضة. كل ما تخشاه مريك. وكل ما تخاف عليه مريك.

مضت ساعات الليل ثقيلة الوطأة. عاود الاتصال بهاتفها صباحاً. كان لا يزال مغلقاً. فكر أن العمل سيجعل من تحمل مرور الوقت أكثر يسراً. لكن شيئاً من هذا لم يحدث. بدا شارد الذهن وغير قادر على التركيز، فقرر العودة إلى البيت.

في الطريق تخيل أنها ستكون في انتظاره الآن. ثم خطر في باله أن الحكاية وصلت خواتيمها. ليستعد حريته إذا، ليعُدُّ إلى استئناف حياته دون وجودها. ارتاح قليلاً لهذه الفكرة. هو أمضى العمر قبلها متمسكاً بحريته. كان يحب أن يستأنف حياته في كل مرة على النحو الذي يريده.

كان الوقت ظهراً. ولكنها ظاهرة نيسانية. لم يقاوم إغراء المشي باتجاه الكورنيش البحري. لعل مواجهة البحري في واحد من مقاهي الروشة، أجمل كثيراً من العودة إلى بيت لن تكون فيه.

اختار كرسياً بمواجهة البحر تماماً. ولأول مرة لم يفلح البحر في إشاعة الهدوء في نفسه. شعر بأنه يضطرب أكثر. وأكثر بدأ ينتابه إحساس بالدوار. لم يكمل شرب فنجان القهوة الذي سكبته في الفنجان الأبيض توأً. خرج من المقهى مشوشاً، وألقى بنفسه في أول تاكسي صادفه. قاوم بالصمت والاكتفاء بهز الرأس ومحاولات السائق لدفعه نحو الحديث عن الطقس والازدحام، ثم أحوال البلد.

دخل إلى المنزل. لكن عاصفة قد دارت بين جنباته. فناجين القهوة والصحون. أكواب النسكافية التي جمعا الكثير منها على مراحل، ومن أماكن مختلفة، زوجين زوجين متشابهين، إطارات الصور الزجاجية، المزهريات.. جميعها قد استحالت حطاماً موزعاً على أرض الصالة والمدخل.

بينما كان ينظر إلى مشهد الحطام السوربالي هذا، خرجت من باب غرفة النوم. كانت غيرها تماماً. غير تلك التي عرفها سنياً، غير الغضب ملامحها على نحو شبه كامل. وقفت بالباب تماماً. وضعت يديها حول خصرها. وهي تهز جسدها بشكل متواصل. نظر إليها. لم يكن في نظرتها عتب أو حزن. كان في نظرتها كثير من الاستغراب والتساؤل، ولم يطَّل انتظار الانفجار التالي:

- من قال لك إنني أريد عرساً وأنجب منك؟ أنا لا أريد أن أنجب منك. أنت أصلاً لا تستحقني، ولا تليق بي. ولا تستحق أن أهيك امتداداً من رحي.

لم يجيها. حاول الانشغال بجمع الحطام، بتكاسل. كان ينتظر أن تقول كلمات أخرى. لتقل كل ما تريد، دفعة واحدة. هو لا يعرف كيف يتصرف، أو بماذا يجيها. أي كلمة ليست في موقعها المناسب، قد تحول العلاقة إلى حالة شبيهة بالزجاج المتناثر أمامه الآن. بعد ثوان قليلة أضافت:

- ولا أريد أن أحبك أيضاً. لنكن أصدقاء فقط. أصلاً هذا كثير عليك.

تابع جمع الحطام. ودون أن يقصد، أثار بسلوكه هذا غضبها مجدداً. فصرخت:

- لا تتجاهلني. أنا أكلمك.

حاول تحاشي الحطام، متجهاً إلى الكنبه. جلس وأشعل سيكارة.

- أنا أسمعك. تفضلي.

- قلت لك لا أريدك زوجاً.

- سمعتك.

- ولكنك لم ترد عليّ.

عاد إلى الصمت. كان حائراً حقاً. هل يقول لها أخرجي الآن ولا أريد رؤيتك أبداً؟ أم يقول لها: ولكني أريدك أن تبقي حبيبي وزوجتي؟ أم يستمر في الصمت؟ والصمت سوف يزيد غضبها؟ ولكن لماذا لا يمارس لعبتها نفسها؟ لماذا لا يصرخ هو الآخر، ويؤنمها على ما فعلته. ربما يكون هذا خياراً ناجحاً.

رفع رأسه نحوها. نظر مباشرةً في عينيها، فلاحظ أنها ارتبكت قليلاً. تابع التحديق. أحس بأنه غاضب حقاً الآن. لقد عذبتة بما يكفي على مدى الساعات المنصرمة. توقفت عن هز ساقها بشكل متواصل. حولت نظرها باتجاه الحطام.

- هل نخرج ونتحدث قليلاً؟

لم يجب. عادت إلى الصراخ مجدداً:

- قلت لك لنخرج ونتحدث قليلاً.

ألقي بعقب سيكارتته على الأرض. داسه بقدمه، وداس معه زجاجاً متناثراً. بدا الصوت مزعجاً، ومنذراً في أن معاً. كان يقف قبالتها الآن. كان المشهد مريعاً. هل هذان هما العاشقان اللذان يكتبان أناشيد عن المطر؟ قال لها همدوءٍ شديد، ولكن بحزم تعرفه جيداً:

- إما أن تصمتي. وإما سيكون كل شيء شبيهاً بهذا المشهد.

استدارت متراجعة:

- لا تفعل شيئاً الآن. سأدخل لأنام. ثم سأعيد ترتيب كل شيء.

كان هذا الخيار مخرجاً مناسباً لتأجيل انفجار ضخم، قد يطيح بكليهما. ربما كان وقوفه نوعاً من الإنذار. وربما كانت قررت التراجع قبلاً. ولكنها تريد فرصة مناسبة للانسحاب المشرف. الانسحاب الذي يتم بعد أن ينطق بشيء ما. النطق يعني بداية التراجع من جانبه أيضاً. هي فرغت غضبها بحملة التكسير التي طالت مشتركاتهما الكثيرة. ولكنها تدرك أيضاً أهمية الاستمرار في إظهار الغضب، حتى تدفعه نحو نقطة محددة. إن نطق بكلمة واحدة، فهو مستعد للكلام، مستعد للاستئناف، وإن لاذ بالصمت فسوف تكون مجبراً على جهود جديدة حتى يبدأ الكلام من جديد.

أمضى نحو ساعتين في جمع الحطام الذي خلفته حفلة الجنون التي أقامتها وحيدة قبل عودته إلى المنزل. كان يعرف أنها ليست نائمة. ولو أنها نامت فإن الضوضاء التي يُحدثها جمع الزجاج المتكسر كفيلة بإيقاظها. حاول طوال الوقت ألا يفكر في اللحظة التالية، لحظة دخولها الصالة من جديد. كان يعرف أيضاً أنها لن تعود للعراك من جديد. لكن شظايا الزجاج بين يديه، كانت تحكي تكسراً في علاقة، ظلت لسنوات أجمل إشراقة في عمره.

سلام دخلت بنية النوم حقاً. خافت قليلاً من أن تذهب باستفزازها له إلى مكان أبعد مما تريد. وكانت تشعر بتعب شديد. أمضت ليلة مزعجة جداً، ما بين مقعد السيارة، ومقعد على الحصى في مقهى شمال بيروت. ولم تكن بداية النهار أفضل. حتى وصولها إلى البيت والقيام بحفلة التكسير هذه. حاولت أن تغفو. تسلس إليها نعاس التعب. إغفاءة قلقة، منعها الصداع، ثم شروعه في عملية التنظيف، من التوسع نحو نوم يلفها. ويربح أعصابها المتوترة.

على وقع الأصوات المتناهية إليها من الصالة المغطاة بالزجاج المحطم، حاولت استرجاع الوقائع، وترتيب أفكارها. بدأ كل شيء في ظهيرة اليوم السابق على ذهابها لاصطحابه من المركز. تلك الطفلة الجميلة، التي تعلقت بها في محل للثياب النسائية. دخلت إلى المحل لأخذ ثوب اشترته سابقاً، وكان يحتاج إلى تعديلات بسيطة. في المحل كانت طفلة صحبة أمها. شقراء صغيرة. عيناها خضراوان، وممثلةتان بالفرح. لاطفتها، فاستجابت للملاطفة، ثم رفعت يديها تطلب أن تحملها وتضمها. فعلت. أحست بدفء غريب يشيعه الجسد الصغير في شرايينها. أخذت تضمها بحنو بالغ، لم تعده في نفسها سابقاً أساساً كان الضيق من العناية بالأطفال، والتجاوب مع نزواتهم الغريبة سبباً مضافاً لرفضها الإنجاب واستتباعاته. ولكنها تعيش شعوراً مختلفاً الآن. ومن ملاطفة الطفلة إلى حديث مع الأم، وسؤال تقليدي، عما إذا كانت متزوجة، ولديها أطفال في عمر هذه الصغيرة.

- لا. ليس بعد.

- إن شاء الله بنفح منك.

انتهى الحوار الذي فجر في رأسها أسئلة كثيرة. لماذا لا تكون لها طفلة صغيرة هي الأخرى. تظفر شعرها، وتزينها، وتعني بنمو جسد صغير بين يديها؟ سأطلب من عبد الرحمن أن نقيم حفلة عرس ونجيب طفلة. قالت في نفسها. كانت ذكرى أب حاضرة في رأسها. وكانت تعرف أنها غير جادة. ولكنها لا تحتمل فكرة أن تكون هي من لا يريد الزفاف والإيجاب. ولكن كيف ستخبره بكل هذا الآن؟ وهل يمكن أن يعود كل شيء إلى ما كان عليه قبل تلك الرحلة المجنونة؟

شعرت بإنهاك شديد، وهي تفتش عن مخرج. هو سوف يسأل عن أسباب كل ما حدث. وسوف يُلح عليها كالعادة، لتجيب عن أسئلته المتلاحقة. وربما يصمت بعض الوقت، ويمر وقت طويل من الصمت والحياة العادية، ليعود ويسأل عن أسباب ما حدث في تلك الظهيرة من نيسان.

لم تمهد إلى حل. لم تعثر على الكلمة المناسبة الأولى التي ستستأنف بها الحديث معه. فجأة بدأت السماء تجن. تلبدت بالغيوم بسرعة. لمع برق، ثم جاء قصف الرعد. تلك من النوادر النيسانية. شرع المطر بممارسة عناقٍ قاسٍ مع الأرض، كان يسوطها بقوة. كأنه يريد أن يكشف وجهاً من وجوهها. قفزت من السرير نحو الصالة. كان يستريح من جولة التنظيف المتعبة. ألقت بنفسها فوقه. تعلقت برقبته، وعانقته بقوة. همست أنا أسفة. لم يقل شيئاً. عانقها. بدأت أصابعه رحلة العبث بشعرها، وانزلقت رويداً رويداً نحو رقبته. تحول العناق إلى قبلات مجنونة. كان يلمس ماءها في كل مكان من جسدها. هي امرأة تفيض. أنقذهما مطر نيسان.. ولكن..

حي

MEL DOS ESPELHOS

*“Na verdade, tudo que era exagerado o perturbava:
tristeza demais, amor demais.”*

NAFIZ ABU HASNA

ESPELHOS E ESTILHAÇOS

A cidade recuperou a calma. No subúrbio do Sul de Beirute, a devastação foi imensa, algo semelhante aos efeitos de um terremoto. Quando há vitória, o sentimento perante a destruição muda, é vista como um custo a ser pago à vitória, mas, quando a destruição vem acompanhada por derrota, deixa uma profunda e indelével decepção.

A casa voltou ao que era, tranquila e aconchegante, e Abdurrahmân voltou ao corpo de Salam. Cessado o ruído de aviões, ele percebeu que, recorrendo a ela, estaria tratando do próprio medo. Procurava brechas para tocá-la, abraçá-la, nem que fosse por segundos. Ela não descuidou, nem por um instante, de seu belo visual nem de seu perfume. Aquela mulher seguia obcecada pela agradável fragrância. Agora, tudo que ele desejava era enterrar a cabeça entre seus seios e tragar seu cheiro, profunda e silenciosamente.

Abdurrahmân sempre teve um jeito peculiar de lidar com o perfume e Salam gostava de escutá-lo discorrer sobre isso. Certa vez, ele disse: “o perfume na pele tem um significado especial. A fragrância no ar não pertence a ninguém, pode colidir com um olfato ali, outro acolá; pode esbarrar com quem não assimile seu significado nem sua confissão; pode comover, cativar, mas ainda não seria a predileta. Uma fragrância tem o poder de provocar o desejo no outro, e quem é provocado sente, e, quando sente, deseja tatear. Essa é a outra acepção do cheiro: se nos contentássemos com a fragrância no ar, ela perderia sua particularidade, mas, quando ela incita a ponto de dese-

jarmos apalpar, terá a fragrância se infiltrado plenamente, acariciado todos os sentidos, e, então, inicia-se a busca por apalpar. O perfume na pele tem um traço distintivo, o de não nos permitir a distinção entre o toque e o cheiro. O perfume é isso”. Mas agora, ele ansiava por seu cheiro, porque estava conseguindo tocá-lo. E noutra ocasião, ele lhe disse: “com o tempo, a fragrância adota uma configuração apropriada à pele que começa a exalá-la e, por isso, dizemos “o cheiro dela”, “o cheiro dele”, porque não se trata do perfume em si, mas da fragrância imersa, abraçada, envolvida no corpo, ao qual se une para se tornarem um, que revela e exala, exala e revela, e assim, o que tocamos passa a ser a confissão arrebatada do corpo. É o aroma do corpo em si. Toda mulher tem cheiro próprio, que não vem do perfume, mas do corpo perfumado. Ainda assim, há mulheres que, mesmo usando perfume, continuam cheirando a pele velha, outras, a leite fervido”.

Admirava o cheiro entre seus seios, perfume intenso. Parecia afogar-se nele; imaginava que, debaixo de sua pele, pudesse haver algo que bombeasse perfume, fazendo os poros exalarem suor aromatizado. Logo que seu nariz sentisse o calor íntimo e abundante, começava a respirar ofegante, aspirava, tocava, cheirava, como quem buscasse um eterno repouso em uma ravina de luz e calor perfumado.

Ao meio da continuada controvérsia política pós-guerra em Beirute, a cidade recobrava a vida rapidamente, embora muitos continuassem falando dos estrondos alojados nos ouvidos e Abdurrahmân tivesse sido testemunha do modo como algumas pessoas se abalavam com um simples bater de porta.

Para Sanâ Bahri, no entanto, seus espelhos terem se salvado do bombardeio era equivalente à vitória anunciada por Abdurrahmân, e, por isso, gostou dele. Foi em uma tarde do início de agosto, acompanhando a Salam à casa de May, que conheceu a mulher de quem ouvira muito falar, pela filha, May, e pela própria Salam

Sanâ, filha da cidade sulista Sidon, dizia que sua família tinha origens na Palestina, mais precisamente em Acre. A história corriqueira falava de um avô que veio daquela terra para esta onde se tornou outro. Formou uma nova linhagem que portava carteiras de identidade novas. Abdurrahmân não se interessou muito pela história, pois não lhe dizia muita coisa, nunca se importava com distinções naquela turva e triste geografia.

Escutou-a falar a respeito das origens da família por educação, enquanto contemplava uma mulher na qual se derretiam rochas e ondas para recriá-la.

Uma amálgama de elementos de pedra e de água. Não importava se era de Acre ou de Sidon, pois nisso as duas cidades eram iguais, ambas formadas de rochas e ondas do mar, tendo, entre seus habitantes, muitos que se pareciam com elas.

Sanâ gostava de política, era o rosto escrito de sua geração, de suas esperanças e derrotas: as ideias políticas de Gamal Abdunnâsser, as manifestações universitárias, a resistência palestina, a esquerda, a decepção e o retrocesso. Antes, havia se apaixonado por um rapaz de outra crença religiosa, com quem compartilhou os ideais da esquerda e também os sonhos. Casaram-se. May foi o único fruto do sonho. O ex-esquerdista divorciou-se dela e regressou ao seio de sua gente, envaidecido por desfazer seu erro mortal, retornando às origens.

Sanâ tinha um emprego público modesto, daqueles que eram permitidos pelas cotas sectárias libanesas, e dedicava-se a criar a May, transmitindo-lhe o que tinha de mais belo: o amor. Uma mulher semelhante ao manjerição, residia nela o amor da mesma forma que nele residia o aroma. Transbordava afeição e amparo ao encontrar qualquer necessitado. Muitas vezes, ao voltar para casa, May encontrava-a envolvida com gente estranha: crianças, mulheres e homens comendo. A maioria nem sequer se conhecia, mas todos conheciam Sanâ, que talvez nunca mais os visse como nunca antes os havia visto.

Salam e May riam toda vez que mencionavam que Sanâ não sabia cozinhar. Costumava-lhes dar comida pronta. May contava histórias de quando descobriu que sua mãe distribuía seu salário aos necessitados logo que o recebia. Ela soube quando viu a mãe pedir dinheiro emprestado, o suficiente para fazê-la chegar ao trabalho. Tudo que sabia era sorrir sempre para as pessoas e chorar, sempre, sozinha.

Tinha uma pequena casa em Ein-Elmreisseh, que dava para o mar, onde fazia questão de contemplar o que ela chamava de “despedida do dia”: observava o sol descendo calma e suavemente na água do mar. Derramava um par de lágrimas por mais um dia que partia e, enquanto o sol dormia, retornava a seus espelhos.

Sanâ gostava muito de espelhos. Quem entrasse em sua pequena casa, vias os cobrindo as paredes e era transportado de espelho em espelho: primeiro, era recebido por um espelho maior posicionado na parede da frente, e que parecia monitorar seus movimentos, atrapalhando-o, como se quisesse registrá-lo na memória, já que estava ali dentro de seu campo de visão, feito uma câmera de vigilância. Olhando ao redor, deparava-se naturalmente com

outros espelhos. Na parede oposta, havia um espelho, ligeiramente menor, que era contido pelo maior, junto com o rosto registrado em sua memória. Sanâ pede ao convidado para se sentar e, onde quer que ele se sentasse, enfrentaria um espelho. Em um canto, havia um que dava a impressão que o observava, onde quer que estivesse sentado. Na parede onde havia uma estante de livros de temas diversos, o que sugeria o deslocamento da dona do lugar entre o olhar e a busca pelo conhecimento, achava-se um pequeno espelho pálido, que talvez tivesse aceitado ficar no lugar que lhe havia sido destinado por falta de alternativa, não tendo nenhuma função, ou pelo menos isso era o que Abdurrahmân achava até notar o reflexo da tela da TV nele. Brilho roxo que completava o campo de luz totalmente aberto.

– Os espelhos?

– Bonitos.

– Eles ampliam o espaço, como vê, é um lugar pequeno.

Abdurrahmân não disse nada e emitiu apenas um murmúrio de consentimento, pensando que por trás dos espelhos havia um segredo. Sanâ se lembrava da data de chegada de cada espelho, pois não os adquirira de uma só vez para decorar as paredes. Ela orquestrava esse jogo de ilusões para aumentar o espaço, e talvez o próprio jogo tivesse se tornado uma ilusão de jogo, quando ela passou a ser cativa do espaço.

Naquela tarde, barcos e helicópteros israelenses disparavam bombas pesadas em direção do farol, na praia de Beirute. O estampido parecia ser próximo. A mulher, feita de rocha, ondas e manjeriço começou a distribuir sorrisos. Queria tranquilizá-los, pois enquanto estivessem em sua casa, ela era a responsável por sua segurança e proteção, e até mesmo pela paz de espírito. Era assim que ela entendia a situação, era assim que compreendia o significado de responsabilidade. Relembrou dos dias da guerra civil, falou de suas experiências em lidar com os bombardeios e os confrontos nas vielas. De repente, dirigiu-se a Abdurrahmân:

– Como você vê as coisas? Haverá uma invasão por terra?

– Não creio. Eles já tentaram e enfrentaram forte resistência.

– Vamos ganhar? Simples assim?

– No momento, estamos ganhando.

– E depois?

– Vamos ganhar também.

– Se acontecer. Vou convidá-los para almoçar.

Depois de notar os sorrisos de Salam e May, continuou:

– No restaurante que escolherem.

– Eu prefiro experimentar algo feito por você.

Mais tarde, Abdurrahmân lamentou profundamente ter dito essas palavras gentis. Sanâ tinha um jeito estranho de lidar com a comida e uma visão particular também. Para ela, tudo o que era posto em um prato ou travessa era comida, devendo ser considerado uma benção perante a qual não cabia nenhum tipo de reclamação sobre o modo como fora feita, porque existem milhões de pessoas famintas no mundo. “Não importa a qualidade nem o sabor”, dizia. Assim, a mororreia seca podia substituir o coentro, e nunca se lembrava de que o feijão branco pedia molho de tomate e o frango precisava de sal.

Decidiu mudar o convite de almoço para a *tarwîqa*, como os libaneses chamam o café da manhã. A mudança foi por julgar que preparar uma refeição matinal seria menos estressante, podendo administrá-la sem se expor muito. Se tivesse se contentado com queijo, coalhada e azeitonas, teria corrido tudo bem, mas ela insistiu em preparar um prato de favas temperadas. Após cozinhar os grãos, percebeu que a quantidade não seria suficiente, e por isso recorreu às favas enlatadas, que adicionadas às que ela preparou resultaram em um prato de favas mescladas, de duas cores: as dela, escuras, e as enlatadas, claras.

Tentaram, em vão, fazê-la revelar o segredo da fava mesclada. Como de hábito, as ondas se refugiavam nas rochas. Disse: “é assim mesmo, podem comer ou não! Sugiro que comam, considerem uma grande honra poder comer algo preparado por mim!”. Mas, quando ela foi com May visitar Salam e Abdurrahmân, as ondas prevaleceram às rochas.

– Meus espelhos sentiram sua falta.

Constrangido, Abdurrahmân não sabia o que dizer. Balbuciou algo incompreensível ao tentar compreender aquela frase estranha. Espelhos sentem falta? Isso significa que eles têm memória. Espelhos detectam, isso sim, pois os reflexos passam por eles, mas nunca pensou que os guardassem, ou que capturassem o que o olhar trazia, que registrassem a alegria, a ansiedade e o medo. Será que trocam sentimentos e histórias? Imaginá-los fofocando, comentando entre si o que cada um capturou dos rostos que se passaram por si próprios. Um diria: “ganhei a manhã quando fui atingido pelo primeiro raio de sol”. O outro comentaria: “contei para minha dona que cor as roupas dos vizinhos tinham”. Já aquele que está distante em um canto, sarcástico, diria: “Vocês não conhecem os segredos dos espelhos! Nós ganhamos a manhã

igualmente, e quem passa por nossos olhos para, mas quando cruza, fica e acaba penetrando mais fundo no espaço. Somos uma revelação que delata à outra; um segredo que dorme no colo de outro segredo; somos a palpitação na esteira da palpitação precedente. Somos exultação e aflição. E quem gosta da alegria que entregamos, será o primeiro a nos insultar quando passarmos a anunciar e denunciar o que acontece aos rostos, toda vez que o sol e a lua aparecem e desaparecem”.

Foi aquela pequena frase deliberada, que não eram simples palavras, que deflagrou na cabeça do Abdurrahmân a reflexão sobre os espelhos. Os espelhos refletem a realidade de nossos rostos, mas guardam algo para si, e nisso eles se assemelham às lágrimas que intensificam um sentimento saturado de amor, dor, tristeza ou gratidão, colhendo assim um leque de emoções para expressá-las de uma vez só. Talvez os espelhos recolham a nós e aos fragmentos de quem olha para eles. São sinceros, diretos, claros e, embora realistas, são ilusionistas e, ao mesmo tempo, mirabolantes a ponto do absurdo. Espelhos contam nossas alegrias e tristezas e nos mostram o que a vida fez de nossos rostos, com a mesma frieza de um alerta sobre um fio de cabelo perdido.

Levou algum tempo para que a onda devolvesse um pouco de seus mistérios, entre os quais estava o dos espelhos. Sanâ havia se apaixonado pelo moço do prédio vizinho, um jovem esportista que se exercitava na varanda. E como não era apropriado para uma moça como ela ficar saindo na varanda para olhar o rapaz, o espelho entrou em cena. Posicionou um pequeno espelho no chão de seu quarto, ajeitou-o em um ângulo tal em direção da varanda oposta para fisgar o rosto que se esticava e para furtar, por sua vez, o que pudesse da fenda de seu vestido, ou, ainda, para se certificar que atrás do corpo que se escondia detrás de uma cortina ou parede havia um belo rosto, ou, quem sabe, para tentar saber se o brilho dos olhos era a tradução do que ardia no coração, ou talvez não passasse de mimos de menina que cercava, com a seda cor de mel, o coração do rapaz entusiasmado. Olhava para o espelho para vê-lo, para fisgar seus gestos, mas, quando seu jogo foi quase descoberto, passou a derramar água no chão, fazendo o papel de espelho.

Para ela, os espelhos eram um jogo de descoberta, de luz e de visão. Não estava mais procurando os rostos que pendiam de uma varanda, nem que apareciam depois de longa ausência. Fez dos espelhos seu depósito de segredos, pois, após se despedir do dia e se recolher, eram eles que testemunhavam as duas lágrimas cálidas e, enquanto dormia, eram eles que guardavam seu reflexo na escuridão, para lhe apresentar uma outra, com o primeiro café. Os espelhos eram-lhe o segredo, a descoberta e o desvelo. Eram

eles que flagravam atentos sua desatenção; eles que lhe contavam a vida toda, desde o ato indiscreto de espiar o rosto pendurado em uma varanda, passando pela prudência habitada pelo desejo, até a inquietação e as escapadelas levianas.

Quando contou para Abdurrahmân a respeito do rosto que espiava na água derramada no chão, disse: “o semblante tremia no meio da poça como um pingo de mel em um copo d’água antes de desmanchar”.

– Gosta de mel?

– E quem não gosta?

– Isso quer dizer que gosta?

– Esperto você...

Seu sarcasmo abriu em sua alma mais uma porta. Lembrou-se dos vidros de mel que não teve a oportunidade de levar para seu pai. Decidiu dividi-los com ela, pois desde que os comprou, não lhe passou pela cabeça tomar nem sequer uma colher de mel, e muito menos pensou em dá-los de presente para alguém. Mesmo assim, não levou para ela todo o mel que tinha; pensou que poderia encontrar mais alguém, a quem daria uma parte do mel que era destinado a quem partisse antes que fosse entregue.

Com Sanâ, ele sempre tinha debates carregados de símbolos. De todas as pessoas que Salam lhe apresentara, ela era a única que tinha um tom peculiar e uma presença incomum. Salam gostava muito dela e percebeu que Abdurrahmân apreciava conversar com ela; por isso, sempre ajustava encontros, durante os quais ela conversava com May aos sussurros, deixando os dois mergulhados em conversas emaranhadas. Se por acaso conseguissem fisgar algo da conversa, sempre sorriam, mesmo que, na maioria das vezes, não conseguissem acompanhar o papo cheio de símbolos e de histórias semelhantes sobre espelhos, segredos e mel que se desmanchava. Naqueles dias, Sanâ lia um pouco de tudo, não tinha interesse em nenhum assunto em particular, mas, com o pouco que sabia, era capaz de opinar e julgar. Essa era uma das virtudes de ter tido profundas experiências, apesar da jovem idade.

Enquanto o Líbano estava tentando remediar suas profundas feridas da guerra e enquanto uma parte da população se vangloriava da vitória, a outra calculava seu preço e custo, na tentativa de minimizá-lo; a conversa de Abdurrahmân e Sanâ tomava outro rumo, o da Palestina: uma que habitava na memória, e outra, presente na dor da divisão e da troca de insultos.

A presença intermitente de Sanâ na vida de casal permitiu a Salam escapar um pouco para seu mundo, confiscado à força e, durante muito tempo, por

Abdurrahmân. Eram escapadas das quais voltava para ele cheia de saudade e de perguntas.

Salam voltou a fazer um pedido que lhe havia jogado na cara durante os dias da Guerra.

Naquele dia de agosto, a umidade era mais sufocante do que nunca. Jamais vira nada parecido com aquela densidade que causava viscosidade e que o impedia de respirar. Era meio-dia quando Abdurrahmân saiu da sala e foi ao quarto em busca de privacidade. O ventilador gemia, sofria como se ele também estivesse lutando por um pouquinho de ar que pudesse trazer alguma sensação de fresco ilusória e efêmera. O ventilador provocava uma aflição adicional, pois seu esforço emitia um som parecido com o dos MK, os aviões de reconhecimento de zumbido irritante. Alchabâbi dizia que em Gaza chamavam esse avião de *zannana*. Nome onomatopéico que remetia ao seu som insuportável. Por vezes, a morte parecia ser mais tolerável, um alívio comparado àquele zunido, que era diferente dos outros aviões, pois todos tinham um barulho que incomodava, mas era algo rápido, explosivo, e o susto durava tanto quanto um arrepio, mas o zumbido daquele avião de reconhecimento era monótono e prolongado, parecido com o zum-zum-zum do pernilongo nas noites quentes de verão ou com o som de um disco quebrado. Abdurrahmân não tinha certeza se o que o irritava era o zunido de um avião daqueles ou da hélice do ventilador.

Naquele momento, Salam adentrou o quarto; olhou-a com preguiça devido à sensação de abafamento. Viu que o suor salgado molhava o travesseiro e que passava para o lado seco, encharcando-o rapidamente, o que o levava a repetir a manobra.

Ele percebeu que ela não estava como de costume. Pensou que seu humor também tivesse sido afetado pelo tempo abafado, causando-lhe esse aborrecimento evidente no rosto, afinal, o ar condicionado da sala não conseguia mais liberar novas correntes de ar frio, impedido pela respiração quente de toda gente sentada na sala. Teria sido uma catástrofe se a energia caísse, pois todos perderiam as estribейras sob o peso do ar parado.

Ele mexeu os lábios para dizer algo, mas ela o surpreendeu jogando um pedido em sua cara:

– Eu quero ter um filho.

Fitou-a tentando entender o que estava acontecendo, levantou a cabeça do travesseiro, apoiou-o contra a parede, sentiu as gotas de suor se formando em suas costas pegajosas. Mirou-a, novamente, atônito.

– Por que me olha desse jeito? Disse que queria um bebê.

Por um instante, imaginou estar delirando, devido ao calor extremo e à atmosfera abafada, até porque ela nunca entraria desse jeito no quarto que testemunhara muitos momentos felizes e porque, onde quer que o encontrasse, mesmo se tivesse se afastado dele apenas por alguns segundos, o abraçaria, o beijaria, como se fosse no quarto! Mas espere, ele está enxergando claramente, era ela; não estava alucinando.

– Não entendi.

– Então, pela terceira vez, vou dizer: “quero um filho”.

O tom de voz desta vez era alto, claro e um tanto tenso: ele entendeu então o que estava acontecendo, mas não encontrou nada além de:

– Por que agora?

– Assim, por nada, vai fazer?

– E eu pergunto: “por que agora?”

– Já respondeu, obrigada.

– Não coloque palavras em minha boca.

– Esquece o assunto, já consegui minha resposta, obrigada.

Disse a última palavra já de costas viradas, saindo do quarto, e deixando-o confuso. Anos atrás, ele se ofereceu para se casar com ela, mas ela disse: “Eu te amo”. Nunca mais voltaram ao assunto, aliás, ela não cansava de contar histórias sobre pessoas que perderam o amor por causa do casamento e dos filhos. O que estava acontecendo agora? É difícil normalmente pensar nisso, e se torna torturante na atmosfera abafada e em tempos de guerra.

Após se encostar à parede, dificilmente o ar o alcançava, sentiu estar se afogando em um suor salgado e pegajoso. Voltou a se deitar, na esperança de que o ar do ventilador conseguisse secar um pouco da transpiração. Ela só podia estar sob o efeito do clima quente, pensou, ou chateada com alguma coisa e acabou expressando o mal-estar com aquele pedido. Poderia estar assustada, talvez fosse o medo. Pensou em ficar com a última conjectura, pois, em tempos de guerra, nota-se uma relação entre medo e pedidos.

Mas eles compartilhavam quase tudo. Nada poderia aproximá-los mais. A ideia que ele adotou começou a perder *momentum*. Ela o estaria testando, por exemplo? Sentiu um pouco de remorso. Por que não lhe disse: “sim, quando

quiser”. Teria feito ela feliz. Lembrou-se de uma conversa que tiveram certa feita:

– Temo pelas crianças, pelo destino que lhes aguarda.

– Pensei uma vez em ter uma menininha. Cheguei a escolher o nome, mas logo afastei a ideia, não acho que sirvo para essa tarefa.

– Eu tenho pavor da ideia. Às vezes, me arrependo. De qualquer forma, é tarde demais para isso.

Não lhe ocorreu, então, olhar para ela, para ver o impacto de suas palavras em seu rosto. Mas espere! Por que não fazer uma festa de casamento e por que não ter com ela um bebê lindo ou uma bebezinha linda?, perguntou-se. Via-se novamente imerso em seus pensamentos e nadando em suor. Lá estava ela de novo, diante dele, com um leve sorriso, um tanto fingido.

– Não adianta tentar dormir. Dei um jeito para você tomar um banho, vem, levanta!

Um banho frio era tudo o que ele precisava naquele instante e o que ele desejava, mas sabia da falta de água. Ela teria comprado água potável para que ele pudesse tomar um banho? Quando olhou para a multidão no salão, sentiu-se como se já tivesse saído do banho, sem toalha.

– Já preparei tudo para você –, disse sorrindo para todos.

– Fez tudo mundo carregar água –, Bâsima, comentou.

– Muito obrigado a todos –, balbuciou Abdurrahmân, tentando parecer natural.

Caminhou em direção ao banheiro, ela o seguiu e antes de fechar a porta e se retirar, disse:

– A propósito. Esquece a coisa toda. Estava brincando com você.

Enquanto a água fria escorria sobre a cabeça e lhe recobrava aos poucos um pouco de equilíbrio, ela ligava para Maram e, em prantos, lhe pedia para que se encontrassem imediatamente.

A água fria deu-lhe um pouco de frescor. Saiu do banheiro, não a viu na sala, foi ao quarto para lhe dizer o que ela queria ouvir, mas a Bâsima lhe disse:

– Salam saiu. Ela tinha algo para fazer, volta à noite. Que tal um cafezinho?

– Obrigado, eu tenho algo para fazer também, vou sair.

A Avenida Hamra era o único lugar onde se poderia sentar em um café naquele momento. Ela escolheu um lugar afastado das pessoas dentro do lugar, não retirou os óculos escuros, e, por isso, pareceu um tanto estranha. Pouco tempo depois, Maram chegou, visivelmente alterada:

– Me deixou aflita, o que houve?

– Pedi a Abdurrahmân para termos um filho.

– E qual é o problema?

– Recusou.

– Recusou?

– Quer dizer, não recusou, mas também não concordou; na verdade, ele não respondeu.

– Escuta, não saí nesse calor infernal para ouvir charadas.

Salam contou a ela, então, as minúcias do ocorrido naquela tarde abafada. Maram tentou manter ares de seriedade e de interesse, mesmo deixando escapar alguns sorrisos. Ela considerou tudo uma loucura, ao mesmo tempo era uma oportunidade de relembrar à sua amiga querida que estava desperdiçando sua vida vendo o tempo passar.

– Você tem todo o direito de ter um filho. Vai em frente.

– Mas isso não traria estabilidade nem a ele nem a mim.

– Já que sabe disso, por que perguntou a ele?

– Não sei, não sei. Eu só sei que o amo. Também sei o que o preocupa, ele acha que está velho para ter um filho, e pensa ainda no sofrimento dele, tendo que viver sem pátria, e eu, de certo modo, concordo com ele.

– Você está desperdiçando sua vida com um homem louco e complicado. Conheço palestinos refugiados como ele que se casam e têm muitos filhos.

Salam quase se arrependeu por ter escolhido Maram para conversar sobre o assunto. Mas o país estava em guerra, o calor era tanto e poucos estavam dispostos a escutar os lamentos de uma apaixonada confusa. Mesmo não tendo recebido o desvelo que esperava, ainda assim, sentiu um certo alívio.

Chegaram a casa com uma pequena diferença de tempo, pouco antes do amanhecer. Abdurrahmân passou boa parte da noite com o general Jamal em um café, depois perambulou pelas calçadas da Avenida Hamra, comeu algo parado em uma delas, e caminhou até a casa. Esgueirou-se direto para a co-

zinha. A maioria das pessoas na casa estava dormindo, poucos ainda lutavam contra o medo para que pudessem dormir. Os estrondos causados pelos bombardeios não eram tão fortes como costumavam ser, mas a previsão do evento, às vezes, provocava mais medo que durante as grandes batalhas.

A varanda da cozinha tinha vista para a rua. Uma brisa leve soprava de vez em quando. No momento em que resolveu ir procurar seu lugar na sala para dormir, avistou seu carro chegando. Preparou-se para uma provável e difícil discussão, no entanto, nada disso aconteceu. Salam entrou sorrindo, beijou-o como de costume, perguntou se já tinha jantado, falou que o trabalho no jornal foi extenuante. Não disse nada, contentou-se em olhá-la. Ela sabia que ele queria voltar ao assunto da tarde, e ele esperava que ela comesse a falar.

– Vamos esquecer a coisa toda, eu não estava falando sério.

– Mas eu...

– Não diga nada –, disse, colocando sua mão sobre a boca dele –, vou ficar chateada se voltar a esse assunto. Eu já me esqueci de tudo e, como disse, estava brincando.

Ele tentou dizer algo, mas ela foi incisiva e passou a falar de várias outras coisas, para fazê-lo entender que aquele assunto já não estava mais em pauta.

– Quero escrever sobre política.

– Dentro das trezentas palavras?

– Eu entendo a questão de forma diferente. Eu sinto que tenho opiniões formadas sobre uma série de questões. A gente respira política.

– Isso é bom, você é uma jornalista excepcional. Honestamente, eu invejo sua linguagem amena e polida.

– Por acaso, é preciso que a linguagem da política seja dura?

– Quero dizer que o espaço político não é tão aberto se comparado ao de outros assuntos.

– Mas vou escrever algo e quero que você leia.

Após a guerra, ela recuperou um pouco de fervor. Pareciam sentir o calor do início do namoro. Mesmo assim, ele percebia seu olhar muitas vezes distraído e, ao lhe chamar a atenção perguntando em que pensava, ela disfarçava, dizendo: “pensando em você”. Ele sabia que pensava em outra coisa, mas se recusava a se abrir com ele. Havia notado uma distração igual no dia em que lhe contara que Sabah e Johar decidiram se casar. Conversaram sobre

a notícia, comentaram muitos detalhes, mas ela parecia desatenta, o que levou a pensar que o pedido feito no verão não foi um capricho de momento, nem um simples impulso. Talvez ela tivesse começado tratar a ideia seriamente. Eles passavam algum tempo com Sanâ e seus espelhos, e com o general Jamal, homem rigoroso, cujo olhar fazia qualquer homem tremer, mas que transbordava ternura quando conversava com uma mulher.

Salam sabia que o general sentia falta de falar sobre o amor, que, de certo modo, amainavam um pouco as histórias das táticas de batalhas e do estalar das armas que o ensurdeciam. Um pouco depois de se conhecerem, ela o convidou para jantar na casa de Abdurrahmân; preparou-lhe uma mesa farta cujo prato principal era o quibe, o preferido de Jamal. Contou-lhe de sua pequena aldeia de carvalhos, mas ele já a conhecia, pois esteve nos fronts dos primeiros combatentes palestinos no Líbano. Começaram a se encontrar nos cafés da Hamra, com o consentimento de Abdurrahmân que, após cada encontro, precisava escutar os pormenores da conversa que tiveram. O general começou a narrar outras histórias, de seu primeiro amor, das mulheres que lhe arrebataram a alma e que depois partiram. Ela sabia escutar ao mesmo tempo que cutucava memórias adormecidas. Em sua presença, a pessoa sentia a urgência de se abrir e ela sabia deitar um tapete vermelho para a confissão, mas também era capaz de capturar nas falas muitas coisas que serviriam de chacota ou para apontar as estranhas contradições que a vida humana apresenta. Um combatente feroz que chorou por causa da mulher que lhe incendiou o coração e o abandonou. Anos depois, parecia que o fogo ainda ardia. Ao mencioná-la, duas lágrimas caíam. Aquela mulher já estaria velha, ou presa às preocupações da cozinha, ou talvez, abandonada pelos filhos, estaria conversando com seus fantasmas, sem que o fantasma do primeiro amor lhe visitasse sequer uma vez, nem se lembraria dele, nem do fogo, nem do incêndio que, agora, não passava de um momento de insensatez.

O general Jamal falava, Salam dava corda e as histórias borbotavam. Falar do passado era um fulgor; no entanto, incursões mais fundas conduziriam a caminhos perigosos. Não se pode narrar o passado de modo a fazê-lo brilhar e se inflamar no presente, por mais lindo que tivesse sido. Um momento que se esvaiu, um calor que se dissipou, evocá-lo na expectativa de reacendê-lo não passava de uma tentativa ingênua.

Sempre que Abdurrahmân se encontrava com o general, este o felicitava pela presença daquela mulher “rara” em sua vida, como ele a descrevia. Na-

quele tempo, Abdurrahmân pensava muito como Salam zombava de alguns pensamentos do general e sentia um pouco de pena, chegando até a alertá-lo por estar diante de uma mulher esperta. Jamal disse “Eu sei, eu sei”, mas como que dissesse “com quem mais você queria que eu falasse dos assuntos de coração e das memórias?”. Só restou a Abdurrahmân repreendê-la toda vez que insistia em detectar uma contradição no coração cansado e perturbado do general.

O fato é que a amizade entre Jamal e Salam evoluiu rapidamente e começou a assumir uma bela feição. Talvez ela até tivesse lhe revelado algumas de suas apreensões. Houve uma vez que ele chamou a atenção de Abdurrahmân para a joia que tinha e lhe disse que deveria cuidar para preservá-la. Quando ela começava a repassar a Abdurrahmân as histórias do general sobre a marcha palestina, pareceu-lhe que a conversa já havia se tornado mais diversificada e abrangente, depois de escancaradas as portas da memória. O general passava a escutar a mulher que transbordava histórias e que tinha teorias estranhas e atitudes contraditórias. Juntos, passaram a caçoar. Ela repassava ao namorado as opiniões astutas do general, enquanto seguia adestrando-o para a ironia, até que foi capaz, muitas vezes, de arrancar-lhe lágrimas de riso, não de choro. Se ele não conhecesse a Salam e o general como os conhecia, teria ciúmes devorando seu coração. Como todas as mulheres, ela apreciava o olhar de admiração dos homens, mesmo quando zombava do modo bobo que alguns olhavam para ela. Várias vezes contou ao namorado dos assédios. Riam. Ele lhe dizia: “quinhentos, o número de seus fês chegou aos quinhentos”.

Com o general era tudo diferente. Muito tempo se passou antes de Abdurrahmân compreender o tipo de amor que a Salam nutria em seu coração por aquele homem único e extraordinário. Estava quase o convencendo de sua pretensão de fazer parte de uma operação suicida. O coração do homem quase que se derreteu de tanta afeição e aflição por ela, não fosse o jeito de Abdurrahmân de abrandar o temor do general. Naquele dia, viu-se obrigado a avisá-lo dos deslizos de Salam. “É uma mulher louca, estou avisando pela segunda vez”. “Mas é maravilhosa”, respondia o general, que vislumbrou um quê de ciúme no discípulo e amigo, por causa da mulher que era amada por ambos, cada uma de seu jeito, e que, por sua vez, revelava a cada um deles plenos sentimentos de amor e de amizade.

O inverno chegou. Abdurrahmân e Salam gostavam do cheiro de terra molhada após a chuva. Sempre que chovia, ficavam parados perto da janela e, às vezes, na varanda, para sentirem o cheiro agradável da terra. Outras vezes, pegavam o carro até lugares onde podiam ver o encontro da chuva com a terra, quando das primeiras chuvas. Um cheiro que acontecia uma vez por ano, ou, às vezes, mais, quando a chuva demorava a voltar a abraçar ansiosamente a terra. Desse encontro nascia aquele aroma.

O passeio dele em busca do cheiro da terra depois da primeira chuva terminava geralmente com eles fazendo amor, enlaçados como da primeira vez. Ela sussurrava repetidamente em seu ouvido: “seu corpo cheira a floresta após a primeira chuva”, isso o levava a voar feito gotículas de um pingo d’água que acabara de arrebentar no chão.

Que tipo de enlace é esse que o aguaceiro realiza com a terra? Ele a penetra em estocadas como se a castigasse ou detonasse seu silêncio, sua indiferença. Há vezes em que cai devagar, mergulhando nela lentamente, e outras em que parece pentear seu cabelo, passar a mão na cabeça, lavá-la, varrendo-lhe o rosto por inteiro. Um jogo interessante de múltiplas formas, muito parecido com o deles.

A estação chuvosa estava de partida e as chuvas de abril eram a despedida, pois com elas a terra começa a respirar profundamente, fazendo surgir na natureza os sintomas de uma gestação pesada, momentos antes do parto. Alguns rebentos chegam cedo, espalham uma fragrância agradável, nutrida por rajadas de chuva, abençoando o nascimento e banhando os brotos sob um sol esplendoroso, em uma quentura semelhante à do útero, e como ele, lhe dá a vida. É uma dualidade: a chuva que se despede e abril que chega, a terra não mais cheira à primeira chuva, mas à última, que vem acompanhada por uma fragrância exuberante. É outro tipo de enlace. Abril é um belo tempo, em que o espírito da gente se liberta junto à respiração forte da terra.

Ligou para ele ao meio-dia, disse-lhe que estava passando para pegá-lo no Centro e que não era para comer nada, pois o estava convidando para almoçar. Ficou feliz com o convite e supôs que escolheria um restaurante à beira-mar. Quão belo era o mar de abril! Não fica agitado, mas a ponto de se agitar, o que significa que a água parada não fedia.

Quando chegou para pegá-lo, parecia diferente de quando ligou. Ela lhe deu um beijo morno e saiu dirigindo devagar, esperando que ele começasse a falar. Ela tinha algo a dizer, mas preferia que ele iniciasse a conversa.

– O que há de errado com você?

– Não é nada. Não tenho nada.

- É óbvio que tem. Alguém a magoou?
- Sim. Você.
- Eu?
- Pare de se fazer de inocente.
- Não sei montar quebra-cabeças e nem estou interessado nisso. Diga o que há de errado com você? –, disse com uma voz alterada, tensa.
- Por que não teremos um filho?
- Voltamos nisso?!
- Nem sequer deixamos o assunto de lado.

Ele sabia que algo a incomodava. Sabah se casou, Maram conheceu alguém e ficou noiva. Isso a fazia questionar por que as coisas eram diferentes com as outras. Ele decidiu mudar as regras do jogo.

- Você sempre se esquece que somos casados. Somos um casal legítimo.
- Bonito. Você entende de direito também?
- Sem ironia! Não foi esse o combinado?
- Eu quero um casamento, um vestido de noiva, uma festa, e acima de tudo: um bebê.

Ele não conseguiu segurar um riso, escapou.

- Está zombando também?
- Você é doida. Vai ter o que tanto deseja.
- Está gozando da minha cara: me chama de louca, e me trata como criança. Vou lhe mostrar o que é loucura!

Mal terminou suas palavras, começou a dirigir a uma velocidade insana, sem se importar com o trânsito, começou a buzinar com força, investia repetidamente para se enfiar entre os carros e levava o seu por becos apertados. Estava extremamente nervosa; não falava, gritava, tendo a mente concentrada em duas coisas: dirigir loucamente e berrar em sua cara. Ele também berrou. Sentia-se aprisionado dentro de um carro com uma mulher insana que pretendia matá-lo ou se matar.

Ultrapassou todos os semáforos e levou xingamentos de todos os tipos. Todas as tentativas de acalmá-la fracassaram. A bela e pacata mulher transformou-se em um verdadeiro vulcão. A sorte deles foi que o destino pretendido por ela era a casa deles, que não era muito longe de seu trabalho. Quando se aproximaram, gritou em sua cara novamente:

- Sai do meu carro agora!

- Não vai se acalmar?
- Sai do meu carro agora!
- Fica calma, vamos continuar a conversa em casa.

Não parava de gritar, algumas pessoas diminuíaam o passo para acompanhar a cena; foi quando ele saiu do carro batendo a porta com violência e ela arrancou dirigindo com a mesma velocidade do que antes. Acompanhou-a com o olhar por uns instantes e viu como seguia forçando caminho entre os outros carros. Virou-se e foi para casa, indignado, abatido.

Durante as primeiras horas que sucederam àquela cena surreal, refugiou-se no rancor e com ele se armou para não ceder, para não ligar para ela. Mas à medida que as horas foram se passando, seu peito começou a doer. Pegou e largou o telefone várias vezes, até não suportar mais a dor que parecia saltar-lhe pela boca. Ligou. Telefone desligado. A dor recuou, um pouco. Desligou. Isso significava que ela não esperava sua ligação. Havia um certo consolo nisso. Era uma chance de voltar a se esconder atrás da mágoa que sentia dela. Temia por ela e temia perdê-la. Era a primeira vez que sentia esse tipo de medo, o de perder alguém, mais especificamente, uma mulher, isso lhe confirmava que ele sempre a amou e que seus sentimentos para com ela eram genuínos. Sim, ele realmente amava aquela mulher que, feito chuva de abril, se infiltrou em sua vida, cobrindo-o igualmente de frescor e de calor. Imprimiu em sua vida sentidos que desconhecia, com seu perfume, meninice, feminilidade, ternura, caprichos, ideias divertidas, loucura, razão e desejos.

Já tinham discutido antes. Caprichos de garota, briga de namorados. Viu-se por vezes envolvido nesse jogo do qual não gostava. O peito ficava apertado e não suportava o atrito. Tudo aquilo, no entanto, parecia brincadeira comparado ao que estava acontecendo agora. Abdurrahmân não gostava de ceder nem de se desculpar, mas a preocupação ardia-lhe o peito. Talvez estivesse sentada no carro estacionado perto da casa, ou de pé no calçadão da praia. Não tinha forças para se vestir e sair procurando por ela e nem era de seu feitio fazer alguém se sentir imprescindível para ele, mesmo se tratando da mulher que amava. Voltou a sentir dor no coração. Tinha lido que o coração não doía, que sua dor se refletia em outro lugar. A única dor sentida pelo coração era da saudade. E era essa que lhe doía o coração agora. Não tinha nada errado com sua pulsação, mas era dor, dor, bem no coração. De repente, ele percebeu que detestava tudo que excedia, na verdade, tudo

que era exagerado o perturbava: tristeza demais, amor demais, limpeza demais. Tudo que se teme perturba e tudo que por ele se teme perturba.

Lentas, as horas foram passando de noite. De manhã, voltou a ligar para ela. O telefone ainda desligado. Pensou que, estando no trabalho, o tempo passaria mais rápido, mas estava enganado. Absorto, incapaz de se concentrar, decidiu então voltar para casa.

No caminho, passou-lhe pela cabeça que poderia estar esperando por ele. Pensou também que a história chegou aos finais. Por que não recuperar sua liberdade e seguir sua vida sem ela? A ideia lhe pareceu confortante, afinal, passou toda a vida antes dela agarrado à sua liberdade e sempre gostava de continuar vivendo da forma que ele mesmo escolhia.

Era meio-dia. Uma tardezinha de abril. Não resistiu à tentação de caminhar em direção ao calçadão da praia. Era mais confortável sentar-se em um dos cafés do Rawche e olhar o mar do que voltar para uma casa sem ela.

Escolheu uma cadeira em frente para o mar que, pela primeira vez, não conseguiu lhe aquietar a alma. Ficou mais apreensivo e começou a sentir tonturas. Não terminou de tomar o cafezinho que tinha acabado do pôr na xícara branca, saiu do café confuso, enfiou-se dentro do primeiro táxi que passava. Calado e com alguns acenos de cabeça, resistiu às tentativas do motorista para puxar conversas sobre o tempo, o congestionamento e a situação do país.

Entrou em casa. Parecia ter sofrido a passagem de um vendaval. Xícaras, pratos, canecas de Nescafé que colecionavam em pares iguais, molduras de retratos, vasos... Uma destruição espalhada no chão do corredor e da entrada.

Enquanto olhava a cena de destruição absurda, ela apareceu na porta do quarto. Estava transfigurada. Não era a pessoa com quem vivia há anos. A raiva alterou completamente suas feições. Parada na porta, com a mão na cintura, agitava o corpo sem parar. Olhou para ela. Não era olhar de censura nem melancolia, mas, sim, de espanto e de indagação. Não tardou para acontecer a explosão seguinte:

– Quem disse a você que queria me casar e ter um filho? Eu não quero ter um filho seu. Você não me merece, nem está e nunca estará à minha altura, você não merece que eu dê para você uma extensão de meu útero.

Não respondeu. Juntava os estilhaços lentamente, aguardando que ela dissesse mais coisas, tudo que tinha vontade e de uma só vez. Ele não sabia como agir, nem o que dizer, mas sabia que uma palavrinha errada poderia transformar sua relação em algo parecido com os fragmentos espalhados no chão. Depois de alguns segundos, ela acrescentou:

– Não quero amá-lo também. Seremos amigos apenas, o que, aliás, é muito para você.

Continuou catando os cacos, sem saber que sua atitude acabaria por provocar sua ira.

– Não me ignore. Estou falando com você –, gritou.

Evitando pisar nos cacos, ele caminhou até o sofá, sentou-se e acendeu um cigarro.

– Estou ouvindo, fala.

– Eu falei que não quero você como marido.

– Eu escutei.

– Mas não respondeu.

Voltou ao silêncio, estava realmente perplexo. Será que devia dizer: “saia agora, nunca mais quero vê-la” ou “eu quero que continue sendo minha namorada e minha mulher”. Será que devia ficar calado? Mas não dizer nada iria enfurecê-la. Por que, então, não fazer seu jogo? Por que não gritar também, repreendendo-a pelo que fez? Talvez seja uma escolha viável.

Levantou a cabeça em direção a ela. Olhou-a diretamente nos olhos e percebeu que ela ficou um tanto abalada. Fixou os olhos nela, estava com muita raiva. Foi torturado o suficiente nas últimas horas. Ela parou de sacudir as pernas continuamente, virou e olhou para os destroços.

– Vamos sair e conversar um pouco?

Ele não consentiu e ela voltou a gritar:

– Eu lhe disse para sairmos e conversamos um pouco.

Ele jogou a bituca do cigarro no chão, pisou nela e em alguns cacos de vidro. O som desagradável era também alarmante. Estava frente a frente com ela agora. A cena foi terrível. Eram mesmo os dois amantes que escreviam canções sobre a chuva? Disse-lhe então com calma, mas com firmeza que ela bem conhece: “Ou você cala a boca, ou tudo vai ser parecido com esta cena”.

Ela se virou e se afastou, dizendo: “Não faça nada agora. Vou dormir, depois eu arrumo tudo”.

Foi uma saída conveniente para adiar uma enorme explosão, que poderia arrasar a ambos. Talvez entendesse que sua atitude foi ameaçadora e por isso optou por recuar antes, no entanto, precisava de uma retirada honrosa, do tipo que se dá após algo ser proferido. Dizer algo significaria o início da retirada da sua parte também. Ela descontou sua raiva por meio da campanha de destruição que atingiu muito do que compartilhavam, ao mesmo tempo

ela sabia da importância de continuar mostrando sua raiva, até conseguir empurrá-lo a um determinado ponto. Se ele pronunciasse uma única palavra, significaria que estava propenso a falar, mas se continuasse calado, isso a obrigaria a outros esforços até que ele começasse a falar de novo.

Ele passou cerca de duas horas recolhendo os restos deixados pela folia armada por ela sozinha. Ele sabia que ela não estava dormindo, e mesmo se estivesse, o barulho do vidro quebrado sendo recolhido a acordaria. Abdurrahmân tentou todo o tempo não pensar no momento seguinte, quando ela voltasse à sala. Ele também tinha certeza de que não voltaria a brigar, mas os estilhaços de vidro em suas mãos estavam indicando uma ruptura na convivência que durante anos foi o mais belo fulgor que teve em toda sua vida.

Salam retirou-se, de fato, com a intenção de dormir. Teve medo de provocá-lo demais. Ela estava muito cansada também, afinal, foi uma noite difícil, passada entre o banco do carro e um assento de cascalho em um café ao norte de Beirute, a madrugada não foi melhor, até chegar a casa e empreender essa quebradeira toda. Tentou dormir, quase conseguiu por causa do cansaço, mas a dor de cabeça e o processo de limpeza impediram a soneca agitada de evoluir em um sono que pudesse lhe acalmar os nervos.

Ao som do vidro sendo varrido, ela tentou reanalisar os fatos e organizar suas ideias. Tudo começou de tarde, antes de ela buscá-lo no Centro. Aquela linda menina, que ficava junto dela na loja de roupas femininas. Ela tinha ido à loja buscar um vestido que tinha comprado, mas que precisava de algum ajuste. Na loja, havia uma menina acompanhando a mãe, loira, de olhos verdes cheios de alegria; conversou com ela e a menina correspondeu, depois levantou os braços pedindo para carregá-la e abraçá-la; Salam atendeu e sentiu um calor diferente passar em suas veias, imanando do pequeno corpo. Abraçou-a com um carinho que nunca antes experimentado. O trabalho que dava cuidar de crianças e atender a seus caprichos estranhos representava uma razão adicional à sua recusa de ter filhos e de enfrentar tudo que vinha com isso. Mas ela se sentia diferente agora. Do brincar com a criança até conversar com a mãe, surgiu a pergunta tradicional: se era casada e se tinha filhos da idade daquela pequena.

– Não, ainda não.

– Que Deus queira, então.

Assim terminou a breve conversa que detonou em sua cabeça mil perguntas. Por que não poderia ter uma garotinha, justo ela? Arrumaria seu cabelo, encher-lhe-ia de enfeitinhos, assistiria a um pequeno corpo crescer entre seus braços: por que não? Vou pedir a Abdurrahmân para fazermos

uma pequena celebração de casamento e termos uma menina, disse a si mesma. A memória de agosto estava ainda viva em sua cabeça e ela sabia que não estava falando sério. Mas ela não aguentava a ideia de ser ela quem não quisesse se casar e ter filhos. Como contaria tudo isso a ele agora? Poderia tudo voltar ao que era antes daquela excursão louca?

Sentia-se exausta procurando por uma saída. Ele perguntaria sobre o que motivou tudo aquilo. Como de costume, ele insistiria para que respondesse suas sucessivas perguntas. Era possível que ficasse calado por um tempo e que passasse mais tempo de silêncio e de rotina, e então, voltasse a perguntar sobre o que motivou os eventos naquela tarde de abril.

Não chegou a nenhuma saída. Não encontrou a palavra apropriada para retomar a conversa com ele. De repente, o céu enlouqueceu, nublou rapidamente, relâmpagos e trovões. Aquelas excentricidades e abril. A chuva caía com violência em direção da terra desejando envolvê-la em um abraço ríspido. Açoitava-a com força, como que quisesse raspar sua cara. Salam pulou da cama em direção à sala, onde ele estava descansando depois daquela rodada de limpeza. Atirou-se sobre ele, pendurando-se em seu pescoço, abraçou-o bem apertado. “Desculpa”, sussurrou. Ele nada disse. Envolveu-a e seus dedos iniciaram a jornada de desmonte de seu cabelo, avançando devagarinho em direção ao pescoço, fazendo aquele abraço transformar-se em uma torrente de beijos ardentes. Sentia sua água entre os dedos. Era uma mulher que transbordava. Salvos pela chuva de abril, mas...



EL CHIFLÓN DEL DIABLO

BALDOMERO LILLO



O TEXTO: O conto “El Chiflón de Diablo” integra o livro *Sub-terra*, de Baldomero Lillo, publicado em 1904, em que o autor descreve, sob diferentes pontos de vista e personagens, a vida dos mineiros que viveram e morreram nas minas de carvão de Lota, ao sul do Chile, ao final do século XIX e início do XX. As condições sub-humanas vividas por esses trabalhadores inspiraram vários relatos de Lillo, com os quais teve contato e cuja realidade denunciou através de suas narrativas sociais, que incluem a mina de carvão conhecida como o *Chiflón del Diablo* (Silvo do Diabo), uma das mais antigas do Chile, que operou entre 1857 e 1990, declarada Monumento Histórico do país em 2009. No conto, descreve-se a história do jovem mineiro Cabeça de Cobre e de sua mãe, María de los Ángeles, e os acontecimentos que sucedem na mina, dona de uma sinistra fama.

Texto traduzido: Lillo, Baldomero. *Sub terra - Cuadros mineros*. Santiago: Imprenta Moderna, 1904, pp. 109-136. **Texto consultado:** “El Chiflón del Diablo”. In. *A Alma da Máquina*. Desterro: Nephelibata, 2008, pp. 37-54.

O AUTOR: Baldomero Lillo (1867-1923) foi um escritor chileno, considerado o mestre do Realismo em seu país. Nasceu em Lota e mudou-se para Santiago em 1897, em busca de um espaço literário, que alcançou com a publicação de seu primeiro conto “Juan Fariña”, na *Revista Católica de Santiago*, em 1903. Trabalhou na redação do jornal *El Mercurio* e foi colaborador da revista *Zig-Zag*. Em 1904, publicou *Sub-terra*, uma compilação de narrativas sobre a vida dos mineiros, e em 1907, *Sub-Sole*, sobre a vida camponesa e marítima. Parte significativa de sua obra foi publicada postumamente, em *Relatos populares* (1947) e *El hallazgo y otros cuentos del mar* (1956).

O TRADUTOR: Gleiton Lentz, editor da (n.t.), é doutor em Literatura, tradutor e revisor. Dedicou-se ao estudo e tradução da poesia simbolista italiana e hispano-americana. Para a (n.t.) já traduziu Delmira Agustini, Alejandra Pizarnik, Alfonsina Storni, Vittoria Aganoor, Dino Campana, entre outros.

EL CHIFLÓN DEL DIABLO

“La galería del Chiflón del Diablo tenía una siniestra fama.”

BALDOMERO LILLO

En una sala baja y estrecha, el capataz de turno sentado en su mesa de trabajo y teniendo delante de sí un gran registro abierto, vigilaba la bajada de los obreros en aquella fría mañana de invierno. Por el hueco de la puerta se veía el ascensor aguardando su carga humana que, una vez completa, desaparecía con él, callada y rápida, por la húmeda abertura del pique.

Los mineros llegaban en pequeños grupos, y mientras descolgaban de los ganchos adheridos a las paredes sus lámparas, ya encendidas, el escribiente fijaba en ellos una ojeada penetrante, trazando con el lápiz una corta raya al margen de cada nombre. De pronto, dirigiéndose a dos trabajadores que iban presurosos hacia la puerta de salida los detuvo con un ademán, diciéndoles:

– Quédense ustedes.

Los obreros se volvieron sorprendidos y una vaga inquietud se puntó en sus pálidos rostros. El más joven, muchacho de veinte años escasos, pecoso, con una abundante cabellera rojiza, a la que debía el apodo de Cabeza de Cobre, con que todo el mundo lo designaba, era de baja estatura, fuerte y robusto. El otro más alto, un tanto flaco y huesudo, era ya viejo de aspecto endeble y achacoso.

Ambos con la mano derecha sostenían la lámpara y con la izquierda su manajo de pequeños trozos de cordel en cuyas extremidades había atados un botón o una cuenta de vidrio de distintas formas y colores; eran los tantos o señales que los barreteros sujetan dentro de las carretillas de carbón para indicar arriba su procedencia.

La campana del reloj colgado en el muro dio pausadamente las seis. De cuando en cuando un minero jadeante se precipitaba por la puerta, descol-

gaba su lámpara y con la misma prisa abandonaba la habitación, lanzando al pasar junto a la mesa una tímida mirada al capataz, quien, sin despegar los labios, impasible y severo, señalaba con una cruz el nombre del rezagado.

Después de algunos minutos de silenciosa espera, el empleado hizo una seña a los obreros para que se acercasen, y les dijo:

– Son ustedes carreteros de la Alta, ¿no es así?

– Sí, señor – respondieron los interpellados.

– Siento decirles que se quedan sin trabajo. Tengo orden de disminuir el personal de esa veta.

Los obreros no contestaron y hubo por un instante un profundo silencio.

Por fin el de más edad dijo:

– ¿Pero se nos ocupará en otra parte?

El individuo cerró el libro con fuerza y echándose atrás en el asiento con tono serio contestó:

– Lo veo difícil, tenemos gente de sobra en todas las faenas.

El obrero insistió:

– Aceptamos el trabajo que se nos dé, seremos torneros, apuntaladores, lo que Ud. quiera.

El capataz movía la cabeza negativamente.

– Ya lo he dicho, hay gente de sobre y si los pedidos de carbón no aumentan, habrá que disminuir también la explotación en algunas otras vetas.

Una amarga e irónica sonrisa contrajo los labios del minero, y exclamó:

– Sea usted franco, don Pedro, y díganos de una vez que quiere obligarnos a que vayamos a trabajar al Chiflón del Diablo.

El empleado se irguió en la silla y protestó indignado:

– Aquí no se obliga a nadie. Así como Uds. son libres de rechazar el trabajo que no les agrade, la Compañía, por su parte, está en su derecho para tomar las medidas que más convengan a sus intereses.

Durante aquella filípica, los obreros con los ojos bajos escuchaban en silencio y al ver su humilde continente la voz del capataz se dulcificó.

– Pero, aunque las órdenes que tengo son terminantes – agregó –, quiero ayudarles a salir del paso. Hay en el Chiflón Nuevo o del Diablo, como Uds. lo llaman, dos vacantes de barreteros, pueden ocuparlas ahora mismo, pues mañana sería tarde.

Una mirada de inteligencia se cruzó entre los obreros. Conocían la táctica y sabían de antemano el resultado de aquella escaramuza. Por lo demás estaban ya resueltos a seguir su destino. No había medio de evadirse. Entre morir de hambre o morir aplastado por un derrumbe, era preferible lo último: tenía la ventaja de la rapidez. ¿Y dónde ir? El invierno, el implacable enemigo de los desamparados, como un acreedor que cae sobre los haberes del insolvente sin darle tregua ni esperas, había despojado a la naturaleza de todas sus galas. El rayo tibio del sol, el esmaltado verdor de los campos, las alboradas de rosa y oro, el manto azul de los cielos, todo había sido arrebatado por aquel Shylock inexorable que, llevando en la diestra su inmensa talega, iba recogiendo en ella los tesoros de color y luz que encontraba al paso sobre la faz de la tierra.

Las tormentas de viento y lluvia que convertían en torrentes los lánguidos arroyuelos, dejaban los campos desolados y yermos. Las tierras bajas eran inmensos pantanos de aguas cenagosas, y en las colinas y en las laderas de los montes, los árboles sin hojas ostentaban bajo el cielo eternamente opaco la desnudez de sus ramas y de sus troncos.

En las chozas de los campesinos el hambre asomaba su pálida faz a través de los rostros de sus habitantes, quienes se veían obligados a llamar a las puertas de los talleres y de las fábricas en busca del pedazo de pan que les negaba el mustio suelo de las campiñas exhaustas.

Había, pues, que someterse a llenar los huecos que el fatídico corredor abría constantemente en sus filas de inermes desamparados, en perpetua lucha contra las adversidades de la suerte, abandonados de todos, y contra quienes toda injusticia e iniquidad estaba permitida.

El trato quedó hecho. Los obreros aceptaron sin poner objeciones el nuevo trabajo, y un momento después estaban en la jaula, cayendo a plomo en las profundidades de la mina.

La galería del Chiflón del Diablo tenía una siniestra fama. Abierta para dar salida al mineral de un filón recién descubierto, se habían en un principio ejecutado los trabajos con el esmero requerido. Pero a medida que se ahondaba en la roca, ésta se tornaba porosa e inconsistente. Las filtraciones un tanto escasas al empezar habían ido en aumento, haciendo muy precaria la estabilidad de la techumbre que sólo se sostenía mediante sólidos revestimientos.

Una vez terminada la obra, como la inmensa cantidad de maderas que había que emplear en los apuntalamientos aumentaba el costo del mineral de un modo considerable, se fue descuidando poco a poco esta parte esen-

cialísima del trabajo. Se revestía siempre, sí, pero con flojedad, economizando todo lo que se podía.

Los resultados de este sistema no se dejaron esperar. Continuamente había que extraer de allí a un contuso, un herido y también a veces algún muerto aplastado por un brusco desprendimiento de aquel techo falto de apoyo, y que, minado traidoramente por el agua, era una amenaza constante para las vidas de los obreros, quienes atemorizados por la frecuencia de los hundimientos empezaron a rehuir las tareas en el mortífero corredor. Pero la Compañía venció muy luego su repugnancia con el cebo de unos cuantos centavos más en los salarios y la explotación de la nueva veta continuó.

Muy luego, sin embargo, el alza de los jornales fue suprimida sin que por esto se paralizasen las faenas, bastando para obtener este resultado el método puesto en práctica por el capataz aquella mañana.

Muchas veces, a pesar de los capitales invertidos en esa sección de la mina, se había pensado en abandonarla, pues el agua estropeaba en breve los revestimientos que había que reforzar continuamente, y aunque esto se hacía en las partes sólo indispensables, el consumo de maderos resultaba siempre excesivo. Pero para desgracia de los mineros, la hulla extraída de allí era superior a la de los otros filones, y la carne del dócil y manso rebaño puesta en el platillo más leve, equilibraba la balanza, permitiéndole a la Compañía explotar sin interrupción el riquísimo venero, cuyos negros cristales guardaban a través de los siglos la irradiación de aquellos millones de soles que trazaron su ruta celeste, desde el oriente al ocaso, allá en la infancia del planeta.

Cabeza de Cobre llegó esa noche a su habitación más tarde que de costumbre. Estaba grave, meditabundo, y contestaba con monosílabos las cariñosas preguntas que le hacía su madre sobre su trabajo del día. En ese hogar humilde había cierta decencia y limpieza por lo común desusadas en aquellos albergues donde en promiscuidad repugnante se confundían hombres, mujeres y niños y una variedad tal de animales que cada uno de aquellos cuartos sugería en el espíritu la bíblica visión del Arca de Noé.

La madre del minero era una mujer alta, delgada, de cabellos blancos. Su rostro muy pálido tenía una expresión resignada y dulce que hacía más suave aún el brillo de sus ojos húmedos, donde las lágrimas parecían estar siempre prontas a resbalar. Llamábase María de los Ángeles.

Hija y madre de mineros, terribles desgracias la habían envejecido prematuramente. Su marido y dos hijos muertos unos tras otros por los hundimientos y las explosiones del grisú, fueron el tributo que los suyos habían

pagado a la insaciable avidez de la mina. Sólo le restaba aquel muchacho por quien su corazón, joven aún, pasaba en continuo sobresalto.

Siempre temerosa de una desgracia, su imaginación no se apartaba un instante de las tinieblas del manto carbonífero que absorbía aquella existencia que era su único bien, el único lazo que la sujetaba a la vida.

¿Cuántas veces en esos instantes de recogimiento había pensado, sin acertar a explicárselo, en el porqué de aquellas odiosas desigualdades humanas que condenaban a los pobres, al mayor número, a sudar sangre para sostener el fausto de la inútil existencia de unos pocos! ¡Y si tan sólo se pudiera vivir sin aquella perpetua zozobra por la suerte de los seres queridos, cuyas vidas eran el precio, tantas veces pagado, del pan de cada día!

Pero aquellas cavilaciones eran pasajeras, y no pudiendo descifrar el enigma, la anciana ahuyentaba esos pensamientos y tornaba a sus quehaceres con su melancolía habitual.

Mientras la madre daba la última mano a los preparativos de la cena, el muchacho sentado junto al fuego permanecía silencioso, abstraído en sus pensamientos. La anciana, inquieta por aquel mutismo, se preparaba a interrogarlo cuando la puerta giró sobre sus goznes y un rostro de mujer asomó por la abertura.

– Buenas noches, vecina. ¿Cómo está el enfermo? – preguntó cariñosamente María de los Ángeles.

– Lo mismo – contestó la interrogada, penetrando en la pieza –. El médico dice que el hueso de la pierna no ha soldado todavía y que debe estar en la cama sin moverse.

La recién llegada era una joven de moreno semblante, demacrado por vigiliyas y privaciones. Tenía en la diestra una escudilla de hoja de lata y, mientras respondía, esforzábale por desviar la vista de la sopa que humeaba sobre la mesa.

La anciana alargó el brazo y cogió el jarro y en tanto vaciaba en él el caliente líquido, continuó preguntando:

– ¿Y hablaste, hija, con los jefes? ¿Te han dado algún socorro?

La joven murmuró con desaliento:

– Sí, estuve allí. Me dijeron que no tenía derecho a nada, que bastante hacían con darnos el cuarto; pero, que si él moría fuera a buscar una orden para que en despacho me entregaran cuatro velas y una mortaja.

Y dando un suspiro agregó:

– Espero en Dios que mi pobre Juan no los obligará a hacer ese gasto.

María de los Ángeles añadió a la sopa un pedazo de pan y puso ambas dádivas en mano de la joven, quien se encaminó hacia la puerta, diciendo agradecida:

– La Virgen se lo pagará, vecina.

– Pobre Juana – dijo la madre, dirigiéndose hacia su hijo, que había arrimado su silla junto a la mesa –, pronto hará un mes que sacaron a su marido del pique con la pierna rota. ¿En qué se ocupaba?

– Era barretero del Chiflón del Diablo.

– ¡Ah, sí, dicen que los que trabajan ahí tienen la vida vendida!

– No tanto, madre – dijo el obrero –, y ahora es distinto, se han hecho grandes trabajos de apuntalamientos. Hace más de una semana que no hay desgracias.

– Será así como dices, pero yo no podría vivir si trabajaras allá; preferiría irme a mendigar por los campos. No quiero que te traigan un día como trajeron a tu padre y a tus hermanos.

Gruesas lágrimas se deslizaron por el pálido rostro de la anciana. El muchacho callaba y comía sin levantar la vista del plato.

Cabeza de Cobre se fue a la mañana siguiente a su trabajo sin comunicar a su madre el cambio de faena efectuado el día anterior. Tiempo se sobra habría siempre para darle aquella mala noticia. Con la despreocupación propia de la edad no daba grande importancia a los temores de la anciana. Fatalista, como todos sus camaradas, creía que era inútil tratar de sustraerse al destino que cada cual tenía de antemano designado.

Cuando una hora después de la partida de su hijo María de los Ángeles abrió la puerta, se quedó encantada de la radiante claridad que inundaba los campos. Hacía mucho tiempo que sus ojos no veían una mañana tan hermosa. Un nimbo de oro circundaba el disco del sol que se levantaba sobre el horizonte enviando a torrentes sus vívidos rayos sobre la húmeda tierra, de la que se desprendían por todas partes azulados y blancos vapores. La luz del astro, suave como una caricia, derramaba un soplo de vida sobre la naturaleza muerta. Bandadas de aves cruzaban, allá lejos, el sereno azul, y un gallo de plumas tornasoladas desde lo alto de un montículo de arena lanzaba una alerta estridente cada vez que la sombra de un pájaro deslizábase junto a él.

Algunos viejos, apoyándose en bastones y muletas, aparecieron bajo los sucios corredores, atraídos por el glorioso resplandor que iluminaba el pai-

saje. Caminaban despacio, estirando sus miembros entumecidos, ávidos de aquel tibio calor que fluía de lo alto.

Eran los inválidos de la mina, los vencidos del trabajo. Muy pocos eran los que no estaban mutilados y que no carecían ya de un brazo o de una pierna. Sentados en un banco de madera que recibía de lleno los rayos del sol, sus pupilas fatigadas, hundidas en las órbitas tenían una extraña fijeza. Ni una palabra se cruzaba entre ellos, y de cuando en cuando tras una tos breve y cavernosa, sus labios cerrados se entreabrían para dar paso a un escupitajo negro como la tinta.

Se acercaba la hora del mediodía y en los cuartos las mujeres atareadas preparaban las cestas de la merienda para los trabajadores, cuando el breve repique de la campana se alarma las hizo abandonar la faena y precipitarse desfavoridas fuera de las habitaciones.

En la mina el repique había cesado y nada hacía presagiar una catástrofe. Todo allí tenía el aspecto ordinario y la chimenea dejaba escapar sin interrupción su enorme penacho que se ensanchaba y crecía arrastrado por la brisa que lo empujaba hacia el mar.

María de los Ángeles se ocupaba en colocar en la cesta destinada a su hijo la botella de café, cuando la sorprendió el toque de alarma y, soltando aquellos objetos, se abalanzó hacia la puerta frente a la cual pasaban a escape con las faldas levantadas, grupos de mujeres seguidas de cerca por turbas de chiquillos que corrían desesperadamente en pos de sus madres. La anciana siguió aquel ejemplo: sus pies parecían tener alas, el aguijón del terror galvanizaba sus viejos músculos y todo su cuerpo se estremecía y vibraba como la cuerda del arco en su máximo de tensión.

En breve se colocó en primera fila, y su blanca cabeza herida por los rayos del sol parecía atraer y precipitar tras de sí la masa sombría del harapiento rebaño.

Las habitaciones quedaron desiertas. Sus puertas y ventanas se abrían y se cerraban con estrépito impulsadas por el viento. Un perro atado en uno de los corredores, sentado en sus cuartos traseros, con la cabeza vuelta hacia arriba, dejaba oír un aullido lúgubre como respuesta al plañidero clamor que llegaba hasta él, apagado por la distancia.

Sólo los viejos no habían abandonado su banco calentado por el sol, y mudos e inmóviles, seguían siempre en la misma actitud, con los turbios ojos fijos en un más allá invisible y ajenos a cuanto no fuera aquella férvida irradiación que infiltraba en sus yertos organismos un poco de aquella energía y de aquel tibio calor que hacía renacer la vida sobre los campos desiertos.

Como los polluelos que, percibiendo de improviso el rápido descenso del gavián, corren lanzando pitíos desesperados a buscar un refugio bajo las plumas erizadas de la madre, aquellos grupos de mujeres con las cabelleras desentrenzadas, que gimoteaban fustigadas por el terror, aparecieron en breve bajo los brazos descarnados de la cabria, empujándose y estrechándose sobre la húmeda plataforma. Las madres apretaban a sus pequeños hijos, envueltos en sucios harapos, contra el seno semidesnudo, y un clamor que no tenía nada de humano brotaba de las bocas entreabiertas contraídas por el dolor.

Una recia barrera de maderos defendía por un lado la abertura del pozo, y en ella fue a estrellarse parte de la multitud. En el otro lado unos cuantos obreros con la mirada hosca, silenciosos y taciturnos, contenían las apretadas filas de aquella turba que ensordecía con sus gritos, pidiendo noticias de sus deudos, del número de muertos y del sitio de la catástrofe.

En la puerta de los departamentos de las máquinas se presentó con la pipa entre los dientes uno de los ingenieros, un inglés corpulento, de patillas rojas, y con la indiferencia que da la costumbre, paseó una mirada sobre aquella escena. Una formidable imprecación lo saludó y centenares de voces aullaron:

– ¡Asesinos, asesinos!

Las mujeres levantaban los brazos por encima de sus cabezas y mostraban los puños ebrios de furor. El que había provocado aquella explosión de odio lanzó al aire algunas bocanadas de humo y volviendo la espalda, desapareció.

La noticia que los obreros daban del accidente calmó un tanto aquella excitación. El suceso no tenía las proporciones de las catástrofes de otras veces: sólo había tres muertos de quienes se ignoraban aún los nombres. Por lo demás, y casi no había necesidad de decirlo, la desgracia, un derrumbe, había ocurrido en la galería del Chiflón del Diablo, donde trabajaba ya hacía dos horas en extraer las víctimas, esperándose de un momento a otro la señal de izar en el departamento de las máquinas.

Aquel relato hizo nacer la esperanza en muchos corazones devorados por la inquietud. María de los Ángeles, apoyada en la barrera, sintió que la tenaza que mordía sus entrañas aflojaba sus férreos garfios. No era la suya esperanza sino certeza: de seguro él no estaba entre aquellos muertos. Y reconcentrada en sí misma con ese feroz egoísmo de las madres oía casi con indiferencia los histéricos sollozos de las mujeres y sus ayes de desolación y angustia.

Entretanto huían las horas, y bajo las arcadas de cal y ladrillo la máquina inmóvil dejaba reposar sus miembros de hierro en la penumbra de los vastos departamentos; los cables, como los tentáculos de un pulpo, surgían estrechecientes del pique hondísimo y enrosocaban en la bobina sus flexibles y

viscosos brazos; la maza humana apretada y compacta palpitaba y gemía como una res desangrada y moribunda, y arriba, por sobre la campiña inmensa, el sol, traspuesto ya el meridiano, continuaba lanzando los haces centelleantes de sus rayos tibios y una calma y serenidad celestes se desprendían del cóncavo espejo del cielo, azul y diáfano, que no empañaba una nube.

De improviso el llanto de las mujeres cesó: un campanazo seguido de otros tres resonaron lentos y vibrantes: era la señal de izar. Un estremecimiento agitó la muchedumbre, que siguió con avidez las oscilaciones del cable que subía, en cuya extremidad estaba la terrible incógnita que todos ansiaban y temían descifrar.

Un silencio lúgubre interrumpido apenas por uno que otro sollozo reinaba en la plataforma, y el aullido lejano se esparcía en la llanura y volaba por los aires, hiriendo los corazones como un presagio de muerte.

Algunos instantes pasaron, y de pronto la gran argolla de hierro que corona la jaula asomó por sobre el brocal. El ascensor se balanceó un momento y luego se detuvo por los ganchos del reborde superior.

Dentro de él algunos obreros con las cabezas descubiertas rodeaban una carretilla negra de barro y polvo de carbón.

Un clamoreo inmenso saludó la aparición del fúnebre carro, la multitud se arremolinó y su loca desesperación dificultaba enormemente la extracción de los cadáveres. El primero que se presentó a las ávidas miradas de la turba estaba forrado en mantas y sólo dejaba ver los pies descalzos, rígidos y manchados de lodo. El segundo que siguió inmediatamente al anterior tenía la cabeza desnuda: era un viejo de barba y cabellos grises.

El tercero y último apareció a su vez. Por entre los pliegues de la tela que lo envolvía asomaban algunos mechones de pelos rojos que lanzaban a la luz del sol un reflejo de cobre recién fundido. Varias voces profirieron con espanto:

– ¡El Cabeza de Cobre!

El cadáver tomado por los hombros y por los pies fue colocado trabajosamente en la camilla que lo aguardaba.

María de Los Ángeles al percibir aquel lívido rostro y esa cabellera que parecía empapada en sangre, hizo un esfuerzo sobrehumano para abalanzarse sobre el muerto; pero apretada contra la barrera sólo pudo mover los brazos en tanto que un sonido inarticulado brotaba de su garganta.

Luego sus músculos se aflojaron, los brazos cayeron a lo largo del cuerpo y permaneció inmóvil en el sitio como herida por el rayo.

Los grupos se apartaron y muchos rostros se volvieron hacia la mujer, quien con la cabeza doblada sobre el pecho, sumida en una sensibilidad absoluta, parecía absorta en la contemplación del abismo abierto a sus pies.

Un rayo de luz, pasando a través de la red de cables y de maderos, haría oblicuamente la húmeda pared del pozo. Atraídas por aquel punto blanco y brillante las pupilas de la anciana, espantosamente dilatadas, claváronse en el círculo luminoso, el cual lentamente y como si obedeciera a la inexorable, escrutadora mirada, fue ensanchándose y penetrando en la masa de roca como a través de un cristal diáfano y transparente.

Aquella rendija, semejante al tubo de un colosal anteojito, puso a la vista de María de los Ángeles un mundo desconocido; un laberinto de corredores abiertos en la roca viva, sumergidos en tinieblas impenetrables y en las cuales el rayo del sol esparcía una claridad vaga y difusa.

A veces el haz luminoso, cual una barrera de diamantes, agujereaba los techos de lóbregas galerías a las que se sucedían redes inextricables de pasadizos estrechos por los que apenas podría deslizarse una alimaña.

De pronto las pupilas de las ancianas se animaron: tenía a la vista un largo corredor muy inclinado en el que tres hombres forcejeaban por colocar dentro de la vía una carretilla de mineral. Una lluvia copiosa caía desde la techumbre sobre sus torsos desnudos. María de los Ángeles reconoció a su hijo en uno de aquellos obreros en el instante en que se erguían violentamente y fijaban en el techo una mirada de espanto: siguióse un chasquido seco y desapareció la visión.

Cuando las tinieblas se disiparon, la anciana vio flotar sobre un montón de escombros una densa nube de polvo, al mismo tiempo que un llamado de infinita angustia, un grito de terrible agonía subió por el inmenso tubo acústico y murmuró junto a su oído:

– ¡Madre mía!

.....

Jamás se supo cómo salvó la barrera. Detenida por los cables niveles, se la vio por un instante agitar sus piernas descarnadas en el vacío, y luego, sin un grito, desaparecer en el abismo. Algunos segundos después, el ruido sordo, lejano, casi imperceptible, brotó de la hambrienta boca del pozo de la cual se escapaban bocanadas de tenues vapores: era el aliento del monstruo ahíto de sangre en el fondo de su cubil.



EL CHIFLÓN DEL DIABLO¹

“A galeria do Chiflón del Diablo tinha uma fama sinistra.”

BALDOMERO LILLO

Em uma sala baixa e escura, o capataz de turno, sentado em sua mesa de trabalho, e tendo diante de si um grande registro aberto, vigiava a descida dos operários naquela fria manhã de inverno. Pelo buraco da porta, via-se o elevador aguardando sua carga humana que, uma vez completa, desaparecia com ele, silenciosa e rápida, pela úmida entrada da mina.

Os mineiros chegavam em pequenos grupos e, enquanto tiravam dos ganchos, presos à parede, suas lanternas já acesas, o escrevente fixava neles um olhar penetrante, traçando com o lápis um pequeno risco ao lado de cada nome. De repente, dirigindo-se a dois trabalhadores que seguiam apressados em direção à porta de saída, deteve-os com um gesto, dizendo:

– Vocês, fiquem.

Os operários viraram-se surpresos e uma vaga inquietação se desenhou em seus rostos pálidos. O mais jovem, rapaz de uns vinte anos, sardento, com uma profusa cabeleira ruiva, à qual devia o apelido de Cabeça de Cobre, com que todo mundo o chamava, era de baixa estatura, forte e robusto. O outro, mais alto, um tanto magro e ossudo, já era mais velho, de aspecto fraco e doentio.

Ambos, com a mão direita, seguravam as lâmpadas, e com a esquerda, um saco com pedacinhos de cordão, em cujas extremidades ficavam presos um botão ou uma conta de vidro, de diferentes formas e cores; eram as marcas

¹ *El Chiflón del Diablo*: literalmente, o Silvo do Diabo. O termo *chiflón* vem do aumentativo de *chiflu*, palavra de língua asturiana que significa *silvo, sibilo*. O ar na obscura galeria silva, ou seja, “chifla”, daí o nome da mina (n.t.)

ou os sinais que os mineiros utilizavam dentro dos carrinhos de carvão para indicar acima sua procedência.

A campainha do relógio pendurado na parede deu, pausadamente, seis horas. De vez em quando, um mineiro ofegante precipitava-se pela porta, apanhava sua lâmpada e com a mesma rapidez abandonava o lugar, lançando, ao passar ao pé da mesa, um tímido olhar ao capataz que, sem despegar os lábios, impassível e severo, assinalava com uma cruz o nome do atrasado.

Após alguns minutos de silenciosa espera, o capataz fez um sinal aos operários para que se aproximassem, e lhes disse:

– Vocês são os mineiros de Alta, não é mesmo?

– Sim, senhor – responderam os interpelados.

– Sinto lhes informar que estão dispensados. Tenho ordens de diminuir o pessoal desse veio.

Os operários nada responderam, e, por um momento, houve um profundo silêncio. Por fim, o mais velho perguntou:

– Mas irão nos aproveitar em outra parte?

O sujeito fechou o livro com força, inclinando-se no assento e, em tom de seriedade, respondeu:

– Acho difícil, temos gente de sobra em todas as funções.

O operário insistiu:

– Aceitamos qualquer trabalho, seja de torneiros, apontadores, o que o senhor quiser.

O capataz balançava cabeça negativamente.

– Já disse, há gente de sobra e se os pedidos de carvão não aumentarem, será preciso diminuir também a extração em alguns outros veios.

Um amargo e irônico sorriso contraiu os lábios do mineiro, que disse:

– Seja franco, dom Pedro, e nos diga de uma vez que quer nos mandar ao *Chiflón del Diablo*.

O capataz se ergueu da cadeira e protestou indignado:

– Aqui não se obriga ninguém. Assim como vocês são livres para recusar um trabalho que não lhes agrade, a Companhia, por sua vez, tem pleno direito de tomar as medidas que convenham aos seus interesses.

Durante a contenda, os operários, de olhos baixos, permaneceram em silêncio, e ao ver o humilde semblante de ambos, a voz do capataz se suavizou.

– Mas, embora as ordens que tenho sejam definitivas – acrescentou –, quero ajudá-los a sair desse impasse. Na nova galeria ou no *Chiflón del Diablo*, como vocês o chamam, há duas vagas para mineiros e vocês podem ocupá-las agora mesmo, pois amanhã será tarde.

Os operários trocaram um olhar esperto. Conheciam a tática e sabiam de antemão o resultado daquela escaramuça. Além disso, já estavam resolvidos a seguir seus destinos. Não havia meios de fugir. Entre morrer de fome ou esmagado por um desmoronamento, era preferível o segundo: tinha a vantagem da rapidez. E para onde ir? O inverno, o implacável inimigo dos desamparados, como um credor que cai sobre os bens do devedor sem dar-lhe trégua nem prazo, tinha despojado a natureza de todo o seu esplendor. O raio túbio do sol, o esmaltado verdor dos campos, as auroras rosadas e douradas, o manto azulado dos céus, tudo havia sido arrebatado por aquele Shylock² implacável que, trazendo na mão direita sua enorme taleiga, ia recolhendo nela todos os tesouros coloridos e brilhantes que encontrava no caminho sobre a face da terra.

As ventanias e as tormentas da chuva, que transformavam os pequenos arroios em torrentes, deixavam os campos desertos e inférteis. As terras baixas eram imensos pântanos de águas lodosas, e nas colinas e nas encostas do morro as árvores ostentavam, debaixo do céu eternamente opaco, a nudez de seus galhos e troncos.

Nas choupanas dos camponeses, a fome mostrava sua pálida face nos rostos famintos de seus moradores, que se viam obrigados a bater nas portas das oficinas e das fábricas em busca de um pedaço de pão que o estéril solo dos campos consumidos lhes negava.

Era preciso, pois, submeter-se a preencher os vazios que a fatídica galeria abria constantemente em suas filas de inermes desamparados, em perpétua luta contra as adversidades da sorte, abandonados por todos, e contra quem toda injustiça e iniquidade eram permitidas.

O trato foi feito. Os operários aceitaram o novo trabalho sem fazer objeções, e, um instante depois, estavam na gaiola, caindo fundo nas profundezas da mina.

A galeria do *Chiflón del Diablo* tinha uma fama sinistra. Aberta para dar saída ao mineral de um filão recém-descoberto, as atividades na mina, em princípio, foram executadas com esmero. Mas à medida que se penetrava na rocha, mais porosa e inconsistente se tornava. As infiltrações, ao início insig-

² *Shylock*: referência ao personagem shakespeariano Shylock, de *O Mercador de Veneza*, que representa o estereótipo do judeu avarento que enriquece emprestando dinheiro a juros. (n.t.)

nificantes, foram aumentando e tornando precária a estabilidade do teto da mina, que só se mantinha mediante contínuos revestimentos. Uma vez terminada a obra, a grande quantidade de madeira utilizada nos escoramentos acabou elevando consideravelmente o custo do minério, e logo essa parte essencial do trabalho foi abandonada. Sempre se revestia, sim, mas de maneira precária e com grande economia.

Os resultados desse sistema não demoraram a aparecer. Seguidamente era preciso tirar dali um operário contundido ou ferido e, às vezes, algum morto esmagado pelo desabamento brusco daquele teto sem apoio e que, minado traiçoeiramente pela água, era uma ameaça constante à vida dos operários. Aterrorizados pela frequência dos desmoronamentos, eles começaram a recusar as tarefas no corredor da morte. Mas a Companhia vencida rapidamente a recusa dos operários com alguns centavos a mais nos salários, e assim a exploração do novo veio prosseguia.

Mas, aos poucos, o aumento das diárias ia sendo suspenso sem que, por isso, fossem paralisadas as atividades, usando-se o método posto em prática pelo capataz naquela manhã.

Muitas vezes, apesar do capital investido naquela parte da mina, cogitou-se em abandoná-la, pois a água inutilizava rapidamente os revestimentos que necessitavam de reforço contínuo, e embora isso fosse feito somente nas partes mais urgentes, o consumo de madeira era sempre excessivo. Mas, para o infortúnio dos mineiros, a hulha extraída dali era superior à dos outros veios, e a carne do obediente e manso rebanho, colocada no prato mais leve, equilibrava a balança, permitindo à Companhia explorar sem interrupção a rica jazida, cujos negros cristais guardavam, através dos séculos, a irradiação de milhões de sóis que traçaram sua rota celeste, do oriente ao ocaso, lá na infância do planeta.

Naquela noite, Cabeça de Cobre chegou a sua casa mais tarde que de costume. Estava sério, pensativo, e respondia com monossílabos às perguntas que a mãe lhe fazia sobre seu dia de trabalho. Naquela humilde casa havia certa dignidade e limpeza, qualidades pouco comuns na maioria dos casebres, onde a promiscuidade entre homens, mulheres e crianças e grande variedade de animais fazia cada um daqueles quartos sugerir no espírito a visão bíblica da Arca de Noé.

A mãe do mineiro era uma mulher alta, magra, de cabelos brancos. Seu rosto, muito pálido, tinha uma expressão resignada e doce que tornava ainda mais suave o brilho de seus olhos úmidos, em que lágrimas pareciam estar sempre prestes a cair. Chamava-se María de los Ángeles.

Filha e mãe de mineiros, terríveis desgraças haviam-na envelhecido precocemente. Seu marido e dois filhos mortos, um após o outro, pelos desmoronamentos e pelas explosões do grisu, foi o tributo pago à insaciável ganância da mina. Só lhe restava aquele filho por quem seu coração, jovem ainda, batia em contínuo sobressalto.

Sempre temerosa de uma desgraça, sua imaginação não se separava um instante das trevas do manto carbonífero que consumia aquela existência que era o seu único bem, o único laço que a prendia à vida.

Quantas vezes pensara, naqueles instantes de recolhimento, sem encontrar uma explicação, no motivo das odiosas desigualdades humanas que condenavam os pobres, grande parte, a suar o próprio sangue para sustentar o fausto da inútil existência de uns poucos! E se pelo menos pudessem viver sem aquela perpétua inquietação pela sorte dos seres queridos, cujas vidas eram o preço, tantas vezes pago, do pão de cada dia!

Mas aquelas cismas eram passageiras e, não podendo decifrar o enigma, a anciã afugentava esses pensamentos e retornava aos seus afazeres, com sua melancolia habitual.

Enquanto a mãe dava o último toque nos preparativos da janta, o rapaz, sentado junto ao fogo, mantinha-se silencioso, absorto em seus pensamentos. A anciã, inquieta com seu mutismo, estava para questioná-lo quando a porta girou nas dobradiças e um rosto de mulher surgiu pelo vão.

– Boa noite, vizinha. Como está o doente? – perguntou María de los Ángeles, carinhosamente.

– Na mesma – respondeu, entrando –. O médico disse que o osso da perna não fixou ainda e que ele deve permanecer na cama sem se mover.

A recém-chegada era uma jovem de semblante moreno, consumido por vigílias e privações. Tinha na mão direita uma tigela de lata e, enquanto respondia, esforçava-se para não olhar a sopa que fumegava sobre a mesa.

A anciã estendeu o braço e pegou a tigela da jovem e, enquanto vertia nela o líquido quente, seguiu perguntando:

– E falaste com os chefes dele, filha? Deram alguma ajuda?

A jovem murmurou, com desânimo:

– Sim, estive lá. Disseram-me que não tinha direito a nada, que já faziam muito em nos dar o quarto; mas se ele morrer, eu posso pegar uma ordem no escritório para que me deem quatro velas e uma mortalha.

E, dando um suspiro, acrescentou:

– Tenho fé em Deus que meu pobre Juan não vai lhes dar essa despesa.

María de los Ángeles acrescentou à sopa um pedaço de pão e pôs ambas dádivas na mão da jovem, que se encaminhou até a porta, dizendo agradecida:

– Que a Virgem te pague, vizinha.

– Pobre Juana – disse a mãe, dirigindo-se ao filho, que já havia encostado sua cadeira junto à mesa –, logo fará um mês que tiraram o marido da mina com uma perna quebrada. O que ele fazia?

– Era mineiro no *Chiflón del Diablo*.

– Ah, sim, dizem que os que trabalham lá vendem a vida!

– Nem tanto, mãe – disse o operário –, agora é diferente, fizeram grandes reformas no escoramento. Há mais de uma semana que não ocorrem tragédias.

– Espero que seja como tu dizes, mas eu não poderia viver em paz se trabalhasses lá; melhor seria ir mendigar nos campos. Não quero que um dia te tragam aqui como trouxeram teu pai e teus irmãos.

As lágrimas deslizaram pelo pálido rosto da anciã. O rapaz continuava calado e comia sem levantar a vista do prato.

Cabeça de Cobre foi trabalhar na manhã seguinte sem comunicar à mãe a mudança de tarefa acertada no dia anterior. Haveria tempo de sobra para lhe dar a má notícia. Com a falta de preocupação própria da idade, não se importava muito com os temores da anciã. Fatalista, como seus companheiros, acreditava que era inútil tentar fugir do destino que a cada um, de antemão, estava reservado.

Uma hora depois da partida do filho, quando María de los Ángeles abriu a porta, ficou encantada com a luz radiante que inundava os campos. Fazia tempo que seus olhos não viam uma manhã tão bela. A auréola dourada do sol surgia no horizonte enviando, em grande abundância, seus raios vívidos sobre a terra, da qual se desprendiam, por todas as partes, vapores brancos e azulados. A luz do astro, suave como uma carícia, derramava um sopro de vida sobre aquela natureza morta. Ao longe, bandos de aves cruzavam o azul sereno, e um galo de plumas multicoloridas, do alto de um montículo de areia, emitia um estridente alerta cada vez que a sombra de um pássaro passava rente a ele.

Alguns idosos, apoiando-se em bastões e muletas, surgiram detrás dos imundos casebres, atraídos pelo soberbo resplendor que iluminava a paisagem. Caminhavam devagar, esticando seus membros intumescidos, ávidos por aquele túbio calor que emanava do alto.

Eram os inválidos da mina, vencidos pelo trabalho. Poucos não eram os mutilados que já careciam de um braço ou de uma perna. Sentados em um banco de madeira, que recebia por inteiro os raios do sol, suas pupilas cansadas, encavadas nas órbitas, encerravam uma estranha fixidez. Nem uma palavra se cruzava entre eles, e de vez em quando, após uma tosse breve e cavernosa, seus lábios cerrados se entreabriam para dar lugar a uma cusparada petra como o carvão.

Próximo ao meio-dia, nos albergues, as mulheres atarefadas preparavam as merendas da merenda para os trabalhadores, quando se ouviu o breve repique do sinal de alarme, que as fez abandonar o serviço e correr espavoridas para fora das casas.

Na mina, o repique havia cessado e nada parecia pressagiar uma catástrofe. Tudo ali estava normal e a chaminé deixava escapar sem interrupção sua densa e escura fumaça que se alastrava e crescia arrastada pelo vento em direção ao mar.

María de los Ángeles se ocupava em colocar na cesta do filho a garrafa de café, quando foi surpreendida pelo toque do alarme; soltando os objetos, precipitou-se pela porta, juntando-se ao grupo de mulheres que passava correndo, com as saias levantadas, seguidas por um bando de crianças desesperadas que vinham atrás delas. A anciã seguiu o exemplo: seus pés pareciam ter asas, o aguilhão do terror galvanizava seus músculos envelhecidos, e todo o seu corpo estremecia e vibrava como a corda do arco no máximo da tensão.

Logo se colocou na primeira fila, e sua cabeça branca, atingida pelos raios do sol, parecia atrair e arrastar atrás de si a massa sombria do esfarrapado rebanho.

As casas ficaram desertas. As portas e janelas, impulsionadas pelo vento, abriam e fechavam com estrépito. Amarrado em um dos corredores, um cachorro, sentado nas patas traseiras, com a cabeça para o alto, uivava tristemente em resposta ao lamentoso clamor que chegava até ele, abafado pela distância.

Somente os velhos não haviam abandonado o banco aquecido pelo sol, e, mudos e imóveis, seguiam na mesma posição, com os olhos fixos em um mais além invisível, alheios à forte irradiação que infiltrava em seus enfraquecidos organismos um pouco daquela energia e calor que fazia renascer os campos desertos.

Como os pintinhos que, percebendo a rápida investida do gavião, correm piando desesperados à procura de um refúgio nas penas da mãe, aquele grupo

de mulheres descabeladas, que choravam aterrorizadas, em pouco tempo se encontrava debaixo dos braços descarnados do guindaste, empurrando-se e apertando-se na úmida plataforma. As mães seguravam seus filhos menores, cobertos por farrapos imundos, contra os seios seminus, e um clamor, que não tinha nada de humano, brotava das bocas contraídas pela dor.

Uma resistente cerca de madeira protegia, por um lado, a entrada da mina, e nela se detinha parte da multidão. Do outro lado, alguns operários, com o olhar severo, silenciosos e taciturnos, procuravam conter as aglomeradas filhas daquela turba que ensurdecia com seus gritos, pedindo notícias dos parentes, do número de mortos e do lugar da catástrofe.

Na entrada do setor das máquinas apareceu um dos engenheiros, um inglês corpulento, de suíças ruivas que, com um cachimbo entre os dentes, de maneira displicente, olhou aquela cena. Uma vaia enorme o recebeu e centenas de vozes vociferaram:

– Assassinos, assassinos!

As mulheres erguiam os braços e mostravam os punhos, enfurecidas. O engenheiro, responsável por provocar toda aquela explosão de ódio, lançou no ar algumas baforadas e, virando as costas, desapareceu.

As notícias do acidente, fornecidas pelos operários, acalmaram um pouco aquela excitação. A tragédia não tinha as proporções das anteriores: apenas três homens haviam morrido, ainda não identificados. Além disso – e quase não era preciso dizer –, a desgraça, um desmoronamento, havia ocorrido na galeria do *Chiflón del Diablo*, de onde já se trabalhava há mais de duas horas para a retiradas das vítimas e se aguardava, de um momento a outro, o sinal para içar no setor das máquinas.

Aquela informação fez nascer a esperança em muitos corações devorados pela aflição. María de los Ángeles, apoiada na cerca, sentiu afrouxar-se a tenaz que lhe mordida as entranhas. Não era a sua esperança, senão uma certeza: sabia que o filho não estava entre os mortos. E concentrada em si mesma, no implacável egoísmo das mães, ouvia quase com indiferença os soluços histéricos das mulheres e seus gemidos de desolação e angústia.

Entretanto, as horas fugiam, e sob a estrutura de cal e cimento, a máquina descansava imóvel, com seus membros de ferro, na penumbra das inúmeras galerias; os cabos, como os tentáculos de um polvo, surgiam oscilantes do buraco profundo e enroscavam os flexíveis e viscosos braços na bobina; a massa humana, apertada e compacta, palpitava e gemia como uma rês em sangria e moribunda, e acima, sobre a imensa campina, o sol, já transposto o

meridiano, ainda lançando feixes dourados e tíbios, emitia uma serenidade celestial do espelho côncavo do diáfano céu azulado, sem uma nuvem.

De repente, o pranto das mulheres cessou: uma forte sirene seguida de outras três ressoaram lentas e vibrantes: era o sinal de içar. Um estreme-cimento agitou a multidão, que seguiu com ansiedade as oscilações do cabo que subia, em cuja extremidade se achava a terrível incógnita que todos aguardavam, mas que temiam decifrar.

Um silêncio lúgubre, interrompido apenas por um ou outro soluço, reinava na plataforma, e o uivo longínquo se esparzia pela planície e ecoava pelos ares, atingindo os corações como um presságio de morte.

Alguns instantes passaram, e, de repente, a grande argola de ferro que segura a gaiola, apareceu por cima do bocal. O elevador balançou por um momento, mas logo foi preso pelos ganchos da borda superior.

Dentro dele alguns operários, com a cabeça descoberta, rodeavam um vagonete, sujo de barro e de pó de carvão.

Um clamor intenso saudou a aparição do fúnebre carrinho, a multidão amontoou-se e seu louco desespero dificultava a retirada dos cadáveres. O primeiro a ser exposto aos olhares sedentos da turba estava envolto em mantas e só dava para ver seus pés descalços, rígidos e enlameados. O segundo, retirado em seguida, estava com a cabeça descoberta: era um velho de barba e cabelos grisalhos.

O terceiro e último logo apareceu. Por entre as dobras do tecido que o envolvia, viam-se algumas mechas de cabelos ruivos, que lançavam à luz do sol um reflexo de cobre recém-fundido. Várias vozes proferiram com espanto:

– O Cabeça de Cobre!

O cadáver, carregado pelos ombros e pelos pés, foi colocado com cuidado na maca que o aguardava.

María de los Ángeles, ao ver aquele rosto lívido e a cabeleira que parecia empapada em sangue, fez um esforço sobre-humano para se lançar sobre o morto; mas, apertada contra a cerca, só pôde agitar os braços, enquanto um som inarticulado vinha de sua garganta.

Em seguida, seus músculos se afrouxaram, os braços caíram ao longo do corpo e permaneceu imóvel no lugar, como que atingida por um raio.

Os grupos se separaram, e muitos rostos se voltaram para a mulher que, com a cabeça curvada sobre o peito, sumida em uma insensibilidade absoluta, parecia absorta na contemplação do abismo aberto aos seus pés.

Um raio de luz, passando através da rede de cabos e de madeiras, feria obliquamente a úmida parede do buraco. Atraídas pelo ponto branco e brilhante, as pupilas da anciã, espantosamente dilatadas, cravaram-se no círculo luminoso que, lentamente, e como se obedecesse ao implacável e escrutador olhar, foi aumentando e penetrando na rocha pura como através de um cristal diáfano e transparente.

A fenda, semelhante ao tubo de um enorme binóculo, revelou a María de los Ángeles um mundo desconhecido; um labirinto de galerias escavadas na rocha viva, imersas em trevas impenetráveis, nas quais os raios de sol emitiam uma claridade vaga e difusa.

Às vezes, o feixe luminoso, qual uma barreira de diamantes, perpassava os tetos das úmidas galerias, seguidas de redes inextrincáveis de corredores estreitos pelos quais poderia deslizar apenas uma alimária.

De repente, as pupilas da anciã se reanimaram: distinguiram uma longa galeria, bastante inclinada, onde três homens se esforçavam para colocar dentro da passagem um carrinho de carvão. Uma chuva copiosa caía do teto sobre seus membros nus. María de los Ángeles reconheceu o filho entre um daqueles operários no instante em que estes erguiam violentamente e fixavam no teto um olhar de espanto: seguiu-se a isso um estalo seco e a visão desapareceu.

Quando as trevas se dissiparam, a anciã viu flutuar sobre uma pilha de escombros uma densa nuvem de pó, ao mesmo tempo que um chamado de angústia eterna, um terrível grito de agonia, ecoou pelo imenso tubo acústico e murmurou junto ao seu ouvido:

– Minha mãe!

.....

Jamais se soube como saltou a cerca. Entravada por cabos e desníveis, foi vista, por um instante, agitar suas pernas descarnadas no vazio, e logo, sem um grito sequer, desaparecer no abismo. Alguns segundos depois, um ruído surdo, distante, quase imperceptível, brotou da faminta boca do poço, da qual se escapavam baforadas de tênues vapores: era o hálito do monstro no fundo de seu covil, saciado de sangue.



MALDIÇÃO! UM LIVRO DE CALÚNIAS

HENRY LOUIS MENCKEN



O TEXTO: Publicada em 1918, *Maldição! Um livro de calúnias* é uma das obras mais curtas de Henry Louis Mencken. São 49 capítulos, cada qual um pequeno ensaio, articulados em uma unidade que, antes de ser temática, é mais estilística e temperamental. Qualquer que seja o assunto tratado, o autor deixa vestígios de seus traços mais característicos: a prosa hiperbólica e explosiva; o humor sarcástico, que não recua diante das maiores temeridades; e o cinismo corrosivo, de vez em quando transfigurado em uma melancolia serena. Esta seleção apresenta 12 capítulos, uma pequena amostra dessa variedade.

Texto traduzido: Mencken, H. L. *Damn! A Book of Calumny*. New York: Philip Goodman Company, 1918.

O AUTOR: Henry Louis Mencken (1880-1956) foi um jornalista, satirista e crítico cultural americano, um dos mais influentes de sua época. Conhecido como o “Sábio de Baltimore”, cidade onde nasceu e iniciou sua carreira no jornalismo, foi influenciado pela filosofia de Nietzsche, pela ciência de Huxley e Darwin e pela literatura de Twain e Ambrose Bierce. Ao longo de sua vida, escreveu uma dezena de livros e manifestou muitas opiniões controversas, movido não por uma pretensa postura ideológica ou doutrinária, mas pela compulsão de registrar suas impressões mais autênticas.

O TRADUTOR: Demian Gonçalves Silva é bacharel em Ciências Sociais e mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás. É servidor público do Estado do Rio de Janeiro e traduz textos ensaísticos para o blog: 60traducoes.blogspot.com.br.

DAMN! A BOOK OF CALUMNY

*“It is the misfortune of humanity that its history
is chiefly written by third-rate men.”*

HENRY LOUIS MENCKEN

III The Heroic Considered

For humility and poverty, in themselves, the world has little liking and less respect. In the folk-lore of all races, despite the sentimentalization of abasement for dramatic effect, it is always power and grandeur that count in the end. The whole point of the story of Cinderella, the most widely and constantly charming of all stories, is that the Fairy Prince lifts Cinderella above her cruel sisters and stepmother, and so enables her to lord it over them. The same idea underlies practically all other folk-stories: the essence of each of them is to be found in the ultimate triumph and exaltation of its protagonist. And of the real men and women of history, the most venerated and envied are those whose early humiliations were but preludes to terminal glories; for example, Lincoln, Whittington, Franklin, Columbus, Demosthenes, Frederick the Great, Catherine, Mary of Magdala, Moses. Even the Man of Sorrows, cradled in a manger and done to death between two thieves, is seen, as we part from Him at last, in a situation of stupendous magnificence, with infinite power in His hands. Even the Beatitudes, in the midst of their eloquent counselling of renunciation, give it unimaginable splendor as its reward. The meek shall inherit – what? The whole earth! And the poor in spirit? They shall sit upon the right hand of God!...

IV The Burden of Humor

What is the origin of the prejudice against humor? Why is it so dangerous, if you would keep the public confidence, to make the public laugh? Is it because humor and sound sense are essentially antagonistic? Has humanity found by experience that the man who sees the fun of life is unfitted to deal sanely with its problems? I think not. No man had more of the comic spirit in him than William Shakespeare, and yet his serious reflections, by the sheer force of their sublime obviousness, have pushed their way into the race's arsenal of immortal platitudes. So, too, with Aesop, and with Balzac, and with Dickens, to come down the scale. All of these men were fundamentally humorists, and yet all of them achieved what the race has come to accept as a penetrating sagacity. Contrariwise, many a haloed pundit has had his occasional guffaw. Lincoln, had there been no Civil War, might have survived in history chiefly as the father of the American smutty story – the only original art-form that America has yet contributed to literature. Huxley, had he not been the greatest intellectual duellist of his age, might have been its greatest satirist. Bismarck, pursuing the gruesome trade of politics, concealed the devastating wit of a Molière; his surviving epigrams are truly stupendous. And Beethoven, after soaring to the heights of tragedy in the first movement of the Fifth Symphony, turned to the sardonic bull-fiddling of the *scherzo*.

No, there is not the slightest disharmony between sense and nonsense, humor and respectability, despite the skittish tendency to assume that there is. But, why, then, that widespread error? What actual fact of life lies behind it, giving it a specious appearance of reasonableness? None other, I am convinced, than the fact that the average man is far too stupid to make a joke. He may *see* a joke and *love* a joke, particularly when it floors and flabbergasts some person he dislikes, but the only way he can himself take part in the priming and pointing of a new one is by acting as its target. In brief, his personal contact with humor tends to fill him with an accumulated sense of disadvantage, of pricked complacency, of sudden and crushing defeat; and so, by an easy psychological process, he is led into the idea that the thing itself is incompatible with true dignity of character and intellect. Hence his deep suspicion of jokers, however adept their thrusts. "What a damned fool!" – this same half-pitying tribute he pays to wit and butt alike. He cannot separate the virtuoso of comedy from his general concept of comedy itself, and that concept is inextricably mingled with me-

mories of foul ambushes and mortifying hurts. And so it is not often that he is willing to admit any wisdom in a humorist, or to condone frivolity in a sage.

VIII The Jews

The Jews, like the Americans, labor under a philosophical dualism, and in both cases it is a theological heritage. On the one hand there is the idealism that is lovely and uplifting and will get a man into heaven, and on the other hand there is the realism that works. The fact that the Jews cling to both, thus running, as it were, upon two tracks, is what makes them so puzzling, now and then, to the *goyim*. In one aspect they stand for the most savage practicality; in another aspect they are dreamers of an almost fabulous other-worldiness. My own belief is that the essential Jew is the idealist – that his occasional flashing of hyena teeth is no more than a necessary concession to the harsh demands of the struggle for existence. Perhaps, in many cases, it is due to an actual corruption of blood. The Jews come from the Levant, and their women were exposed for many centuries to the admiration of Greek, Arab and Armenian. The shark that a Jew can be at his worst is simply a Greek or Armenian at his best.

As a statement of post-mortem and super-terrestrial fact, the religion that the Jews have foisted upon the world seems to me to be as vast a curse as the influenza that we inherit from the Tatars or the democratic fallacies set afloat by the French Revolution. The one thing that can be said in favor of it is that it is not true, and yet we suffer from it almost as much as if it were true. But with it, encasing it and preserving it, there has come something that is positively valuable – something, indeed, that is beyond all price – and that is Jewish poetry. To compare it to the poetry of any other race is wholly impossible; it stands completely above all the rest; it is as far beyond the next best as German music is beyond French music, or French painting beyond English painting, or the English drama beyond the Italian drama. There are single chapters in the Old Testament that are worth all the poetry ever written in the New World and nine-tenths of that written in the Old. The Jews of those ancient days had imagination, they had dignity, they had ears for sweet sound, they had, above all, the faculty of grandeur. The stupendous music that issued from them has swept their barbaric demonology along with it, setting at naught the collective in-

telligence of the human species; they embalmed their idiotic taboos and fetishes in undying strains, and so gave them some measure of the same immortality. A race of lawgivers? Bosh! Leviticus is as archaic as the Code of Manu, and the Decalogue is a fossil. A race of seers? Bosh again! The God they saw survives only as a bogey-man, a theory, an uneasy and vexatious ghost. A race of traders and sharpers? Bosh a third time! The Jews are as poor as the Spaniards. But a race of poets, my lords, a race of poets! It is a vision of beauty that has ever haunted them. And it has been their destiny to transmit that vision, enfeebled, perhaps, but still distinct, to other and lesser peoples, that life might be made softer for the sons of men, and the goodness of the Lord God – whoever He may be – might not be forgotten.

XI A True Ascetic

Herbert Spencer's objection to swearing, of which so much has been made by moralists, was not an objection to its sinfulness but an objection to its charm. In brief, he feared comfort, satisfaction, joy. The boarding houses in which he dragged out his gray years were as bare and cheerless as so many piano boxes. He avoided all the little vices and dissipations which make human existence bearable: good eating, good drinking, dancing, tobacco, poker, poetry, the theatre, personal adornment, philandering, adultery. He was insanely suspicious of everything that threatened to interfere with his work. Even when that work halted him by the sheer agony of its monotony, and it became necessary for him to find recreation, he sought out some recreation that was as unattractive as possible, in the hope that it would quickly drive him back to work again. Having to choose between methods of locomotion on his holidays, he chose going afoot, the most laborious and least satisfying available. Brought to bay by his human need for a woman, he directed his fancy toward George Eliot, probably the most unappetizing woman of his race and time. Drawn irresistibly to music, he avoided the Fifth Symphony and "Tristan und Isolde," and joined a crowd of old maids singing part songs around a cottage piano. John Tyndall saw clearly the effect of all this and protested against it, saying, "He'd be a much nicer fellow if he had a good swear now and then" – *i. e.*, if he let go now and then, if he yielded to his healthy human instincts now and then, if he went on some sort of debauch now and then. But what Tyndall over-

looked was the fact that the meagreness of his recreations was the very element that attracted Spencer to them. Obsessed by the fear – and it turned out to be well-grounded – that he would not live long enough to complete his work, he regarded all joy as a temptation, a corruption, a sin of scarlet. He was a true ascetic. He could sacrifice all things of the present for one thing of the future, all things real for one thing ideal.

XIII History

It is the misfortune of humanity that its history is chiefly written by third-rate men. The first-rate man seldom has any impulse to record and philosophise; his impulse is to act; life, to him, is an adventure, not a syllogism or an autopsy. Thus the writing of history is left to college professors, moralists, theorists, dunder-heads. Few historians, great or small, have shown any capacity for the affairs they presume to describe and interpret. Gibbon was an inglorious failure as a member of Parliament. Thucydides made such a mess of his military (or, rather, naval) command that he was exiled from Athens for twenty years and finally assassinated. Flavius Josephus, serving as governor of Galilee, lost the whole province to the Romans, and had to flee for his life. Mommsen, elected to the Prussian Landtag, flirted with the Socialists. How much better we would understand the habits and nature of man if there were more historians like Julius Caesar, or even like Niccolo Machiavelli! Remembering the sharp and devastating character of their rough notes, think what marvelous histories Bismarck, Washington and Frederick the Great might have written! Such men are privy to the facts; the usual historians have to depend on deductions, rumors, guesses. Again, such men know how to tell the truth, however unpleasant; they are wholly free of that puerile moral obsession which marks the professor.... But they so seldom tell it! Well, perhaps some of them have – and their penalty is that they are damned and forgotten.

XV Eugenics

The error of the eugenists lies in the assumption that a physically healthy man is the best fitted to survive. This is true of rats and the

pediculae, but not of the higher animals, *e. g.*, horses, dogs and men. In these higher animals one looks for more subtle qualities, chiefly of the spirit. Imagine estimating philosophers by their chest expansions, their blood pressures, their Wassermann reactions!

The so-called social diseases, over which eugenists raise such a pother, are surely not the worst curses that mankind has to bear. Some of the greatest men in history have had them; whole nations have had them and survived. The truth about them is that, save in relatively rare cases, they do very little damage. The horror in which they are held is chiefly a moral horror, and its roots lie in the assumption that they cannot be contracted without sin. Nothing could be more false. Many great moralists have suffered from them: the gods are always up to such sardonic waggeries.

Moreover, only one of them is actually inheritable, and that one is transmitted relatively seldom. But among psychic characters one finds that practically all are inheritable. For example, stupidity, credulity, avarice, pecksniffery, lack of imagination, hatred of beauty, meanness, poltroonry, petty brutality, smallness of soul.... I here present, of course, the Puritan complex; there flashes up the image of the "good man," that libel on God and the devil. Consider him well. If you had to choose a sire for a first-rate son, would you choose a consumptive Jew with the fires of eternity in his eyes, or an Iowa right-thinker with his hold full of Bibles and breakfast food?

XVI The Jocose Gods

What humor could be wilder than that of life itself? Franz Schubert, on his deathbed, read the complete works of J. Fenimore Cooper. John Millington Synge wrote "Riders to the Sea" on a second-hand \$40 typewriter, and wore a celluloid collar. Richard Wagner made a living, during four lean years, arranging Italian opera arias for the cornet. Herbert Spencer sang bass in a barber-shop quartette and was in love with George Eliot. William Shakespeare was a social pusher and bought him a bogus coat-of-arms. Martin Luther suffered from the jim-jams. One of the greatest soldiers in Hungarian history was named Hunjadi Janos....

XIX Actors

“In France they call an actor a *m’as-tu-vu*, which, anglicised, means a have-you-seen-me?... The average actor holds the mirror up to nature and sees in it only the reflection of himself.” I take the words from a late book on the so-called art of the mime by the editor of a magazine devoted to the stage. The learned author evades plumbing the psychological springs of this astounding and almost invariable vanity, this endless bumptiousness of the *cabotin* in all climes and all ages. His one attempt is banal: “a foolish public makes much of him.” With all due respect, Nonsense! The larval actor is full of hot and rancid gases long before a foolish public has had a fair chance to make anything of him at all, and he continues to emit them long after it has tried him, condemned him and bidden him be damned. There is, indeed, little choice in the virulence of their self-respect between a Broadway star who is slobbered over by press agents and fat women, and the poor ham who plays thinking parts in a No. 7 road company. The two are alike charged to the limit; one more ohm, or molecule, and they would burst. Actors begin where militia colonels, Fifth avenue rectorors and Chau-tauqua orators leave off. The most modest of them (barring, perhaps, a few unearthly traitors to the craft) matches the conceit of the solitary pretty girl on a slow ship. In their lofty eminence of pomposity they are challenged only by Anglican bishops and grand opera tenors. I have spoken of the danger they run of bursting. In the case of tenors it must sometimes actually happen; even the least of them swells visibly as he sings, and permanently as he grows older...

But why are actors, in general, such blatant and obnoxious asses, such arrant posturers and wind-bags? Why is it as surprising to find an unassuming and likable fellow among them as to find a Greek without fleas? The answer is quite simple. To reach it one needs but consider the type of young man who normally gets stage-struck. Is he, taking averages, the intelligent, alert, ingenious, ambitious young fellow? Is he the young fellow with ideas in him, and a yearning for hard and difficult work? Is he the diligent reader, the hard student, the eager inquirer? No. He is, in the overwhelming main, the neighborhood fop and beau, the human clothes-horse, the nimble squire of dames. The youths of more active mind, emerging from adolescence, turn to business and the professions; the men that they admire and seek to follow are men of genuine distinction, men who have actually done difficult and valuable things, men who have fought good

(if often dishonest) fights and are respected and envied by other men. The stage-struck youth is of a softer and more shallow sort. He seeks, not a chance to test his mettle by hard and useful work, but an easy chance to shine. He craves the regard, not of men, but of women. He is, in brief, a hollow and incompetent creature, a strutter and poseur, a popinjay, a pretty one....

I thus beg the question, but explain the actor. He is this silly youngster grown older, but otherwise unchanged. An initiate of a profession requiring little more information, culture or capacity for ratiocination than that of the lady of joy, and surrounded in his work-shop by men who are as stupid, as vain and as empty as he himself will be in the years to come, he suffers an arrest of development, and the little intelligence that may happen to be in him gets no chance to show itself. The result, in its usual manifestation, is the average bad actor – a man with the cerebrum of a floor-walker and the vanity of a fashionable clergyman. The result, in its highest and holiest form is the actor-manager, with his retinue of press-agents, parasites and worshipping wenches – perhaps the most preposterous and awe-inspiring donkey that civilization has yet produced. To look for sense in a fellow of such equipment and such a history would be like looking for serviettes in a sailors' boarding-house.

By the same token, the relatively greater intelligence of actresses is explained. They are, at their worst, quite as bad as the generality of actors. There are she-stars who are all temperament and balderdash – intellectually speaking, beggars on horseback, servant girls well washed. But no one who knows anything about the stage need be told that it can show a great many more quick-minded and self-respecting women than intelligent men. And why? Simply because its women are recruited, in the main, from a class much above that which furnishes its men. It is, after all, not unnatural for a woman of considerable intelligence to aspire to the stage. It offers her, indeed, one of the most tempting careers that is open to her. She cannot hope to succeed in business, and in the other professions she is an unwelcome and much-scoffed-at intruder, but on the boards she can meet men on an equal footing. It is, therefore, no wonder that women of a relatively superior class often take to the business.... Once they embrace it, their superiority to their male colleagues is quickly manifest. All movements against puerility and imbecility in the drama have originated, not with actors, but with actresses – that is, in so far as they have originated among stage folks at all. The Ibsen pioneers were such women as Helena Modjeska, Agnes Sorma and Janet Achurch; the men all hung back. Ibsen,

it would appear, was aware of this superior alertness and took shrewd advantage of it. At all events, his most tempting acting parts are feminine ones.

The girls of the stage demonstrate this tendency against great difficulties. They have to carry a heavy handicap in the enormous number of women who seek the footlights merely to advertise their real profession, but despite all this, anyone who has the slightest acquaintance with stage-folk will testify that, taking one with another, the women have vastly more brains than the men and are appreciably less vain and idiotic. Relatively few actresses of any rank marry actors. They find close communion with the strutting brethren psychologically impossible. Stock-brokers, dramatists and even theatrical managers are greatly to be preferred.

XX The Crowd

Gustave Le Bon and his school, in their discussions of the psychology of crowds, have put forward the doctrine that the individual man, cheek by jowl with the multitude, drops down an intellectual peg or two, and so tends to show the mental and emotional reactions of his inferiors. It is thus that they explain the well-known violence and imbecility of crowds. The crowd, as a crowd, performs acts that many of its members, as individuals, would never be guilty of. Its average intelligence is very low; it is inflammatory, vicious, idiotic, almost simian. Crowds, properly worked up by skilful demagogues, are ready to believe anything, and to do anything.

Le Bon, I daresay, is partly right, but also partly wrong. His theory is probably too flattering to the average numskull. He accounts for the extravagance of crowds on the assumption that the numskull, along with the superior man, is knocked out of his wits by suggestion – that he, too, does things in association that he would never think of doing singly. The fact may be accepted, but the reasoning raises a doubt. The numskull runs amuck in a crowd, not because he has been inoculated with new rascality by the mysterious crowd influence, but because his habitual rascality now has its only chance to function safely. In other words, the numskull is vicious, but a poltroon. He refrains from all attempts at lynching *a cappella*, not because it takes suggestion to make him desire to lynch, but because it takes the protection of a crowd to make him brave enough to try it.

What happens when a crowd cuts loose is not quite what Le Bon and his followers describe. The few superior men in it are not straightway reduced to the level of the underlying stoneheads. On the contrary, they usually keep their heads, and often make efforts to combat the crowd action. But the stoneheads are too many for them; the fence is torn down or the blackamoor is lynched. And why? Not because the stoneheads, normally virtuous, are suddenly criminally insane. Nay, but because they are suddenly conscious of the power lying in their numbers – because they suddenly realize that their natural viciousness and insanity may be safely permitted to function.

In other words, the particular swinishness of a crowd is permanently resident in the majority of its members – in all those members, that is, who are naturally ignorant and vicious – perhaps 95 per cent. All studies of mob psychology are defective in that they underestimate this viciousness. They are poisoned by the prevailing delusion that the lower orders of men are angels. This is nonsense. The lower orders of men are incurable rascals, either individually or collectively. Decency, self-restraint, the sense of justice, courage – these virtues belong only to a small minority of men. This minority never runs amuck. Its most distinguishing character, in truth, is its resistance to all running amuck. The third-rate man, though he may wear the false whiskers of a first-rate man, may always be detected by his inability to keep his head in the face of an appeal to his emotions. A whoop strips off his disguise.

XXIV A Theological Mystery

The moral order of the world runs aground on hay fever. Of what use is it? Why was it invented? Cancer and hydrophobia, at least, may be defended on the ground that they kill. Killing may have some benign purpose, some esoteric significance, some cosmic use. But hay fever never kills; it merely tortures. No man ever died of it. Is the torture, then, an end in itself? Does it break the pride of strutting, snorting man, and turn his heart to the things of the spirit? Nonsense! A man with hay fever is a natural criminal. He curses the gods, and defies them to kill him. He even curses the devil. Is its use, then, to prepare him for happiness to come – for the vast ease and comfort of convalescence? Nonsense again! The one thing he

is sure of, the one thing he never forgets for a moment, is that it will come back again next year.

XXVII Virtuous Vandalism

A hearing of Schumann's B flat symphony of late, otherwise a very caressing experience, was corrupted by the thought that music would be much the gainer if musicians could get over their superstitious reverence for the mere text of the musical classics. That reverence, indeed, is already subject to certain limitations; hands have been laid, at one time or another, upon most of the immortal oratorios, and even the awful name of Bach has not dissuaded certain German editors. But it still swathes the standard symphonies like some vast armor of rubber and angel food, and so imagination has to come to the aid of the flutes and fiddles when the band plays Schumann, Mozart, and even parts of Beethoven. One discerns, often quite clearly, what the reverend Master was aiming at, but just as often one fails to hear it in precise tones.

This is particularly true of Schumann, whose deficiency in instrumental cunning has passed into proverb. And in the B flat symphony, his first venture into the epic form, his failures are most numerous. More than once, obviously attempting to roll up tone into a moving climax, he succeeds only in muddling his colors. I remember one place – at the moment I can't recall where it is – where the strings and the brass storm at one another in furious figures. The blast of the brass, as the vaudevillains say, gets across – but the fiddles merely scream absurdly. The whole passage suggests the bleating of sheep in the midst of a vast bellowing of bulls. Schumann overestimated the horsepower of fiddle music so far up the E string – or underestimated the full kick of the trumpets.... Other such soft spots are well known.

Why, then, go on parroting *gaucheries* that Schumann himself, were he alive today, would have long since corrected? Why not call an ecumenical council, appoint a commission to see to such things, and then forget the sacrilege? As a self-elected delegate from heathendom, I nominate Dr. Richard Strauss as chairman. When all is said and done, Strauss probably knows more about writing for orchestra than any other two men that ever lived, not excluding Wagner. Surely no living rival, as Dr. Sunday would say, has anything on him. If, after hearing a new composition by Strauss,

one turns to the music, one is invariably surprised to find how simple it is. The performance reveals so many purple moments, so staggering an array of lusciousness, that the ear is bemused into detecting scales and chords that never were on land or sea. What the exploratory eye subsequently discovers, perhaps, is no more than our stout and comfortable old friend, the highly well-born *hausfrau*, Mme. C Dur – with a vine leaf or two of C sharp minor or F major in her hair. The trick lies in the tone-color – in the flabbergasting magic of the orchestration. There are some moments in “Elektra” when sounds come out of the orchestra that tug at the very roots of the hair, sounds so unearthly that they suggest a caroling of dragons or *bierfisch* – and yet they are made by the same old fiddles that play the Kaiser

Quartet, and by the same old trombones that the Valkyrie ride like witch’s broomsticks, and by the same old flutes that sob and snuffle in Titl’s Serenade. And in parts of “Feuersnot” – but Roget must be rewritten by Strauss before “Feuersnot” is described. There is one place where the harps, taking a running start from the scrolls of the violins, leap slambang through (or is it into?) the firmament of Heaven. Once, when I heard this passage played at a concert, a woman sitting beside me rolled over like a log, and had to be hauled out by the ushers.

Yes; Strauss is the man to reorchestrate the symphonies of Schumann, particularly the B flat, the Rhenish and the Fourth. I doubt that he could do much with Schubert, for Schubert, though he is dead nearly a hundred years, yet remains curiously modern. The Unfinished symphony is full of exquisite color effects – consider, for example, the rustling figure for the strings in the first movement – and as for the C major, it is so stupendous a debauch of melodic and harmonic beauty that one scarcely notices the colors at all. In its slow movement mere loveliness in music probably says all that will ever be said.... But what of old Ludwig? Har, har; here we begin pulling the whiskers of Baal Himself. Nevertheless, I am vandal enough to wonder, on sad Sunday mornings, what Strauss could do with the first movement of the C minor. More, if Strauss ever does it and lets me hear the result just once, I’ll be glad to serve six months in jail with him.... But in Munich, of course! And with a daily visitor’s pass for Cousin Pschorr!...

The conservatism which shrinks at such barbarities is the same conservatism which demands that the very typographical errors in the Bible be swallowed without salt, and that has thus made a puerile dream-book of parts of Holy Writ. If you want to see how far this last madness has led Christendom astray, take a look at an article by Abraham Mitrie Rihbany,

an intelligent Syrian, in the *Atlantic Monthly* of a couple of years ago. The title of the article is “The Oriental Manner of Speech,” and in it Rihbany shows how much of mere Oriental extravagance of metaphor is to be found in many celebrated passages, and how little of literal significance. This Oriental extravagance, of course, makes for beauty, but as interpreted by pundits of no imagination it surely doesn’t make for understanding. What the Western World needs is a Bible in which the idioms of the Aramaic of thousands of years ago are translated into the idioms of today. The man who undertook such a translation, to be sure, would be uproariously denounced, just as Luther and Wycliffe were denounced, but he could well afford to face the storm. The various Revised Versions, including the Modern Speech New Testament of Richard Francis Weymouth, leave much to be desired. They rectify many naif blunders and so make the whole narrative more intelligible, but they still render most of the tropes of the original literally.

These tropes are not the substance of Holy Writ; they are simply its color. In the same way mere tone-color is not the substance of a musical composition. Beethoven’s Eighth Symphony is just as great a work, in all its essentials, in a four-hand piano arrangement as in the original score. Every harmonic and melodic idea of the composer is there; one can trace just as clearly the subtle processes of his mind; every step in the working out of the materials is just as plain. True enough, there are orchestral compositions of which this cannot be reasonably said; their color is so much more important than their form that when one takes away the former the latter almost ceases to exist. But I doubt that many competent critics would argue that they belong to the first rank. Form, after all, is the important thing. It is design that counts, not decoration – design and organization. The pillars of a musical masterpiece are like the pillars of the Parthenon; they are almost as beautiful bleached white as they were in all their original hues.

XXXIX A New Use for Churches

The argument by design, it may be granted, establishes a reasonable ground for accepting the existence of God. It makes belief, at all events, quite as intelligible as unbelief. But when the theologians take their step from the existence of God to the goodness of God they tread upon much

less firm earth. How can one see any proof of that goodness in the senseless and intolerable sufferings of man – his helplessness, the brief and troubled span of his life, the inexplicable disproportion between his deserts and his rewards, the tragedy of his soaring aspiration, the worse tragedy of his dumb questioning? Granting the existence of God, a house dedicated to Him naturally follows. He is all-important; it is fit that man should take some notice of Him. But why praise and flatter Him for His unspeakable cruelties? Why forget so supinely His failures to remedy the easily remediable? Why, indeed, devote the churches exclusively to worship? Why not give them over, now and then, to justifiable indignation meetings?

Perhaps men will incline to this idea later on. It is not inconceivable, indeed, that religion will one day cease to be a poltroonish acquiescence and become a vigorous and insistent criticism. If God can hear a petition, what ground is there for holding that He would not hear a complaint? It might, indeed, please Him to find His creatures grown so self-reliant and reflective. More, it might even help Him to get through His infinitely complex and difficult work. Theology has already moved toward such notions. It has abandoned the primitive doctrine of God's arbitrariness and indifference, and substituted the doctrine that He is willing, and even eager, to hear the desires of His creatures – *i. e.*, their private notions, born of experience, as to what would be best for them. Why assume that those notions would be any the less worth hearing and heeding if they were cast in the form of criticism, and even of denunciation? Why hold that the God who can understand and forgive even treason could not understand and forgive remonstrance?



MALDIÇÃO! UM LIVRO DE CALÚNIAS

“O maior infortúnio da humanidade é o fato de a história ser escrita principalmente por homens de terceira categoria.”

HENRY LOUIS MENCKEN

III Consideração sobre o heroico

Pela humildade e pela pobreza em si, o mundo tem pouca simpatia e ainda menos respeito. No folclore de todas as raças, não obstante a romantização do aviltamento para propósitos dramáticos, o que importa, no fim, é sempre o poder e a grandeza. O ponto central da Cinderela, a mais difundida e sedutora das histórias, é que o príncipe encantado eleva a heroína acima de suas cruéis irmãs e madrasta, permitindo-lhe subjugar-las. A mesma ideia está na base de praticamente todas as outras histórias populares: a essência de todas elas está no triunfo e na exaltação final de seu protagonista. Quanto aos homens e mulheres reais da história, os mais venerados e invejados são aqueles cujas humilhações iniciais foram apenas prelúdios de sua glória derradeira; por exemplo, Lincoln, Franklin, Colombo, Demóstenes, Frederico o Grande, Catarina, Maria Madalena e Moisés. Mesmo o Varão das Dores, nado em uma manjedoura e morto entre dois ladrões, é visto, quando enfim o deixamos, em uma situação de prodigiosa magnificência, com um poder infinito em Suas mãos. Mesmo as Bem-Aventuranças, em suas eloquentes apologias da renúncia, oferecem como recompensa um esplendor inimaginável. Os mansos herdarão – o quê? A Terra! E os pobres de espírito? Estarão sentados à direita de Deus Pai!...

IV O ônus do humor

De onde vem o preconceito contra o humor? Por que é tão perigoso, para quem almeja a confiança do público, fazer o público rir? Será porque o humor e o bom senso são coisas essencialmente antagônicas? Terá a humanidade descoberto, por experiência, que o homem que vê o lado engraçado da vida é incapaz de lidar sensatamente com os problemas dela? Penso que não. Nenhum homem teve mais espírito cômico do que William Shakespeare, e, contudo, suas graves reflexões, pela simples força de sua obviedade sublime, entraram para nosso arsenal de platitudes imortais. Assim também, em menor escala, Esopo, Balzac e Dickens. Todos esses homens eram fundamentalmente humoristas, e, no entanto, alcançaram algo que a humanidade veio a aceitar como uma penetrante sagacidade. Por outro lado, muito sábio aureolado já deu sua gargalhada ocasional. Lincoln, não fosse a Guerra Civil, talvez tivesse passado à história como o pai das piadas sujas – a única contribuição original da América à literatura. Huxley, se não tivesse sido o maior duelista intelectual de seu tempo, poderia ter sido seu maior satirista. Bismarck, dedicando-se ao abominável ofício da política, ocultava a espiritualidade devastadora de um Molière; seus epigramas remanescentes são verdadeiramente estupendos. E Beethoven, depois de se elevar às alturas da tragédia no primeiro movimento da 5ª Sinfonia, voltou-se para os contra baixos sardônicos do *scherzo*.

Não, não há a menor contradição entre bom senso e disparate, entre humor e respeitabilidade, apesar da tendência leviana de se presumir que há. Mas por que, então, esse erro tão disseminado? Que realidade da vida se acha por trás dele, dando-lhe uma enganosa aparência de razoabilidade? Nenhum, estou convencido, a não ser o fato de que o homem médio é estúpido demais para fazer piadas. Ele pode entendê-las e apreciá-las, particularmente quando silenciam e embasacam algum desafeto, mas só pode ajudar a criá-las na condição de alvo. Em suma, seu contato pessoal com o humor tende a infundir-lhe um sentimento de inferioridade, de condescendência aflitiva, de fracasso súbito e esmagador; e assim, por um simples processo psicológico, ele é levado a pensar que a coisa é incompatível com a verdadeira dignidade de caráter e intelecto. Daí a sua profunda desconfiança em relação aos trocistas, por mais habilidosas que sejam suas estocadas. “Que grandíssimo tolo!” – o mesmo tributo semipiadoso ele concede ao piadista e à sua vítima. Não consegue separar o virtuoso da comédia da ideia geral que tem da própria comédia, e essa ideia está inextricavelmente associada à lembrança de

emboscadas torpes e dores mortificantes. Por isso, ele raramente está disposto a reconhecer a sabedoria de um humorista ou a perdoar a frivolidade de um sábio.

VIII Os judeus

Os judeus, assim como os americanos, vivem sob um dualismo filosófico, e trata-se, em ambos os casos, de uma herança teológica. De um lado, há o idealismo amável e filantrópico que nos levará para o céu; de outro, há o realismo que funciona. O fato de os judeus se aferrarem a ambos, correndo, por assim dizer, em duas pistas, é o que os torna, por vezes, tão enigmáticos aos gentios. Por um lado, distinguem-se pelo mais selvagem pragmatismo; por outro, são sonhadores de um alheamento quase fabuloso. Minha opinião própria é que o judeu essencial é o idealista – que seu ocasional sorriso de hiena é apenas uma concessão inevitável às duras demandas da luta pela existência. Talvez seja devido, em muitos casos, à corrupção do sangue. Os judeus vêm do Levante, e suas mulheres estiveram expostas por muitos séculos à admiração de gregos, árabes e armênios. O vigarista que um judeu pode ser em seus piores momentos é simplesmente o que um grego ou armênio é no melhor dos casos.

Enquanto afirmação de fatos póstumos e supraterrrestres, a religião que os judeus impingiram ao mundo me parece uma praga tão devastadora quanto a *influenza* que herdamos dos tártaros, ou as falácias democráticas disseminadas pela Revolução Francesa. O melhor que podemos dizer dela é que não é verdadeira, e, contudo, nos faz sofrer quase tanto como se o fosse. Mas com ela, revestindo-a e conservando-a, encontra-se algo valioso – algo que, na verdade, não tem preço: a poesia judaica. É impossível compará-la à poesia de qualquer outra raça; está completamente acima de todo o resto; está tão distante daquela que se encontra logo abaixo quanto a música alemã está da francesa, ou a pintura alemã da inglesa, ou o drama inglês do italiano. Há capítulos do Velho Testamento que valem por toda a poesia já escrita no Novo Mundo, e por 90% da que foi escrita no Velho. Os judeus daqueles tempos antigos tinham imaginação, tinham dignidade, tinham ouvido para as sonoridades doces, tinham, sobretudo, o sentido da grandeza. A música estupenda que deles provinha arrastou consigo sua demonologia bárbara, escarnecendo da inteligência coletiva da espécie humana; eles embalsamaram seus tabus e fetiches idiotas em melodias perenes, e deram-lhes, assim, algum

tanto da mesma imortalidade. Uma raça de legisladores? Tolice! O Levítico é tão arcaico quando o Código de Manu, e o Decálogo é um fóssil. Uma raça de profetas? Tolice e mais tolice! Seu Deus sobrevive apenas como um bicho-papão, uma teoria, um fantasma incômodo e impertinente. Uma raça de mercadores e escroques? Tolice outra vez! Os judeus são tão pobres quanto os espanhóis. Uma raça de poetas, meus senhores, de poetas! É uma visão da beleza o que desde sempre os obceca. E seu destino tem sido transmitir essa visão, enfraquecida talvez, mas ainda assim nítida, para povos menores, de modo que a vida seja feita mais suave para os filhos do Homem, e a bondade do Senhor – quem quer que Ele seja – não venha a ser esquecida.

XI Um verdadeiro asceta

A oposição de Herbert Spencer à blasfêmia, de que tanto têm falado os moralistas, não era uma oposição à sua pecaminosidade, mas ao seu encanto. Resumidamente, ele temia o conforto, a satisfação, o prazer. As pensões onde passou seus anos cinzentos eram tão despojadas e tristes quanto muitas casas-caixotes. Evitava todos os pequenos vícios e dissipações que tornam suportável a existência humana: boa comida, bebidas, dança, tabaco, pôquer, poesia, teatro, ornamentos pessoais, namoro, adultério. Suspeitava loucamente de tudo o que ameaçasse interferir em seu trabalho. Mesmo quando este o paralisava, pela pura aflição de sua monotonia, e o obrigava a procurar distração, recorria à menos atraente possível, na esperança de que o devolvesse rapidamente ao trabalho. Ao ter que escolher um meio de transporte em seus feriados, decidia ir a pé, o meio mais penoso e menos satisfatório disponível. Encurralado pela necessidade humana de ter uma mulher, dirigiu suas simpatias a George Eliot, provavelmente a mulher menos apetecível de sua raça e tempo. Irresistivelmente atraído pela música, evitava a “Quinta Sinfonia” e “Tristão e Isolda” e juntava-se ao coral de velhas solteironas ao redor de um piano caseiro. John Tyndall viu claramente e lamentou o efeito de tudo isso, dizendo que “ele seria um sujeito muito mais agradável se, de vez em quando, soltasse uma boa blasfêmia” – isto é, se de vez em quando relaxasse, cedesse aos seus instintos humanos saudáveis, praticasse alguma devassidão. Mas o que Tyndall não percebeu é que a pobreza de seus divertimentos era justamente o que neles atraía Spencer. Obcecado pelo temor – que se revelou justificado – de não viver o bastante para completar sua obra, considerava todo prazer uma tentação, uma corrupção, um pecado indecente.

Era um verdadeiro asceta. Era capaz de sacrificar todas as coisas presentes no altar de uma coisa futura, todas as coisas reais por uma coisa ideal.

XIII História

O maior infortúnio da humanidade é o fato de a história ser escrita principalmente por homens de terceira categoria. O homem de primeira categoria raramente tem o impulso de registrar e filosofar; seu impulso é para a ação; a vida é para ele uma aventura, não um silogismo ou uma autópsia. Assim, a escrita da história é deixada a cargo de professores universitários, moralistas, teóricos e néscios. Poucos historiadores, grandes ou pequenos, demonstraram alguma aptidão para os assuntos que pretendem descrever e interpretar. Gibbon foi um fracasso vergonhoso como parlamentar. Tucídides criou uma tal desordem como comandante militar (ou antes naval), que foi exilado de Atenas por vinte anos e enfim assassinado. Flávio Josefo, como governador da Galileia, perdeu toda a província para os romanos e precisou fugir para salvar a própria vida. Mommsen, eleito para o Landtag prussiano, flertou com os socialistas. Quão melhor entenderíamos os hábitos e a natureza do homem, se tivéssemos mais historiadores como Júlio César ou mesmo Nicolau Maquiavel! Tendo em vista o caráter incisivo e devastador de suas notas inacabadas, imaginem que histórias maravilhosas poderiam ter escrito Bismarck, Washington e Frederico, o Grande! Homens dessa espécie são íntimos dos fatos; os historiadores comuns dependem de deduções, rumores, palpites. Além do mais, esses homens sabem dizer a verdade, por mais desagradável que seja; estão inteiramente livres daquela obsessão moral pueril que caracteriza o professor... Mas é tão raro que a digam! Bem, talvez alguns deles a tenham dito – e seu castigo foi de se tornarem amaldiçoados e esquecidos.

XV Eugenia

O erro dos eugenistas está na suposição de que o homem fisicamente saudável é o mais apto a sobreviver. Isso é verdadeiro para ratos e pediculados, não para animais superiores como, por exemplo, cavalos, cães e homens. Nesses animais superiores buscamos qualidades mais sutis, sobretudo

espirituais. Imaginem avaliar filósofos por sua dilatação torácica, pressão sanguínea ou reações de Wassermann!

As assim chamadas doenças sociais, de que os eugenistas fazem tanto caso, não são certamente as piores pragas que a humanidade tem de suportar. Alguns dos maiores homens da história sofreram delas; nações inteiras tiveram-nas e sobreviveram. A verdade é que, salvo em casos relativamente raros, causam pouquíssimo dano. O horror que se tem a elas é sobretudo moral, baseado na suposição de que não se pode contraí-las sem pecar. Nada poderia ser mais falso. Vários dos grandes moralistas sofreram delas: os deuses gostam de pregar tais peças sardônicas.

Além do mais, apenas uma delas é, de fato, hereditária, e essa raramente é transmitida. Mas dos traços psíquicos podemos dizer que praticamente todos são hereditários. Por exemplo, a estupidez, a credulidade, a avareza, a hipocrisia, a falta de imaginação, o ódio à beleza, a mesquinhez, a brutalidade, a pequenez d'alma... Apresento aqui, obviamente, o complexo puritano; visualizamos o "bom homem", esse libelo contra Deus e o diabo. Considerem-no bem. Se tivessem de escolher o progenitor de um homem de primeira categoria, escolheriam um judeu tuberculoso com o fogo da eternidade nos olhos, ou um sensato cidadão de Iowa com o porão cheio de Bíblias e comida para café da manhã?

XVI Deuses Jocosos

Que humor poderia ser mais desvairado que o da própria vida? Franz Schubert, no leito de morte, lê a obra completa de J. Fenimore Cooper. John Millington Synge escreveu "Riders of the Sea" em uma máquina usada de 40 dólares e vestia um colarinho de celuloide. Richard Wagner ganhou a vida, durante quatro anos improdutivos, adaptando árias de ópera para o cornetim. Herbert Spencer tocava baixo em um quarteto de barbearia e era apaixonado por George Eliot. William Shakespeare era um arrivista social e comprou para si um falso brasão. Martinho Lutero sofria de *delirium tremens*. Um dos maiores soldados da história húngara chamava-se Hunjadi Janos...

XIX

Atores

“Na França o ator é chamado *'m'as-tu-vu'*, o que, anglicizado, significa 'viste-me?!... O típico ator ergue o espelho para a natureza e nele vê apenas o próprio reflexo”. Tomo essas palavras de um livro recente sobre a assim chamada arte da mímica, escrito pelo editor de uma revista dedicada ao teatro. O excelente autor esquiva-se a sondar as causas psicológicas dessa vaidade assombrosa e praticamente invariável, dessa presunção infinita do cabotino em todos os climas e épocas. Sua única tentativa é banal: “um público tolo lhe confere importância”. Com todo o respeito, é um disparate! O ator larval está cheio de gases quentes e desagradáveis muito antes que um público tolo tenha a chance de lhe conferir qualquer importância, e continua a emití-los muito depois de julgado, condenado e amaldiçoado. Há, de fato, na virulência de seu amor-próprio, pouca diferença entre uma estrela da Broadway, paparicada por assessores de imprensa e mulheres gordas, e o ator medíocre que interpreta papéis mudos em alguma companhia rodoviária. Ambos estão carregados até o limite; mais um ohm, ou uma molécula, e explodem. Atores começam no ponto em que coronéis do exército, reitores da Quinta Avenida e oradores de Chautauqua terminam. Os mais modestos (salvo talvez uns misteriosos traidores do ofício) correspondem à definição da moça bonita e solitária em um navio lento. Em sua majestosa pomposidade, são desafiados somente por bispos anglicanos e tenores de ópera. Mencionei o perigo de explodirem. No caso dos tenores, deve acontecer ocasionalmente; mesmo os mais insignificantes incham visivelmente enquanto cantam, e permanentemente à medida que envelhecem.

Mas por que os atores, em geral, são esses imbecis ostensivos e detestáveis, esses rematados exibicionistas e fanfarrões? Por que encontrar um ator desprezioso e amável é tão difícil quanto encontrar um grego sem pulgas? A resposta é muito simples. Basta considerarmos o tipo de jovem que normalmente se torna um amante do teatro. Será ele, em média, o jovem inteligente, perspicaz, inventivo, ambicioso? Será o jovem com ideias, ávido de trabalho árduo e difícil? Será o leitor aplicado, o aluno estudioso, o investigador voraz? Não. Ele é, na maioria dos casos, o janota e o namorador da vizinhança, o guarda-roupas humano, o esperto acompanhante das damas. Os jovens de mente mais ativa, ao saírem da adolescência, voltam-se para os negócios e as profissões liberais; os homens que admiram e buscam seguir são homens de verdadeira distinção, homens que, de fato, realizaram coisas difíceis e valorosas, que tiveram boas brigas (embora nem sempre leais) e são

respeitados e invejados por outros homens. O jovem amante do teatro é de uma espécie mais delicada e superficial. Não busca uma chance de provar seu valor pelo trabalho árduo e proveitoso, mas uma chance de brilhar sem dificuldade. Não almeja a consideração dos homens, mas das mulheres. É, em suma, uma criatura vazia e incompetente, um afetado e exibicionista, um pagão, um bibelô.

Logo, faço a pergunta, mas explico o ator. Ele é o rapazinho bobo que envelhece sem se modificar. Iniciado em uma profissão que exige um pouco mais de informação, cultura ou capacidade de raciocínio do que uma dama do prazer, e cercado, em seu ambiente de trabalho, por homens tão estúpidos, vazios e fúteis quanto ele próprio será em um dia, ele tem o desenvolvimento interrompido, e a parca inteligência que talvez possua não tem a oportunidade de se revelar. O resultado, em sua forma usual, é o mau ator típico – um homem com o cérebro de um inspetor de loja e a vaidade de um clérigo requintado. Em sua forma mais elevada e salutar, o resultado é o ator-empresário, com seu séquito de assessores de imprensa, parasitas e criadas bajuladoras – talvez o mais absurdo e tremendo imbecil que a civilização já produziu. Procurar algum sinal de bom senso em um sujeito com esse equipamento e essa história é como procurar guardanapos em uma pensão de marinheiros.

Do mesmo modo, a inteligência relativamente maior das atrizes fica explicada. São, no pior dos casos, tão ruins quanto a generalidade dos atores. Há estrelas femininas que são puro capricho e palavrório oco – intelectualmente falando, são pedintes a cavalo, criadas bem lavadas. Mas quem conhece um pouco de teatro sabe que nele surgem muito mais mulheres espertas e dignas do que homens inteligentes. E por quê? Simplesmente porque as mulheres são recrutadas, em geral, de uma classe muito acima da que fornece os homens. Afinal, não é anormal para uma mulher de inteligência considerável aspirar ao teatro. Este lhe oferece, na realidade, uma das carreiras mais tentadoras que lhe estão disponíveis. Ela não pode esperar ter sucesso nos negócios e, em outras profissões, é uma intrusa inoportuna e muito escarncida, mas no palco pode lidar com os homens em pé de igualdade. Não espanta, portanto, que mulheres de classe relativamente alta frequentemente se dirijam ao ofício. Tão logo o abraçam, sua superioridade sobre os colegas homens manifesta-se rapidamente. Todos os movimentos contra a puerilidade e a imbecilidade no drama vieram não de atores, mas de atrizes – isto é, sempre que vieram de gente do teatro. Os pioneiros de Ibsen foram mulheres como Helena Modjeska, Agnes Sorma e Janet Achurch; os homens ficaram todos para trás. Ibsen, ao que parece, estava ciente dessa superioridade

e astutamente tirou proveito dela. Seja como for, seus papéis mais atraentes são femininos.

As moças do teatro manifestam essa tendência enfrentando grandes dificuldades. Elas têm de suportar o fardo do enorme número de mulheres que vão para a ribalta apenas para promover sua verdadeira profissão, mas, a despeito de tudo isso, qualquer um minimamente familiarizado com o meio teatral pode atestar que, comparando uns aos outros, as mulheres têm muito mais cérebro do que os homens e são consideravelmente menos vazias e idiotas. São relativamente poucas as atrizes, de qualquer posição, que se casam com atores. Achrom impossível, psicologicamente, a comunhão íntima com seus pomposos irmãos. Corretores, dramaturgos e mesmo empresários teatrais são muito preferíveis.

XX A Multidão

Gustave Le Bon e sua escola, em suas discussões sobre a psicologia das massas, propuseram a teoria de que o indivíduo, em contato com a multidão, desce um ou dois degraus na escala intelectual, e portanto tende a exibir as reações mentais e emocionais de seus inferiores. É assim que explicam a conhecida violência e imbecilidade das multidões. A multidão, enquanto multidão, executa atos dos quais muitos de seus membros, enquanto indivíduos, jamais seriam responsáveis. Sua inteligência média é baixíssima; ela é exaltada, perversa, idiota, quase símia. Multidões, devidamente manipuladas por demagogos habilidosos, estão prontas para acreditar em qualquer coisa e fazer qualquer coisa.

Le Bon, ousou dizer, está parcialmente certo, mas também parcialmente enganado. Sua teoria é provavelmente muito lisonjeira para o estúpido médio. Ele explica a extravagância das multidões pressupondo que o estúpido, juntamente com o homem superior, é privado do juízo por sugestão – que ele também faz em associação coisas que jamais pensaria fazer sozinho. Pode-se admitir o fato, mas o raciocínio levanta uma objeção. O estúpido perde a cabeça em meio à multidão não porque esta lhe tenha inoculado misteriosamente uma canalhice nova, mas porque sua canalhice habitual tem agora a única chance de atuar em segurança. Em outras palavras, o estúpido é perverso, mas covarde. Abstém-se de qualquer tentativa de linchamento à capela, não porque necessite de sugestão para querer linchar, mas porque necessita da proteção de uma multidão para ter a coragem de fazê-lo.

O que acontece quando uma multidão ataca não é bem o que Le Bon e seus seguidores descrevem. Os poucos homens superiores no meio dela não são logo reduzidos ao nível dos acéfalos típicos. Pelo contrário, costumam manter a cabeça e não raramente se esforçam para combater a ação da multidão. Mas os acéfalos são muitos; a cerca é derrubada ou o negro é linchado. E por quê? Não porque os acéfalos, normalmente virtuosos, de repente estejam criminalmente insanos. Nada disso, e sim porque estão subitamente conscientes do poder de seu número – porque percebem de súbito que sua perversidade e insanidade podem operar em segurança.

Em outras palavras, a particular baixaza de uma multidão tem residência permanente na maioria de seus membros – isto é, em todos os membros naturalmente ignorantes e perversos – talvez 95% deles. Todos os estudos sobre a psicologia das turbas são deficientes por subestimarem sua perversidade. Estão contaminados pela ilusão corrente de que os homens de baixa extração são anjos. Isso é um disparate. Os homens de baixa extração são patifes incuráveis, seja individual ou coletivamente. A decência, o autocontrole, o sentido de justiça, a coragem – tais virtudes pertencem apenas a uma pequena minoria de homens. Essa minoria nunca perde a cabeça. Seu traço mais distintivo, na realidade, consiste em sua resistência a perder a cabeça. O homem de terceira categoria, embora possa exibir as suíças postizas de um homem de primeira, pode sempre ser detectado pela incapacidade de manter o controle em face de um apelo às suas emoções. Um grito lhe arranca o disfarce.

XXIV

Um mistério teológico

O ordenamento moral do mundo naufraga com a febre dos fenos. De que serve ela? Por que foi inventada? O câncer e a hidrofobia, pelo menos, podem ser defendidos sob a alegação de que matam. Matar pode ter algum propósito benigno, algum sentido esotérico, alguma finalidade cósmica. A febre dos fenos, porém, nunca mata; apenas tortura. Nenhum homem jamais morreu dela. Será a tortura, então, um fim em si mesma? Quebrará ela o orgulho do homem empertigado e desdenhoso, e dirigirá seu coração para as coisas do espírito? Tolicie! O homem com febre dos fenos é um criminoso natural. Amaldiçoa os deuses e os desafia a matá-lo. Amaldiçoa até o demônio. Será a finalidade da doença, então, prepará-lo para a felicidade que vem em seguida – a enorme facilidade e conforto da convalescência? Tolicie outra

vez! A única coisa de que ele está certo, a única coisa de que não se esquece por um instante sequer, é que no próximo ano ela virá novamente.

XXVII Vandalismo virtuoso

Uma recente audição da sinfonia em Si bemol de Schumann, de resto uma experiência muito agradável, foi prejudicada pelo meu pensamento de que a música ganharia mais se os músicos abandonassem a reverência supersticiosa pelo mero texto dos clássicos. Essa reverência, na realidade, já está sujeita a certas limitações; modificações foram feitas, em um ou outro momento, na maioria dos oratórios imortais, e nem mesmo o nome imponente de Bach dissuadiu certos editores alemães. Mas, em geral, ainda envolve as sinfonias como uma imensa armadura de borracha e pudim, de modo que a imaginação deve vir em auxílio das flautas e dos violinos quando a orquestra toca Schumann, Mozart e mesmo partes de Beethoven. Percebe-se, muitas vezes claramente, o que o reverendo mestre pretendia, mas com a mesma frequência não se pode ouvi-lo em tons precisos.

Isso é verdadeiro, sobretudo no caso de Schumann, cuja deficiência instrumental é notória. E na sinfonia em Si menor, sua primeira aventura na forma épica, seus fracassos são mais numerosos. Mais de uma vez, obviamente tentando elevar o tom a um clímax comovente, ele consegue apenas embaralhar os timbres. Lembro-me de uma parte – no momento não posso recordar onde – em que as cordas e os metais se atacam em figuras furiosas. O sopro dos metais, como dizem os autores de *vaudevilles*, fazem-se entender – mas os violinos apenas gritam absurdamente. A passagem inteira sugere o balir de ovelhas em meio a um vasto mugir de touros. Schumann superestimava a potência dos violinos abaixo da corda Mi – ou subestimava a plena potência dos trompetes. Outros pontos fracos são bem conhecidos.

Por que, então, continuar a papaguear *gaucheries* que o próprio Schumann, se vivo fosse, há muito teria corrigido? Por que não convocar um concílio ecumênico, eleger uma comissão para observar essas coisas, e então esquecer o sacrilégio? Como autoproclamado representante da paganidade, nomeio o Dr. Richard Strauss como presidente. No fim das contas, Strauss provavelmente sabe mais sobre escrever para orquestra do que qualquer dos outros dois homens que já viveram, sem excluirmos Wagner. Certamente nenhum rival vivo, como diria o Dr. Sunday, está acima dele. Quando, depois de ouvirmos uma nova composição de Strauss, verificamos a partitura, fi-

camos invariavelmente surpresos com sua simplicidade. A performance tem tantos momentos brilhantes, uma exibição tão assombrosa de voluptuosidade, que o ouvido é levado a detectar escalas e cordas que nunca existiram na terra ou no mar. O que o olho perscrutador descobre em seguida talvez não seja mais que nossa velha amiga robusta e afável, a muito bem nascida *hausfrau*¹, Madame C Dur – com uma folha ou duas de Dó sustenido menor ou Fá maior no cabelo. O truque está nos timbres – na mágica espantosa da orquestração. Há momentos em “Electra” em que os sons vindos da orquestra puxam as próprias raízes dos cabelos, soam tão sobrenaturais que sugerem um gorjeio de dragões ou um *bierfisch*² – e, contudo, são produzidos pelos mesmos violinos que executam o Quarteto do Kaiser, e pelos mesmos trombones que as Valquírias montam como vassouras de bruxa, e pelas mesmas velhas flautas que soluçam e fungam na Serenata de Titl. E em partes de “Feuersnot” – mas Roget deve ser reescrita por Strauss antes que “Feuersnot” seja descrita. Há um ponto em que as harpas, desgarrando-se das volutas dos violinos, saltam abruptamente através (ou seria para dentro?) do firmamento do Paraíso. Certa vez, quando ouvia essa passagem em um concerto, uma mulher sentada ao meu lado desabou como uma árvore e teve de ser carregada pelos funcionários.

Sim, Strauss é o homem indicado para reorquestrar as sinfonias de Schumann, particularmente a sinfonia em Si menor, a Rhenish e a Quarta. Duvido que pudesse fazer muito por Schubert, pois, embora esteja morto há cem anos, permanece curiosamente moderno. A sinfonia Inacabada está cheia de efeitos sonoros primorosos – considerem, por exemplo, a figura sussurrante das cordas no primeiro movimento –, e a sinfonia em Dó maior é uma orgia tão prodigiosa de beleza melódica e harmônica que mal se podem notar os timbres. Em seu movimento lento, a pura graça musical diz provavelmente tudo o que jamais será dito. Mas e o velho Ludwig? Ha, ha; aqui começamos a tocar nas suíças do próprio Baal. No entanto, eu sou vândalo o bastante para me perguntar, nas manhãs tristes de domingo, o que Strauss poderia fazer com o primeiro movimento da sinfonia em Dó menor. E mais: se Strauss o fizesse e me deixasse ouvir o resultado apenas uma vez, com muito prazer eu passaria com ele seis meses na prisão. Mas em Munique, obviamente! E com direito a visitas diárias da prima *Pschorr*³!...

O conservadorismo que se esquiva a tais barbaridades é o mesmo que exige que até os erros tipográficos da Bíblia sejam engolidos sem um grão de

¹ “Dona de casa”, em alemão. (n.t.)

² “Peixe da cerveja”, em alemão. (n.t.)

³ Marca de cerveja alemã. (n.t.)

sal, e assim fez de certas partes da Sagrada Escritura um livro pueril de interpretação de sonhos. Se querem saber até que ponto essa recente loucura levou a Cristandade a se perder, deem uma olhada no artigo de Abraham Mitrie Rihbany, um inteligente sírio, na *Atlantic Monthly* de alguns anos atrás. Intitula-se “A Retórica Oriental”, e nele Rihbany mostra quanto da mera extravagância oriental da metáfora se encontra em várias passagens célebres, e quão pouco é literal. Essa extravagância oriental, obviamente, contribui para a beleza, mas, interpretada por eruditos sem imaginação, não contribui em nada para a compreensão. O que o mundo ocidental necessita é uma Bíblia em que os idiomas aramaicos de milhares de anos atrás sejam traduzidos para os idiomas de hoje. O homem que empreendesse essa tradução, é bem verdade, seria violentamente denunciado, mas poderia perfeitamente enfrentar a tempestade. As várias versões revistas, inclusive “O Novo Testamento em Linguagem Moderna”, de Richard Francis Weymouth, deixam muito a desejar. Retificam várias gafes ingênuas, tornando a narrativa como um todo mais inteligível, mas ainda reproduzem literalmente a maioria das figuras de linguagem.

Essas figuras não são a substância da Sagrada Escritura; são simplesmente sua cor. Do mesmo modo, o mero timbre não é a substância de uma composição musical. A Oitava Sinfonia de Beethoven é, em essência, tão excelente em um arranjo para piano a quatro mãos quanto na partitura original. Todas as ideias harmônicas e melódicas do compositor estão lá; podemos traçar com a mesma clareza seus sutis processos mentais; cada passo na elaboração dos temas é igualmente evidente. É verdade que há composições orquestrais das quais não se pode dizer o mesmo; seu timbre é muito mais importante do que sua forma, a tal ponto que, suprimido o primeiro, a segunda praticamente deixa de existir. Mas duvido que muitos críticos competentes a considerariam de primeira categoria. Afinal, a forma é o mais importante. A estrutura, não a decoração, é o que conta – a estrutura e a organização. Os pilares da obra-prima musical são como os pilares do Partenon; são quase tão belos desbotados quanto em suas cores originais.

XXXIX

Uma nova função para as igrejas

O argumento teleológico, pode-se admitir, estabelece um fundamento razoável para aceitarmos a existência de Deus. Torna a fé, em todo caso, tão inteligível quanto a descrença. Mas, quando os teólogos avançam da tese da

existência de Deus para a da Sua bondade, passam a pisar em terreno muito menos seguro. Como podemos encontrar alguma prova dessa bondade nos sofrimentos absurdos e intoleráveis do homem – em seu desamparo, em seu breve e conturbado período de vida, na inexplicável desproporção entre seus méritos e recompensas, na tragédia de suas elevadas ambições e na tragédia ainda maior de seus estúpidos questionamentos? Admitindo-se a existência de Deus, segue-se naturalmente uma casa dedicada a Ele. Ele é da mais alta importância; é justo que o homem Lhe deva alguma consideração. Mas por que louvá-Lo e lisonjeá-Lo por Suas crueldades indizíveis? Por que olvidar tão passivamente Seus fracassos em remediar o que é facilmente remediável? Por que, de fato, dedicar as igrejas exclusivamente ao culto? Por que não entregá-las, de vez em quando, a justas sessões de indignação?

Talvez os homens se inclinem a essa ideia mais tarde. Não é inconcebível, de fato, que a religião um dia deixe de ser uma covarde aquiescência e se transforme em uma crítica vigorosa e persistente. Se Deus pode ouvir uma súplica, por que sustentar que não poderia ouvir uma queixa? Na verdade, talvez Lhe agradasse descobrir que suas criaturas se tornaram tão auto-confiantes e reflexivas. Além do mais, isso poderia ajudá-lo a finalizar sua obra infinitamente complexa e difícil. A teologia já tem se aproximado de tais noções. Abandonou a doutrina primitiva da arbitrariedade e indiferença de Deus e substituiu-a pela doutrina de que Ele deseja, anseia mesmo, escutar os desejos de Suas criaturas – isto é, suas noções privadas, nascidas da experiência, a respeito do que seria melhor para elas próprias. Por que presumir que essas noções seriam menos dignas de atenção se lançadas em forma de crítica, ou mesmo de denúncia? Por que sustentar que o Deus que compreende e perdoa até a traição não poderia compreender e perdoar a censura?



AS SOMBRAS NA PAREDE

MARY E. WILKINS FREEMAN



O TEXTO: Publicado em *The Wind in the Rose-bush and Other Stories of the Supernatural*, em 1903, “The Shadows on the Wall”, de Mary E. Wilkins Freeman, é considerado um de seus melhores contos, reconhecido por H. P. Lovecraft em *Supernatural Horror in Literature*, graças ao material de horror que abarca e autenticidade. A narrativa envolve um acontecimento ou força sobrenatural que impele os personagens a interagir com o estranho, cujo resultado conduz à descoberta de um medo inesperado.

Texto traduzido: Freeman, Mary E. Wilkins. “The Shadows on the Wall”. In: Scarborough, E. D. (Org.). *Famous Modern Ghost Stories*. New York: The Knickerbocker Press, 1921.

A AUTORA: Mary Eleanor Wilkins Freeman (1852-1930) foi uma autora norte-americana cuja obra literária compreende contos, histórias infantis, poemas e romances, incluindo sua célebre coleção de histórias *A New England Nun and Other Stories*, de 1891. Especialista em contos fantasmagóricos, combinou o realismo com espíritos e fenômenos sobrenaturais, ambientados nos cenários e imersos nos costumes da Nova Inglaterra, região de grande valor histórico e cultural dos Estados Unidos.

O TRADUTOR: Cílio Lindenberg de Araújo Santos, tradutor, escritor e poeta, é graduado em Letras Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

THE SHADOWS ON THE WALL

“Not a line of its terrible outlines wavered.”

MARY E. WILKINS FREEMAN

“Henry had words with Edward in the study the night before Edward died,” said Caroline Glynn.

She spoke not with acrimony, but with grave severity. Rebecca Ann Glynn gasped by way of assent. She sat in a wide flounce of black silk in the corner of the sofa, and rolled terrified eyes from her sister Caroline to her sister Mrs. Stephen Brigham, who had been Emma Glynn, the one beauty of the family. The latter was beautiful still, with a large, splendid, full-blown beauty, she filled a great rocking-chair with her superb bulk of femininity, and swayed gently back and forth, her black silks whispering and her black frills fluttering. Even the shock of death – for her brother Edward lay dead in the house – could not disturb her outward serenity of demeanor.

But even her expression of masterly placidity changed before her sister Caroline’s announcement and her sister Rebecca Ann’s gasp of terror and distress in response.

“I think Henry might have controlled his temper, when poor Edward was so near his end,” she said with an asperity which disturbed slightly the rosette curves of her beautiful mouth.

“Of course he did not *know*,” murmured Rebecca Ann in a faint tone.

“Of course he did not know it,” said Caroline quickly. She turned on her sister with a strange, sharp look of suspicion. Then she shrank as if from the other’s possible answer.

Rebecca gasped again. The married sister, Mrs. Emma Brigham, was now sitting up straight in her chair; she had ceased rocking, and was eyeing them both intently with a sudden accentuation of family likeness in her face.

“What do you mean?” said she impartially to them both. Then she, too, seemed to shrink before a possible answer. She even laughed an evasive sort of laugh.

“Nobody means anything,” said Caroline firmly. She rose and crossed the room toward the door with grim decisiveness.

“Where are you going?” asked Mrs. Brigham.

“I have something to see to,” replied Caroline, and the others at once knew by her tone that she had some solemn and sad duty to perform in the chamber of death.

“Oh,” said Mrs. Brigham.

After the door had closed behind Caroline, she turned to Rebecca.

“Did Henry have many words with him?” she asked.

“They were talking very loud,” replied Rebecca evasively.

Mrs. Brigham looked at her. She had not resumed rocking. She still sat up straight, with a slight knitting of intensity on her fair forehead, between the pretty rippling curves of her auburn hair.

“Did you – ever hear anything?” she asked in a low voice with a glance toward the door.

“I was just across the hall in the south parlor, and that door was open and this door ajar,” replied Rebecca with a slight flush.

“Then you must have –”

“I couldn’t help it.”

“Everything?”

“Most of it.”

“What was it?”

“The old story.”

“I suppose Henry was mad, as he always was, because Edward was living on here for nothing, when he had wasted all the money father left him.”

Rebecca nodded, with a fearful glance at the door.

When Emma spoke again her voice was still more hushed. “I know how he felt,” said she. “It must have looked to him as if Edward was living at his expense, but he wasn’t.”

“No, he wasn’t.”

“And Edward had a right here according to the terms of father’s will, and Henry ought to have remembered it.”

“Yes, he ought.”

“Did he say hard things?”

“Pretty hard, from what I heard.”

“What?”

“I heard him tell Edward that he had no business here at all, and he thought he had better go away.”

“What did Edward say?”

“That he would stay here as long as he lived and afterward, too, if he was a mind to, and he would like to see Henry get him out; and then –”

“What?”

“Then he laughed.”

“What did Henry say?”

“I didn’t hear him say anything, but –”

“But what?”

“I saw him when he came out of this room.”

“He looked mad?”

“You’ve seen him when he looked so.”

Emma nodded. The expression of horror on her face had deepened.

“Do you remember that time he killed the cat because she had scratched him?”

“Yes. Don’t!”

Then Caroline reentered the room; she went up to the stove, in which a wood fire was burning – it was a cold, gloomy day of fall – and she warmed her hands, which were reddened from recent washing in cold water.

Mrs. Brigham looked at her and hesitated. She glanced at the door, which was still ajar; it did not easily shut, being still swollen with the damp weather of the summer. She rose and pushed it together with a sharp thud, which jarred the house. Rebecca started painfully with a half-exclamation. Caroline looked at her disapprovingly.

“It is time you controlled your nerves, Rebecca,” she said.

Mrs. Brigham, returning from the closed door, said imperiously that it ought to be fixed, it shut so hard.

"It will shrink enough after we have had the fire a few days," replied Caroline.

"I think Henry ought to be ashamed of himself for talking as he did to Edward," said Mrs. Brigham abruptly, but in an almost inaudible voice.

"Hush," said Caroline, with a glance of actual fear at the closed door.

"Nobody can hear with the door shut. I say again I think Henry ought to be ashamed of himself. I shouldn't think he'd ever get over it, having words with poor Edward the very night before he died. Edward was enough sight better disposition than Henry, with all his faults."

"I never heard him speak a cross word, unless he spoke cross to Henry that last night. I don't know but he did from what Rebecca overheard."

"Not so much cross, as sort of soft, and sweet, and aggravating," sniffed Rebecca.

"What do you really think ailed Edward?" asked Emma in hardly more than a whisper. She did not look at her sister.

"I know you said that he had terrible pains in his stomach, and had spasms, but what do you think made him have them?"

"Henry called it gastric trouble. You know Edward has always had dyspepsia."

Mrs. Brigham hesitated a moment. "Was there any talk of an – examination?" said she.

Then Caroline turned on her fiercely.

"No," said she in a terrible voice. "No."

The three sisters' souls seemed to meet on one common ground of terrified understanding through their eyes.

The old-fashioned latch of the door was heard to rattle, and a push from without made the door shake ineffectually. "It's Henry," Rebecca sighed rather than whispered. Mrs. Brigham settled herself, after a noiseless rush across the floor, into her rocking-chair again, and was swaying back and forth with her head comfortably leaning back, when the door at last yielded and Henry Glynn entered. He cast a covertly sharp, comprehensive glance at Mrs. Brigham with her elaborate calm; at Rebecca quietly huddled in the corner of the sofa with her handkerchief to her face and only one small uncovered reddened ear as attentive as a dog's, and at Caroline sitting with a

strained composure in her armchair by the stove. She met his eyes quite firmly with a look of inscrutable fear, and defiance of the fear and of him.

Henry Glynn looked more like this sister than the others. Both had the same hard delicacy of form and aquilinity of feature. They confronted each other with the pitiless immovability of two statues in whose marble lineaments emotions were fixed for all eternity.

Then Henry Glynn smiled and the smile transformed his face. He looked suddenly years younger, and an almost boyish recklessness appeared in his face. He flung himself into a chair with a gesture which was bewildering from its incongruity with his general appearance. He leaned his head back, flung one leg over the other, and looked laughingly at Mrs. Brigham.

“I declare, Emma, you grow younger every year,” he said.

She flushed a little, and her placid mouth widened at the corners. She was susceptible to praise.

“Our thoughts to-day ought to belong to the one of us who will *never* grow older,” said Caroline in a hard voice.

Henry looked at her, still smiling. “Of course, we none of us forget that,” said he, in a deep, gentle voice; “but we have to speak to the living, Caroline, and I have not seen Emma for a long time, and the living are as dear as the dead.”

“Not to me,” said Caroline.

She rose and went abruptly out of the room again. Rebecca also rose and hurried after her, sobbing loudly.

Henry looked slowly after them.

“Caroline is completely unstrung,” said he.

Mrs. Brigham rocked. A confidence in him inspired by his manner was stealing over her. Out of that confidence she spoke quite easily and naturally.

“His death was very sudden,” said she.

Henry’s eyelids quivered slightly but his gaze was unswerving.

“Yes,” said he, “it was very sudden. He was sick only a few hours.”

“What did you call it?”

“Gastric.”

“You did not think of an examination?”

“There was no need. I am perfectly certain as to the cause of his death.”

Suddenly Mrs. Brigham felt a creep as of some live horror over her very soul. Her flesh prickled with cold, before an inflection of his voice. She rose, tottering on weak knees.

“Where are you going?” asked Henry in a strange, breathless voice.

Mrs. Brigham said something incoherent about some sewing which she had to do – some black for the funeral – and was out of the room. She went up to the front chamber which she occupied. Caroline was there. She went close to her and took her hands, and the two sisters looked at each other.

“Don’t speak, don’t, I won’t have it!” said Caroline finally in an awful whisper.

“I won’t,” replied Emma.

That afternoon the three sisters were in the study.

Mrs. Brigham was hemming some black material. At last she laid her work on her lap.

“It’s no use, I cannot see to sew another stitch until we have a light,” said she.

Caroline, who was writing some letters at the table, turned to Rebecca, in her usual place on the sofa.

“Rebecca, you had better get a lamp,” she said.

Rebecca started up; even in the dusk her face showed her agitation.

“It doesn’t seem to me that we need a lamp quite yet,” she said in a piteous, pleading voice like a child’s.

“Yes, we do,” returned Mrs. Brigham peremptorily. “I can’t see to sew another stitch.”

Rebecca rose and left the room. Presently she entered with a lamp. She set it on the table, an old-fashioned card-table which was placed against the opposite wall from the window. That opposite wall was taken up with three doors; the one small space was occupied by the table.

“What have you put that lamp over there for?” asked Mrs. Brigham, with more of impatience than her voice usually revealed. “Why didn’t you set it in the hall, and have done with it? Neither Caroline nor I can see if it is on that table.”

“I thought perhaps you would move,” replied Rebecca hoarsely.

“If I do move, we can’t both sit at that table. Caroline has her paper all spread around. Why don’t you set the lamp on the study table in the middle of the room, then we can both see?”

Rebecca hesitated. Her face was very pale. She looked with an appeal that was fairly agonizing at her sister Caroline.

“Why don’t you put the lamp on this table, as she says?” asked Caroline, almost fiercely. “Why do you act so, Rebecca?”

Rebecca took the lamp and set it on the table in the middle of the room without another word. Then she seated herself on the sofa and placed a hand over her eyes as if to shade them, and remained so.

“Does the light hurt your eyes, and is that the reason why you didn’t want the lamp?” asked Mrs. Brigham kindly.

“I always like to sit in the dark,” replied Rebecca chokingly. Then she snatched her handkerchief hastily from her pocket and began to weep. Caroline continued to write, Mrs. Brigham to sew.

Suddenly Mrs. Brigham as she sewed glanced at the opposite wall. The glance became a steady stare. She looked intently, her work suspended in her hands. Then she looked away again and took a few more stitches, then she looked again, and again turned to her task. At last she laid her work in her lap and stared concentratedly. She looked from the wall round the room, taking note of the various objects. Then she turned to her sisters.

“What *is* that?” said she.

“What?” asked Caroline harshly.

“That strange shadow on the wall,” replied Mrs. Brigham.

Rebecca sat with her face hidden; Caroline dipped her pen in the inkstand.

“Why don’t you turn around and look?” asked Mrs. Brigham in a wondering and somewhat aggrieved way.

“I am in a hurry to finish this letter,” replied Caroline shortly.

Mrs. Brigham rose, her work slipping to the floor, and began walking round the room, moving various articles of furniture, with her eyes on the shadow.

Then suddenly she shrieked out:

“Look at this awful shadow! What is it? Caroline, look, look! Rebecca, look! What is it?”

All Mrs. Brigham’s triumphant placidity was gone. Her handsome face was livid with horror. She stood stiffly pointing at the shadow.

Then after a shuddering glance at the wall Rebecca burst out in a wild wail.

“Oh, Caroline, there it is again, there it is again!”

“Caroline Glynn, you look!” said Mrs. Brigham. “Look! What is that dreadful shadow?”

Caroline rose, turned, and stood confronting the wall.

“How should I know?” she said.

“It has been there every night since he died!” cried Rebecca.

“Every night?”

“Yes; he died Thursday and this is Saturday; that makes three nights,” said Caroline rigidly. She stood as if holding her calm with a vise of concentrated will.

“It – it looks like – like –” stammered Mrs. Brigham in a tone of intense horror.

“I know what it looks like well enough,” said Caroline. “I’ve got eyes in my head.”

“It looks like Edward,” burst out Rebecca in a sort of frenzy of fear. “Only –”

“Yes, it does,” assented Mrs. Brigham, whose horror-stricken tone matched her sisters’, “only – Oh, it is awful! What is it, Caroline?”

“I ask you again, how should I know?” replied Caroline. “I see it there like you. How should I know any more than you?”

“It *must* be something in the room,” said Mrs. Brigham, staring wildly around.

“We moved everything in the room the first night it came,” said Rebecca; “it is not anything in the room.”

Caroline turned upon her with a sort of fury. “Of course it is something in the room,” said she. “How you act! What do you mean talking so? Of course it is something in the room.”

“Of course it is,” agreed Mrs. Brigham, looking at Caroline suspiciously. “It must be something in the room.”

“It is not anything in the room,” repeated Rebecca with obstinate horror.

The door opened suddenly and Henry Glynn entered. He began to speak, then his eyes followed the direction of the others. He stood staring at the shadow on the wall.

“What is that?” he demanded in a strange voice.

“It must be due to something in the room,” Mrs. Brigham said faintly.

Henry Glynn stood and stared a moment longer. His face showed a gamut of emotions. Horror, conviction, then furious incredulity. Suddenly he began hastening hither and thither about the room. He moved the furniture with fierce jerks, turning ever to see the effect upon the shadow on the wall. Not a line of its terrible outlines wavered.

“It must be something in the room!” he declared in a voice which seemed to snap like a lash.

His face changed, the inmost secrecy of his nature seemed evident upon his face, until one almost lost sight of his lineaments. Rebecca stood close to her sofa, regarding him with woeful, fascinated eyes. Mrs. Brigham clutched Caroline’s hand. They both stood in a corner out of his way. For a few moments he raged about the room like a caged wild animal. He moved every piece of furniture; when the moving of a piece did not affect the shadow he flung it to the floor.

Then suddenly he desisted. He laughed.

“What an absurdity,” he said easily. “Such a to-do about a shadow.”

“That’s so,” assented Mrs. Brigham, in a scared voice which she tried to make natural. As she spoke she lifted a chair near her.

“I think you have broken the chair that Edward was fond of,” said Caroline.

Terror and wrath were struggling for expression on her face. Her mouth was set, her eyes shrinking. Henry lifted the chair with a show of anxiety.

“Just as good as ever,” he said pleasantly. He laughed again, looking at his sisters. “Did I scare you?” he said. “I should think you might be used to me by this time. You know my way of wanting to leap to the bottom of a mystery, and that shadow does look – queer, like – and I thought if there was any way of accounting for it I would like to without any delay.”

“You don’t seem to have succeeded,” remarked Caroline dryly, with a slight glance at the wall.

Henry’s eyes followed hers and he quivered perceptibly.

“Oh, there is no accounting for shadows,” he said, and he laughed again. “A man is a fool to try to account for shadows.”

Then the supper bell rang, and they all left the room, but Henry kept his back to the wall – as did, indeed, the others.

Henry led the way with an alert motion like a boy; Rebecca brought up the rear. She could scarcely walk, her knees trembled so.

“I can’t sit in that room again this evening,” she whispered to Caroline after supper.

“Very well; we will sit in the south room,” replied Caroline. “I think we will sit in the south parlor,” she said aloud; “it isn’t as damp as the study, and I have a cold.”

So they all sat in the south room with their sewing. Henry read the newspaper, his chair drawn close to the lamp on the table. About nine o’clock he rose abruptly and crossed the hall to the study. The three sisters looked at one another. Mrs. Brigham rose, folded her rustling skirts compactly round her, and began tiptoeing toward the door.

“What are you going to do?” inquired Rebecca agitatedly.

“I am going to see what he is about,” replied Mrs. Brigham cautiously.

As she spoke she pointed to the study door across the hall; it was ajar. Henry had striven to pull it together behind him, but it had somehow swollen beyond the limit with curious speed. It was still ajar and a streak of light showed from top to bottom.

Mrs. Brigham folded her skirts so tightly that her bulk with its swelling curves was revealed in a black silk sheath, and she went with a slow toddle across the hall to the study door. She stood there, her eye at the crack.

In the south room Rebecca stopped sewing and sat watching with dilated eyes. Caroline sewed steadily. What Mrs. Brigham, standing at the crack in the study door, saw was this:

Henry Glynn, evidently reasoning that the source of the strange shadow must be between the table on which the lamp stood and the wall, was making systematic passes and thrusts with an old sword which had belonged to his father all over and through the intervening space. Not an inch was left unpierced. He seemed to have divided the space into mathematical sections. He brandished the sword with a sort of cold fury and calculation; the blade gave out flashes of light, the shadow remained unmoved. Mrs. Brigham, watching, felt herself cold with horror.

Finally Henry ceased and stood with the sword in hand and raised as if to strike, surveying the shadow on the wall threateningly. Mrs. Brigham toddled back across the hall and shut the south room door behind her before she related what she had seen.

“He looked like a demon,” she said again. “Have you got any of that old wine in the house, Caroline? I don’t feel as if I could stand much more.”

“Yes, there’s plenty,” said Caroline; “you can have some when you go to bed.”

“I think we had all better take some,” said Mrs. Brigham. “Oh, Caroline, what –”

“Don’t ask; don’t speak,” said Caroline.

“No, I’m not going to,” replied Mrs. Brigham; “but –”

Soon the three sisters went to their chambers and the south parlor was deserted. Caroline called to Henry in the study to put out the light before he came upstairs. They had been gone about an hour when he came into the room bringing the lamp which had stood in the study. He set it on the table, and waited a few minutes, pacing up and down. His face was terrible, his fair complexion showed livid, and his blue eyes seemed dark blanks of awful reflections.

Then he took up the lamp and returned to the library. He set the lamp on the center table and the shadow sprang out on the wall. Again he studied the furniture and moved it about, but deliberately, with none of his former frenzy. Nothing affected the shadow. Then he returned to the south room with the lamp and again waited. Again he returned to the study and placed the lamp on the table, and the shadow sprang out upon the wall. It was midnight before he went upstairs. Mrs. Brigham and the other sisters, who could not sleep, heard him.

The next day was the funeral. That evening the family sat in the south room. Some relatives were with them. Nobody entered the study until Henry carried a lamp in there after the others had retired for the night. He saw again the shadow on the wall leap to an awful life before the light.

The next morning at breakfast Henry Glynn announced that he had to go to the city for three days. The sisters looked at him with surprise. He very seldom left home, and just now his practice had been neglected on account of Edward’s death.

“How can you leave your patients now?” asked Mrs. Brigham wonderingly.

“I don’t know how to, but there is no other way,” replied Henry easily. “I have had a telegram from Dr. Mitford.”

“Consultation?” inquired Mrs. Brigham.

“I have business,” replied Henry.

Doctor Mitford was an old classmate of his who lived in a neighboring city and who occasionally called upon him in the case of a consultation.

After he had gone, Mrs. Brigham said to Caroline that, after all, Henry had not said that he was going to consult with Doctor Mitford, and she thought it very strange.

“Everything is very strange,” said Rebecca with a shudder.

“What do you mean?” inquired Caroline.

“Nothing,” replied Rebecca.

Nobody entered the study that day, nor the next. The third day Henry was expected home, but he did not arrive and the last train from the city had come.

“I call it pretty queer work,” said Mrs. Brigham. “The idea of a doctor leaving his patients at such a time as this, and the idea of a consultation lasting three days! There is no sense in it, and *now* he has not come. I don’t understand it, for my part.”

“I don’t either,” said Rebecca.

They were all in the south parlor. There was no light in the study; the door was ajar.

Presently Mrs. Brigham rose – she could not have told why; something seemed to impel her – some will outside her own. She went out of the room, again wrapping her rustling skirts round that she might pass noiselessly, and began pushing at the swollen door of the study.

“She has not got any lamp,” said Rebecca in a shaking voice.

Caroline, who was writing letters, rose again, took the only remaining lamp in the room, and followed her sister. Rebecca had risen, but she stood trembling, not venturing to follow.

The doorbell rang, but the others did not hear it; it was on the south door on the other side of the house from the study. Rebecca, after hesitating until the bell rang the second time, went to the door; she remembered that the servant was out.

Caroline and her sister Emma entered the study. Caroline set the lamp on the table. They looked at the wall, and there were two shadows. The sisters stood clutching each other, staring at the awful things on the wall. Then Rebecca came in, staggering, with a telegram in her hand. “Here is – a telegram,” she gasped. “Henry is – dead.”



AS SOMBRAS NA PAREDE

“Nem uma só linha de seu terrível contorno tremulou.”

MARY E. WILKINS FREEMAN

Henry discutiu com Edward no escritório na noite anterior à morte de Edward –, disse Caroline Glynn.

Ela não falou com amargura, mas com uma seriedade grave. Rebecca Ann Glynn suspirou em sinal de concordância. Ela estava sentada em um longo babado de seda preta no canto do sofá, quando viu o olhar aterrorizado de sua irmã Caroline à sua outra irmã, a Sra. Stephen Brigham, que costumava se chamar Emma Glynn, a única beleza da família. Ela continuava linda, com uma graça desmedida, esplêndida e escancarada, ocupando uma grande cadeira de balanço com seu soberbo volume de feminilidade, balançando-se suavemente para frente e para trás, suas sedas negras sussurrando e suas franjas pretas tremulando. Nem mesmo o choque da morte – pois que seu irmão Edward se encontrava morto em casa – poderia abalar seu comportamento de serenidade exterior.

Mas até sua expressão de magistral placidez mudou diante da declaração de sua irmã Caroline e do suspiro de terror e angústia que sua irmã Rebecca Ann deu em resposta.

– Eu acho que Henry poderia ter controlado seu temperamento quando o pobre Edward estava perto de seu fim –, disse ela com uma rispidez que perturbou ligeiramente as curvas rosadas de sua linda boca.

– É claro que ele não *sabia* –, murmurou Rebecca Ann.

– É claro que ele não sabia disso –, disse Caroline rapidamente. Ela se voltou contra a irmã com um estranho e brusco olhar de desconfiança. Em seguida, recuou frente à possível resposta da outra.

Rebecca suspirou novamente. A irmã casada, a Sra. Emma Brigham, estava agora sentada reta em sua cadeira; ao parar de se balançar, se pôs a olhar as duas atentamente com uma súbita acentuação de semelhança familiar em seu rosto.

– O que vocês querem dizer? –, disse imparcialmente para ambas. E então, ela também pareceu recuar diante de uma possível resposta. E até riu disfarçadamente.

– Ninguém quer dizer nada –, disse Caroline firmemente. Ela se levantou e cruzou a sala em direção à porta com uma determinação sombria.

– Aonde você vai? –, indagou a Sra. Brigham.

– Eu tenho que providenciar algo –, respondeu Caroline, e as demais souberam de imediato pelo seu tom que ela tinha algum serviço solene e triste para realizar na câmara da morte.

– Ah –, disse a Sra. Brigham.

Depois que a porta se fechou, ela se virou para Rebecca.

– Henry discutiu muito com ele? –, perguntou.

– Eles estavam falando muito alto –, respondeu Rebecca evasivamente.

A Sra. Brigham olhou para ela, ainda sem se balançar na cadeira. E se mantinha ereta, com um leve franzido em sua bela testa por entre as curvas onduladas de seu cabelo castanho-avermelhado.

– Você chegou... a ouvir alguma coisa? –, ela perguntou em voz baixa, olhando para a porta.

– Eu estava perto do corredor no salão sul, e aquela porta estava aberta e esta outra semiaberta –, disse Rebecca com um leve rubor.

– Então, você deve ter...

– Eu não pude evitar.

– Tudo?

– A maior parte.

– E o que era?

– A velha história.

– Suponho que Henry estava aborrecido, como sempre, porque Edward vivia aqui de graça e porque havia gastado todo o dinheiro que o pai lhe deixou.

Rebecca assentiu com um olhar assustado para a porta.

Quando Emma falou novamente, sua voz estava ainda mais baixa. – Eu sei como ele se sentiu –, ela disse. – Deve ter parecido para ele que Edward vivia às suas custas, mas ele não vivia.

– Não, ele não vivia.

– E Edward tinha direito aqui, de acordo com os termos do testamento do pai, e Henry deveria ter se lembrado disso.

– Sim, ele deveria.

– Ele foi rude?

– Muito rude, pelo que ouvi.

– Por exemplo?

– Eu o ouvi dizer a Edward que ele não tinha coisa alguma aqui, e que achava que era melhor ele ir embora.

– E o que Edward disse?

– Que ele ficaria aqui enquanto ele vivesse e também depois, se ele quisesse, e que gostaria de ver Henry expulsá-lo. E então...

– O quê?

– Então, ele riu.

– O que Henry disse?

– Não o ouvi dizer nada, mas...

– Mas o quê?

– Eu vi quando ele saiu desta sala.

– Ele parecia bravo?

– Você já o viu quando ele parece estar assim.

Emma consentiu e sua expressão de horror se acentuou.

– Você se lembra daquela vez em que ele matou a gata porque ela o tinha arranhado?

– Sim. Não!

Então, Caroline retornou à sala; foi até a lareira, onde a lenha queimava – era um dia frio e sombrio de outono –, e aqueceu as mãos, que estavam avermelhadas por tê-las lavado em água fria.

A Sra. Brigham olhou para ela e hesitou. Ela voltou a olhar para a porta, que permanecia entreaberta; não fechava com facilidade, ainda estava inchada com o clima úmido do verão. Ela se ergueu e a empurrou, causando um som

oco que ressoou pela casa. Rebecca se assustou dolorosamente com uma meia-exclamação. Caroline olhou para ela com desaprovação.

– Já está na hora de controlar seus nervos, Rebecca –, disse ela.

Após ter fechado a porta, a Sra. Brigham disse com arrogância que, por ter batido com força, ela deveria ser consertada.

– Terá desinchado o bastante depois que mantivermos a lareira acesa por alguns dias –, respondeu Caroline.

– Eu acho que Henry deveria sentir vergonha por ter falado com Edward daquela maneira –, disse a Sra. Brigham abruptamente, mas com uma voz quase inaudível.

– Psiu –, disse Caroline com um olhar de medo para a porta fechada.

– Ninguém pode ouvir com a porta fechada. Eu repito que Henry deveria ter vergonha de si mesmo. Eu deveria saber que ele não superaria aquilo, brigando com o pobre Edward justo na noite anterior à sua morte. Mesmo com seus defeitos, Edward tinha mais disposição do que Henry.

– Eu nunca o ouvi dizer palavras desenfreadas, a menos que ele estivesse zangado com Henry naquela noite. Eu não sei, mas disse, pelo que Rebecca escutou.

– Não tão desenfreadas, mas meio doces e suaves, além de incômodas –, fungou Rebecca.

– O que você realmente acha que incomodou Edward? –, perguntou Emma em pouco mais que um sussurro, sem olhar para a irmã.

– Eu sei que você disse que ele tinha dores terríveis no estômago e espasmos, mas o que acha que causava isso?

– Henry chamava isso de problemas gástricos. Você sabe que Edward sempre teve dispepsia.

A Sra. Brigham hesitou um momento. – Ninguém falou sobre um... exame? –, disse ela.

Então, Caroline se virou contra ela impetuosamente.

– Não –, disse ela com uma voz terrível. – Não.

As almas das três irmãs pareciam ter se encontrado em um mesmo lugar comum de entendimento aterrorizado através de seus olhos.

Ouviu-se o trinco antiquado da porta chocalhar e um empurrão de fora fez a porta vibrar inutilmente. – É o Henry –, suspirou Rebecca ao invés de sussurrar. Após uma corrida silenciosa até sua cadeira de balanço, a Sra. Brigham se sentou novamente, e já estava se balançando, com sua cabeça

confortavelmente encostada na cadeira, quando a porta finalmente cedeu e Henry Glynn entrou. Ele lançou um olhar disfarçado e compreensivo para a Sra. Brigham com sua calma ensaiada; em Rebecca, que estava quieta e encolhida no canto do sofá com um lenço no rosto e apenas uma orelha descoberta tão atenta quanto a de um cachorro; e em Caroline, em sua exausta compostura, sentada próximo à lareira. Ela o fitou firmemente, com um receio impenetrável no olhar e de desafio ao medo e a ele.

Henry Glynn parecia mais com essa irmã do que com as outras. Ambos tinham a mesma delicadeza dura na forma e nos traços aquilinos. Eles se confrontaram com a impiedosa imobilidade de duas estátuas de mármore em cujos lineamentos as emoções foram fixadas por toda a eternidade.

Depois, Henry Glynn sorriu e o sorriso transformou seu rosto. De repente, parecia anos mais jovem e uma imprudência quase infantil apareceu em seu rosto. Ele se jogou em uma cadeira de um jeito desconcertante, uma atitude incompatível com sua aparência. Ele inclinou a cabeça para trás, pôs uma perna sobre a outra e olhou rindo para a Sra. Brigham.

– Tenho que admitir, Emma, que você fica mais jovem a cada ano –, disse ele.

Ela enrubesceu um pouco, e sua boca plácida se alargou nos cantos. Ela era suscetível a elogios.

– Nossos pensamentos hoje devem pertencer àquele de nós que *nunca* mais envelhecerá –, disse Caroline firmemente.

Henry olhou para ela, ainda sorrindo. – É claro que nenhum de nós esquecerá isso –, disse ele, com uma voz profunda e gentil. – Mas temos que falar com os vivos, Caroline, e eu não vejo Emma há muito tempo, e os vivos são tão queridos quanto os mortos.

– Não para mim –, disse Caroline.

De novo, ela se ergueu e saiu bruscamente da sala. Rebecca se apressou em acompanhá-la, soluçando alto.

Henry olhou lentamente para elas.

– Caroline está completamente transtornada –, disse ele.

A Sra. Brigham se balançava. Uma confiança nele, inspirada por seus modos, logo chegou a ela. E com essa mesma confiança, falou com calma e naturalmente.

– A morte dele foi muito repentina –, disse ela.

As pálpebras de Henry tremeram levemente, mas seu olhar era inabalável.

– Sim –, ele disse –, foi muito repentina. Ele adoeceu apenas algumas horas.

– O que foi que o...?

– Gástrico.

– Você não pensou em fazer um exame?

– Não precisava. Estou perfeitamente certo da causa de sua morte.

De repente, a Sra. Brigham sentiu um calafrio como de um terror ardente em sua alma. Sua pele formigou de frio, diante da inflexão da voz dele. Ela se levantou, cambaleando sobre os joelhos fracos.

– Aonde você vai? –, perguntou Henry com uma voz estranha e ofegante.

A Sra. Brigham disse algo incoerente sobre algumas costuras que ela tinha que fazer – algo preto para o funeral – e saiu da sala. Ela se dirigiu à sala frontal onde entrou. Lá estava Caroline. Ela se aproximou e pegou as mãos dela, e as duas irmãs se entreolharam.

– Não diga, não, eu não vou aceitar! –, disse Caroline enfim em um terrível sussurro.

– Não direi –, respondeu Emma.

Naquela tarde, as três irmãs estavam no escritório.

A Sra. Brigham estava cosendo algum material preto. Por fim, colocou o trabalho no colo.

– Não adianta. Eu não vou poder fazer nenhum ponto até que tenhamos luz –, disse ela.

Caroline, que estava escrevendo algumas cartas na mesa, virou-se para Rebecca, em seu lugar habitual no sofá.

– Rebecca, é melhor você pegar uma lâmparina –, disse.

Rebecca se levantou; e mesmo ao cair da noite, seu rosto mostrava sua agitação.

– Parece-me que ainda não precisamos de uma –, disse ela com uma voz piedosa e suplicante, como a de uma criança.

– Precisamos, sim –, retrucou a Sra. Brigham terminantemente. – Não enxergo para continuar costurando.

Rebecca se ergueu e deixou a sala. Logo depois reapareceu com uma lâmparina. Colocou-a sobre a mesa, uma velha mesa de jogar cartas que foi colocada contra a parede oposta da janela. Essa parede tinha três portas; ficando o espaço restante para a mesa.

– Por que você colocou a lâmparina ali? –, perguntou a Sra. Brigham, com mais impaciência do que sua voz costumava revelar. – Por que não a põe no corredor e acaba logo com isso? Nem Caroline nem eu podemos ver se está nessa mesa.

– Eu pensei que talvez vocês fossem mudar de lugar –, Rebecca respondeu com voz rouca.

– Se eu mudar, não poderemos nos sentar nessa mesa. Caroline espalhou todos seus papéis nela. Por que você não coloca a lâmparina na mesa do escritório, que está no meio da sala, para que possamos vê-la?

Rebecca hesitou. Seu rosto ficou pálido. Ela olhou para Caroline com um apelo bastante angustiante.

– Por que você não coloca a lâmparina nesta mesa, como ela disse? –, indagou Caroline, quase ferozmente. – Por que você age assim, Rebecca?

Rebecca pegou a lâmparina e colocou-a sobre a mesa no meio da sala sem dizer uma palavra. Depois, sentou-se no sofá e colocou uma mão sobre os olhos como se os quisesse proteger, e assim permaneceu.

– A luz machuca seus olhos, e é por isso que você não queria a lâmparina? –, perguntou gentilmente a Sra. Brigham.

– Eu sempre prefiro sentar no escuro –, respondeu Rebecca engasgada. Em seguida, tirou seu lenço rapidamente do bolso e começou a chorar. Caroline continuou a escrever e a Sra. Brigham a costurar.

Repentinamente, a Sra. Brigham, enquanto costurava, olhou para a parede oposta. O olhar se tornou uma fitada fixa. Ela olhou atentamente, tendo suspenso seu trabalho entre as mãos. Depois, desviou o olhar e costurou mais um pouco, e então, olhou novamente e voltou à sua tarefa. Por fim, deitou a costura no colo e olhou concentrada. Ela olhou para a parede ao redor da sala, prestando atenção em vários objetos. Depois, virou-se para as irmãs.

– O que é *aquilo*? –, disse ela.

– O quê? –, perguntou Caroline em tom de desagrado.

– Aquela estranha sombra na parede –, respondeu a Sra. Brigham.

Rebecca se sentou com o rosto escondido; Caroline mergulhou a caneta no tinteiro.

– Por que vocês não se viram para olhar? –, indagou a Sra. Brigham com espanto e aflição.

– Estou com pressa de terminar esta carta –, respondeu Caroline brevemente.

A Sra. Brigham se levantou, com a costura caindo no chão, e começou a andar pela sala, movendo vários itens da mobília, com os olhos na sombra.

Então, gritou de repente:

– Olhem para esta sombra horrorosa! O que é isso? Caroline, olhe, olhe! Rebecca, olhe! O que é isso?

Toda a placidez triunfante da Sra. Brigham se foi. Seu belo rosto estava lívido de terror. Ela ficou rigidamente apontando para a sombra.

Então, depois de um olhar trêmulo na parede, Rebecca irrompeu em um gemido descontrolado.

– Ó, Caroline, lá está ela de novo, lá está ela de novo!

– Caroline Glynn, olhe já! –, disse a Sra. Brigham. – Olhe! O que significa esta sombra medonha?

Caroline ergueu-se e virou-se, ficando de frente para a parede.

– Como é que eu vou saber? –, disse ela.

– Está lá todas as noites desde que ele morreu! –, choramingou Rebecca.

– Todas as noites?

– Sim; ele morreu quinta-feira e hoje é sábado; o que dá três noites –, disse Caroline rigidamente. Ela ficou de pé como se mantivesse a calma com uma concentrada vontade.

– Parece com... com... –, gaguejou a Sra. Brigham em um tom de horror intenso.

– Eu sei bem com o que parece –, disse Caroline. – Eu tenho olhos na minha cabeça.

– Parece com Edward –, proferiu Rebecca em uma espécie de frenesi de medo. – Só que...

– Sim, parece – consentiu a Sra. Brigham, cujo tom aterrorizado combinou com o das irmãs –, só que... Ah, é terrível! O que é isso, Caroline?

– Eu lhe pergunto de novo, como é que eu vou saber? –, respondeu Caroline. – Eu a vejo lá como você. Como poderia saber mais do que você?

– *Tem* que ser alguma coisa na sala –, disse a Sra. Brigham, olhando loucamente ao redor.

– Movemos tudo na sala na primeira noite em que apareceu –, disse Rebecca; – não é nada aqui dentro.

Caroline virou-se para ela em uma espécie de fúria. – É claro que é algo na sala –, disse ela. – Como você é fingida! O que quer com isso? É claro que é algo na sala.

– É claro que sim –, assentiu a Sra. Brigham, olhando com desconfiança para Caroline. – Deve ser algo aqui na sala.

– Não é nada na sala –, repetiu Rebecca com um horror persistente.

A porta se abriu de repente e Henry Glynn entrou. Ele começou a falar, então, seus olhos seguiram a direção das outras. Ele ficou em pé, olhando para a sombra na parede.

– O que é aquilo? –, exigiu saber com uma voz estranha.

– Deve ser por causa de algo nesta sala –, disse a Sra. Brigham ligeiramente.

Ainda de pé, Henry Glynn olhou atentamente por um momento. Em seu rosto, uma gama de emoções. Horror, convicção, depois furiosa incredulidade. De súbito, ele começou a correr de um lado a outro da sala. Ele moveu os móveis com puxões ferozes, virando tudo para ver que efeito teria na sombra da parede. Nem uma só linha de seu terrível contorno tremulou.

– Deve ser algo nesta sala! –, declarou com uma voz que pareceu estalar como um açoite.

Sua expressão mudou, o mais íntimo sigilo de sua natureza se evidenciava em seu rosto, de modo que seus lineamentos quase se perderam de vista. Rebecca estava perto do sofá, observando-o com olhos tristes e fascinados. A Sra. Brigham agarrou a mão de Caroline. Ambas ficaram em um canto fora do alcance dele. Por alguns momentos, ele se enfureceu pela sala como um animal selvagem enjaulado. Ele moveu todos os móveis; quando o movimento de alguma peça não afetava a sombra, ele a soltava no chão.

Então, repentinamente, ele desistiu. Ele riu.

– Que absurdo –, disse ele calmamente. – Tanto rebuliço por causa de uma sombra.

– Verdade –, concordou a Sra. Brigham, com uma voz apavorada que ela tentou tornar natural. Enquanto falava, ela levantou uma cadeira perto dela.

– Eu acho que você quebrou a cadeira que Edward gostava –, disse Caroline.

Terror e raiva estavam batalhando por um lugar no rosto dela. Sua boca estava imóvel e seus olhos encolhendo. Henry levantou a cadeira, demonstrando ansiedade.

– Tão boa como sempre –, disse de maneira agradável. Ele riu de novo, olhando para as irmãs. – Assustei vocês? –, ele disse. – Eu achei que vocês estavam acostumadas comigo a essa altura. Vocês sabem que eu gosto de ir até o fim de um mistério, e aquela sombra parece mesmo... estranha, como... e eu pensei que se houvesse alguma forma de justificá-la, eu explicaria sem demora.

– Parece que você não teve êxito –, comentou Caroline friamente, com um leve olhar para a parede.

Os olhos de Henry seguiram os dela e ele estremeceu perceptivelmente.

– Ah, nada justifica as sombras –, disse ele, e riu novamente. – Um homem é um tolo se tentar explicar as sombras.

Então, a campainha do jantar tocou, e todos partiram da sala, mas Henry se manteve de costas para a parede – assim como as demais.

Henry abriu caminho com um gesto de alerta como um menino; Rebecca seguiu atrás. Ela mal podia andar, pois seus joelhos tremiam muito.

– Eu não consigo ficar naquela sala esta noite novamente –, ela sussurrou para Caroline após o jantar.

– Muito bem; vamos nos sentar na sala ao sul –, respondeu Caroline. – Acho que vamos nos sentar na ala sul da casa –, falou em voz alta; – não é tão úmida quanto o escritório, e eu estou resfriada.

E todas se sentaram na sala ao sul com suas costuras. Henry lia o jornal, com a cadeira perto da lamparina sobre a mesa. Por volta das nove horas em ponto, ele se levantou abruptamente e atravessou o corredor até o escritório. As três irmãs se entreolharam. A Sra. Brigham se ergueu, dobrou a saia falhante em volta dela e saiu andando na ponta dos pés em direção à porta.

– O que você vai fazer? –, perguntou Rebecca, agitada.

– Vou ver o que ele vai fazer –, respondeu a Sra. Brigham com cautela.

Enquanto falava, ela apontou para a porta do escritório através do corredor; estava entreaberta. Henry se esforçou para fechá-la, mas, de alguma forma, havia inchado além do limite com uma velocidade espantosa. Continuava entreaberta e um feixe de luz se fazia mostrar de cima para baixo.

A Sra. Brigham dobrou a saia com tanta força que seu volume, com suas curvas volumosas, se revelou na bainha de seda preta que vestia, e assim ela caminhou lentamente pelo corredor até a porta do escritório. Lá ela parou, olhando pela fenda.

Na sala ao sul, Rebecca parou de costurar e ficou observando com os olhos bem abertos. Caroline cosia continuamente. O que a Sra. Brigham viu, através da fenda da porta do escritório, foi isso:

Henry Glynn, convencido evidentemente de que a fonte da estranha sombra devia estar entre a mesa em que estava a lamparina e a parede, fazia passes e golpes sistemáticos com uma espada antiga, que havia pertencido a seu pai, por todo o espaço ali intermediário. Nem um só centímetro ficou sem ter sido perfurado. Ele parecia ter dividido o espaço em seções matemáticas. Ao brandir a espada, ele foi frio, selvagem e calculista; a lâmina emitiu clarões, mas a sombra permaneceu imóvel. A Sra. Brigham, observando, sentiu um calafrio.

Por fim, Henry parou e ficou com a espada na mão, levantada como que para atacar, examinando de modo ameaçador a sombra na parede. A Sra. Brigham retornou à sala da ala sul cuidadosamente e fechou a porta antes de relatar o que tinha visto.

– Ele parecia um demônio –, ela repetiu. – Você ainda tem aquele vinho aqui em casa, Caroline? Eu não acho que vou conseguir aguentar mais.

– Sim, tem muito ainda –, disse Caroline; – você pode beber um pouco quando for dormir.

– Eu acho que todas deveriam beber um pouco –, disse a Sra. Brigham. – Ai, Caroline, mas que...

– Não pergunte; não fale –, disse Caroline.

– Não, eu vou não –, respondeu a Sra. Brigham; – mas...

Logo as três foram para seus quartos e a ala sul ficou deserta. Caroline avisou a Henry para desligar a lamparina do escritório antes de ir a dormir. Havia uma hora que elas tinham ido dormir quando ele trouxe a lamparina do escritório para a sala novamente. Colocou-a sobre a mesa e esperou alguns minutos, caminhando de um lado a outro. Seu semblante era terrível, sua face clara estava lívida, e seus olhos azuis pareciam lacunas escuras de horríveis reflexos.

Depois, ele pegou a lamparina e retornou à biblioteca. Ao colocá-la na mesa de centro, a sombra surgiu na parede. Novamente, ele analisou a posição dos móveis e os moveu deliberadamente, porém, menos agitado do que antes. Mas nada surtiu efeito na sombra. Mais uma vez, ele voltou com a lamparina à sala ao sul e esperou. E, de novo, voltou ao escritório e colocou a lamparina sobre a mesa, e a sombra surgiu na parede. Só após a meia-noite ele

subiu para dormir. A Sra. Brigham e as outras irmãs, que não conseguiam dormir, ouviram-no.

No dia seguinte foi o funeral. Naquela noite, a família se sentou na sala ao sul. Alguns parentes estavam com eles. Ninguém entrou no escritório até Henry ter ido lá, depois que todos se recolheram. E novamente, viu a sombra na parede saltar para uma vida terrível com a luz da lamparina.

No café da manhã seguinte, Henry Glynn anunciou que tinha que passar três dias na cidade. As irmãs olharam com surpresa para ele. Ele raramente saía de casa, e justo agora seu hábito tinha sido ignorado por causa da morte de Edward.

– Como pode deixar seus pacientes assim? –, perguntou a Sra. Brigham, surpresa.

– Eu não sei como, mas não há outra maneira –, respondeu Henry calmamente. – Eu recebi um telegrama do Dr. Mitford.

– Consulta? –, perguntou a Sra. Brigham.

– Negócios –, disse Henry.

O doutor Mitford era um antigo colega de classe que morava em uma cidade vizinha e que ocasionalmente o chamava no caso de uma consulta.

Depois que ele saiu, a Sra. Brigham falou para Caroline que, ao final das contas, Henry não falou que se consultaria com o doutor Mitford, e que achou isso muito estranho.

– Tudo é muito estranho –, disse Rebecca com um calafrio.

– O que você quer dizer? –, indagou Caroline.

– Nada –, respondeu Rebecca.

Ninguém entrou no escritório naquele dia, nem no outro. No terceiro dia, Henry deveria ter retornado para casa, mas ele não tinha chegado e o último trem da cidade já havia passado.

– Pense em um negócio esquisito –, disse a Sra. Brigham. – O fato de um médico deixar seus pacientes em uma ocasião como esta, e o fato de a tal consulta durar três dias! Não faz sentido algum, e *agora* ele não veio. Não consigo entender.

– E nem eu –, disse Rebecca.

Todas estavam na sala ao sul. Não havia luz no escritório, mas a porta estava entreaberta.

Logo, a Sra. Brigham se pôs de pé – ela só não sabia dizer o porquê; algo fora dela parecia impulsiná-la. Ela saiu da sala, novamente com a saia nas

mãos para que passasse sem fazer barulho, e começou a empurrar a porta inchada do escritório.

– Ela foi sem a lamparina –, disse Rebecca com uma voz tremulante.

Caroline, que estava escrevendo cartas, se ergueu e pegou a única lamparina da sala, seguindo a irmã. Rebecca havia se levantado, sem se aventurar a segui-las.

A campainha tocou, mas as outras não ouviram; apenas da sala ao sul foi possível ouvir. Rebecca, após hesitar até tocarem a segunda vez, foi até a porta; ela se lembrou que o empregado havia saído.

Caroline e sua irmã Emma entraram no escritório. A primeira pôs a lâmpada sobre a mesa. Elas olharam para a parede e lá viram duas sombras. As irmãs se agarraram uma a outra, encarando a cena medonha na parede. Então, Rebecca entrou cambaleando com um telegrama na mão. – Chegou um... telegrama –, ela suspirou. – Henry está... morto.



UMA FAMÍLIA IDEAL

KATHERINE MANSFIELD



O TEXTO: O conto “Uma família ideal” integra o livro *The Garden Party and Other Stories*, publicado em 1922, de Katherine Mansfield. A história estrutura-se em torno da vida do Sr. Neave, um velho empresário que é elogiado pela perfeição de sua família, mas que parece vê-la diferente. Angustiado com a ideia de aposentar-se e de ficar em casa, ele se desanima com a primavera que se aproxima, acreditando não ter mais a vivacidade para aproveitá-la. O conto preserva a prosa de Mansfield, mais poética, e também a característica de suas narrativas, geralmente focadas em conflitos psicológicos, de relato oblíquo e observação sutil.

Texto traduzido: Mansfield, Katherine. “An ideal family”. In. *The Garden Party and Other Stories*. Harmondsworth: Penguin Books, 1951.

A AUTORA: Katherine Mansfield (1888-1923), pseudônimo de Kathleen Mansfield Beauchamp, foi uma proeminente contista neozelandesa. Nasceu em Wellington, na Nova Zelândia, e mudou-se para Londres, na Inglaterra, aos 19 anos, onde estudou Artes e Línguas na Queen’s College e se dedicou à carreira literária. De sua extensa obra, destacam-se as coletâneas de contos *The Garden Party* (1922), *Bliss* (1923) e *The Journal of Katherine Mansfield* (1927).

A TRADUTORA: Thaís Fernandes é professora, tradutora e revisora de periódicos da área de Letras e Linguística. Especialista em Língua Inglesa e suas Literaturas (UNESA-RJ), desenvolve pesquisa em Estudos da Tradução (FFLCH/USP) e participa do Programa Formativo do Centro de Estudos de Tradução Literária, na Casa Guilherme de Almeida. Tem poemas e traduções publicados em jornais e revistas nacionais e internacionais, entre os quais, *The Mark Literary Review*, *Tuck Magazine*, *Meta/Phor-e/Play* e *The Asahi Shimbun* (haiku).

AN IDEAL FAMILY

*“You’re an ideal family, sir, an ideal family.
It’s like something one reads about or sees on the stage.”*

KATHERINE MANSFIELD

That evening for the first time in his life, as he pressed through the swing door and descended the three broad steps to the pavement, old Mr. Neave felt he was too old for the spring. Spring – warm, eager, restless – was there, waiting for him in the golden light, ready in front of everybody to run up, to blow in his white beard, to drag sweetly on his arm. And he couldn't meet her, no; he couldn't square up once more and stride off, jaunty as a young man. He was tired and, although the late sun was still shining, curiously cold, with a numbed feeling all over. Quite suddenly he hadn't the energy, he hadn't the heart to stand this gaiety and bright movement any longer; it confused him. He wanted to stand still, to wave it away with his stick, to say, “Be off with you!” Suddenly it was a terrible effort to greet as usual – tipping his wide-awake with his stick – all the people whom he knew, the friends, acquaintances, shopkeepers, postmen, drivers. But the gay glance that went with the gesture, the kindly twinkle that seemed to say, “I'm a match and more for any of you” – that old Mr. Neave could not manage at all. He stumped along, lifting his knees high as if he were walking through air that had somehow grown heavy and solid like water. And the homeward-looking crowd hurried by, the trams clanked, the light carts clattered, the big swinging cabs bowled along with that reckless, defiant indifference that one knows only in dreams...

It had been a day like other days at the office. Nothing special had happened. Harold hadn't come back from lunch until close on four. Where had he been? What had he been up to? He wasn't going to let his father

know. Old Mr. Neave had happened to be in the vestibule, saying good-bye to a caller, when Harold sauntered in, perfectly turned out as usual, cool, suave, smiling that peculiar little half-smile that women found so fascinating.

Ah, Harold was too handsome, too handsome by far; that had been the trouble all along. No man had a right to such eyes, such lashes, and such lips; it was uncanny. As for his mother, his sisters, and the servants, it was not too much to say they made a young god of him; they worshipped Harold, they forgave him everything; and he had needed some forgiving ever since the time when he was thirteen and he had stolen his mother's purse, taken the money, and hidden the purse in the cook's bedroom. Old Mr. Neave struck sharply with his stick upon the pavement edge. But it wasn't only his family who spoiled Harold, he reflected, it was everybody; he had only to look and to smile, and down they went before him. So perhaps it wasn't to be wondered at that he expected the office to carry on the tradition. H'm, h'm! But it couldn't be done. No business – not even a successful, established, big paying concern – could be played with. A man had either to put his whole heart and soul into it, or it went all to pieces before his eyes...

And then Charlotte and the girls were always at him to make the whole thing over to Harold, to retire, and to spend his time enjoying himself. Enjoying himself! Old Mr. Neave stopped dead under a group of ancient cabbage palms outside the Government buildings! Enjoying himself! The wind of evening shook the dark leaves to a thin airy cackle. Sitting at home, twiddling his thumbs, conscious all the while that his life's work was slipping away, dissolving, disappearing through Harold's fine fingers, while Harold smiled...

"Why will you be so unreasonable, father? There's absolutely no need for you to go to the office. It only makes it very awkward for us when people persist in saying how tired you're looking. Here's this huge house and garden. Surely you could be happy in – in – appreciating it for a change. Or you could take up some hobby."

And Lola the baby had chimed in loftily, "All men ought to have hobbies. It makes life impossible if they haven't."

Well, well! He couldn't help a grim smile as painfully he began to climb the hill that led into Harcourt Avenue. Where would Lola and her sisters and Charlotte be if he'd gone in for hobbies, he'd like to know? Hobbies couldn't pay for the town house and the seaside bungalow, and their horses, and their golf, and the sixty-guinea gramophone in the music-room for them to dance to. Not that he grudged them these things. No, they were smart,

good-looking girls, and Charlotte was a remarkable woman; it was natural for them to be in the swim. As a matter of fact, no other house in the town was as popular as theirs; no other family entertained so much. And how many times old Mr. Neave, pushing the cigar box across the smoking-room table, had listened to praises of his wife, his girls, of himself even.

“You’re an ideal family, sir, an ideal family. It’s like something one reads about or sees on the stage.”

“That’s all right, my boy,” old Mr. Neave would reply. “Try one of those; I think you’ll like them. And if you care to smoke in the garden, you’ll find the girls on the lawn, I dare say.”

That was why the girls had never married, so people said. They could have married anybody. But they had too good a time at home. They were too happy together, the girls and Charlotte. H’m, h’m! Well, well. Perhaps so...

By this time he had walked the length of fashionable Harcourt Avenue; he had reached the corner house, their house. The carriage gates were pushed back; there were fresh marks of wheels on the drive. And then he faced the big white-painted house, with its wide-open windows, its tulle curtains floating outwards, its blue jars of hyacinths on the broad sills. On either side of the carriage porch their hydrangeas – famous in the town – were coming into flower; the pinkish, bluish masses of flower lay like light among the spreading leaves. And somehow, it seemed to old Mr. Neave that the house and the flowers, and even the fresh marks on the drive, were saying, “There is young life here. There are girls –”

The hall, as always, was dusky with wraps, parasols, gloves, piled on the oak chests. From the music-room sounded the piano, quick, loud and impatient. Through the drawing-room door that was ajar voices floated.

“And were there ices?” came from Charlotte. Then the creak, creak of her rocker.

“Ices!” cried Ethel. “My dear mother, you never saw such ices. Only two kinds. And one a common little strawberry shop ice, in a sopping wet frill.”

“The food altogether was too appalling,” came from Marion.

“Still, it’s rather early for ices,” said Charlotte easily.

“But why, if one has them at all...” began Ethel.

“Oh, quite so, darling,” crooned Charlotte.

Suddenly the music-room door opened and Lola dashed out. She started, she nearly screamed, at the sight of old Mr. Neave.

“Gracious, father! What a fright you gave me! Have you just come home? Why isn’t Charles here to help you off with your coat?”

Her cheeks were crimson from playing, her eyes glittered, the hair fell over her forehead. And she breathed as though she had come running through the dark and was frightened. Old Mr. Neave stared at his youngest daughter; he felt he had never seen her before. So that was Lola, was it? But she seemed to have forgotten her father; it was not for him that she was waiting there. Now she put the tip of her crumpled handkerchief between her teeth and tugged at it angrily. The telephone rang. A-ah! Lola gave a cry like a sob and dashed past him. The door of the telephone-room slammed, and at the same moment Charlotte called, “Is that you, father?”

“You’re tired again,” said Charlotte reproachfully, and she stopped the rocker and offered her warm plum-like cheek. Bright-haired Ethel pecked his beard, Marion’s lips brushed his ear.

“Did you walk back, father?” asked Charlotte.

“Yes, I walked home,” said old Mr. Neave, and he sank into one of the immense drawing-room chairs.

“But why didn’t you take a cab?” said Ethel. “There are hundred of cabs about at that time.”

“My dear Ethel,” cried Marion, “if father prefers to tire himself out, I really don’t see what business of ours it is to interfere.”

“Children, children?” coaxed Charlotte.

But Marion wouldn’t be stopped. “No, mother, you spoil father, and it’s not right. You ought to be stricter with him. He’s very naughty.” She laughed her hard, bright laugh and patted her hair in a mirror. Strange! When she was a little girl she had such a soft, hesitating voice; she had even stutted, and now, whatever she said – even if it was only “Jam, please, father” – it rang out as though she were on the stage.

“Did Harold leave the office before you, dear?” asked Charlotte, beginning to rock again.

“I’m not sure,” said Old Mr. Neave. “I’m not sure. I didn’t see him after four o’clock.”

“He said –” began Charlotte.

But at that moment Ethel, who was twitching over the leaves of some paper or other, ran to her mother and sank down beside her chair.

"There, you see," she cried. "That's what I mean, mummy. Yellow, with touches of silver. Don't you agree?"

"Give it to me, love," said Charlotte. She fumbled for her tortoise-shell spectacles and put them on, gave the page a little dab with her plump small fingers, and pursed up her lips. "Very sweet!" she crooned vaguely; she looked at Ethel over her spectacles. "But I shouldn't have the train."

"Not the train!" wailed Ethel tragically. "But the train's the whole point."

"Here, mother, let me decide." Marion snatched the paper playfully from Charlotte. "I agree with mother," she cried triumphantly. "The train over-weights it."

Old Mr. Neave, forgotten, sank into the broad lap of his chair, and, dozing, heard them as though he dreamed. There was no doubt about it, he was tired out; he had lost his hold. Even Charlotte and the girls were too much for him to-night. They were too... too... But all his drowsing brain could think of was – too *rich* for him. And somewhere at the back of everything he was watching a little withered ancient man climbing up endless flights of stairs. Who was he?

"I shan't dress to-night," he muttered.

"What do you say, father?"

"Eh, what, what?" Old Mr. Neave woke with a start and stared across at them. "I shan't dress to-night," he repeated.

"But, father, we've got Lucile coming, and Henry Davenport, and Mrs. Teddie Walker."

"It will look so very out of the picture."

"Don't you feel well, dear?"

"You needn't make any effort. What is Charles *for*?"

"But if you're really not up to it," Charlotte wavered.

"Very well! Very well!" Old Mr. Neave got up and went to join that little old climbing fellow just as far as his dressing-room...

There young Charles was waiting for him. Carefully, as though everything depended on it, he was tucking a towel round the hot-water can. Young Charles had been a favourite of his ever since as a little red-faced boy he had come into the house to look after the fires. Old Mr. Neave lowered himself into the cane lounge by the window, stretched out his legs, and made his little evening joke, "Dress him up, Charles!" And Charles, breathing intently and frowning, bent forward to take the pin out of his tie.

H'm, h'm! Well, well! It was pleasant by the open window, very pleasant – a fine mild evening. They were cutting the grass on the tennis court below; he heard the soft churr of the mower. Soon the girls would begin their tennis parties again. And at the thought he seemed to hear Marion's voice ring out, "Good for you, partner... Oh, *played*, partner... Oh, *very* nice indeed." Then Charlotte calling from the veranda, "Where is Harold?" And Ethel, "He's certainly not here, mother." And Charlotte's vague, "He said –"

Old Mr. Neave sighed, got up, and putting one hand under his beard, he took the comb from young Charles, and carefully combed the white beard over. Charles gave him a folded handkerchief, his watch and seals, and spectacle case.

"That will do, my lad." The door shut, he sank back, he was alone...

And now that little ancient fellow was climbing down endless flights that led to a glittering, gay dining-room. What legs he had! They were like a spider's – thin, withered.

"You're an ideal family, sir, an ideal family."

But if that were true, why didn't Charlotte or the girls stop him? Why was he all alone, climbing up and down? Where was Harold? Ah, it was no good expecting anything from Harold. Down, down went the little old spider, and then, to his horror, old Mr. Neave saw him slip past the dining-room and make for the porch, the dark drive, the carriage gates, the office. Stop him, stop him, somebody!

Old Mr. Neave started up. It was dark in his dressing-room; the window shone pale. How long had he been asleep? He listened, and through the big, airy, darkened house there floated far-away voices, far-away sounds. Perhaps, he thought vaguely, he had been asleep for a long time. He'd been forgotten. What had all this to do with him – this house and Charlotte, the girls and Harold – what did he know about them? They were strangers to him. Life had passed him by. Charlotte was not his wife. His wife!

... A dark porch, half hidden by a passion-vine, that drooped sorrowful, mournful, as though it understood. Small, warm arms were round his neck. A face, little and pale, lifted to his, and a voice breathed, "Good-bye, my treasure."

My treasure! "Good-bye, my treasure!" Which of them had spoken? Why had they said good-bye? There had been some terrible mistake. She was his wife, that little pale girl, and all the rest of his life had been a dream.

Then the door opened, and young Charles, standing in the light, put his hands by his side and shouted like a young soldier, "Dinner is on the table, sir!"

"I'm coming, I'm coming," said old Mr. Neave.



UMA FAMÍLIA IDEAL

*“O senhor tem uma família ideal, uma família i-de-al.
Algo parecido ao que se lê nos livros ou se vê no teatro.”*

KATHERINE MANSFIELD

N aquela noite, pela primeira vez em sua vida, enquanto passava pela porta do balanço e descia os três largos degraus até a calçada, o Sr. Neave sentiu que estava velho demais para a primavera. A primavera – cálida, vívida, inquieta – estava lá, esperando por ele naquela luz dourada, na frente de todos, pronta para correr ao seu encontro, acariciar sua barba branca, arrastada gentilmente por seu braço. E ele não podia conhecê-la, não; também não podia segui-la, pois não podia mais alcançá-la e correr com ela, lépido como um homem jovem. Estava cansado, mesmo que o sol tardio ainda brilhasse, curiosamente frio, com uma sensação entorpecida por toda parte. De repente, ele não tinha energia, não tinha mais coragem para manter esse entusiasmo e o movimento brilhante; isso o confundiu. Ele queria permanecer quieto, acenar de longe com a bengala e dizer: “Vá embora!”. Inesperadamente, ele fez um enorme esforço para cumprimentar, como de costume – ao inclinar seu chapéu sombreiro com um cajado –, todas as pessoas que ele conhecia: amigos, conhecidos, lojistas, carteiros, motoristas. Mas o olhar alegre que acompanhava aquele gesto, aquele brilho gentil que parecia dizer: “Eu valho tanto e mais quanto qualquer um de vocês” –, o velho Neave não mais conseguiu alcançá-lo. Ele continuou a andar desajeitadamente, levantando os joelhos como se estivesse caminhando por uma atmosfera que, de algum modo, se tornara mais espessa e sólida como a água. E a multidão de pessoas que voltava para suas casas seguia apressada, enquanto os bondes soavam, as carroças barulhavam e os grandes carros alugados desfilavam pelas ruas com aquela indiferença desafiadora e imprudente que só se conhece em sonhos.

No escritório, havia sido um dia como os outros. Nada de especial aconteceu. Harold não tinha retornado do almoço até cerca das quatro. Onde ele esteve? O que estava fazendo? Ele não deixaria seu pai saber. O Sr. Neave por acaso estava no saguão, despedindo-se de um cliente, quando Harold apareceu, impassível como sempre, calmo, gentil, sorrindo com aquele sorrisinho peculiar que as mulheres achavam tão fascinante.

Ah! Harold era bonito demais, de longe; e isso foi a causa de todos os seus problemas. Nenhum homem tinha direito a tais olhos, cílios e lábios; isso era perigoso. E não é preciso dizer que sua mãe, irmãs e criados fizeram dele um jovem deus; eles o adoravam e lhe perdoaram tudo; e ele precisava de perdão desde que, aos treze anos, havia roubado a bolsa de sua mãe, pegado o dinheiro e escondido a carteira dela no quarto da cozinha. O velho Sr. Neave bateu bruscamente com a bengala na beira do asfalto. E não foi apenas a família de Harold que o estragou, pensou, mas todo mundo; ele só tinha que olhar e sorrir, e assim todos o lisonjeariam. Portanto, talvez não fosse de admirar que Harold esperasse que o escritório desse continuidade à tradição familiar. Hum, hum! Mas isso não foi possível. Nenhum negócio – nem mesmo uma empresa bem-sucedida, estabelecida e com capital – poderia ser aproveitada. Um homem tinha que colocar todo seu coração e alma nele, ou então tudo se desfaria diante de seus olhos.

Além disso, Charlotte e suas filhas estavam sempre pedindo a ele que deixasse tudo para Harold, que se aposentasse e passasse o resto do tempo se divertindo! O Sr. Neave parou morto debaixo de um grupo de velhas palmeiras em frente aos prédios do Governo! Espairecendo-se! O vento da tarde sacudiu as folhas escuras com um riso tênue e arejado. Em casa, sentou-se, girando os polegares, consciente o tempo todo de que o trabalho de sua vida estava se esvaindo, se dissolvendo, desaparecendo entre os dedos finos de Harold, enquanto Harold sorria.

— Por que você é tão irracional, pai? Não há absolutamente qualquer necessidade de você ir ao escritório. Isso apenas nos faz sentir constrangidos quando as pessoas insistem em dizer o quanto você está cansado. Veja esta enorme casa e jardim, decerto você poderia ser feliz aqui, considerando as adaptações. O senhor também poderia dedicar-se a algum *hobby*.

E Lola, a mais nova, tinha opinado presunçosa:

— Todos os homens devem ter *hobbies*. A vida se tornaria impossível se não os tivessem.

Ah, sim! Então, ele não pôde evitar um sorriso amargurado quando começou a subir dolorosamente a encosta que levava à avenida Harcourt.

Mas, aliás, onde Lola, suas irmãs e Charlotte estariam se ele tivesse tido *hobbies*? Ele gostaria de saber. Os *hobbies* não poderiam pagar pela casa na cidade, pelo bangalô à beira-mar, por seus cavalos e seu golfe, ou o gramofone de sessenta guinéus na sala de música para eles dançarem. Não que ele lhes ressentisse essas coisas. Não, elas eram moças inteligentes e bonitas, e Charlotte era uma mulher notável; era natural que seguissem essa tendência. De fato, nenhuma outra casa na cidade era tão popular quanto a deles; nenhuma outra família entretinha tanto. E quantas vezes o velho Sr. Neave, empurrando a caixa de charutos sobre a mesa da sala de fumantes, tinha escutado elogios de sua esposa, filhas e até de si mesmo.

– O senhor tem uma família ideal, uma família i-de-al. Algo parecido ao que se lê nos livros ou se vê no teatro.

– Obrigado, meu jovem –, respondeu o velho Sr. Neave. – Tente um desses aqui, acho que irá gostar. E se você quiser sair e fumar no jardim, ousou dizer que encontrará minhas filhas no gramado. Vai lá!

Foi por isso que suas filhas nunca se casaram, disseram as pessoas. Elas já poderiam ter se casado com alguém, mas passaram um bom tempo em casa. E eram muito felizes juntas, as meninas e Charlotte. Hum, hum! Sim, bem, talvez esse seja o motivo...

A essa altura, ele já havia percorrido a elegante avenida Harcourt; havia chegado à casa da esquina, à própria casa. Os portões da carruagem foram empurrados para trás; havia novas marcas de rodas no caminho. E então ele estava em frente ao casarão pintado de branco, com suas janelas abertas, suas cortinas de tule flutuando para fora, suas jarras azuis de jacinto nos largos parapeitos. Em ambos os lados da varanda, suas hortênsias – famosas por toda a cidade – estavam florescendo; os ramos de flores rosadas e azuladas jaziam como luz entre as folhas abertas. E, de alguma forma, parecia ao velho Sr. Neave que a casa e as flores, até mesmo as novas marcas no caminho, diziam: “Há vida jovem aqui. As meninas estão por perto...”

O vestibulo, como sempre, estava escuro com envoltórios, sombrinhas, luvas, empilhados nos baús de carvalho. Da sala de música, o piano soava com notas rápidas, profundas e impacientes. Através da porta da sala de estar, entreaberta, havia vozes flutuando.

– E onde estão os gelados? –, perguntou Charlotte. E ouviu-se também o rangido de sua cadeira de balanço.

– Sorvetes! – gritou Ethel. – Veja, minha querida mãe, a senhora nunca viu esses. Apenas dois tipos. E um deles de morango normal, com um enfeite babado.

– A comida não estava muito boa –, comentou Marion.
– Apesar disso, ainda é cedo para o sorvete –, disse Charlotte prontamente.

– Mas por que, se alguém os tem... –, retrucou Ethel.

– Ó, querida, é verdade –, entendeu Charlotte.

De repente, a porta da sala de música se abriu e Lola saiu correndo. Ela ficou ali parada, quase gritou ao ver o velho Sr. Neave.

– Nossa, pai! Que susto o senhor me deu! Acabou de voltar para casa? Por que Charles não está aqui para ajudá-lo a tirar o casaco?

Suas bochechas estavam rosadas por terem sido tocadas, seus olhos brilhavam e os cabelos lhe caíam sobre a testa. E ela ofegava como se tivesse corrido pela escuridão e assustada. O Sr. Neave olhou para a filha caçula; e sentiu que nunca a tinha visto antes. Era a Lola, será? Mas ela parecia ter se esquecido de seu pai, pois não era por ele que estava esperando ali. Então, ela colocou a ponta do lenço amarrotado entre os dentes e puxou-o com raiva. O telefone tocou. Ah! Lola deu um grito como um soluço e passou correndo por ele. A porta da cabine telefônica bateu e, no mesmo instante, Charlotte chamou: – É o senhor, pai?

– Está cansado de novo –, disse Charlotte em um tom de reprovação, e ela parou o balanço e ofereceu suas bochechas quentes como cereja. Ethel, de cabelos brilhantes, contraiu a barba, enquanto os lábios de Marion roçaram sua orelha.

– O senhor voltou para casa andando, pai? –, perguntou Charlotte.

– Sim, eu vim caminhando –, disse o velho Sr. Neave, sentando-se em uma das espaçosas poltronas da sala de estar.

– Mas por que não tomou um táxi? –, perguntou Ethel. – Há centenas deles a essa hora.

– Minha querida Ethel – exclamou Marion –, se o pai prefere se cansar caminhando, eu realmente não vejo qual é o nosso direito de interferir nisso.

– Crianças, crianças? –, tranquilizou-as Charlotte.

Mas Marion não se calaria. – Não, mãe, você mima o pai, e isso não está certo. Você deveria ser mais rigorosa com ele. Ele é muito desobediente –. Ela riu com força, com uma risada brilhante, arrumando o cabelo em frente ao espelho. Que estranho! Quando menina, tinha uma voz tão suave e hesitante; até gaguejava um pouco, e agora, o que ela dissesse – mesmo que

fosse apenas “Por favor, pai, me passe a geleia”, soava como se estivesse no palco.

– Harold deixou o escritório antes de você, querido? –, perguntou Charlotte, começando a se balançar novamente.

– Não tenho certeza –, disse o Sr. Neave. – Não sei. Não o vi depois das quatro horas.

– Ele disse isso –, replicou Charlotte.

Naquele momento, Ethel, que estava virando as páginas de uma e outra revista, correu em direção à mãe e sentou-se ao lado da cadeira de balanço.

– Veja isso –, choramingou. – É isso que quero dizer, mãe. Amarelo com toques de prata. A senhora não concorda?

– Deixe-me ver, meu anjo –, disse Charlotte toda atrapalhada, colocando os óculos de casco de tartaruga. Ela bateu na página com seus pequenos dedos rechonchudos e franziu os lábios. – Que bonitinho! –, sussurrou vagamente, olhando para Ethel por cima dos óculos. – Mas eu não deveria ter cauda.

– Não a cauda! – lamentou Ethel tragicamente. – Isso é o ponto inteiro dela.

– Aqui, mãe, deixe-me decidir –, Marion pegou da mão a revista de entretenimento de Charlotte. – Eu concordo com a mãe –, respondeu triunfante. – A cauda é um exagero.

O velho Sr. Neave, esquecido de lado, afundou-se no braço largo da poltrona e, cochilando, as ouviu como se estivesse sonhando. Não havia dúvida disso, ele estava exausto; havia perdido o controle. Até Charlotte e as meninas eram demais para ele esta noite. Elas eram muito... muito... Mas tudo que seu cérebro sonolento conseguia pensar era: elas são ricas demais para mim. E ao fundo, em algum lugar, ele observava um homem encarquilhado, subindo os lances intermináveis de escadas. Quem seria?

– Não vou me vestir esta noite –, ele murmurou.

– O que o senhor está dizendo, pai?

– Hum, o quê? –, o Sr. Neave acordou sobressaltado e olhou para elas. – Eu não vou me vestir esta noite –, ele repetiu.

– Mas, pai, vamos receber Lucile, Henry Davenport e a Sra. Teddie Walker.

– Isso não vai ficar bem, será uma desfeita.

– Não se sente bem, querido?

– Você não precisa fazer nenhum esforço. Para que serve Charles?

– Mas se o senhor realmente não está se sentindo à vontade –, Charlotte gesticulou.

– Muito bem! Muito bem! –, o Sr. Neave se levantou e foi se juntar àquele velho companheiro de escalada até o vestiário.

Então lá, o jovem Charles estava esperando por ele. Com cuidado, como se tudo dependesse disso, ele pegou o jarro de água quente com uma toalha. O jovem Charles era seu favorito desde que, quando ainda era um garotinho de rosto corado, havia entrado na casa para cuidar da chaminé. O velho Sr. Neave deitou-se no sofá junto à janela, esticou as pernas e fez sua pequena piada de final de tarde: – Vista-o, Charles! –. E Charles, respirando profundamente e franzindo a testa, inclinou-se para retirar o alfinete de sua gravata.

Hum, hum! Vai, lá! Era agradável ver pela janela, muito agradável – uma tarde especial e amena. Eles estavam cortando a grama na quadra de tênis abaixo; ele ouviu o leve ronronar do cortador. Logo as meninas começariam a jogar tênis novamente. E pensativo ele imaginou ter ouvido a voz de Marion gritando: “Bom para você, parceiro... Oh, joguei... Oh, muito bom mesmo”. Então, Charlotte chamou Ethel da varanda: – Onde está Harold? –. E Ethel: – Com certeza ele não está aqui, mãe –. E de volta para Charlotte: – Ele disse.

O velho Sr. Neave suspirou, levantou-se e pôs uma das mãos sob a barba, pegou o pente do jovem Charles e cuidadosamente penteou sua barba branca. Charles deu-lhe um lenço dobrado, seu relógio, selos e estojo de óculos.

– Isso serve, meu rapaz –. A porta se fechou e ele se afundou na poltrona, sozinho.

E agora aquele senhorzinho estava descendo as escadas intermináveis, que o levavam a uma sala de jantar alegre e reluzente. Que pernas ele tinha! Eram como as de uma aranha – magras, murchas.

– O senhor tem uma família ideal, uma família i-de-al.

Mas se isso fosse verdade, por que Charlotte ou as meninas não o deteram? Por que ele estava sozinho, subindo e descendo escadas? Onde estava Harold? Ah, não adiantava esperar nada dele. Lá embaixo se foi a aranha e, então, para seu horror, o velho Sr. Neave o viu passar pela sala de jantar e atravessar a varanda até os portões, a caminho do escritório. Pare-o, pare-o, alguém!

O Sr. Neave começou a subir. Estava escuro em seu camarim; a janela brilhava pálida. Quanto tempo ele estava dormindo? Ele escutou, e através do casarão, arejado e escuro, flutuavam vozes e sons distantes. Talvez, ele pensou vagamente, estivesse dormindo há muito tempo. Ele tinha sido esquecido. O que tudo isso tinha a ver com ele – esta casa e Charlotte, as meninas e Harold – o que ele sabia sobre eles? Eram estranhos para ele. A vida passou por ele. Charlotte não era sua esposa. A esposa dele!

... Um alpendre umbroso, meio escondido por um ramo da videira, que se encolheu pesarosa, triste, como se entendesse. Braços pequenos e quentes estavam em volta de seu pescoço. Um rosto, pequeno e pálido, ergueu-se para ele e uma voz sussurrou: “Adeus, meu tesouro”.

Meu amado! “Adeus, meu tesouro!” Qual deles tinha falado? Por que disseram adeus? Houve algum erro terrível. Ela era sua esposa, aquela garotinha pálida, e todo o resto de sua vida tinha sido um sonho.

De repente, a porta se abriu e o jovem Charles, parado na luz, pôs as mãos ao lado do corpo e gritou como um jovem soldado: – O jantar está na mesa, senhor!

– Estou indo, estou indo –, disse o velho Sr. Neave.





ensaios
(n.t.)|Delhi



CARTA DE CLEMÊNCIA

ABŪ L-^cALĀ' AL-MA^cARRI



O TEXTO: Na *Carta de Clemência*, publicada em 425 H/1033 a.C., de al-Maʿarrī, imagina-se um Šayḥ (isto é, um homem de respeito por idade ou reputação) que, ao perambular entre o Céu e o Inferno, ora conhece poetas e filólogos do passado no paraíso, ora vislumbra e conversa com o diabo e vários hereges no submundo. al-Maʿarrī, ele próprio herege em vida, parece ironizar em sua epístola as ideias populares sobre o pós-vida. Repleto de comentários eruditos, histórias divertidas e humor sardônico, trata-se de um clássico da literatura árabe, de cuja totalidade se apresenta aqui um breve episódio, intitulado “Entre o Céu e o Inferno”, em que se discute a propósito das artes orientais dos gênios, através das quais, mediante artimanhas, buscam refletir sobre o excesso do limite humano em tudo aquilo que o define e que acaba por excedê-lo: sua falta e seu mal.

Texto traduzido:

رسالة الغفران لأبي العلاء المعري. تحقيق جبرديان فان جيلدير وجريجور شولر. من المكتبة العربية للآداب، نشر جامعة نيويورك، ٢٠١٣، ص. ١١٤-١٢١

O AUTOR: Abū l-ʿAlā' al-Maʿarrī (363-449 H/973-1058 d.C.) foi um poeta e escritor do final do Califado Abássida, nascido perto de Aleppo, na Síria. Asceta, foi também filólogo, teólogo, moralista, pessimista e herege, que ironizou as crenças de seus contemporâneos em sua *Carta de Clemência*. Escrita no século XI, é uma obra fantástica dos primórdios da literatura árabe que narra uma jornada imaginária após a morte para os reinos do Céu e do Inferno. al-Maʿarrī inova ao modelar o tópico da vida após a morte (usado também no *Alcorão*) em um estilo narrativo mais imaginativo, cuja epístola parece recorrer a ibérica *Carta dos Anjinhos e Diabinhos*, do poeta Ibn Šuhayd.

O TRADUTOR: Marco Antonio Calil Machado é bacharel, licenciado e mestre em Letras Estrangeiras e Tradução pela Universidade de São Paulo (PPG-LETRA-USP). Suas pesquisas voltam-se às letras, ciências e artes orientais, como o nexos das ciências e artes árabe-latinas na ocasião da Ibéria medieval e a dispersão de sistemas letrados Ásia afora, ante-e-além-Tibet.

رسالة الغفران

« وإنما لهم خمسة عشر جنساً من الموزوم قلأ ما يَعدوها القائلون،
وإن لنا لآلاف أوزانٍ ما سمع بها الإنس »

أبو العلاء المعري

في المكاتب، وإن شئت أملتُك ألف كلمة على هذا الوزن على مثل: مَنزِلٌ وَحَوْمَلٌ،
وَأَلْفًا على ذلك القري يبي على مَنزِلٌ وَحَوْمَلٌ، وَأَلْفًا على مَنزِلًا وَحَوْمَلًا، وَأَلْفًا على مَنزِلَةٌ
وَحَوْمَلَةٌ، وَأَلْفًا على مَنزِلَةٌ وَحَوْمَلَةٌ، وَأَلْفًا على مَنزِلَةٌ وَحَوْمَلَةٌ. وكل ذلك لشاعرٍ مناهلك
وهو كافرٌ، وهو الآن يشتعل في أطباق الحجيم.

فيقول، وَصَلَّ اللهُ أوقاته بالسعادة: أيها الشيخ، لقد بقي عليك حفظك! فيقول: لسنا
مثلكم يا بني آدم يغلب علينا النسيان والرطوبة، لأنكم حَلَقْتُمْ ﴿مِنْ حَمًا مَسْنُونٍ﴾،
وَحَلَقْنَا ﴿مِنْ مَارِجٍ مِنْ نَارٍ﴾.

فقله الرغبة في الأدب أن يقول لذلك الشيخ: أَقْبَلْ عَلَيَّ شيئاً من تلك الأشعار؟
فيقول الشيخ: فإذا شئت أملتُك ما لا تَسْقَهُ الرِكَابُ، ولا تَسْعُهُ صُحُفٌ دنيك.

فيهمُ الشيخ، لا زالت همته عالية، بأن يكتب منه، ثم يقول: لقد شقيت في الدار
العاجلة بجمع الأدب، ولم أحظ منه بطائل، وإنما كنت أتقرب به إلى الرؤساء، فأحتلب
منهم درَّ بكيء وأجهد أخلاف مَصُورٍ، ولست بموفقٍ إن تركت لذات الجنة وأقبلت
أتنسخ آداب الجن ومعني من الأدب ما هو كان لا سيما وقد شاع النسيان في أهل
أدب الجنة، فصرتُ من أكثرهم روايةً وأوسعهم حفظاً، والله الحمد.

ويقول لذلك الشيخ: ما كَيْنتك لأكرمك بالتكنية؟ فيقول: أبو هَدْرَش، أو لَدْتُ من ٣٠٢١٥
الأولاد ما شاء الله. فهم قبائل بعضهم في النار الموقدة وبعضهم في الجنان. فيقول:
يا أبا هدرش، مالي أراك أشيب وأهل الجنة شباب؟ فيقول: إنَّ الإنسان أكرموا بذلك
وأخرمناه، لأننا أعطينا الحولة في الدار الماضية، فكان أحدنا إن شاء صار حية رَقْشاء،
وإن شاء صار عصفوراً، وإن شاء صار حمامة، فُنَعْنَا التَّصَوُّرَ في الدار الآخرة، وثركا
على حَلَقْنَا لا تتغير، وعوض بنو آدم كونهم فيما حَسُنَ من الصُّور. وكان قاتل الإنسان
يقول في الدار الذاهبة: أعطينا الحيلة، وأعطِي الجُرُّ الحولة.

ولقد لقيت من بني آدم شرًّا، ولقوا مني كذلك، دخلت مرةً دار أناس أريد أن ٤٠٢١٥
أصرع فتاة لهم، فتصوّرت في صورة عَضَلٍ، أي جُرْدٍ، فدعوا لي الضيَّاون، فلما

أرهقتني تحوَّلت صِلًا أرتم ودخلت في قِطيلٍ هناك، فلما علموا ذلك كشفوه عني، فلما
خِفتُ القتل صرت ربحًا هفافةً فَلَحِقْتُ بِالرَّوَادِ وتقصوا تلك الحُشْبِ والأجذال فلم
يرفأ شيئًا. فجعلوا يتفكَّون ويقولون: ليس هاهنا مكانٌ يمكن أن يستتر فيه. فيناهم
يتذكرون ذلك عمدتُ لكاهبهم في الكَلَّة، فلما رأني أصابها الصَّرع، واجتمع أهلها من
كُلِّ أَوْبٍ، وجمعوا لها الرِّقاة، وجاؤوا بالأطبة وبذلوا المُنْفِسات، فما ترك راقٍ رُقِيَةً إلا
عرضها عليَّ وأنا لا أُجيب، وعَبَّرَتِ الأَسَاءُ تسقيها الأَشْفِيَةَ وأنا سَدِكُ بها لا أزل،
فلما أصابها الحام طلبت لي سيواها صاحبةً، ثم كذلك حتى رزق الله الإناة وأثاب
الجزيل، فلا أفتأ له من الحامدين:

٥٠٢١٥ حَمِدْتُ مَنْ حَطَّ أومراري ومرَّفا عَيْتِ فَاصِحِ ذَنْبِي اليَوْمِ مَغْفُورًا
وَكُنْتُ أَلْفٌ مِنْ أَمْرَابٍ قُوطِبَةٍ حُودًا وَبِالصِّينِ أُخْرَى بَنَتْ يَغْبُورًا
أزومُ تلك وهذي غير مكترث في ليلةٍ قبل أن أستوضح النُورًا
ولا أمرٌ بوخشي ولا بشكر إلا وغادرتُه ولَهَانٌ مَدْعُورًا
أمرُوع الزنج المامًا بنسوتها والرُّومَ والمُتْرَكَ والسَّقْلَابَ والنُورًا

وَأَرْكَبُ الْهَيْقَ فِي الظَّلَامِ مَعْتَسِفًا
 وَأَحْضُرُ الشَّرْكَتَ أَغْرُوهُمْ بِأَبْدَةٍ
 فَلَا أَفَارِقُهُمْ حَتَّى يَكُونَ لَهُمْ
 وَأَصْرَفُ الْعَدْلَ حَتَّى عَنْ أَمَاتِهِ
 وَكَمْ صَرَعْتُ عَوَانًا فِي لَطْفِ لَهَبٍ
 وَذَادِنِي الْمَرْءُ نُوحٌ عَنْ سَفِينَتِهِ
 وَطَرْتُ فِي رَمَنِ الطُّوفَانِ مَعْتَلِيَا
 وَقَدْ عَرَضْتُ لِمَوْسَى فِي تَقَرُّدِهِ
 لَمْ أَخْلِهِ مِنْ حَدِيثِ مَا وَوَسْوَسَةِ
 أَضَلَّكَ رَأْيِي أَبِي سَاسَانَ عَنْ رَشِيدٍ
 وَسَادَ هَتْرَامُ جُومَرٍ وَهُوَ لِي بَعْبٌ
 فَتَارَةٌ أَنَا صِلٌ فِي نَكَارَتِهِ
 تَلُوحُ لِي الْإِنْسُ عُورًا أَوْ ذَوِي حَوْلًا
 ثُمَّ أَعْظُتُ وَصَارَتْ قَوْتِي مَسَلًا
 حَتَّى إِذَا انْفَضَّتِ الدُّنْيَا وَنُودِي إِسْرًا
 أَمَاتَنِي اللَّهُ شَيْكًا ثُمَّ أَيْمَظَنِي

فيقول: لله ذرّك يا أبا هدرش لقد كنت تمارس أو ابد ومنديات، فكيف ألسنتكم؟ أكون
 فيكم عرب لا يفهمون عن الروم، وروم لا يفهمون عن العرب، كما نجد في أجيال
 الإنس؟ فيقول: هيهات أيها المرحوم! إنا أهل ذكاء وفضل، ولا بد لأحدنا أن يكون
 عارفاً بجميع الألسن الإنسانية، ولنا بعد ذلك لسان لا يعرفه الأيس. وأنا الذي أنذرت
 الجنّ بالكاب المنزل: أدلجت في رفقة من الطالبي نريد اليمن، مررنا بيثرب في زمان المعو،
 أي الرطب ف ﴿ سَمِعْنَا قُرْآنًا عَجَبًا يَهْدِي إِلَى الرِّشْدِ فَآمَنَّا بِهِ وَلَنْ نَشْرِكَ بِرَبِّنَا أَحَدًا ﴾ وَعَدَّتْ
 إلى قومي فذكرت لهم ذلك، فتسرعت منهم طوائف إلى الإيمان، وحثهم على ما فعلوه

أنهم رُجموا عن استراق السَّمع بكواكب مُخرقات.

فيقول: يا أبا هدرش، أخبرتني، وأنت الخبير، هل كان رَجْم النُّجوم في الجاهلية؟
فإنَّ بعض الناس يقول إنَّه حدث في الإسلام. فيقول: هيئات! أما سمعت قول الأوزدي:

كشهاب القَذْف يرميكم به فارسٌ في كَهفه للحرب نارُ

وقول ابن حجر:

فانصاع كالدُّرزي يتبعه نفعٌ يثمر نخاله طُشبا

ولكن الرِّجم زاد في أوان المبعث، وإن القُرص لكثيرٌ في الإنس والجن، وإن الصِّدق قليلٌ، وهيتنا في العاقبة للصادقين. وفي قصة الرِّجم أقول:

١٠٨٠٢٠١٥

مكةً أقوت من بين الدرديس فما بجنتي بها من حسين
وكسرت أصنامها عنوةً فكلَّ جبت بنصيل رديس
وقام في الصفوة من هاشم أزمه لا يفيل حتى المجلس
يسمع ما أنزل من ربه ال قدوس وخيا مثل قرع الطيس
يجلد في الخمر ويشتد في ال أمر ولا يظلق شرب الكيس
ويرجم الزاني ذا العرس لا يقبل فيه سؤلة من رئيس

٢٠٨٠٢٠١٥

وكم عروس بات حراسها كجرهم في عرزا أو جديس
رقت إلى مزوج لها سيد ما هو بالنكس ولا بالضيس
غرث عليها فتخلجتها يواشك الصرعة قبل المسيس
وأسلك الفادة محجوبة في الخدر أو بن جوار تميس
لا أنتهي عن عكرضي بالرقى إذا انتهى الضيم دون الفريس

وأدبُ الظلماءِ في فتيةٍ
 في طاسمٍ تعرفُ جنائهُ
 بيضُ بهاليلٍ يقالُ يعا
 تملنا في الجُفجُ خيلُ لها
 وأنثى تسبقُ أبصاركم
 تقطعُ من علوةٍ في ليلها
 لا نُسكُ في أيامنا عندنا
 فالأحدُ الأعظمُ والسببُ كال
 لا جُحسُ نحنُ ولا هودُ
 مُمزقُ التوراةِ من هونها
 نحاربُ اللهَ جنوداً لإب
 نسلمُ المحكمَ إليه إذا
 نزينُ للشارخِ والشيخِ أن
 ونقتري جِنَّ سليمانَ كي
 صيرُ في قارورةٍ رُصِصت
 ونُخرجُ الحسناءَ مطرودةً
 نقولُ لا تقنعَ بتطليقةٍ
 حتى إذا صارت إلى غيره
 نذكره منها وقد رُوجت
 ونخدعُ القسيسَ في فضحه
 أصحُ مشتاقاً إلى لذةٍ
 أقسمُ لا يشربُ إلا دُويتَ
 قلنا له امرؤُ قدحاً واحداً

ملجِنٌ فوق الماحلِ الرَبَسيسِ
 أقفرٌ إلا من عفاريتِ ليسِ
 ليلِ كرامٍ يتطَقونُ الهسيسِ
 أجنحةٌ ليست كحيلِ الأئيسِ
 مخلوقةٌ بين نعامٍ وعيسِ
 إلى قُرى شاسٍ^٢ بسيرٍ هميسِ
 بل نكسَ الذينَ فما إن نكيسِ
 إثنينِ والجمعةُ مثلُ الخميسِ
 ولا نصارى يتنغونُ الكنيسِ
 ونحطمُ الصُّلبانَ حطمَ اليبيسِ
 ليس أخِي الرأيِ الغبينِ الجَميسِ
 قاسٍ فنرضُ بالضللالِ المقيسِ
 يُفرغُ كيساً في الحنابِ بعد كيسِ
 نُطلقُ منها كلَّ غاٍ وحيسِ
 فلم تغادر منه غيرُ النُسيسِ
 من بيتها عن سُوءِ ظنِّ حديسِ
 واقبلُ نصيحاً لم يكنُ بالُدسيسِ
 عادَ من الوجدِ بجحدِ تعيسِ
 فمرا كدَميرٍ في مُدامِ غريسِ
 من بعدِ ما ملئَ بالانقليسِ
 معللاً بالصِرفِ أو بالخفيسِ
 بنِ السُّكرِ والبارزِ تاليِ السديسِ
 ما أنت أن تزاداه بالوكيسِ

٣٠٨٢٠١٥

٤٠٨٢٠١٥

يُجْحِكُ فِي هَذَا الشَّيْفِ الَّذِي
فَعَبَّ فِيهَا فَوْهَهُ لُبُّهُ
حَتَّى يَفِيضَ الْغَمُّ مِنْهُ عَلَى
وَسُنْحِطِ الْمَلِكِ عَلَى الْمُسْتَفِقِ الْإِ
وَأَجْمَلُ السِّعْلَاءِ عَنْ قُوتِهَا
لَا أَتَقِي الْبَرَ لَأَهْوَالِهِ
نَادَمْتُ قَابِيلَ وَشَيْثَانَ وَهَذَا
وَصَاحِحِي لَمَّا لَدَى الْمَرْزُوقِ الْإِ
وَمَرَّ هَطُّ لَقَمَانٍ وَأَيْسَارِهِ
تَمَّتْ أَمْنٌ وَمَنْ يُرْمَقُ الْإِ
جَاهَدْتُ فِي بَدْرِ وَحَامِيَّتِي فِي
وَمَاءِ جَبْرِيْلٍ وَمِيكَالِ نَحْنُ
حِينَ جَبِيوشُ النَّصْرِ فِي الْجَوِّ وَالْإِ
عَلَيْهِمْ فِي هَبَّاتِ الْوَيْغِ
صَهِيْلٌ حَيَزُومٌ إِلَى الْآنِ فِي
لَا يَشْبَعُ الصَّيْدُ وَلَا يَأْلَفُ الْإِ
فَلَمْ تَهْبَنِي حَرَّةٌ عَانَسُ
وَأَيْقَنْتُ رَيْتَبُ مَيْتِ الشَّقِي
وَقَلْتُ لِلْحَيِّ أَلَا يَا اسْجُدُوا
فَإِنَّ دُنْيَاكُمْ لَهَا مَدَّةٌ
بِلَيْقِيْسُ أَوْدَتْ وَمَضَى مُلْكُهَا
وَأَسْرَةُ الْمُتَذَمِّرِ حَامِرًا وَعَنْ الْإِ
إِنَّا لَمُسْتَأْجِدُكُمْ فَاعْلَمُوا

٥٨٢٠١٥

٦٨٢٠١٥

تَرْمِي الشَّيَاطِينَ بِنِيرَانِهَا حَتَّى تُرَى مِثْلَ الرَّهْمَادِ الدَّرِيْسِ
 فَطَاوَعْتَنِي أُمَّةٌ مَخْمُومٌ فَانزَتِ وَأُخْرَى لِحِقَتِ بِالرِّكِيْسِ
 وَطَارَ فِي الْيَزْمُوكِ بِي سَابِحٌ وَالْقَوْمُ فِي ضَرْبِ وَطْعِنِ خَلِيْسِ
 حَتَّى تَجَلَّتْ عَيْنِي الْحَرْبُ كَالِ بَحْمَرَةٍ فِي وَقْدَةِ ذَاكَ الْوَطِيْسِ
 وَالْجَمَلِ الْأَنْكَدُ شَاهَدَتْهُ بِسَرِّ نَسِجِ النَّاقَةِ الْعَكَنْتَرِيْسِ
 بَيْنَ بَنِي ضَبَّةٍ مُسْتَقْدِمًا وَالْجَهْلُ فِي الْعَالَمِ دَاءٌ نَجِيْسِ
 وَرُزْتُ صِغِيْرًا عَلَى شَطْبَةِ جَرْدَاءٍ مَا سَاسَهَا بِالْأَمْرِيْسِ
 مَجْدَلًا بِالسِّيفِ أَبْطَالَهَا وَقَادَفَا بِالصَّخْرَةِ الْمَرْمَرِيْسِ
 وَسِرْتُ قُدَامَ عَيْلِيْ غَدَا هَ النَّهْرِ حَتَّى قُلَّ عَرَبُ الْحَمِيْسِ
 صَادَفَ مِنِّيْ وَأَعْظُ تَوْبَةً فَكَانَتِ الْقُوَّةُ عِنْدَ الْقَبِيْسِ

فيجب، لا زال في الغبطة والسُّرور، لما سمعه من ذلك الجني، ويكره الإطالة عنده
 فيودعه.

CARTA DE CLEMÊNCIA

“O que os humanos têm são quinze metros diferentes, raramente indo além deles; nós temos milhares de metros dos quais jamais terão notícia.”

Abū l-‘Alā’ al-Ma‘arrī

ENTRE O CÉU E O INFERNO

... ao que lhe ocorreu <isto é, ao Šayḥ> ver os povos do Inferno e a quantas andam, que assim sua gratidão pela Graça recebida aumentasse, pelo que Deus disse, *Deles um disse, Dos meus um dizia, És um desses dos que creem em que, nós morrendo, tornamo-nos pó e osso, julgados, afinal?, ao que disse, Olha para baixo, ao que, olhando, viu, em meio ao fogo do Inferno, ao que disse, Meu Deus, quase que me vou; mas na Graça de Deus teria sido quem aqui teria vindo.*

O Šayḥ monta um dos animais do Paraíso, indo. Vê que há cidadelas diferentes das do Céu, não-cintilantes; há grotas, vales florestados, sombrios. Diz a um dos anjos, *Do que se trata, servo de Deus?, ao que o anjo diz, Eis o Paraíso dos Demônios, crentes em Muḥammad (Deus esteja), cuja notícia se menciona na Sūrah das Dunas e dos Gênios: muitos são; ao que disse o Šayḥ, Gostaria de visitá-los, que me deverão contar boas histórias!*

Vira-se e deles vê um velho sentado à boca da grotá. Saúda-o, ao que lhe saúda com cortesia, e diz, *O que fazes aqui, humano? Mereces mais que isto: és tão diferenciado; ao que lhe diz o Šayḥ, Consta-me que sois gênios crentes, do que vos vim pedir histórias de gênios, e quiçá ouvir dos poemas dos gênios caídos.*

Diz o velho gênio, *Provocas quem antes estava quieto: vês-me, feito lua, áurea no céu, feito quem derrama óleo quente: eis-me. Pergunta o que tiveres vontade, ao que o diz Šayḥ, Qual teu nome, homem?, ao que diz o velho gê-*

nio, *Sou Alḥayta'ūr, filho dos Aššayṣabān. Sem sermos da prole do demo, descendemos dos gênios, habitantes da Terra antes mesmo dos filhos de Adão (Deus esteja).*

Diz o Šayḥ: *Faze-me menção às notícias dos poemas dos gênios! Um fulano de nome Almarzubānī colecionou inúmeras delas em antologias, ao que disse o velho, Tudo balela, sem o mínimo de sentido. Teriam os humanos mais ciência de Poesia que o gado de Astronomia e Geodésia? O que os humanos têm são quinze metros diferentes, raramente indo além deles; nós temos milhares de metros dos quais jamais terão notícia. Nossos bebês, e dos malcriados, calhando de cruzar com humanos, cuspiram neles versinhos, uma pirraça. Eu mesmo compus poemas-rajaz e poemas-qaṣīdah bilhões de anos antes de Deus criar Adão. Consta-me que tua raça vai à loucura com os versos de Imru' Alqays «Alto lá: choremos a memória dos amados e dos pousos abandonados», fazendo vossas criancinhas decorá-los nas escolas. Se quiseres, posso recitar mil poemas de mesmo metro e rima «-lī», mil rimando em «-lū», mil em «-lā», mil em «-lah», mil em «-luh», mil em «-lih», todos compostos por senão um dos nossos, um infiel queimando no mármore do Inferno.*

O Šayḥ (Deus esteja) diz, *Que boa memória a do senhor!*, ao que diz o gênio, *Não somos como vós, filhos de Adão, que vos acobertam esquecimento e umidade; fosteis feitos de «barro esmagado»; nós, de «fogos do Fogo».*

O Šayḥ passa vontade por belas letras de erudição e diz ao velho, *Não me recitarás poemas?*, ao que diz o gênio, *Se desejares, recitarei tantos poemas quantos camelos jamais carregassem, tantos poemas porquanto jamais páginas de vosso mundo se escrevessem.*

O Šayḥ tem cabeça boa de memória (altiva seja!). No entanto, diz em segredo, *No mundo flutuante, maldito fui por minhas coleções e antologias: disto jamais tirei proveito. Tentando conquistar favores dos poderosos, ordenhava pedras e nisto me esgotava. Jamais obterei êxito se renegar os prazeres do Paraíso para arquivar letras de gênios. Basta-me minha erudição como está, ainda mais porque o Esquecer(-se) é o destino dos habitantes do Céu, eu que me tornei um dos que exibem suprema erudição em letras e memória, graças a Deus!*

Diz o Šayḥ ao velho, *Como devo tratar o senhor?*, ao que lhe diz o velho, *Como Abū-Hadraš. Sou pai de tantas crianças que só Deus sabe, tribos completas, umas no Inferno, outras no Céu. Diz o Šayḥ, Abū-Hadraš, como é possível que sejas grisalho? Pensava que os habitantes do Paraíso fossem jovens; ao que lhe diz o velho, Aos humanos foi dada esta dádiva, a nós nos foi negada por nos metamorfosarmos no Mundo Passado. Qualquer de nós poderia ser uma*

cobra rajada se quisesse, um papagaio se desejasse, um pombo. No Além, no entanto, proibiram-nos de nos metamorfosearmos. Ficamos como primeiro fomos. Aos filhos de Adão foi dada uma forma formosa por consolação. Como dissera um humano no Mundo-que-fora, O homem tem uma vida fugaz; o gênio tem a forma que traz.

E assim seguiu o gênio dizendo, Fizeram-me os humanos mal, mas retribuímos com a mesma moeda. Certa vez, visitei a casa de fulano, desejando possuir uma menininha. Fiz-me ratazana, ou seja, um tipo de rato; trouxeram os gatos e, encurrulado, fiz-me víbora rajada, escondendo-me em um tronco oco. Encontrando-me, descoberto, temendo que me matassem, fiz-me vento-que-sopra, apegando-me às vigas. Arrancaram as ripas de madeira, mas nada viam. Encafifados, disseram, Não há onde se esconder! e, enquanto deliberavam, visitei a mocinha em sua mosquiteira. Vendo-me, passou a ter um ataque. Acudiu-lhe a família: chamaram exorcistas e médicos, torrando fortunas. Nenhum exorcismo atingia-me. Os médicos davam-lhe poções e mais poções, e nenhum centímetro demovia-me. A morte conseguindo suceder-lhe, segui em minha busca por outra moça, e assim segui sucessivamente, até que em Deus me arrependi e mil dádivas recebi! Deus é quem para sempre louvarei!

louvo aquele que me tomou os fardos dos pecados,
destruindo-os! perdoara-me por meus malfeitos agora
amei moça em Córdoba; da China a filha do emperador
visitei ora uma ora outra, sem saber, da noite, manhã;
homem ou besta me encontravam, em terror e loucura
por mim deixados; visitando mulheres, negros, bizantinos,
turcos, eslavos, afegãos por minha conta, assustados;
às escuras ou às claras meu avestruz montei
touro selvagem então na noite fria deixei
aos beberões meus companheiros sempre amaldiçoei
quando seus alaúdes, charamelas, cítaras tocavam
não lhes largava senão depois de malfeituas demoníacas
enganado o notário, traído da fé pública, falso testemunho
dava; mulheres cozinhando no fogão para seus filhinhos
empurrava; aquele Noé não me deixara entrar na arca,
a pancadas minha mandíbula fraturara; no Dilúvio
rumo às alturas voei, as águas em retirada espreitei
e a Moisés importunei, sozinho entre ovelhas e cabras
que lhe deram filho, em seu ouvido mil ardis sussurrava
quando nosso Senhor, falando-lhe, desfez montanhas
por seu tilho; descaminhei do reto caminho Sasano
escondido eu por onde exércitos de Šapur vai marchando
Bahrâm resignou, meu seguidor, quando construiu o Gür

ora sou perversões da cobra, ora estou dos pássaros a forma
por minha conta faço a gente caolha ou vesga, cujas vistas
antes todo mal passava à nesga; mas vi os sinais:
exemplar fui em me arrepender, depois de famigerada vida
em desobedecer; e enfim o mundo veio ao fim:
ouvi o chamado, *Por que não soam as trombetas?*
Isrāfil foi questionado; em Deus sou morto, logo desperto,
ressuscitado, do que por Deus eu vivo eterno, abençoado!

O Šayḥ diz, *Que beleza, Abū-Hadraš! e tudo isto justo após ter sido tão perverso e tantas calamidades ocasionado! Mas conta-me das vossas línguas: há dentre vós árabes que não compreendem bizantinos e bizantinos que não compreendem árabes, como se dá com outros povos?* ao que o gênio diz, *Deus me livre! Somos um povo genial e genioso. Sentimo-nos na obrigação de não só sermos cientes de toda e cada língua humana, mas também de nossa língua desumana. Fui eu quem disse aos gênios da escrit(ur)a do Livro Sagrado. Certa noite, passeando com amigos-gênios pelo Iêmen, passando por Yaṭrīb (era época de tâmaras) «ouvimos recitar maravilhas que de erros desvia; cremos nelas e ao nosso Senhor não associamos senão elas», do que retornamos aos nossos para lhes contarmos. Alguns de pronto acreditaram, coagidos, ao espiares, com lhes serem arremessadas estrelas ardentes.*

O Šayḥ diz, *Abū-Hadraš, conta-me (tu que sabes mencionar das notícias das coisas): tais estrelas ardentes ocorriam antes do Islā? pois dizem que ocorriam antes do Islā;* ao que Abū-Hadraš diz, *Isto é um erro. Por acaso não ouviste os dizeres de Al'afwah Al'awdī*

[uma flecha (?)] como estrela cadente contra ti atirada
pelo cavaleiro, como fogo em mãos por guerra;

e os dizeres de Aws bn-Hajar

foi-se o dardo, como a estrela refulgente, com sua cauda
de nuvem de poeira, que dela se imaginasse tenda;

muito embora a ardência mais ocorreu nos tempos da missão do Profeta. Havia muita falsidade entre homens e gênios: faltava-lhes verdade. Vida longa àquelas que enfim falaram com a verdade! De tal caso do ardor de estrelas cadentes digo:

Banū-l-Dardabīs a Mecca abandonara
não se ouve lá alma viva

a força seus ídolos esmagara
ídolo a ídolo a machado destroçara
dos eleitos de *bāšimī* um notável se erguera
a quem não se recusa a direita companhia
ouviu a revelação de seu Senhor enviada
soando bacia de metal esvaziada
quem bebesse vinho castigado seria
até de tâmara o vinho se interditaria
o fornicador casado, apedrejado
mesmo se pelo chefe tribal, advogado
tantas donzelas, à noite vigiadas
por fortões como Jurhum ou Jadīs, levadas
ao líder da tribo como suas mulheres
– ele não é fraco, nem broxa –
por inveja por mim de loucura acometidas
antes mesmo de por seus homens entretidas
visitava eu moças recatadas, em seus
aposentos recolhidas, entre escravas, per-vestidas
pode-se até ao leão parar das presas
mas a mim não poderão nem as preces
saíamos à noite entre amigos nossos,
gênios, íamos pelas planícies nuas
desertos descaminhados onde demônios cantarolam
baixinho, terrenos baldios onde só gênios
de gênio forte habitam: pálidos, fortes,
pesados, como nuvens brancas, mas
honrados nobres, falando sussurrando
de noite cavalos alados nos levando
distintos cavalos por humanos jamais enarrados
e camelas, mais velozes que um raio,
nascidas de avestruz e camelo cruzados, que em uma noite
vão de °Alwah aos confins de Taškent a passos abafados
não éramos fiéis à época, a religião
era-nos falta e nós éramos falhos
sábados e domingos eram segundas
sextas, quintas – não éramos zoroastras
nem judeus, nem dos que domingo vão à missa
picávamos a Torá por despeito
talhávamos a cruz feito lenha
militávamos contra Deus como tropas do Satā
amigos de ideias más, feios pensamentos
a Quem relegávamos nosso juízo, por nós
delegado, a Quem ao Erro consentimos, por nós
decidido; jovens e velhos convencemos esvaziar

seus bolsos por mal se comportar, ao gênio
de Salomão seguimos, para perversos presos libertar
aprimonados em lâmpadas seladas a cobre
em que mal restava ar a respirar
fizemos uma boa esposa da própria causa expulsa
por coisas vagas, um mero chute, suspeitar a culpa
dizemos ao marido, *Não basta divorciar, mas
aquilo que recomendamos debes acatar,*
e quando sua mulher com outro homem se casar
a antiga chama com vingança deverá retornar
e então a ele a relembremos, embora ela
tornada a casar reconheçamos, quando seus dentes
branco-pérola banhados a vinho descrevermos
pregávamos peças de Páscoa no padre, depois
de com muita bebida se entuchar
até mais bêbado não poder ficar, de puro vinho ou
misturado de manhã ansiava por mais tomar
e jurava então jamais beber até cair
mas esquecia o que jurava antes de sair
dissemo-lhe, *Só mais um golinho,
um copo a mais nunca fez mal
um só copinho te esquenta legal
hoje que chamas apagam um só ventinho*
e bebia de um gole, perdia a noção
e entrava para o rol dos coitados
e no final acordava, seus travesseiros
de vinho todos gorfados
jogávamos reis contra conselheiros,
tão prestativos e tão sábios
roubava da ogra o veadinho que devorava
não temia os terrores da terra nem o frio
quando pelos os mares viajava
já bebi com Caím, Seth e Abel antigos vinhos
com os dois amigos de Lamech, quando tocavam
sem cessar a nota mais alta do alaúde; convivi
com Luqmân e seus amigos de jogo,
desgastada a capa da juventude, mas então
eu cri; quem crê será fartamente compensado
lutei em Badr pela Fé; a Uḥud protegi;
nas trincheiras barbarizei generais inimigos,
atrás Miguel e Gabriel se matavam,
cabeças como grama cortávamos
quando os vencedores aos Céus subiram
e as forças do Satã por terra caíram

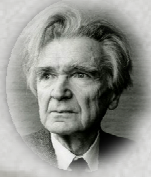
pisoteadas como plantas, vestiam, na cabeça,
na nuvem de poeira da batalha, turbantes amarelos,
como se tingidos à guerra; ainda ouço o relincho de Hayzūm
em meus ouvidos: ah, que cavalo puro-sangue, abençoado!
ele não segue a caça, não teme rédeas, nem faz pirraça
das feridas em suas patas; jamais das mulheres,
velhas ou novinhas, tornei a sentir o gosto do amor
desde que convertido; Zaynab já pode descansar:
Lamīs não precisará temer-me lhe atacar
disse aos gênios, *Anda, todo mundo no chão,
em Deus humilhai-vos por aceitar direção?
há muito vosso mundo foi artiloso em dureza
e duração; Biqlīs morreu, seu reino pereceu,
e nada mais se ouve falar da dinastia de Almunḍir
em Ḥīrab: nem cá nem lá, cada qual na terra
se enterra; tende ciência que procurávamos,
como vós antes de nós, o mais alto Céu,
mas males nos tomavam; atiçam-se dos demos
os fogos como estrelas estrepadas;* do que
uns, obedecendo-me, salvaram-se;
do que outros se associaram aos caídos
e em Yarmūk uma frota a cavalo me perseguiu:
intrigas, golpes, facas, até que se me foi revelada
na guerra eu ser uma brasa no fogo da batalha
vi o pobre camelo, fadada raça de forte barragem
enquanto avançava entre Banū-Ḍabbah:
a burrice é o mal mortal da terra
visitei Šiffīn em um cavalo magro e raspado
nunca dantes penteado; tombando campeões
com minha espada, batendo-lhes forte, pedras lascadas
marchei diante de ʿAlī na manhã da batalha de Annahrawān
até as tropas espanar; fui instruído e recebido, arrependido:
«o encontro de duas metades da laranja»!

O Šayḥ (Deus esteja com ele!) fica maravilhado com o que ouvira do gênio. Não desejando se demorar ali com ele, diz-lhe adeus...



DUAS DIATRIBES

E.M. CIORAN



O TEXTO: Dois ensaios complementares de Cioran, “Portrait du civilisé”, extraído de *La chute dans le temps* (1964), e “Les nouveaux dieux”, de *Le mauvais démiurge* (1969), em que o pensador demonstra sua veia ensaística e vigorosa prosa literário-filosófica. Trata-se de duas diatribes, dois ensaios tenazes a meio caminho entre as filosofias helenísticas e a heresia gnóstica, contra a civilização ocidental e a religião sobre a qual se edifica.

Textos traduzidos: Cioran, E.M. “Portrait du civilisé”. *La chute dans le temps* (1964). In. *Œuvres*. Paris: Gallimard, 1995, pp. 1084-1095; “Les nouveaux dieux”. *Le mauvais démiurge* (1969). In. *Œuvres*. Paris: Gallimard, 1995, pp. 1179-1191.

O AUTOR: E.M. Cioran (1911-1995), escritor e filósofo franco-romeno, mestre do aforismo em língua francesa, pensador marginal por opção, é um emblemático caso de bilinguismo, tendo escrito diversos livros em seu idioma materno antes de adotar o francês como língua de expressão. Sua obra é marcada pelo contraste entre um pessimismo inconsolável e a leveza irreverente do estilo.

O TRADUTOR: Rodrigo Menezes é Doutor em Filosofia pela PUC-SP, blogueiro, tradutor e estudioso da obra de Cioran, tendo escrito vários artigos sobre o pensador. Para a (n.t.) já traduziu Cioran e Héctor Escobar Gutiérrez.

DEUX DIATRIBES

“Notre unique recours : renoncer non seulement au fruit des actes, mais aux actes mêmes, s’astreindre au non-rendement.”

E.M. CIORAN

PORTRAIT DU CIVILISÉ

L'acharnement à bannir du paysage humain l'irrégulier, l'imprévu et le difforme frise l'inconvenance. Que dans certaines tribus on se plaise encore à dévorer des vieillards trop encombrants, nous pouvons sans doute le déplorer ; quant à traquer des sybarites aussi pittoresques, nous n'y consentirons jamais, sans compter que le cannibalisme représente un modèle d'économie fermée, en même temps qu'un usage propre à séduire un jour une planète comble. Mon propos n'est pas toute fois de m'apitoyer sur le sort des anthropophages, bien qu'on les pourchasse sans merci, qu'ils vivent dans la terreur et qu'ils soient aujourd'hui les grands perdants. Convenons-en : leur cas n'est pas nécessairement excellent. Ils se font du reste de plus en plus rares : une minorité aux abois, dépourvue de confiance en elle-même, incapable de plaider sa cause. Toute différente nous apparaît la situation des analphabètes, masse considérable, attachée à ses traditions et à ses privilèges, contre laquelle on sévit avec une virulence que rien ne justifie. Car enfin est-ce un mal que de ne savoir lire ni écrire ? En toute franchise, je ne puis le penser. Je vais même plus loin, je pose en fait que lorsque le dernier illettré aura disparu, nous pourrions prendre le deuil de l'homme.

L'intérêt que le civilisé porte aux peuples dits arriérés est des plus suspects. Inapte à se supporter davantage, il s'emploie à se décharger sur eux du surplus des maux qui l'accablent, il les engage à goûter à ses misères, il les conjure d'affronter un destin qu'il ne peut plus braver seul. À force de

considérer la chance qu'ils ont de n'avoir pas « évolué », il éprouve à leur égard les ressentiments d'un risque-tout, déconfit et désaxé. De quel droit restent-ils à l'écart, en dehors du processus de dégradation qu'Il endure, lui, depuis si longtemps et auquel il ne parvient pas à se soustraire ? La civilisation, son œuvre, sa folie, lui apparaît comme un châtiment qu'il s'est infligé et qu'il voudrait à son tour faire subir à ceux qui y ont échappé jusqu'ici. « Venez en partager les calamités, soyez solidaires de mon enfer », tel est le sens de sa sollicitude pour eux, tel est le fond de son indiscrétion et de son zèle. Excédé par ses tares et, plus encore, par ses « lumières », il n'a de vesse qu'il ne les impose à ceux qui en sont heureusement exempts. Il procédait déjà ainsi même à une époque où, point encore « éclairé » ni las de soi, il se livrait à sa cupidité, à sa soif d'aventures et d'infamies. Les Espagnols, au sommet de leur carrière, durent sans doute se sentir opprimés tant par les exigences de leur foi que par les rigueurs de l'Église. Ils s'en vengèrent par In Conquête.

Travaillez-vous à la conversion d'un autre ? Ce ne sera jamais pour opérer en lui le salut, mais pour l'obliger à pâtir *comme vous*, punir qu'il s'expose aux mêmes épreuves et les traverse avec la même impatience. Vous veillez, vous priez, vous vous tourmentez ? Que l'autre justement en fasse autant, qu'il soupire, qu'il hurle, qu'il se débatte au milieu des mêmes tortures que vous. L'Intolérance est le fait d'esprits ravagés dont la foi se ramène à un supplice plus ou moins voulu qu'ils aimeraient voir généralisé, Institué. Le bonheur d'autrui n'ayant jamais été un mobile ni un principe, d'action, on ne l'invoque que pour se donner bonne conscience ou se couvrir de nobles prétextes : à quelque acte que l'on se détermine, l'impulsion qui y conduit et en précipite l'exécution est presque toujours inavouable. Personne ne sauve personne car on ne sauve que soi, et on y arrive d'autant mieux qu'on déguise en convictions le malheur qu'on veut distribuer et prodiguer. Si prestigieuses qu'en soient les apparences, le prosélytisme n'en dérive pas moins d'une générosité douteuse, pire dans ses effets qu'une agressivité patente. Nul n'est disposé à supporter seul la discipline qu'il a pourtant assumée ni le joug auquel il a consenti. La vindicte perce sous l'allégresse du missionnaire et de l'apôtre. Ce n'est point pour libérer, c'est pour enchaîner qu'on s'applique à convertir.

Dès que quelqu'un se laisse prendre à une certitude, il jalouse vos opinions flottantes, votre résistance aux dogmes ou aux slogans, votre bienheureuse incapacité de vous y inféoder. Rougissant en secret d'appartenir à une secte ou à un parti, honteux de posséder une vérité et de s'y être asservi, il n'en voudra pas à ses ennemis déclarés, à ceux qui en détiennent une autre,

mais à vous, à l'Indifférent, coupable de n'en poursuivre aucune. Pour fuir l'esclavage où il est tombé, cherchez-vous refuge dans le caprice ou l'approximation ? Il mettra tout en œuvre pour vous en empêcher, pour vous contraindre à une servitude analogue et, si possible, identique à la sienne. Le phénomène est si universel qu'il dépasse le secteur des certitudes pour englober celui de la renommée. Les Lettres, comme de raison, en fourniront la pénible illustration. Quel écrivain jouissant d'une certaine notoriété ne finit pas par en souffrir, par éprouver le malaise d'être connu ou compris, d'avoir un public, si restreint soit-il ? Envieux de ses amis qui se prélassent dans le confort de l'obscurité, il s'efforcera de les en tirer, de troubler leur paisible orgueil, afin qu'eux aussi essuient les mortifications et les anxiétés du succès. Pour y parvenir, n'importe quelle manœuvre lui paraîtra légitime. Dès lors, leur vie deviendra un cauchemar. Il les harcèle, il les presse de produire et de s'exhiber, il contrarie leur aspiration à une gloire clandestine, rêve suprême des délicats et des abouliques. Écrivez, publiez, leur répète-t-il avec rage, avec impudeur. Les malheureux s'exécutent, sans se douter de ce qui les attend. Lui seul le sait. Il les guette, il vante leurs divagations timides avec violence et démesure, avec une chaleur de forcené, et, pour les précipiter dans l'abîme de l'actualité, il leur trouve ou leur invente des fervents et des disciples, il les fait suivre par une tourbe de lecteurs, d'assassins omniprésents et invisibles. Le forfait perpétré, il se calme et s'éclipse, comblé par le spectacle de ses protégés en proie aux mêmes tourments et aux mêmes hontes que lui, hontes et tourments que résume bien la formule de je ne sais plus quel écrivain russe : « On pourrait perdre la raison, à la seule pensée qu'on est lu. »

Tout comme l'auteur frappé et contaminé par la célébrité s'évertue à l'étendre à ceux qui n'en sont pas encore atteints, ainsi le civilisé, victime d'une conscience exacerbée, s'escrime à en communiquer les affres aux peuples... réfractaires à ses écartèlements. Cette division d'avec soi qui le harasse et le mine, comment accepter qu'ils s'y refusent, qu'ils en soient incurieux et qu'ils la rejettent ? Ne négligeant aucun artifice à sa disposition pour les faire fléchir, pour les amener à lui ressembler et à parcourir le même calvaire que le sien, il les appâtera par sa civilisation, dont les prestiges, finissant par les éblouir, les empêcheront de démêler ce qu'elle pourrait avoir de bon de ce qu'elle a de mauvais. Et ils en imiteront les côtés nocifs seulement, tout ce qui fait d'elle un fléau concerté et méthodique. Étaient-ils jusque-là inoffensifs et débonnaires ? ils 'voudront désormais être forts et menaçants, à la grande satisfaction de leur bienfaiteur, conscient qu'en fait ils seront, à son exemple, forts et menacés. Il s'intéressera donc à eux et les

« assistera ». Quel soulagement de les contempler tandis qu'ils s'embrouillent dans les mêmes problèmes que lui et qu'ils s'ébranlent vers la même fatalité ! En faire des compliqués, des obsédés, des détraqués, c'est tout ce qu'il souhaitait. Leur jeune ferveur pour l'outil et le luxe, pour les mensonges de la technique, le rassure et le remplit d'aise : des condamnés de plus, des compagnons d'infortune inespérés, capables de l'assister à leur tour, de prendre sur eux une partie du fardeau qui l'écrase ou, tout au moins, d'en porter un aussi lourd que le sien. C'est ce qu'il appelle « promotion », mot bien choisi pour camoufler et sa perfidie et ses plaies.

Des restes d'humanité, on n'en trouve encore que chez les peuples qui, distancés par l'histoire, ne mettent aucune hâte à la rattraper. À l'arrière-garde des nations, nullement effleurés par la tentation du projet, ils cultivent leurs vertus démodées, ils se font un devoir de dater. « Rétrogrades », ils le sont assurément, et persévéraient volontiers dans leur stagnation, s'ils avaient les moyens de s'y maintenir. Mais on ne le leur permet pas. Le complot que les autres, les « avancés », trament contre eux, est trop habilement mené pour qu'ils parviennent à le déjouer. Une fois déclenché le processus d'abaissement, par rage de n'avoir pu s'y opposer, ils s'emploieront, avec le sans-gêne des néophytes, à en accélérer le cours, à en épouser et outrer l'horreur, selon la loi qui fait toujours prévaloir un mal nouveau sur un bien ancien. Et ils voudront se mettre à la page, ne fût-ce que pour montrer aux autres qu'eux aussi s'entendent à déchoir, qu'ils peuvent même, en matière de déchéance, les surpasser. À quoi bon s'en étonner ou s'en plaindre ? Ne voit-on pas partout les simulacres l'emporter sur l'essence, la trépidation sur le repos ? Une dirait-on pas qu'on assiste à l'agonie de l'indestructible ? Tout pas en avant, toute forme de dynamisme comporte quelque chose de satanique : le « progrès » est l'équivalent moderne de la Chute, la version profane de la damnation. Et ceux qui y croient et en sont les promoteurs, nous tous en définitive, que sommes-nous sinon des réprouvés en marche, prédestinés à l'immonde, à ces machines, à ces villes, dont seul un désastre exhaustif pourrait nous débarrasser. Ce serait là pour nos inventions l'occasion ou jamais de prouver leur utilité et de se réhabiliter à nos yeux.

Si le « progrès » est un si grand mal, comment se fait-il que nous n'entreprenions rien pour nous en défaire sans plus tarder ? Mais voulons-nous le bien ? N'est-ce pas plutôt notre lot de ne pas le vouloir réellement ? Dans notre perversité, c'est le « mieux » que nous voulons et poursuivons : poursuite néfaste, en tout point contraire à notre bonheur. On ne se « perfectionne » ni on n'avance impunément. Le mouvement, nous savons qu'il est une hérésie ; et c'est précisément pour cela qu'il nous tente, que nous

nous y jetons et que, dépravés irrémédiablement, nous le préférons à l'orthodoxie de la quiétude. Nous étions faits pour végéter, pour nous épanouir dans l'inertie, et non pour nous perdre par la vitesse, et par l'hygiène, responsable du foisonnement de ces êtres désincarnés et aseptiques, de cette fourmilière de fantômes où tout frétille et rien ne vit. Une certaine dose de saleté étant indispensable à l'organisme (physiologie et crasse sont termes interchangeables), la perspective d'une propreté à l'échelle du globe inspire une appréhension légitime. Nous aurions dû, pouilleux et sereins, nous en tenir à la compagnie des bêtes, croupir à leurs côtés pendant des millénaires encore, respirer l'odeur des étables plutôt que celle des laboratoires, mourir de nos maladies et non de nos remèdes, tourner autour de notre vide et nous y enfoncer doucement. *L'absence*, qui eût dû être un devoir et une hantise, nous y avons substitué l'événement ; or tout événement nous entame et nous ronge, puisqu'il ne surgit qu'aux dépens de notre équilibre et de notre durée. Plus notre avenir se rétrécit, plus nous nous laissons choir dans ce qui nous ruine. La civilisation, notre drogue, nous en sommes tellement intoxiqués que notre attachement pour elle présente les caractères d'un phénomène d'accoutumance, mélange d'extase et d'exécration. Telle qu'elle est, elle nous achèvera, nul doute là-dessus ; quant à y renoncer et à nous en affranchir, nous ne le pouvons, aujourd'hui moins que jamais. Qui volerait à notre secours pour nous en délivrer ? Un Antisthène, un Épicure, un Chrysippe, qui trouvaient trop compliquées les mœurs antiques, que penseraient-ils des nôtres, et lequel d'entre eux, transplanté dans nos métropoles, aurait assez de trempe pour y conserver sa sérénité ? À tous égards plus sains et plus équilibrés que nous, les anciens eussent pu se passer d'une sagesse ; ils en élaborèrent une néanmoins ; ce qui nous disqualifie à jamais c'est que nous n'en avons ni le souci ni la capacité. N'est-ce point significatif que le premier parmi les modernes à avoir, par idolâtrie de la nature, dénoncé avec vigueur les méfaits du civilisé, ait été le contraire d'un sage ? Nous devons le diagnostic de notre mal à un insensé, plus marqué, plus atteint que nous tous, à un maniaque avéré, précurseur et modèle de nos délires. Non moins significatif nous apparaît l'avènement plus récent de la psychanalyse, thérapeutique sadique, attachée à irriter nos maux plutôt qu'à les calmer, et singulièrement experte dans l'art de substituer à nos malaises naïfs des malaises alambiqués.

Tout besoin, en nous dirigeant vers la surface de la vie pour nous en dérober les profondeurs, confère du prix à ce qui n'en a pas, à ce qui ne saurait en avoir. La civilisation, avec tout son appareil, se fonde sur notre propension à l'irréel et à l'inutile. Consenti-rions-nous à réduire nos besoins, à

ne satisfaire que les nécessaires, elle s'écroulerait sur l'heure. Aussi, pour durer, s'astreint-elle à nous en créer toujours de nouveaux, à les multiplier sans trêve, car la pratique généralisée de l'ataraxie entraînerait pour elle des conséquences bien plus graves qu'une guerre de destruction totale. En ajoutant aux inconvénients fatals de la nature des inconvénients gratuits, elle nous contraint à souffrir doublement, elle diversifie nos tourments et renforce nos infirmités. Qu'on ne vienne pas nous ressasser qu'elle nous a guéris de la peur. En fait, la corrélation est évidente entre la multiplication de nos besoins et l'accroissement de nos terreurs. Nos désirs, sources de nos besoins, suscitent en nous une inquiétude constante, autrement intolérable que le frisson éprouvé, dans l'état de nature, devant un danger fugitif. Nous ne tremblons plus par à-coups ; nous tremblons sans relâche. Qu'avons-nous gagné au changement de la peur en anxiété ? Et qui balancerait entre une panique instantanée, et une autre, diffuse et permanente ? La sécurité dont nous nous targuons dissimule une agitation ininterrompue qui envenime tous nos instants, ceux du présent et ceux du futur, et les rend, les uns non avenus, les autres inconcevables. Nos désirs, se confondant avec nos terreurs, heureux celui qui n'en ressent aucun ! À peine en éprouvons-nous un qu'il engendre un autre, dans une suite aussi lamentable que malsaine. Appliquons-nous plutôt à subir le monde et à considérer chaque impression que nous en recevons comme une impression *imposée*, qui ne nous concerne pas, que nous supportons comme si elle n'était pas nôtre. « Rien ne m'appartient de ce qui m'arrive, rien n'est mien », dit le Moi lorsqu'il se persuade qu'il n'est pas d'ici, qu'il s'est trompé d'univers, et qu'il n'a le choix qu'entre l'impassibilité et l'imposture.

Préposé aux apparences, chaque désir, en nous faisant faire un pas hors de notre essence, nous cloue à un nouvel objet et limite notre horizon. Cependant, à mesure qu'il s'exaspère, il nous permet de discerner cette soif morbide dont il est l'émanation. Cesse-t-il d'être naturel, relève-t-il de notre condition de civilisés ? foncièrement impur, il perturbe et souille jusqu'à notre substance. Est vice tout ce qui s'ajoute à nos impératifs profonds, tout ce qui nous déforme et nous trouble sans nécessité. Le rire et le sourire même sont vices. Est vertu en revanche tout ce qui nous induit à vivre à contre-courant de notre civilisation, tout ce qui nous invite à en compromettre et saboter la marche. Pour ce qui est du bonheur, si ce mot a un sens, il consiste dans l'aspiration au minimum et à l'inefficace, dans l'*en deçà* érigé en hypostasie. Notre unique recours : renoncer non seulement au fruit des actes, mais aux actes mêmes, s'astreindre au non-rendement, laisser inexploitées une bonne partie de nos énergies et de nos chances. Coupables de vouloir nous

réaliser au-delà de nos capacités ou de nos mérites, ratés *par excès*, inaptes au véritable accomplissement, nuls à force de tension, grands par épuisement, par la dilapidation de nos ressources, nous nous dépensons sans tenir compte de nos virtualités ni de nos limites. D'où notre lassitude, aggravée par les efforts mêmes que nous avons déployés pour nous accoutumer à la civilisation, à tout ce qu'elle implique de corruption tardive. Que la nature, elle aussi, soit corrompue, on ne saurait le nier; mais cette corruption sans date est un mal immémorial et inévitable, dont nous nous accommodons d'office, alors que celui de la civilisation, issu de nos œuvres ou de nos caprices, d'autant plus accablant qu'il nous semble fortuit, porte la marque d'une option ou d'une fantaisie, d'une fatalité préméditée ou arbitraire ; à tort ou à raison, nous croyons qu'il aurait pu ne pas surgir, qu'il n'eût tenu qu'à nous pour qu'il ne se produisît point. Ce qui achève de nous le rendre encore plus odieux qu'il n'est. Nous sommes inconsolables d'avoir à l'endurer et à faire face aux misères subtiles qui en découlent, quand nous pouvions nous contenter de celles grossières, et, tout compte fait, supportables, dont la nature nous a largement pourvus.

Si nous étions en mesure de nous arracher aux désirs, nous nous arracherions du même coup au destin ; supérieurs aux êtres, aux choses, et à nous-mêmes, rétifs à nous amalgamer davantage au monde, par le sacrifice de notre identité nous accéderions à la liberté, inséparable d'un entraînement à l'anonymat et à l'abdication. « Je suis *personne*, j'ai vaincu mon nom ! » s'exclame celui qui, ne voulant plus s'abaisser à laisser de traces, essaie de se conformer à l'injonction d'Épicure : « Cache ta vie. » Ces anciens, nous revenons toujours à eux dès qu'il s'agit de l'art de vivre dont deux mille ans de sur-nature et de charité convulsive nous ont fait perdre le secret. Nous revenons à eux, à leur pondération et à leur aménité, pour peu que tombe cette frénésie que nous a inculquée le christianisme ; la curiosité qu'ils éveillent en nous correspond à une diminution de notre fièvre, à un recul vers la santé. Et nous revenons encore à eux parce que l'intervalle qui les sépare de l'univers étant plus vaste que l'univers même, ils nous proposent une forme de détachement que nous chercherions vainement auprès des saints.

En faisant de nous des frénétiques, le christianisme nous préparait malgré lui à enfanter une civilisation dont il est maintenant la victime : n'a-t-il pas créé en nous trop de besoins, trop d'exigences ? Ces exigences, ces besoins, intérieurs au départ, allaient se dégrader et se tourner vers le dehors, comme la ferveur dont émanaient tant de prières suspendues brusquement, ne pouvant s'évanouir ni rester sans emploi, devait se mettre au service de dieux de

rechange et forger des symboles à la mesure de leur nullité. Nous voilà livrés à des contrefaçons d'infini, à un absolu sans dimension métaphysique, plongés dans la vitesse, faute de l'être dans l'extase. Cette ferraille haletante, réplique de notre bougeotte, et ces spectres qui la manipulent, ce défilé d'automates, cette procession d'hallucinés ! Où vont-ils, que cherchent-ils ? quel souffle de démence les emporte ? Chaque fois que j'incline à les absoudre, que je conçois des doutes sur la légitimité de l'aversion ou de la terreur qu'ils m'inspirent, il me suffit de songer aux routes de campagne, le dimanche, pour que l'image de cette vermine motorisée m'affermisse dans mes dégoûts ou mes effrois. L'usage des jambes étant aboli, le marcheur, au milieu de ces paralytiques au volant, a l'air d'un excentrique ou d'un proscrit ; bientôt il fera figure de monstre. Plus de contact avec le sol : tout ce qui y plonge nous est devenu étranger et incompréhensible. Coupés de toute racine, inaptes en outre à frayer avec la poussière ou la boue, nous avons réussi l'exploit de rompre non seulement avec l'intimité des choses, mais avec leur surface même. La civilisation, à ce stade, apparaîtrait comme un pacte avec le diable, si l'homme avait encore une âme à vendre.

Est-ce vraiment pour « gagner du temps » que furent inventés ces engins ? Plus démuni, plus déshérité que le troglodyte, le civilisé n'a pas un instant à soi ; ses loisirs mêmes sont fiévreux et oppressants : un forçat en congé, succombant au cafard du farniente et au cauchemar des plages. Quand on a pratiqué des contrées où l'oisiveté était de rigueur, où tous y excellaient, on s'adapte mal à un monde où personne ne la connaît ni ne sait en jouir, où nul ne respire. L'être inféodé aux heures est-il encore un être humain ? Et a-t-il le droit de s'appeler *libre*, quand nous savons qu'il a secoué toutes les servitudes, sauf l'essentielle ? À la merci du temps qu'il nourrit, qu'il engraisse de sa substance, il s'exténue et s'anémie pour assurer la prospérité d'un parasite ou d'un tyran. Calculé malgré sa folie, il s'imagine que ses soucis et ses tribulations seraient moindres si, sous forme de « programme », il arrivait à les octroyer à des peuples « sous-développés », auxquels il reproche de n'être pas « dans le coup », c'est-à-dire dans le vertige. Pour mieux les y précipiter, il leur inoculera le poison de l'anxiété et ne les lâchera qu'il n'ait observé sur eux les mêmes symptômes d'affairement. Afin de réaliser son rêve d'une humanité hors d'haleine, éperdue et minutée, il parcourra les continents, toujours en quête de nouvelles victimes sur qui déverser le trop-plein de sa fébrilité et de ses ténèbres. À le contempler, on entrevoit la nature véritable de l'enfer : n'est-ce point le lieu où l'on est condamné au temps pour l'éternité ?

Nous avons beau soumettre l'univers et nous l'approprier, tant que nous n'aurons pas triomphé du temps, nous resterons des ilotes. Or cette victoire s'acquiert par le renoncement, vertu à quoi nos conquêtes nous rendent particulièrement impropres, de sorte que plus leur nombre s'accroît, plus notre sujétion s'accuse. La civilisation nous enseigne comment nous saisir des choses, alors que c'est à l'art de nous en dessaisir qu'elle devrait nous initier, car il n'y a de liberté ni de « vraie vie » sans l'apprentissage de la dé- possession. Je m'empare d'un objet, je m'en estime le maître ; en fait j'en suis l'esclave, esclave je suis également de l'instrument que je fabrique et manie. Point de nouvelle acquisition qui ne signifie une chaîne de plus, ni de facteur de puissance qui ne soit cause de faiblesse. Il n'est pas jusqu'à nos dons qui ne contribuent à notre assujettissement ; l'esprit qui s'élève au-dessus des autres, est moins libre qu'eux : rivé à ses facultés et à ses ambitions, prisonnier de ses talents, il les cultive à ses dépens, il les fait valoir au prix de son salut. Nul ne s'affranchit s'il s'astreint à devenir quelqu'un ou quelque chose. Tout ce que nous possédons ou produisons, tout ce qui se superpose à notre être ou en procède nous dénature et nous étouffe. Et notre être lui-même, quelle erreur, quelle blessure de lui avoir adjoint l'existence, quand nous pouvions, inentamés, persévérer dans le virtuel et l'invulnérable ! Personne ne se remet du mal de naître, plaie capitale s'il en fut. C'est pourtant avec l'espoir de nous en guérir un jour que nous acceptons la vie et en supportons les épreuves. Les années passent, la plaie demeure.

Plus la civilisation se différencie et se complique, plus nous maudissons les liens qui nous y attachent. Au dire de Soloviev, elle approchera de sa fin (qui sera, selon le philosophe russe, la fin de toutes choses) au beau milieu du « siècle le plus raffiné ». Ce qui est certain, c'est qu'elle ne fut jamais aussi menacée ni aussi détestée qu'aux moments où elle paraissait le mieux établie, témoin les attaques qu'on porta, au plus fort des Lumières, contre ses mœurs et ses prestiges, contre toutes les conquêtes dont elle tirait orgueil. « On se fait dans les siècles polis une espèce de religion d'admirer ce qu'on admirait dans les siècles grossiers », note Voltaire, peu fait, reconnaissons-le, pour comprendre les raisons d'un si juste emballement. C'est, en tout cas, à l'époque des salons que le « retour à la nature » s'imposait, de même que l'ataraxie ne pouvait être conçue qu'en un temps où, las de divagations et de systèmes, les esprits préféraient les délices d'un jardin aux controverses de l'agora. L'appel à la sagesse provient toujours d'une civilisation excédée d'elle-même. Chose curieuse : il nous est malaisé de nous figurer le processus qui amena à la satiété ce monde antique qui, auprès du nôtre, nous apparaît, à tous ses moments, comme l'objet idéal de nos regrets. Au reste, comparée à

l'innommable aujourd'hui, n'importe quelle autre époque nous semble bénie. À nous écarter de notre vraie destination, nous entrerons, si nous n'y sommes déjà, dans le siècle de la fin, dans ce siècle raffiné par excellence (*compliqué* eût été l'adjectif exact) qui sera nécessairement celui où sur tous les plans, nous nous trouverons à l'antipode de ce que nous aurions dû être.

Les maux inscrits dans notre condition l'emportent sur les biens ; même s'ils s'équilibraient, nos problèmes ne seraient pas résolus. Nous sommes là pour nous débattre avec la vie et la mort, et non pour les esquiver, ainsi que nous y invite la civilisation, entreprise de dissimulation, de maquillage de l'insoluble. Faute de contenir en elle-même aucun principe de durée, ses avantages, autant d'impasses, ne nous aident ni à mieux vivre ni à mieux mourir. Parviendrait-elle, secondée par l'inutile science, à balayer tous les fléaux ou, pour nous allécher, à nous décerner des planètes en guise de récompense, qu'elle ne réussirait qu'à accroître notre méfiance et notre exaspération. Plus elle se démène et se rengorge, plus nous jalousons les âges qui eurent le privilège d'ignorer les facilités et les merveilles dont elle ne cesse de nous gratifier. « Avec du pain d'orge et un peu d'eau, on peut être aussi heureux que Jupiter », aimait à répéter le sage qui nous intimait de cacher notre vie. Est-ce marotte de le citer toujours ? Mais à qui s'adresser, à qui demander conseil ? À nos contemporains ? à ces indiscrets, à ces inapaisés, coupables, en déifiant l'aveu, l'appétit et l'effort, d'avoir fait de nous des fantoches lyriques, insatiables et fourbus ? La seule excuse à leur furie, c'est qu'elle ne dérive pas d'un instinct frais ni d'un essor sincère, mais d'une panique devant un horizon bouché. Tant de nos philosophes qui se penchent, atterrés, sur l'avenir ne sont au fond que les interprètes d'une humanité qui, sentant les instants lui échapper, s'efforce de n'y pas songer – et y songe toujours. Leurs systèmes offrent en somme l'image et comme le déroulement discursif de cette hantise. De même, l'Histoire ne pouvait solliciter leur intérêt qu'à un moment où l'homme a toutes les raisons de douter qu'elle lui appartienne encore, qu'il continue d'en être l'agent. En fait tout se passe comme si, elle aussi lui échappant, il commençait une carrière non historique, brève et convulsée, qui reléguerait au rang de fadaises les calamités dont jusqu'ici il était si féru. Sa teneur en être s'amincit avec chaque pas qu'il fait en avant. Nous n'existons que par le recul, par la distance que nous prenons à l'égard des choses et de nous-mêmes. Se remuer c'est s'adonner au faux et au fictif, c'est pratiquer une discrimination abusive entre le possible et le funèbre. Au degré de mobilité que nous avons atteint, nous ne sommes plus maîtres de nos gestes ni de notre sort. Y préside très certainement une providence négative dont les desseins, à mesure que nous

approchons de notre terme, se font de moins en moins impénétrables, puisqu'ils se dévoileraient sans peine, au premier venu s'il daignait seulement s'arrêter et sortir de son rôle pour contempler, ne fût-ce qu'un instant, le spectacle de cette horde essoufflée et tragique dont il fait partie.

Tout bien considéré, le siècle de la fin ne sera pas le siècle le plus raffiné, ni même le plus compliqué, mais le plus pressé, celui où, l'être dissous en mouvement, la civilisation, dans un élan suprême vers le pire, s'effrtera dans le tourbillon qu'elle aura suscité. Dès lors que rien ne peut l'empêcher de s'y engouffrer, renonçons à exercer nos vertus contre elle, sachons même démêler dans les excès où elle se complaît quelque chose d'exaltant, qui nous invite à modérer nos indignations et à réviser nos mépris. C'est ainsi que ces spectres, ces automates, ces hallucinés sont moins haïssables si l'on réfléchit aux mobiles inconscients, aux raisons profondes de leur frénésie : ne sentent-ils pas que le délai qui leur est accordé s'amenuise de jour en jour et que le dénouement prend figure ? et n'est-ce pas pour en écarter l'idée qu'ils s'engloutissent dans la vitesse ? S'ils étaient sûrs d'un *autre* avenir, ils n'auraient aucun motif de fuir ni de se fuir, ils ralentiraient leur cadence et s'installeraient sans crainte dans une expectative indéfinie. Mais il ne s'agit même pas pour eux de tel ou tel avenir, car d'avenir, ils en manquent tout simplement ; c'est là, surgie de l'affolement du sang, une certitude obscure, informulée, qu'ils redoutent d'envisager, qu'ils veulent oublier en se dépêchant, en allant de plus en plus vite, en refusant d'avoir le moindre instant à eux. Cependant l'inéluctable qu'elle recèle, ils le rejoignent par l'allure même qui, dans leur esprit, devrait les en éloigner. De tant de hâte, de tant d'impatience, les machines sont la conséquence et non la cause. Ce ne sont pas elles qui poussent le civilisé à sa perte ; il les a inventées plutôt parce qu'il y marchait déjà ; des moyens, des auxiliaires pour y atteindre plus rapidement et plus efficacement. Non content d'y courir, il voulait encore y *rouler*. En ce sens, et en ce sens seulement, on peut dire qu'elles lui permettent en effet de « gagner du temps ». Il les distribue, il les impose aux arriérés, aux retardataires pour qu'ils puissent le suivre, le devancer même dans la course au désastre, dans l'instauration d'un amok universel et mécanique. Et c'est afin d'en assurer l'avènement qu'il s'acharne à niveler, à uniformiser le paysage humain, à en effacer les irrégularités et à en bannir les surprises ; ce qu'il aimerait y faire régner, ce ne sont pas les anomalies, c'est l'*anomalie*, l'anomalie monotone et routinière, convertie en règle de conduite, en impératif. Ceux qui s'y dérobent, il les taxe d'obscurantisme ou d'extravagance, et il ne désarmera pas avant de les ramener dans le droit chemin, dans ses erreurs à lui. Les illettrés, en tout premier lieu, répugnent à y tomber ; il les y forcera

donc, il les obligera à apprendre à lire et à écrire, afin que, pris au piège du savoir, aucun d'eux n'échappe davantage au malheur commun. Si grande est son obnubilation qu'il ne conçoit même pas que l'on puisse opter pour un autre genre d'égarements que le sien. Dénué du répit nécessaire à l'exercice de l'auto-ironie, à quoi devrait l'inciter un simple aperçu sur son destin, il se prive ainsi de tout recours contre lui-même. Il n'en devient que plus funeste aux autres. Ensemble agressif et pitoyable, il ne manque pas d'un certain pathétique : on comprend pourquoi, devant l'inextricable où il s'est enfermé, on éprouve quelque gêne à le dénoncer et à l'attaquer, sans compter qu'il y a toujours du mauvais goût à médire d'un incurable, fût-il odieux. Mais si on se refusait au mauvais goût, pourrait-on encore porter le moindre jugement sur quoi que ce soit ?



LES NOUVEAUX DIEUX

Qui s'intéresse au défilé d'idées et de croyances irréductibles, devrait bien s'arrêter au spectacle qu'offrent les premiers siècles de notre ère : il y trouverait le modèle même de toutes les formes de conflit que l'on rencontre, sous une forme atténuée, à n'importe quel moment de l'histoire. Cela se comprend : c'est l'époque où l'on a haï le plus. Le mérite en revient aux chrétiens, fébriles, intraitables, d'emblée experts dans l'art de la détestation, alors que les païens ne savaient plus manier que le mépris. L'agressivité est un trait commun aux hommes et aux dieux nouveaux.

Si un monstre d'aménité, ignorant la hargne, voulait cependant rapprendre, ou savoir tout au moins ce qu'elle vaut, le plus simple pour lui serait de lire quelques auteurs ecclésiastiques, en commençant par Tertullien, le plus brillant de tous et en finissant, mettons, par saint Grégoire de Nazianze, fielleux et cependant insipide, et dont le discours contre Julien l'Apostat vous donne l'envie de vous convertir sur-le-champ au paganisme. Aucune qualité n'y est reconnue à l'empereur ; avec une satisfaction non dissimulée on y conteste sa mort héroïque dans la guerre contre les Perses, aurait été tué par « un barbare qui faisait le métier de bouffon et qui suivait l'armée pour faire oublier aux soldats les fatigues de la guerre par ses saillies et ses bons mots ». Nulle élégance, nul souci de paraître digne d'un tel adversaire. Ce qui est impardonnable dans le cas du saint, c'est qu'il avait connu Julien à Athènes, du temps que, jeunes, ils y fréquentaient les écoles philosophiques.

Rien de plus odieux que le ton de ceux qui défendent une cause, compromise en apparence, gagnante en fait, qui ne peuvent contenir leur joie à l'idée de leur triomphe ni s'empêcher de tourner leurs effrois mêmes en autant de menaces. Quand Tertullien, sardonique et tremblant, décrit le Jugement dernier, *le plus grand des spectacles*, comme il l'appelle, il imagine le rire qu'il aura en contemplant tant de monarques et de dieux « poussant d'affreux gémissements dans le plus profond de l'abîme... » Cette insistance à rappeler aux païens qu'ils étaient perdus, eux et leurs avait de quoi exaspérer même les esprits les plus modérés. Suite de libelles camouflés en traités, l'apologétique chrétienne représente le summum du genre bilieux.

On ne peut respirer qu'à l'ombre de divinités usées. Plus on s'en persuade, plus on se redit avec terreur que si on avait vécu au moment où le christianisme montait, on en aurait peut-être subi la fascination. Les commencements d'une religion (comme les commencements de n'importe

quoi) sont toujours suspects. Eux seuls pourtant possèdent quelque réalité, eux seuls sont vrais ; vrais et abominables. On n'assiste pas impunément à l'instauration d'un dieu, quel qu'il soit et où qu'il surgisse. Cet inconvénient n'est pas récent : Prométhée le signalait déjà, lui, victime de Zeus et de la nouvelle clique de l'Olympe.

Beaucoup plus que la perspective du salut, c'était la fureur contre le monde antique qui entraînait les chrétiens dans un même élan de destruction. Comme ils venaient pour la plupart d'ailleurs, leur déchaînement contre Rome s'explique. Mais à quelle sorte de frénésie pouvait participer l'indigène, lorsqu'il se convertissait ? Moins bien pourvu que les autres, il ne disposait que d'un seul recours : se haïr soi-même. Sans cette déviation de la haine, insolite au début, contagieuse ensuite, le christianisme fût resté une simple secte, bornée à une clientèle étrangère, seule capable à vrai dire d'échanger sans peine ni tourment les anciens dieux contre un cadavre cloué. Que celui qui voudrait savoir comment il aurait réagi à la volte-face de Constantin, se mette à la place d'un tenant de la tradition, d'un païen fier de l'être : comment consentir à la croix, comment tolérer que sur les étendards romains figure le symbole d'une mort déshonorante ? On s'y résigna pourtant, et cette résignation, qui bientôt allait devenir générale, il nous est difficile d'imaginer la somme de défaites intérieures dont elle était issue. Si, dans l'ordre moral, on peut la concevoir comme le couronnement d'une crise, et lui accorder ainsi le statut ou l'excuse d'une conversion, elle apparaît comme une trahison dès qu'on ne la considère plus que sous l'angle politique. Abandonner les dieux qui ont fait Rome, c'était abandonner Rome elle-même, pour s'allier à cette « nouvelle race d'hommes nés d'hier, sans patrie ni traditions, ligués contre toutes les institutions religieuses et civiles, poursuivis par la justice, universellement notés d'infamie, mais se faisant gloire de l'exécration commune ». La diatribe de Celse est de 178. À presque deux siècles d'intervalle, Julien devait écrire de son côté : « Si l'on a vu sous le règne de Tibère ou de Claude un seul esprit distingué se convertir aux idées chrétiennes, considérez-moi comme le plus grand des imposteurs. »

La « nouvelle race d'hommes » allait se démener longtemps avant de faire la conquête des délicats. Comment se fier à ces inconnus, venus des bas-fonds et dont tous les gestes invitaient au mépris ? Mais justement : par quel moyen accepter le dieu de ceux qu'on méprise et qui pour comble était de fabrication récente ? L'ancienneté seule garantissant la validité des dieux, on les tolérait tous, à condition qu'ils ne fussent pas de fraîche date. Ce qu'on trouvait de particulièrement fâcheux dans l'occurrence, c'était l'absolue nouveauté du Fils : un contemporain, un parvenu... C'est lui, personnage re-

butant, qu'aucun *sage* n'avait prévu ni préfiguré, qui « choqua » le plus. Son apparition fut un scandale auquel on mit quatre siècles à s'habituer. Le Père, une vieille connaissance, étant *admis*, les chrétiens, pour des raisons tactiques, se rabattirent sur lui et s'en réclamèrent : les livres qui le célébraient, et dont les Évangiles perpétuaient l'esprit, n'étaient-ils pas, selon Tertullien, antérieurs de plusieurs siècles aux temples, aux oracles, aux dieux païens ? L'apologiste, une fois en verve, va jusqu'à soutenir que Moïse précède de quelques millénaires la mine de Troie. De telles divagations étaient destinées à combattre l'effet que pouvaient susciter des remarques comme celle de Celse : « Après tout, les Juifs, il y a de longs siècles, se sont formés en un corps de nation, ont établi des lois à leur usage, qu'ils retiennent encore aujourd'hui. La religion qu'ils observent, quoi qu'elle vaille et quoi qu'on en puisse dire, est la religion de leurs ancêtres. En y restant fidèles, ils ne font rien que ne fassent aussi les autres hommes, qui gardent chacun les coutumes de leur pays. »

Sacrifier au préjugé de l'ancienneté, c'était reconnaître implicitement comme seuls légitimes les dieux indigènes. Les chrétiens voulaient bien par calcul s'incliner devant ce préjugé comme tel, mais ils ne pouvaient sans se détruire aller plus loin et l'adopter Intégralement, avec toutes ses conséquences. Pour un Origène, les dieux ethniques étaient des idoles, des survivances du polythéisme ; saint Paul déjà les avait ravalés au rang de démons. Le judaïsme les tenait tous pour mensongers, sauf un, le sien. « Leur seul tort, dit Julien des Juifs, c'est que tout en cherchant à satisfaire leur dieu, ils ne servent pas en même temps les autres. » Cependant il les loue pour leur répugnance à suivre la mode en matière de religion. « Je fuis l'innovation en toutes choses, et particulièrement en ce qui regarde les dieux », – est un aveu qui l'a discrédité et dont on se prévaut pour le taxer de « réactionnaire ». Mais quel « progrès », on se le demande, représente le christianisme par rapport au paganisme ? Il n'y a pas de « saut qualitatif » d'un dieu à un autre, ni d'une civilisation à une autre. Non plus que d'un langage à un autre langage. Qui oserait proclamer la supériorité des écrivains chrétiens sur les païens ? Même les Prophètes, pourtant d'un autre souffle et d'un autre style que les Pères de l'Église, un saint Jérôme nous confie l'aversion qu'il éprouvait à les lire, après s'être replongé dans Cicéron ou Plaute. Le « progrès » à l'époque s'incarnait dans ces Pères illisibles : s'en détourner, c'était passer à la « réaction » ? Julien avait tout à fait raison de leur préférer Homère, Thucydide ou Platon. L'édit par lequel il interdisait aux professeurs chrétiens d'expliquer les auteurs grecs a été vivement critiqué, non seulement par ses adversaires mais encore par tous ses admirateurs, à toutes les époques. Sans

vouloir le justifier, on ne peut s'empêcher de le comprendre. Il avait en face de lui des fanatiques ; pour s'en faire respecter, il fallait de temps en temps exagérer comme eux, débiter quelque insanité à leur adresse, sans quoi ils l'eussent dédaigné et pris pour un amateur. Il demanda donc à ces « enseignants » d'imiter les écrivains qu'ils expliquaient et d'en partager les opinions sur les dieux. « Mais s'ils croient que ces auteurs se sont trompés sur le point le plus important, qu'ils aillent dans les églises des Galiléens commenter Matthieu et Luc ! »

Aux yeux des anciens, plus on reconnaît de dieux, mieux on sert la Divinité, dont ils ne sont que les aspects, les faces. Vouloir en limiter le nombre était une impiété ; les supprimer tous au profit d'un seul, un crime. C'est de ce crime que se rendirent coupables les chrétiens. L'ironie à leur égard n'était plus de mise : le mal qu'ils propageaient avait gagné trop de terrain. De l'impossibilité de les traiter avec désinvolture venait toute l'aigreur de Julien.

*

Le polythéisme correspond mieux à la diversité de nos tendances et de nos impulsions, auxquelles il offre la possibilité de s'exercer, de se manifester, chacune d'elles étant libre de tendre, selon sa nature, vers le dieu qui lui convient sur le moment. Mais qu'entreprendre avec un seul dieu ? comment l'envisager, comment l'*utiliser* ? Lui présent, on vit toujours *sous pression*. Le monothéisme comprime notre sensibilité : il nous approfondit en nous resserrant ; système de contraintes qui nous confère une dimension intérieure au détriment de l'épanouissement de nos forces, il constitue une barrière, il arrête notre expansion, il nous détraque. Nous étions assurément plus normaux avec plusieurs dieux que nous ne le sommes avec un seul. Si la *santé* est un critère, quel recul que le monothéisme !

Sous le régime de plusieurs dieux, la ferveur se partage ; quand elle s'adresse à un seul elle se concentre et s'exaspère, et finit par tourner en agressivité, en *foi*. L'énergie n'est plus dispersée, elle est toute dirigée dans une même direction. Ce qui était remarquable dans le paganisme, c'est qu'on n'y faisait pas une distinction radicale entre croire et ne pas croire, avoir ou ne pas avoir la foi. La foi d'ailleurs est une invention chrétienne ; elle suppose un même déséquilibre chez l'homme et chez Dieu, emportés par un dialogue aussi dramatique que délirant. D'où le caractère forcené de la religion nouvelle. L'ancienne, autrement *humaine*, vous laissait la faculté de choisir le dieu que vous voulez ; comme elle ne vous en imposait aucun, c'était à vous d'incliner pour tel ou tel. Plus on était capricieux, plus on avait besoin d'en

changer, de passer de l'un à l'autre, étant bien assuré de trouver le moyen de les aimer tous au cours d'une existence. Ils étaient de surcroît modestes, ils n'exigeaient que le respect : on les saluait, on ne s'agenouillait pas devant eux. Ils convenaient idéalement à celui dont les contradictions n'étaient pas résolues ni ne pouvaient l'être, à l'esprit tiraillé et inapaisé : quelle chance n'avait-il pas, dans son désarroi itinérant, de pouvoir les *essayer* tous et d'être à peu près sûr de tomber sur celui-là précisément dont il avait le plus besoin dans l'immédiat ! Après le triomphe du christianisme, la liberté d'évoluer parmi eux et d'en choisir un à sa guise, devint inconcevable. Leur cohabitation, leur admirable promiscuité était finie. Tel esthète, fatigué du paganisme mais non encore écœuré, aurait-il adhéré à la nouvelle religion s'il avait deviné qu'elle allait s'étendre sur tant de siècles ? aurait-il troqué la fantaisie propre au régime des idoles interchangeables contre un culte dont le dieu devait jouir d'une si terrifiante longévité ?

En apparence, l'homme s'est donné des dieux par besoin d'être protégé, garanti ; en réalité, par avidité de souffrir. Tant qu'il croyait qu'il y en avait une multitude, il s'était octroyé une liberté de jeu, des échappatoires ; en se bornant par la suite à un seul, Il s'infligea un supplément d'entraves et d'affres. Il n'est guère qu'un animal s'aimant et se haïssant jusqu'au vice, qui pouvait s'offrir le luxe d'un si lourd asservissement. Quelle cruauté envers nous-même que de nous lier au grand Spectre et de river notre sort au sien ! Le dieu *unique* rend la vie irrespirable.

Le christianisme s'est servi de la rigueur juridique des Romains et de l'acrobatie philosophique des Grecs, non pour affranchir l'esprit mais pour l'enchaîner. En l'enchaînant, il l'a obligé à s'approfondir, à descendre en lui-même. Les dogmes l'emprisonnent, lui fixent des limites extérieures, qu'il ne doit outrepasser à aucun prix ; en même temps ils le laissent libre de parcourir son univers à lui, d'explorer ses propres vertiges, et, pour échapper à la tyrannie des certitudes doctrinales, de chercher l'être – ou son équivalent négatif – au point extrême de toute sensation. Aventure de l'esprit ligoté, l'extase est nécessairement plus fréquente dans une religion autoritaire que dans une religion libérale ; c'est qu'elle est alors un bond vers l'intimité, le recours aux profondeurs, *la fuite vers soi*.

N'ayant eu, pendant si longtemps, d'autre refuge que Dieu, nous avons plongé aussi loin en lui qu'en nous (ce plongeon représente le seul exploit réel que nous ayons accompli en deux mille ans), nous avons sondé ses abîmes et les nôtres, ruiné ses secrets un à un, exténué et compromis sa substance par la double agression du savoir et de la prière. Les anciens ne surmenaient pas leurs dieux : ils avaient trop d'élégance pour les harasser ou

pour en faire un objet d'étude. Comme le passage funeste de la mythologie à la théologie ne s'était pas opéré encore, ils ignoraient cette tension perpétuelle, présente aussi bien dans les accents des grands mystiques que dans les banalités du catéchisme. Quand l'ici-bas est synonyme d'impraticable, et que nous sentons qu'est physiquement coupé le contact qui nous y relie, le remède ne réside ni dans la foi ni dans la négation de la foi (expression l'une et l'autre d'une même infirmité), mais dans le dilettantisme païen, plus exactement dans l'idée que nous nous en faisons.

*

Le plus grave des inconvénients que rencontre le chrétien est de ne pouvoir servir consciemment qu'un seul dieu, bien qu'il ait la latitude de s'inféoder en pratique à plusieurs (le culte des saints !). Inféodation salutaire qui a permis au polythéisme de se prolonger malgré tout indirectement. Sans quoi, un christianisme trop pur n'eût pas manqué d'instaurer une schizophrénie universelle. N'en déplaise à Tertullien, *l'âme est naturellement païenne*. N'importe quel dieu, quand il répond à des exigences immédiates, pressantes de notre part, représente pour nous un surcroît de vitalité, un « coup de fouet » ; il n'en va pas de même s'il nous est imposé ou s'il ne correspond à aucune nécessité. Le tort du paganisme fut d'en avoir trop accepté et accumulé il est mort par générosité et excès de compréhension, il est mort par manque d'instinct.

Si, pour surmonter le moi, cette lèpre, on ne mise plus que sur les apparences, il est impossible de ne pas déplorer l'effacement d'une religion sans drames, sans crises de conscience, sans incitations au remords, également superficielle dans ses principes et ses pratiques. Dans l'Antiquité, la philosophie, et non la religion, était profonde ; dans l'âge moderne, la « profondeur » et les déchirements de toutes sortes qui y sont inhérents, le christianisme seul en fut cause. Ce sont les époques sans foi précise (l'époque hellénistique ou la nôtre) qui s'emploient à classer les dieux, tout en se refusant à les partager en vrais et en faux. L'idée qu'ils puissent se valoir est au contraire irrecevable dans les moments où domine la ferveur. La prière ne saurait s'adresser à un dieu *probablement* vrai. Elle ne s'abaisse guère aux subtilités ni ne tolère la gradation à l'intérieur du suprême : même lorsqu'elle doute, elle le fait au nom de la Vérité. *On n'implore pas une nuance*. Tout cela n'est exact que depuis la calamité monothéiste. Pour la piété païenne, il en allait autrement. Dans *Octavius* de Minucius Felix, l'auteur, avant de défendre la position chrétienne, fait dire à Cecilius, le représentant du paganisme : « Nous voyons adorer des dieux nationaux : à Éleusis, Cérés ; en

Phrygie, Cybèle ; à Épidaure, Esculape ; en Chaldée, Bélus ; en Syrie, Astarté ; en Tauride, Diane ; Mercure chez les Gaulois et à Rome tous ces dieux réunis. » Et il ajoute, au sujet du dieu chrétien, le seul à n'être pas accepté : « D'où vient-il, ce dieu unique, solitaire, délaissé, que ne connaît aucune nation libre, aucun royaume... ? »

Selon une vieille prescription romaine, nul ne devait adorer en particulier des dieux nouveaux ou étrangers, s'ils n'étaient pas admis par l'État, par le Sénat plus précisément, seul habilité à décider lesquels méritaient d'être adoptés ou rejetés. Le dieu chrétien, surgi à la périphérie de l'Empire, parvenu à Rome par des moyens invouables, devait bien se venger plus tard d'avoir été obligé d'y entrer en fraude.

On ne détruit une civilisation que lorsqu'on détruit ses dieux. Les chrétiens, n'osant attaquer l'Empire de front, s'en prirent à sa religion. Ils ne se sont laissé persécuter que pour mieux pouvoir fulminer contre elle, pour satisfaire leur irrépensible appétit d'exécrer. Qu'ils eussent été malheureux si on n'est pas daigné les promouvoir au rang de victimes ! Tout dans le paganisme, jusqu'à la tolérance, les exaspérait. Forts de leurs certitudes, ils ne pouvaient comprendre que l'on se résignât, à la manière des païens, aux vraisemblances, ni que l'on suivît un culte dont les prêtres, simples magistrats préposés aux simagrées du rituel, n'imposaient à personne la corvée de la *sincérité*.

Lorsqu'on se répète que la vie n'est supportable que si l'on peut changer de dieux et que le monothéisme contient en germe toutes les formes de tyrannie, on cesse de s'apitoyer sur l'esclavage antique. Il valait mieux être esclave et pouvoir adorer la déité qu'on voulait, qu'être « libre » et n'avoir devant soi qu'une seule et même variété du divin. La liberté c'est le droit à la *différence* ; étant pluralité, elle postule l'éparpillement de l'absolu, sa résolution en une poussière de vérités, également justifiées et provisoires. Il y a dans la démocratie libérale un polythéisme sous-jacent (ou inconscient, si l'on préfère) ; inversent, tout régime autoritaire participe d'un monothéisme déguisé. Curieux effets de la logique monothéiste : un païen, dès qu'il devenait chrétien, versait dans l'intolérance. Plutôt sombrer avec une coasse de dieux accommodants que de prospérer à l'ombre d'un despote ! À une époque où, faute de conflits religieux, nous assistons aux conflits idéologiques, la question qui se pose pour nous est bien celle qui hanta l'Antiquité finissante : « Comment renoncer à tant de dieux pour un seul ? » – avec ce correctif toutefois que le sacrifice qu'on nous demande se place plus bas, au niveau des opinions, et non plus des dieux. Dès qu'une divinité, ou une doctrine, prétend à la suprématie, la liberté est menacée. Si l'on voit dans

la tolérance la valeur suprême, tout ce qui y attente doit être considéré comme un crime, en commençant par ces entreprises de conversion où l'Église est demeurée inégalée. Et si elle a exagéré la gravité des persécutions dont elle fut l'objet et grossi ridiculement le nombre des martyrs, c'est que, ayant été une force oppressive pendant si longtemps, elle avait besoin de couvrir ses forfaits sous de nobles prétextes : laisser impunies des doctrines pernicieuses, n'était-ce pas de sa part une trahison à l'égard de ceux qui se sont sacrifiés pour elle ? C'est donc par esprit de fidélité qu'elle procédait à l'anéantissement des « égarés », et qu'elle put, après avoir été persécutée pendant quatre siècles, être persécutrice pendant quatorze. Tel est le secret, le *miracle* de sa pérennité. Jamais martyrs ne furent vengés avec plus de système ni d'acharnement.

L'avènement du christianisme ayant coïncidé avec celui de l'Empire, certains Pères (Eusèbe, entre autres) ont soutenu que cette coïncidence avait un sens profond : un Dieu – un empereur. En réalité, ce fut l'abolition des barrières nationales, la possibilité de circuler à travers un vaste État sans frontières, qui permit au christianisme de s'infiltrer et de sévir. Sans cette facilité à se répandre, il serait resté une simple dissidence au sein du judaïsme, au lieu de devenir une religion envahissante et, ce qui est plus fâcheux, une religion à propagande. Tout lui fut bon pour racoler, pour s'affirmer et s'étendre, jusqu'à ces obsèques diurnes, dont l'appareil était une véritable offense autant pour les païens que pour les dieux olympiens. Julien observe que, selon les législateurs de jadis, « vu que la vie et la mort diffèrent du tout au tout, les actes relatifs à l'une et à l'autre doivent être accomplis séparément ». Cette disjonction, les chrétiens, dans leur prosélytisme effréné, n'étaient pas disposés à la faire : ils connaissaient bien l'utilité du cadavre, le profit qu'on en pouvait tirer. Le paganisme n'a pas escamoté la mort, mais il s'est bien gardé d'en faire étalage. C'était un principe fondamental pour lui qu'elle ne s'accorde pas avec le plein jour, qu'elle est une insulte à la lumière ; elle relevait de la nuit et des dieux infernaux. Les Galiléens ont tout rempli de sépulcres, disait Julien, qui n'appelle jamais Jésus autrement que le « mort ». Pour les païens dignes de ce nom, la superstition nouvelle ne pouvait paraître qu'une exploitation, qu'une mise en valeur du hideux. D'autant plus devaient-ils déplorer les progrès qu'elle faisait dans tous les milieux. Ce que Celse ne put connaître, mais ce que Julien connut parfaitement, ce furent les velléitaires du christianisme, ceux qui, incapables d'y souscrire entièrement, s'évertuaient néanmoins à le suivre, craignant que, s'ils restaient à l'écart, ils ne fussent exclus de l'« avenir ». Soit opportunisme, soit peur de la solitude,

ils voulaient marcher aux côtés de ces hommes « nés d'hier », mais appelés bientôt au rôle de maîtres, de tortionnaires.

*

Si légitime qu'ait été sa passion pour les dieux défunts, Julien n'avait aucune chance de les ressusciter. Au lieu de s'y employer inutilement, il aurait mieux fait de s'allier par rage avec les manichéens et de saper avec eux l'Église. Ainsi, en sacrifiant son idéal, eût-il du moins satisfait sa rancœur. Quelle autre carte que celle de la vengeance lui restait-il encore ? Une magnifique carrière de démolisseur s'ouvrait devant lui, et il s'y serait peut-être engagé, s'il n'avait pas été obnubilé par la nostalgie de l'Olympe. On ne livre pas de batailles au nom d'un regret. Il mourut jeune, il est vrai : deux ans à peine de règne ; en eût-il eu dix ou vingt devant soi, quel service ne nous aurait-il pas rendu ! Sans doute n'eût-il pas étouffé le christianisme, mais il l'eût obligé à plus de modestie. Nous serions moins vulnérables, car nous n'aurions pas vécu comme si nous étions le centre de l'univers, comme si tout, *Dieu même*, tournait autour de nous. L'Incarnation est la flatterie la plus dangereuse dont nous ayons été l'objet. Elle nous aura dispensé un statut démesuré, hors de proportion avec ce que nous sommes. En haussant l'anecdote humaine à la dignité de drame cosmique, le christianisme nous a trompés sur notre insignifiance, il nous a précipités dans l'illusion, dans cet optimisme morbide qui, au mépris de l'évidence, confond cheminement et apothéose. Plus réfléchi, l'Antiquité païenne mettait l'homme à sa place. Quand Tacite se demande si les événements sont régis par des lois éternelles ou s'ils roulent au gré du hasard, il ne répond à vrai dire pas, il laisse la question indécise, et cette indécision exprime bien le sentiment général des anciens. Plus que personne, l'historien, confronté avec ce mélange de constantes et d'aberrations dont se compose le processus historique, est nécessairement amené à osciller entre le déterminisme et la contingence, les lois et le caprice, la Physique et la Fortune. Il n'est guère de malheur que nous ne puissions rapporter à notre gré soit à une distraction de la providence, soit à l'indifférence du hasard, soit enfin à l'inflexibilité du destin. Cette trinité, d'un usage si commode pour polir n'importe qui, pour un esprit désabusé surtout, est ce que la sagesse païenne a de plus consolant à proposer. Les modernes répugnent à y recourir, comme ils répugnent non moins à cette idée, spécifiquement antique, suivant laquelle les biens et les maux représentent une somme invariable, qui ne saurait subir aucune modification. Avec notre hantise du progrès et de sa régression, nous admettons implicitement que le mal change, sois qu'il diminue où qu'il augmente. L'identité du monde avec

lui-même, l'idée qu'il est condamné à être ce qu'il est, que l'avenir n'ajoutera rien d'essentiel aux données existantes, cette belle idée n'a plus cours ; c'est que justement, l'*avenir*, objet d'espoir ou d'horreur, est notre véritable *lieu* ; nous y vivons, il est tout pour nous. L'obsession de l'avènement, qui est d'essence chrétienne, en réduisant le temps au concept de l'imminent et du possible, nous rend inaptés à concevoir un instant immuable, reposant en lui-même, soustrait au fléau de la succession. Même dépourvue du moindre contenu, l'*attente* est un vide qui nous comble, une anxiété qui nous rassure, tant nous sommes impropres à une vision statique. « Il n'est pas besoin que Dieu corrige son ouvrage » – cette opinion de Celse, qui est celle de toute une civilisation, va à l'encontre de nos inclinations, de nos instincts, de notre être même. Nous ne pouvons la ratifier que dans un moment insolite, un *accès* de sagesse. Elle va même à l'encontre de ce que pense le croyant, car ce qu'on reproche à Dieu dans les milieux religieux plus que dans les autres, c'est sa bonne conscience, son indifférence à la qualité de son œuvre et son refus d'en atténuer les anomalies. Il nous faut du *futur* à tout prix. La croyance au Jugement dernier a créé les conditions psychologiques de la croyance au sens de l'histoire ; mieux : toute la philosophie de l'histoire n'est qu'un sous-produit de l'idée du Jugement dernier. Nous avons beau pencher vers telle ou telle théorie cyclique, il ne s'agit de notre part que d'une adhésion abstraite ; nous nous comportons en fait comme si l'histoire suivait un déroulement linéaire, comme si les diverses civilisations qui s'y succèdent n'étaient que des étapes que parcourt, pour se manifester et s'accomplir, quelque grand dessein, dont le nom varie suivant nos croyances ou nos idéologies.

*

Qu'il n'y ait plus pour nous de faux dieux, est-il meilleure preuve de la déficience de notre foi ? On ne voit guère comment pour un croyant le dieu qu'il prie et un autre dieu tout différent, peuvent être également légitimes. La foi est exclusion, défi. C'est parce qu'il ne peut plus détester les autres religions, c'est parce qu'il les *comprend*, que le christianisme est fini : la vitalité dont procède l'intolérance lui fait de plus en plus défaut. Or, l'intolérance était sa raison d'être. Pour son malheur, il a cessé d'être monstrueux. Ainsi que le polythéisme déclinant, il est atteint, il est paralysé par une trop grande largeur de vues. Son dieu n'a pas plus de prestige pour nous que n'en avait Jupiter pour les païens déconfits.

À quoi se réduit le bavardage autour de la « mort de Dieu », sinon à un constat de décès du christianisme ? On n'ose attaquer carrément la religion, on s'en prend au patron, auquel on reproche inactuel, timide, modéré. Un

dieu qui a dilapidé son capital cruauté, plus personne ne le craint ni ne le respecte. Nous sommes marqués par tous ces siècles où croire en lui c'était le redouter, où nos frayeurs l'imaginaient à la fois compatissant et sans scrupules. Qui intimiderait-il maintenant, quand les croyants eux-mêmes sentent qu'il est dépassé, qu'on ne peut plus le raccorder au présent, encore moins à l'avenir ? Et de même que le paganisme dut céder devant le christianisme, de même ce dernier fléchir devant quelque nouvelle croyance ; démuné d'agressivité, il ne constitue plus un obstacle à l'irruption d'autres dieux ; ils n'ont qu'à surgir, et ils surgiront peut-être. Sans doute n'auront-ils des dieux le visage ni même le masque ; mais ils n'en seront pas moins redoutables.

Pour qui liberté et vertige se valent, une foi, d'où qu'elle vienne, et fût-elle antireligieuse, est une entrave salutaire, une chaîne souhaitée, rêvée, dont ce sera la fonction de freiner la curiosité et la fièvre, de suspendre l'angoisse de l'indéfini. Quand cette foi l'emporte et s'installe, ce qui en résulte immédiatement, c'est une réduction du *nombre* de problèmes que l'on doit se poser, ainsi qu'une diminution presque tragique des options. Le fardeau du choix vous est enlevé ; on opte à votre place. Les païens raffinés, qui se laissaient tenter par la religion nouvelle, ce qu'ils en attendaient c'était justement qu'on optât pour eux, qu'on leur indiquât où aller, pour n'avoir plus à hésiter au seuil de tant de temples ni à louvoyer entre tant de dieux. C'est par une lassitude, c'est par un refus des pérégrinations de l'esprit, que se conclut cette effervescence religieuse *sans credo* qui caractérise toute époque alexandrine. On dénonce la coexistence des vérités, parce qu'on ne se satisfait plus du peu que chacun offre ; on aspire au tout, mais à un tout borné, circonscrit, *sûr*, tant est grande la peur de tomber de l'universel dans l'incertain, de l'incertain dans le précaire et l'amorphe. Cette dégringolade que le paganisme connut en son temps, le christianisme est en train d'en faire l'expérience. Il déchoit, il s'empresse de déchoir ; c'est ce qui le rend supportable aux incroyants, de mieux en mieux disposés à son égard. Le paganisme, même vaincu, on le détestait encore ; les chrétiens étaient des furieux qui ne pouvaient oublier, alors que de nos jours tout le monde a pardonné au christianisme. Déjà au XVIII^e siècle, on avait épuisé les argumenta contre lui. À l'égal d'un poison qui a perdu ses vertus, il ne peut plus sauver ni damner personne. Mais il a renversé trop de dieux pour qu'il puisse en bonne justice échapper au sort qu'il leur aura réservé. L'heure de la revanche a sonné pour eux. Leur joie doit être grande de voir leur pire ennemi aussi bas qu'eux, puisqu'il les accepte tous sans exception. Au temps de son triomphe, il a démolé les temples et violé les consciences partout où il lui plut d'apparaître. Un dieu nouveau, eût-il été crucifié mille fois, ignore la pitié, broie tout sur

sa route, s'acharne à occuper le maximum d'espace. Ainsi nous fait-il payer cher de ne l'avoir pas reconnu plus tôt. Tant qu'il était obscur, il pouvait posséder un certain attrait : nous ne décelions pas encore chez lui les stigmates de la victoire.

Jamais une religion n'est plus « noble » que lorsqu'elle en arrive à se prendre pour une superstition et qu'elle assiste, détachée, à sa propre éclipse. Le christianisme s'est formé et s'est épanoui dans la haine de tout ce qui n'était pas lui ; cette haine l'a soutenu sa carrière durant ; sa carrière achevée, sa haine s'achève aussi. Le Christ ne redescendra pas aux Enfers ; on l'a remis au tombeau, et, cette fois-ci, il y restera, il n'en ressortira vraisemblablement Jamais : il n'a plus *qui* délivrer à la surface ni dans les profondeurs de la terre. Quand on songe aux excès qui accompagnèrent son avènement, on ne peut s'empêcher d'évoquer l'exclamation de Rutilius Namatianus, le dernier poète païen : « Plût aux dieux que la Judée n'eût jamais été conquise ! »

Puisqu'il est admis que les dieux sont vrais indistinctement, pour quoi s'arrêter en chemin, pourquoi ne pas les prôner tous ? Ce serait là de la part de l'Église un accomplissement suprême : elle périrait en s'inclinant devant ses victimes. Des signes annoncent qu'elle en ressent la tentation. Ainsi, à l'instar des temples antiques, se ferait-elle un honneur de recueillir les divinités, les épaves de partout. Mais, encore une fois, il faut que le *vrai* dieu s'efface pour que tous les autres puissent resurgir.



DUAS DIATRIBES

*“Nosso único recurso: renunciar não apenas ao fruto dos atos,
mas aos próprios atos, exercitar-se no não-rendimento.”*

E.M. CIORAN

RETRATO DO HOMEM CIVILIZADO

A obstinação em banir da paisagem humana o irregular, o imprevisto e o disforme beira a indecência. Que em certas tribos ainda tenham prazer em devorar os anciãos excedentários é sem dúvida deplorável; mas que tão pitorescos sibaritas devam ser exterminados, com isso não consentiremos jamais, sem contar que o canibalismo representa um modelo de economia fechado e, ao mesmo tempo, uma prática apta a seduzir, um dia, um planeta abarrotado. Não é minha intenção lamentar-me da sorte dos antropófagos, ainda que os persigam impiedosamente, que vivam no terror e que sejam os grandes perdedores do mundo de hoje. Convenhamos: o caso deles não é necessariamente excelente. Além disso, estão se tornando cada vez mais raros: uma minoria acuada, desprovida de autoconfiança, incapaz de advogar em causa própria. Muito diferente nos parece a situação dos analfabetos, massa considerável, apegada às suas tradições e privilégios, que se castiga com uma virulência que nada justifica. Pois, afinal, é um mal não saber ler e escrever? Francamente, não posso pensar que seja. E digo mais, poderemos ficar de luto pelo homem quando houver desaparecido o último iletrado.

Nada mais suspeito que o interesse do homem civilizado pelos povos ditos atrasados. Incapaz de suportar-se mais, ocupa-se em descarregar sobre eles o excedente de males que o afligem, constringe-os a experimentar suas misérias, desafia-os a confrontar um destino que não podem mais desbravar a sós. De tanto considerar a sorte que tiveram de não ter “evoluído”, expe-

rimenta acerca deles o ressentimento de um aventureiro desequilibrado e extravagante. Com que direito permanecem à parte, fora do processo de degradação que ele, por sua vez, sofre há tanto tempo e do qual não consegue subtrair-se? A civilização, sua obra, sua loucura, aparece-lhe como um castigo que ele inflige a si mesmo e que gostaria de impor aos que lhe escaparam até o momento. “Venham compartilhar de minhas calamidades, sejam solidários com meu inferno!” – tal é o sentido de sua solicitude, tal o fundo de sua indiscrição e zelo. Esgotado por suas taras e, mais ainda, por suas “luzes”, não repousará enquanto não as impuser aos que felizmente estão isentos delas. Já procedia assim na época em que, ainda não “esclarecido” nem cansado de si, entregava-se à avarícia, à sua sede de aventuras e de infâmias. Os espanhóis, no ápice de sua carreira, deviam se sentir, sem dúvida, oprimidos tanto pelas exigências de sua fé quanto pelos rigores da Igreja. Vingaram-se pela Conquista.

Trabalham para converter outrem? Não será jamais para operar nele a salvação, mas para obrigá-lo a *padecer* como vocês, para que se exponha às mesmas provações e as atravesse com a mesma impaciência. Velam, oram e se atormentam? Que o outro o faça tanto quanto, que suspire, uive, debata-se em meio às mesmas torturas. A intolerância é própria dos espíritos devastados cuja fé se reduz a um suplício mais ou menos desejado, que eles gostariam de ver generalizado, instituído. Sendo que a felicidade alheia jamais foi um móvel nem um princípio de ação, só é invocada para proporcionar uma boa consciência ou para se revestir de nobres pretextos: o impulso de qualquer ação à qual nos determinamos, e cuja execução precipitamos, é quase sempre inconfessável. Ninguém salva ninguém; pois só se salva a si, o que se consegue melhor disfarçando de convicções a infelicidade que se deseja distribuir e prodigar. Por mais prestigiosas que sejam suas aparências, o proselitismo não deriva menos de uma generosidade duvidosa, pior em seus efeitos que uma agressividade patente. Ninguém está disposto a suportar sozinho a disciplina que ele mesmo assumiu, nem o jugo ao qual consentiu. A vingança transparece sob a alegria do missionário e do apóstolo. Não é para libertar, é para sujeitar que se dedica a converter.

A partir do momento em que se é possuído por uma certeza, fica-se com inveja de suas opiniões flutuantes, de sua resistência aos dogmas ou aos *slogans*, de sua bem-aventurada incapacidade de se acorrentar a eles. Ruborizando secretamente de pertencer a uma seita ou a um partido, envergonhado de possuir uma verdade e de estar a ela escravizado, não são seus inimigos declarados, os que detêm outra verdade, de quem ele se ressentirá, mas de você, do Indiferente, culpado de não perseguir nenhuma. Para fugir

da escravidão em que ele caiu, você busca refúgio no capricho ou na aproximação? Ele fará de tudo para impedi-lo, forçando-o a uma servidão análoga e, se possível, idêntica a dele. O fenômeno é tão universal que ultrapassa o setor das certezas para englobar o do renome. As Letras, como é de se esperar, fornecerão uma penosa ilustração. Qual escritor que desfrute de certa notoriedade não acabará por sofrer em razão dela, por experimentar o mal-estar de ser conhecido ou compreendido, por dispor de um público, por mais restrito que seja? Invejoso de seus amigos que se regozijam no conforto da obscuridade, ele se esforçará por arrancá-los dela, por perturbar seu orgulho tranquilo, para que se submetam também às mortificações e ansiedades do sucesso. Para consegui-lo, qualquer manobra lhe parecerá legítima. A vida deles será doravante um pesadelo. Ele os assedia, pressiona-os a produzir e a se exibir, contraria sua aspiração a uma glória clandestina, sonho supremo dos delicados e dos abúlicos. Escrevam! Publiquem! – repete-lhes com raiva e despudor. Os infelizes levam-no a cabo, sem suspeitar o que os espera. Só ele sabe. Espreita-os, exaltando as suas divagações tímidas com violência e desmesura, com um fervor de maníaco, e, para precipitá-los no abismo da atualidade, providencia ou inventa-lhes admiradores e discípulos, fazendo com que sejam seguidos por uma turba de leitores, de assassinos onipresentes e invisíveis. Cometida a feitoria, acalma-se e desaparece, saciado pelo espetáculo de seus protegidos, cativos dos mesmos tormentos e das mesmas vergonhas que ele, vergonhas e tormentos que resumem bem a fórmula de não sei que escritor russo: “Poder-se-ia perder a razão só de pensar em ser lido.”

Assim como o autor atingido e contaminado pela celebridade trabalha para estendê-la àqueles que ainda estão isentos dela, assim também o civilizado, vítima de uma consciência exacerbada, se esforça por comunicar seus tormentos aos povos refratários a seus dilaceramentos. Essa divisão consigo mesmo, que o molesta e o corrói, como aceitar que a recusem, que manifestem sobre ela uma total falta de curiosidade? Sem negligenciar nenhum artifício à sua disposição para fazê-los ceder, se parecer com ele ou percorrer o mesmo calvário que o seu, iludi-los-á com sua civilização, cujos prestígios, após deslumbrá-los, os impedirão de discernir o que ela poderia ter de bom e de mau. E imitarão apenas os seus aspectos nocivos, tudo o que faz dela um flagelo orquestrado e metódico. Eram até então inofensivos e descontraídos? Desejarão doravante ser fortes e ameaçadores, para a satisfação maior de seu benfeitor, conscientes de que serão, a seu exemplo, fortes e ameaçados. Interessar-se-á então por eles, dar-lhes-á “assistência”. Que alívio contemplá-los enquanto se enroscam nos mesmos problemas, se afundam na mesma

fatalidade! Tudo o que ele queria era complicá-los, torná-los obsessos, alucinados. Seu jovem fervor pelo utensílio, pelo luxo, pelas mentiras da técnica, conforta-o e preenche-o de tranquilidade: alguns condenados a mais, companheiros inesperados de infortúnio, capazes, por sua vez, de dar-lhe assistência, de tomar para si uma parte do fardo que o esmaga, ou, ao menos, de carregar um tão pesado quanto o seu. Eis o que ele denomina “promoção”, uma palavra bem escolhida para camuflar sua perfídia e suas chagas.

Encontramos ainda restos de humanidade apenas entre os povos que, distanciados pela história, não se apressam em alcançá-la. Na retaguarda das nações, sequer tocados pela tentação do projeto, cultivam suas virtudes antiquadas, fazem questão de estarem fora de moda. “Retrógrados”, certamente o são, e perseverariam de bom grado em sua estagnação se tivessem os meios de manter-se nela. Mas isso não lhes é permitido. O complô que os outros, os “avançados”, tramam contra eles é muito habilmente conduzido para que se possam safar. Uma vez desencadeado o processo de rebaixamento, e por raiva de não ter sabido oferecer-lhe resistência, empenhar-se-ão, com o despudor dos neófitos, a acelerá-lo, a esposar e forçar seu horror, conforme a lei que faz prevalecer sempre um novo mal sobre um antigo bem. E vão querer atualizar-se, nem que seja apenas para mostrar aos outros que também sabem decair, que podem superá-los inclusive em matéria de decadência. Para que se espantar ou lamentar? Não vemos por toda parte simulacros que prevalecem sobre a essência, a trepidação sobre o repouso? E não se diria que assistimos à agonia do indestrutível? Todo passo adiante, toda forma de dinamismo comporta algo de satânico: o “progresso” é o equivalente moderno da Queda, a versão profana da danação. E aqueles que creem nele e são seus promotores, todos nós definitivamente, que mais somos senão réprobos em marcha, predestinados à imundície, a essas máquinas, a essas cidades, de que apenas um desastre exaustivo poderia nos livrar. Eis a ocasião imperdível que se oferece às nossas invenções para provarem sua utilidade e se reabilitarem aos nossos olhos.

Se o “progresso” é um mal tão grande, como é que não fazemos nada para nos livrar logo dele? Será que queremos isso mesmo? Não será a nossa fatalidade não querê-lo realmente? Em nossa perversidade, é o “melhor” que desejamos e perseguimos: busca nefasta, contrária à nossa felicidade. Não nos “aperfeiçoamos” nem avançamos impunemente. O movimento, sabemos, é uma heresia; e é precisamente por isso que ele nos tenta, que nos lançamos a ele e que, irremediavelmente depravados, preferimos ele à ortodoxia da tranquilidade. Somos feitos para vegetar e para florescer na inércia, não para perder-nos pela rapidez e pela higiene, responsáveis pela profusão desses se-

res desencarnados e assépticos, desse formigueiro de fantasmas onde tudo fervilha e nada vive. Alguma dose de sujeira sendo indispensável ao organismo (fisiologia e imundície são termos intercambiáveis), a perspectiva de uma higiene em escala universal inspira uma legítima apreensão. Deveríamos ter-nos contentado, piolhentos e serenos, à companhia das bestas, definhar ao lado delas por mais milênios, respirar o odor dos estábulos e não o dos laboratórios, morrer de nossas doenças e não de nossos remédios, rodopiar em torno do nosso vazio e afundar nele docemente. Substituímos a *ausência*, que deveria ter sido um dever e uma obsessão, pelo acontecimento; ora, todo acontecimento nos quebra e nos corrói, surgindo apenas à custa de nosso equilíbrio e duração. Quanto mais o nosso futuro se encurta, mais nos deixamos cair naquilo que nos arruína. Estamos a tal ponto intoxicados de civilização, nossa droga, que nosso apego por ela apresenta os caracteres de um fenômeno de dependência, mescla de êxtase e de execração. Tal como é, ela acabará conosco, nenhuma dúvida quanto a isso; quanto a desprender-nos e renunciar a ela, não o podemos, hoje menos do que nunca. Mas quem voaria em nosso socorro, para libertar-nos? Um Antístenes, um Epicuro, um Crisipo, que julgavam complicados demais os costumes antigos, o que pensariam dos nossos, e qual deles, transplantado para as nossas metrópoles, teria temperamento bastante para conservar, nelas, sua serenidade? Em todos os aspectos mais saudáveis e equilibrados do que nós, os Antigos teriam podido passar sem uma sabedoria; e, contudo, elaboraram uma; o que nos desqualifica para sempre é que não temos nem a preocupação nem a capacidade de elaborá-la. Não é significativo que o primeiro dentre os modernos a ter denunciado com vigor os males do civilizado, por idolatria da natureza, foi o oposto de um sábio? Devemos o diagnóstico de nosso mal a um insensato, mais marcado, mais atingido do que nós, a um maníaco confesso, precursor e modelo de nossos delírios¹. Não menos significativo parece-nos o advento mais recente da psicanálise, terapêutica sádica, empenhada em irritar os nossos males antes que acalmá-los, e singularmente experta na arte de substituir nossos mal-estares ingênuos por outros rebuscados.

Ao nos direcionar para a superfície da vida, privando-nos de sua profundidade, toda necessidade confere um preço ao que não tem, ao que não poderia ter. A civilização, com todo seu aparato, se assenta sobre nossa propensão ao irreal e ao inútil. Se consentíssemos em reduzir nossas neces-

¹ Cioran se refere implicitamente, por antonomásia, a Nietzsche, que, divergências à parte, é uma de suas maiores influências. Em *Silogismos da amargura* (1952) há uma aforismo dedicado a uma releitura tardia de Nietzsche (uma anamnese, ao mesmo tempo, da juventude febrilmente nietzschiana de Cioran), em que o filósofo alemão é descrito de forma quase idêntica, confirmando ser ele a figura em questão no trecho. (n.t.)

sidades para satisfazer apenas o necessário, ela desmoronaria no ato. É assim que, para durar, trabalha para criar em nós outras sempre novas, multiplicando-as sem trégua, pois a prática generalizada da ataraxia implicaria para ela consequências muito mais graves que uma guerra de destruição total. Ao acrescentar aos inconvenientes fatais da natureza outros tantos gratuitos, ela nos constringe a sofrer duplamente, diversifica nossos tormentos e reforça nossas enfermidades. E que não venham nos dizer que ela nos curou do medo. É evidente a correlação entre a multiplicação de nossas necessidades e o crescimento de nossos terrores. Nossos desejos, fontes de nossas necessidades, suscitam em nós uma inquietude constante, mais intolerável que o frenesi que experimentamos, no estado de natureza, diante de um perigo passageiro. Já não trememos senão por sobressaltos, é verdade, mas trememos sem descanso. O que ganhamos com a troca do medo pela ansiedade? E quem hesitaria entre um pânico instantâneo e outro, difuso e permanente? A segurança da qual nos orgulhamos dissimula uma agitação ininterrupta que envenena todos os nossos instantes, os do presente e os do futuro, interditando uns e tornando os outros inconcebíveis. Se nossos desejos se confundem com nossos terrores, feliz daquele que não guarda nenhum! Pois mal experimentamos um e imediatamente surge outro, em uma sequência tão lamentável quanto malsã. Dedicamo-nos antes a suportar o mundo e a considerar cada impressão que recebemos dele como uma impressão *imposta*, que não nos diz respeito e que suportamos como se não fosse nossa. “Nada do que me sucede me pertence, nada é meu”, diz o Eu ao persuadir-se de que não é daqui, que se enganou de universo, e que só pode escolher entre a impossibilidade e a impostura.

Predisposto às aparências, cada desejo, fazendo-nos dar um passo fora de nossa essência, prega-nos a um novo objeto e limita nosso horizonte. Entretanto, à medida que se exaspera, permite-nos discernir essa sede mórbida da qual é a emanção. Deixa de ser natural, submete-se à nossa condição de civilizados? Fundamentalmente impuro, perturba e macula até nossa substância. O vício é tudo o que aumenta nossos imperativos profundos, tudo que nos deforma e perturba sem necessidade. O próprio riso e o sorriso são vícios. Em contrapartida, a virtude é tudo o que nos leva a viver na contracorrente de nossa civilização, tudo que nos convida a comprometer e sabotar sua marcha. Quanto à felicidade, se esta palavra tem um sentido, ela consiste na aspiração ao mínimo e à ineficácia, no *aquém* erigido em hipótese. Nosso único recurso: renunciar não apenas ao fruto dos atos, mas aos próprios atos, exercitar-se no não-rendimento, deixar inexploradas uma boa parte de nossas energias e chances. Culpados de querer realizar-nos além de

nossas capacidades ou méritos, fracassados *por excesso*, inaptos à verdadeira realização, nulos de tanta tensão, grandes por esgotamento, pela dilapidação de nossos recursos, nos consumimos sem levar em conta nossas virtualidades ou limites. Daí nosso cansaço, agravado pelos esforços que fizemos para nos acostumar à civilização, a tudo que ela implica de corrupção tardia. Que a natureza seja, ela também, corrompida, não se poderia negar; essa corrupção sem data é um mal imemorial e inevitável, ao qual nos acomodamos por obrigação, enquanto que o da civilização, resultado de nossas obras ou caprichos, tão mais opressivo quanto nos parece fortuito, leva a marca de uma opção ou de uma fantasia, de uma fatalidade premeditada ou arbitrária; acreditamos, com ou sem razão, que ela poderia não ter surgido, que cabia a nós decidir se surgiria ou não. O que só a torna ainda mais odiosa do que nos é. Somos inconsoláveis por ter de suportá-la e fazer face às misérias sutis que dela derivam, quando podíamos mesmo nos contentar com as grosseiras e, considerando bem, suportáveis, com as quais a natureza nos proveu tão generosamente.

Se estivéssemos à altura de nos afastar dos desejos, nos livrariamos também do destino: superiores aos seres e às coisas, e a nós mesmos, contrários a amalgamar-nos mais ao mundo, acederíamos à nossa liberdade pelo sacrifício de nossa identidade, inseparável de um treinamento no anonimato e na abdicção. “Não sou *ninguém*, venci o meu nome!”, exclama aquele que, não querendo mais se rebaixar a deixar rastros, tenta cumprir a injunção de Epicuro: “Esconde tua vida”. Esses antigos, sempre retornamos a eles quando se trata da arte de viver, da qual dois mil anos de sobrenatureza e de caridade convulsiva nos fizeram perder o segredo. E nos voltamos a eles, à sua ponderação e amenidade, sempre que diminui, por pouco que seja, esse frenesi que nos inculcou o cristianismo; a curiosidade que despertam em nós corresponde a uma diminuição de nossa febre, a um recuo em direção à saúde. E retornamos uma vez mais a eles porque o intervalo que os separa do universo é mais vasto que o próprio universo, de modo que nos propõem uma forma de desapego que em vão buscaríamos junto aos santos.

Ao nos tornar frenéticos, o cristianismo nos preparou, para azar seu, a cultivar uma civilização da qual ele agora é vítima: não criou em nós demasiadas necessidades, demasiadas exigências? Essas exigências, essas necessidades, interiores de início, iriam se deteriorar e voltar-se para fora, como o fervor do qual emanavam tantas orações suspensas bruscamente e que, não podendo desaparecer ou ficar desempregado, teve de ser colocado a serviço de deuses de estoque e forjar símbolos à medida de sua nulidade. Estamos entregues a contrafações do infinito, a um absoluto sem dimensão metafísica,

mergulhados na rapidez, por falta de estarmos em êxtase. Essa sucata ofegante, réplica de nossa inquietação, e esses espectros que a conduzem, esse desfile de autômatos, essa procissão de alucinados! Aonde vão, o que buscam? Que sopro de demência os move? Cada vez que me inclino a absolvê-los, que tenho dúvidas sobre a legitimidade da aversão ou do terror que me inspiram, basta-me pensar nas estradas rurais, aos domingos, para que a imagem dessa vermineira motorizada fortaleça meus desgostos ou pavores. Abolido o uso das pernas, o pedestre, em meio a esses paralíticos ao volante, tem ares de excêntrico ou de proscrito; logo será visto como um monstro. Nenhum contato mais com o solo: tudo o que afunda nele tornou-se para nós estranho e incompreensível. Arrancados de toda raiz, inaptos ademais a viver junto ao pó ou à lama, conseguimos a proeza de romper não apenas com a intimidade das coisas, mas inclusive com sua superfície. Nesse estágio, a civilização pareceria um pacto com o diabo, se o homem ainda tivesse alguma alma para vender.

Foi realmente para “ganhar tempo” que essas engenhocas foram inventadas? Mais desprovido, mais deserddado que o troglodita, o civilizado não tem um instante para si; seus próprios lazeres são febris e opressivos: um forçado de licença, sucumbindo à tristeza do *farniente* e ao pesadelo das praias. Quando se frequentava certos ambientes em que a ociosidade era de rigor, onde todos se excediam, adaptava-se mal a um mundo onde ninguém conhecia ou sabia desfrutá-la, onde ninguém respirava. O ser acorrentado às horas é ainda um ser humano? Tem direito a declarar-se *livre*, quando sabemos que chacoalhou todas as servidões, salvo a essencial? À mercê do tempo que ele nutre e que faz engordar com sua própria substância, extenua-se e anemiza-se para garantir a prosperidade de um parasita ou tirano. Metuculoso, apesar da loucura, imagina que suas preocupações e tribulações seriam menores se pudesse presenteá-las, em forma de “programa”, aos povos “subdesenvolvidos”, que ele repreende por não estarem “por dentro”, no caso, da vertigem. Para melhor precipitá-los nela, ele os inoculará com o veneno da ansiedade, e não lhes dará descanso até que observe neles os mesmos sintomas de atarefamento. Para realizar seu sonho de uma humanidade sem alento, embaçada e presa ao relógio, percorrerá os continentes, sempre em busca de novas vítimas sobre as quais versar seu excesso de febres e de trevas. Para contemplá-lo, vislumbramos a verdadeira natureza do inferno: não é o lugar onde se está condenado ao tempo para toda a eternidade?

Não importa se sobrepujamos o universo e nos apropriamos dele, permaneceremos hilotas enquanto não triunfamos do tempo. Ora, essa vitória se

conquista pela renúncia, virtude à qual nossas conquistas nos tornaram impróprios, de modo que quanto mais seu número aumenta, mais nossa sujeição se deslinda. A civilização nos ensina a tomar posse das coisas, quando é na arte de nos desapropriar delas que deveria nos iniciar, pois não há liberdade ou “verdadeira vida” sem o aprendizado do despojamento. Quando me apodero de um objeto, considero-me seu mestre; na verdade, sou o escravo, escravo também do instrumento que fabrico e manuseio. Não há nova aquisição que não signifique uma cadeia a mais, nem fator de potência que não seja causa de debilidade. Até nossos dons contribuem para a nossa sujeição; o espírito que se eleva sobre os outros é menos livre que eles: apegado a suas faculdades e ambições, prisioneiro de seus talentos, ele os cultiva à própria custa, fá-los valer o preço de sua salvação. Não há libertação possível enquanto se obstina em tornar-se alguém ou alguma coisa. Tudo o que temos ou produzimos, tudo o que se sobrepõe ao nosso ser, ou dele procede, nos desnatura e nos sufoca. E o nosso próprio ser, que erro, que injúria tê-lo apegado à existência, quando podíamos, intactos, perseverar no virtual e no invulnerável! Ninguém se recupera do mal de nascer, chaga capital entre todas. É, no entanto, com a esperança de nos curar dele um dia que aceitamos a vida e nos submetemos às suas provações. Os anos passam, a chaga permanece.

Quanto mais a civilização se diferencia e se complica, mais amaldiçoamos os laços que nos unem a ela. No dizer de Soloviev, ela chegará ao fim (que será, segundo o filósofo russo, o fim de todas as coisas) no meio do “século mais refinado”. O que é certo é que ela nunca foi tão ameaçada ou detestada senão nos momentos em que parecia mais estável, como testemunham os ataques realizados, no apogeu das Luzes, contra seus costumes e prestígios, contra todas as conquistas de que ela tinha orgulho. “Nos séculos educados, temos uma espécie de religião de admirar o que era admirado nos séculos grosseiros”, observa Voltaire, pouco inclinado, admitamos, a compreender as razões de uma tão justa empolgação. É, em todo caso, na época dos salões que o “retorno à natureza” se impunha, assim como a ataraxia só podia ser concebida em um tempo em que, cansados de divagações e de sistemas, os espíritos preferiam as delícias de um jardim às controvérsias da ágora. O apelo à sabedoria provém sempre de uma civilização cheia de si mesma. Curiosamente, nos é difícil imaginar o processo que levará à saciedade esse mundo antigo que, ao lado do nosso, nos parece, a todo momento, como o objeto ideal de nossos lamentos. De resto, comparada ao inominável de hoje, qualquer outra época nos parece boa. Desviando-nos de nosso verdadeiro destino, entraremos, se ainda não estivermos lá, no *siècle de la fin*, neste sé-

culo refinado por excelência (complicado seria o adjetivo exato), que será necessariamente aquele em que nos encontraremos, em todos os planos, na antípoda do que deveríamos ter sido.

Os males inscritos em nossa condição prevalecem sobre os bens; mesmo que se equilibrassem, nossos problemas não seriam resolvidos. Existimos para nos debater com a vida e a morte, e não para nos esquivar delas, como nos convida a fazer a civilização, empresa de dissimulação, de maquiagem do insolúvel. Não contendo em si qualquer princípio de duração, suas vantagens, como muitos becos sem saída, não nos ajudam a viver nem a morrer melhor. Se chegasse, apoiada pela inútil ciência, a varrer todos os flagelos, ou, para nos aliciar, a nos dar alguns planetas à guisa de recompensa, só conseguiria aumentar nossa desconfiança e exasperação. Quanto mais ela se obstina e se compraz, mais invejamos as eras que tiveram o privilégio de ignorar as facilidades e as maravilhas com as quais ela nunca deixa de nos recompensar. “Com pão de cevada e um pouco de água, podemos ser tão felizes quanto Júpiter”, gostava de repetir o sábio que nos aconselhava a esconder nossa vida. Pega mal citá-lo sempre? Mas a quem recorrer, a quem pedir conselho? Aos nossos contemporâneos? A esses indiscretos e inquietos, culpados por divinizar o desejo, o apetite e o esforço, por ter nos tornado fantoches líricos, insaciáveis e exaustos? A única desculpa para sua fúria é que não deriva de um novo instinto ou de uma expansão sincera, mas de um pânico diante de um horizonte entupido. Muitos de nossos filósofos que se debruçam, aterrados, sobre o futuro, são no fundo os intérpretes de uma humanidade que, sentindo escapar os instantes, se esforça para não pensar nisso – e o pensa sempre. Seus sistemas oferecem, em suma, a imagem e o desdobramento discursivo dessa obsessão. Analogamente, a História só poderia solicitar seu interesse no momento em que o homem tivesse todas as razões para duvidar que ela ainda lhe pertence, que ele continua sendo seu agente. De fato, tudo acontece como se, ela também lhe escapando, ele começasse uma carreira não histórica, breve e convulsiva, que relegasse ao nível da insipidez as calamidades com as quais esteve até aqui tão interessado. Seu grau de ser diminui a cada passo que dá. Só existimos pelo recuo, pela distância que tomamos em relação às coisas e a nós mesmos. Remoer-se é entregar-se ao falso e ao fictício, é praticar uma discriminação abusiva entre o possível e o fúnebre. No grau de mobilidade que alcançamos, não somos mais os mestres de nossos gestos ou de nossa sorte. Certamente, há nisso uma providência negativa, cujos desígnios, à medida que nos aproximamos de nosso termo, tornam-se cada vez menos impenetráveis, a tal ponto que se desvelariam por completo ao primeiro que chegasse, se apenas se dignasse

parar e abandonar seu papel, para contemplar, por um instante sequer, o espetáculo dessa horda trágica e sem fôlego da qual é parte.

Considerando tudo, o século do fim não será o século mais refinado, nem o mais complicado, senão o mais apressado, aquele em que, dissolvido o ser no movimento, a civilização, em um *élan* supremo em direção ao pior, se pulverizará no turbilhão que terá suscitado. Se nada pode impedi-la de abismar-se nele, deixemos de exercitar contra ela nossas virtudes, saibamos discernir no excesso em que ela se compraz algo de exaltante, que nos convida a moderar nossas indignações e a rever nossos despezos. É assim que esses espectros, esses autômatos, esses alucinados são menos odiáveis quando refletimos sobre os motivos inconscientes, sobre as razões profundas de seu frenesi: eles não sentem que o tempo de que dispunham diminui a cada dia e que o desenlace ganha forma? E não é para afastar essa ideia que se aglutinam na rapidez? Se estivessem certos de um *outro* futuro, não teriam motivos para fugir ou fugir de si, desacelerariam sua cadência e se instalariam sem temor em uma expectativa indefinida. Mas não se trata para eles de tal ou tal futuro, pois é de futuro justamente que carecem; eis aí, surgida de um pânico do sangue, uma certeza obscura, não formulada, que eles temem enxergar e querem esquecer apressando-se, indo cada vez mais rápido e recusando o menor instante para si. Apesar do Inelutável que encerra, eles a reintegram no mesmo ritmo que, em seu espírito, deveria mantê-los afastados dela. As máquinas são a consequência, e não a causa, de tanta pressa, de tanta impaciência. Não são elas que arrastam o civilizado à sua perda; ele as inventou porque já estava a caminho dela; meios, auxiliares para alcançá-la com mais rapidez e eficiência. Não satisfeito de correr, queria ainda *rolar* até ela. Neste sentido, e nele apenas, pode-se dizer que elas lhe permitem efetivamente “ganhar tempo”. Ele as distribui, as impõe aos atrasados, aos retardatários, para que possam segui-lo, ultrapassá-lo na corrida ao desastre, na instauração de um *amok* universal e mecânico. E é para assegurar seu advento que ele insiste em nivelar, em uniformizar a paisagem humana, apagar as irregularidades e banir as surpresas; não são as anomalias, mas a *anomalia* que ele gostaria de fazer reinar aí, a anomalia monótona e rotineira, convertida em regra de conduta, em imperativo. Aqueles que se recusam são tachados de obscurantismo ou de extravagância, e ele não deporá as armas enquanto não conduzi-los ao caminho reto, aos mesmos erros que ele. Os iletrados, em primeiro lugar, relutam em cair neles; portanto, ele os forçará, obrigando-os a aprender a ler e escrever, de modo que, presos na armadilha do saber, nenhum escapará do infortúnio mais comum. Sua obsessão é tão grande que ele nem imagina que se possa optar por outro tipo de extravio, diferente do

seu. Carente da trégua necessária para o exercício da autoironia, que deveria incitá-lo a uma simples intuição acerca de seu destino, ele se priva assim de qualquer recurso contra si mesmo. Só se torna, assim, mais funesto aos outros. Agressivo e lamentável, não carece de certo patetismo: compreende-se porque, diante do inextricável em que ele se meteu, se experimenta um desconforto em denunciá-lo e atacá-lo, sem contar que é sempre de mau gosto maldizer um incurável, por mais odioso que seja. Mas se nos recusássemos ao mau gosto, poderíamos sustentar ainda o menor julgamento sobre o que quer que seja?



OS NOVOS DEUSES

Quem se interessa pelo desfile das ideias e crenças irredutíveis deveria deter-se no espetáculo que oferecem os primeiros séculos de nossa era: encontraria ali o modelo de todas as formas de conflito que se encontram, de forma atenuada, em qualquer momento da história. Isso é compreensível: é a época em que mais se odiou. O mérito corresponde aos cristãos, febris, intratáveis, especialistas na arte de detestar, enquanto que os pagãos não sabiam manejar mais que o desprezo. A agressividade é um traço comum aos homens e aos novos deuses.

Se um monstro da amenidade que ignorasse a aspereza, quisesse, contudo, aprendê-la, ou ao menos saber o que vale, o mais simples para ele seria ler alguns autores eclesiásticos, começando por Tertuliano², o mais brilhante de todos, e terminando, digamos, por São Gregório Nazianzeno³, bilioso e, não obstante, insípido, cujo discurso contra Juliano, o Apóstata⁴, dá vontade de converter-se de imediato ao paganismo. Aí, nenhuma qualidade é reconhecida ao imperador; com uma satisfação não dissimulada, contesta-se a sua morte heroica na guerra contra os persas, em que ele teria sido morto por “um bárbaro que exercia o ofício de bufão e que seguia o exército para fazer os soldados esquecerem a fadiga da guerra graças a suas tiradas e gracejos”. Nenhuma elegância, nenhuma preocupação de parecer digno de um adversário tal. O que é imperdoável, no caso do santo, é que ele havia conhecido Juliano em Atenas, no tempo em que, jovens, frequentavam as escolas filosóficas.

Nada é mais odioso do que o tom daqueles que defendem uma causa, comprometida em aparência, ganha de fato, que não conseguem conter sua excitação com a ideia de seu triunfo ou impedir de converter seus próprios espantos em outras tantas ameaças. Quando Tertuliano, sardônico e temo-

² Oriundo de Cartago, na província romana da África (c. 155-240 d.C.), foi o primeiro Padre da Igreja a produzir um corpus extensivo de literatura cristã em latim. Reputado proponente do célebre *credo quia absurdum* (“creio, porque absurdo”), e por isso um grande fideísta *avant la lettre*, a separar e opor radicalmente razão e fé, filosofia e religião. Tertuliano é notoriamente um grande polemista e apologeta cristão, tendo produzido uma obra prolífica que inclui *Apologeticus pro Christianis*, *Ad Martyres*, *De Carne Christi* e *Adversus Gnosticos Scorpiae*. (n.t.)

³ São Gregório de Nazianzo, ou Nazianzeno (329-389 d.C.), um dos Padres fundadores da Igreja e reputado retórico da era patrística. Teve um impacto significativo na formação da teologia trinitária tanto entre os teólogos latinos como entre os gregos, sendo por isso celebrado como o “teólogo trinitário”. Sua obra continua influenciando os teólogos modernos, particularmente no que concerne à relação entre as pessoas que integram a Santíssima Trindade. É, junto com seus irmãos Basílio Magno e Gregório de Nissa, um dos Padres da Igreja denominados Capadócijs. (n.t.)

⁴ Filósofo e imperador romano de 361 a 363 d.C. (o último não cristão). Inimigo da religião cristã, Juliano queria resgatar os valores e as tradições da Roma antiga. Sua rejeição ao cristianismo e exaltação ao neoplatonismo lhe renderam o epíteto de “Apóstata”. (n.t.)

roso, descreve o Juízo Final, *o maior dos espetáculos*, como ele mesmo o chama, está a imaginar a risada que soltará ao contemplar tantos monarcas e deuses “lançando espantosos gemidos no mais profundo do abismo...” Essa insistência em lembrar os pagãos de que estavam perdidos, eles e seus ídolos, exasperava com razão até os espíritos mais moderados. Série de libelos disfarçados de tratados, a apologetica cristã representa o sumo do gênero bilioso.

Só se pode respirar à sombra de divindades desgastadas. Quanto mais nos persuadimos disso, mais nos repetimos, com horror, que se tivéssemos vivido no momento de ascensão do cristianismo, teríamos sucumbido talvez ao seu fascínio. O começo de uma religião (como o começo de qualquer coisa) é sempre suspeito. No entanto, só eles possuem alguma realidade, só eles são *verdadeiros*; verdadeiros e abomináveis. Não se assiste impunemente à instauração de um deus, não importa qual, surja de onde surgir. Esse inconveniente não é recente: Prometeu já o denunciava, vítima de Zeus e da nova banda do Olimpo.

Muito mais do que a perspectiva da salvação, foi o furor contra o mundo antigo que levou os cristãos a um mesmo impulso de destruição. Como a maioria deles vinha de outros lugares, sua fúria contra Roma é explicável. Mas de que tipo de frenesi poderia participar o nativo quando se convertesse? Menos provido que os outros, tinha apenas um único recurso: odiar a si mesmo. Sem esse desvio do ódio, insólito ao início, contagioso depois, o cristianismo teria permanecido uma simples seita, limitada a uma clientela estrangeira, a única, na verdade, capaz de trocar, sem dó, os antigos deuses por um cadáver pregado. Quem quiser saber como ele teria reagido à volta-face de Constantino, que se ponha no lugar de um defensor da tradição, de um pagão orgulhoso de sê-lo: como consentir com a cruz, como tolerar que, sobre os estandartes romanos, figurasse o símbolo de uma morte desonrosa? Resignou-se a isso, contudo, e é difícil imaginarmos a soma de derrotas internas que resultam dessa resignação. Se, em matéria de moral, pode-se concebê-la como o coroamento de uma crise e atribuir-lhe, assim, o estatuto ou a desculpa de uma conversão, ela aparece como uma traição se considerada estritamente pelo ângulo político. Abandonar os deuses que fizeram Roma era abandonar a própria Roma, para se aliar a essa “nova raça de homens nascidos ontem, sem pátria ou tradições, unidos contra todas as instituições religiosas e civis, perseguidos pela justiça, universalmente marcados pela infâmia, mas vangloriando-se da execração comum”. A diatribe de Celso é de

178⁵. Com quase dois séculos de intervalo, Juliano, por sua vez, escreveria: “Se vimos sob o reinado de Tibério ou de Claudio um único espírito distinto converter-se às ideias cristãs, considerai-me o maior dos impostores”.

A “nova raça de homens” lutaria por muito tempo antes de conquistar os delicados. Como confiar nesses desconhecidos surgidos do submundo, cujos gestos convidavam ao desprezo? Justamente: de que maneira aceitar o deus daqueles que se despreza, e que é, ademais, de fabricação recente? Sendo apenas a antiguidade o que garante a validade dos deuses, toleravam-se todos eles, com a condição de que não fossem de data recente. O motivo particularmente infeliz nesse caso foi a absoluta novidade do Filho: um contemporâneo, um recém-chegado... Foi ele, personagem repulsivo, que nenhum *sábio* previra ou imaginara, quem mais “chocou”. Sua aparição foi um escândalo que levou quatro séculos para se acostumar. Como o Pai, um velho conhecido, era admitido, os cristãos, por razões táticas, recorreram a ele e o reivindicaram: os livros que o celebravam, e cujo espírito os Evangelhos perpetuaram, não eram, segundo Tertuliano, anteriores em muitos séculos aos templos, aos oráculos, aos deuses pagãos? O apologista, uma vez inspirado, chegará ao ponto de sustentar que Moisés precede em alguns milênios a ruína de Troia. Tais divagações destinavam-se a combater o efeito que observações como a de Celso poderiam provocar: “Afim, há séculos os judeus formaram um corpo nacional e estabeleceram leis conforme seus costumes, que mantêm ainda hoje em dia. A religião que observam, independentemente do que valha e do que se possa dizer dela, é a religião de seus ancestrais. Permanecendo fieis a ela, nada fazem que não façam também os demais homens, guardando, todos eles, os costumes de seu país”.

Ceder ao preconceito da antiguidade era reconhecer, implicitamente, os deuses nativos como os únicos legítimos. Os cristãos estavam bastante dispostos a curvar-se diante desse preconceito, mas não podiam, sem se destruírem, ir mais além e adotá-lo integralmente, com todas as suas consequências. Para um Orígenes⁶, os deuses étnicos eram ídolos, sobreviventes do politeísmo; São Paulo já os havia rebaixado à categoria de demônios. O judaísmo considerava-os todos falsos, exceto um, o seu. “Seu único erro”, diz Juliano dos judeus, “é que, enquanto procuram satisfazer seu deus, eles não servem aos outros ao mesmo tempo”. Mesmo assim, ele os elogia por sua

⁵ Trata-se de *Λόγος Ἀληθῆς*, “Palavra Verdadeira”, “Discurso Verdadeiro” ou “Doutrina Verdadeira”. Escrita entre 175 e 178 d.C., é considerada a primeira obra de crítica sistemática ao cristianismo. Só se tem conhecimento dela graças a comentários contidos em *Contra Celsum* (248 d.C.), uma obra de refutação da doutrina de Celso escrita por Orígenes de Alexandria (c. 184-253). (n.t.)

⁶ Orígenes de Alexandria (185-253 d.C.), padre da igreja e autor de *Contra Celso*, requisitório no qual contesta a obra *A Verdadeira Palavra*, do filósofo e opositor do cristianismo. (n.t.)

relutância a seguir a moda em matéria de religião. “Eu fujo da inovação em todas as coisas, e particularmente no que concerne aos deuses” – é uma confissão que o desacreditou e da qual se aproveitam para chamá-lo de “reacionário”. Mas qual “progresso”, pergunta-se, representa o cristianismo em relação ao paganismo? Não há “salto qualitativo” de um deus a outro, nem de uma civilização a outra. Não mais do que um idioma a outro idioma. Quem ousaria proclamar a superioridade dos escritores cristãos sobre os pagãos? Mesmo os profetas, ainda que com um ar e estilo diferentes em comparados aos padres da igreja, São Jerônimo nos confia a aversão, após o mergulho em Cícero ou Plauto, que experimentava ao lê-los. O “progresso” daquela época estava encarnado nesses padres ilegíveis: afastar-se deles era passar à “reação”? Juliano tinha toda a razão de preferir Homero, Tucídides ou Platão. O édito em que ele proibiu os professores cristãos de ensinar autores gregos tem sido vivamente criticado, não apenas por seus adversários, mas também por todos os seus admiradores, em todas as épocas. Sem querer justificá-lo, não se pode deixar de entendê-lo. Estava diante de fanáticos; para se fazer respeitar, era necessário, de tempos em tempos, exagerar como eles, endeçar-lhes alguma insanidade, sem o que eles o teriam desdenhado e o tomado por amador. Exigiu daqueles “professores”, então, que imitassem os escritores que ensinavam e compartilhassem suas opiniões sobre os deuses. “Mas se acreditam que esses autores se enganaram sobre o ponto mais importante, devem ir às igrejas dos Galileus para comentar Mateus e Lucas!”

Aos olhos dos antigos, quanto mais deuses se reconhece, melhor se serve à Divindade, da qual eles são apenas os aspectos, os rostos. Querer limitar o número era uma impiedade; remover todos em proveito de um só, um crime. É deste crime que os cristãos são culpados. Já não cabia ironia a seu respeito: o mal que propagaram havia ganhado muito terreno. Da impossibilidade de tratá-los com desenvoltura, vinha toda a acritude de Juliano.

*

O politeísmo corresponde melhor à diversidade de nossas tendências e impulsos, aos quais oferece a possibilidade de se exercitarem e se manifestarem, livres para atender, segundo a sua natureza, ao deus que mais lhe convém no momento. Mas, que fazer com um só deus? Como encará-lo, como *utilizá-lo*? À sua presença, vive-se sempre *sob pressão*. O monoteísmo sufoca nossa sensibilidade: aprofunda-nos aos nos apertar; sistema de restrições que nos confere uma dimensão interior em detrimento do desenvolvimento de nossas forças, que constitui uma barreira, impede nossa expansão, perturba-nos. Com vários deuses, éramos certamente mais *normais*

do que o somos com apenas um. Se a *saúde* é um critério, que retrocesso é o monoteísmo!

Sob o regime de vários deuses, o fervor é compartilhado; quando se dirige a um só, concentra-se e exaspera-se, terminando por converter-se em agressividade, em *fé*. A energia já não se dispersa, volta-se inteiramente a uma única direção. O que era notável no paganismo é que não se fazia uma distinção radical entre crer ou não crer, ter ou não ter fé. A fé, aliás, é uma invenção cristã; supõe o mesmo desequilíbrio no homem e em Deus, movidos por um diálogo tão dramático quanto delirante. Daí a natureza frenética da nova religião. A antiga, muito mais *humana*, concedia a liberdade de escolher o deus que se quisesse; como não impunha nenhum, ficava a critério de cada um curvar-se diante deste ou daquele. Quanto mais caprichoso se era, mais se experimentava a necessidade de trocá-los, passar de um a outro, estando certo de poder amá-los todos ao longo de uma existência. Eram também modestos, exigiam apenas respeito: eram saudados, não se ajoelhavam diante deles. Eram ideais para alguém cujas contradições não foram resolvidas ou não puderam se resolver, ao espírito aturdido e inquieto: que sorte, em sua desorientação itinerante, a de poder *experimentá-los* todos, tendo a certeza de encontrar precisamente aquele do qual mais se precisasse em determinado momento! Após o triunfo do cristianismo, a liberdade de evoluir entre eles e de escolher um à vontade tornou-se inconcebível. Sua coabitação, sua admirável promiscuidade estava terminada. Teria tal esteta, cansado do paganismo, mas ainda não enojado dele, aderido à nova religião se tivesse adivinhado que ela se estenderia por tantos séculos? Teria ele trocado a fantasia do regime de ídolos intercambiáveis por um culto cujo deus desfrutaria de tão aterradora longevidade?

Aparentemente, o homem presenteou a si mesmo com deuses pela necessidade de estar protegido, resguardado; na verdade, por avidez de sofrer. Enquanto acreditava que havia uma multidão deles, outorgava-se certa liberdade de jogo, escapatórias; limitando-se em seguida a um só, infligiria a si mesmo um suplemento de obstáculos e tormentos. Ele não passa de um animal que se ama e se odeia até o vício, e que se podia oferecer o luxo de uma tão pesada servidão. Que crueldade contra nós mesmos, ligar-nos ao grande Espectro e atrelar nossa sorte à dele! O *deus único* torna a vida irrespirável.

O cristianismo se serviu do rigor jurídico dos romanos e da acrobacia filosófica dos gregos não para libertar o espírito, mas para aprisioná-lo. Aprisionando-o, obrigou-o a se aprofundar, a descer em si mesmo. Os dogmas o aprisionam, fixando limites externos que ele não deve ultrapassar

em hipótese alguma; ao mesmo tempo, deixam-no livre para percorrer seu próprio universo, explorar suas próprias vertigens e, escapando da tirania das certezas doutrinárias, buscar o ser – ou seu equivalente negativo – no ponto extremo de toda sensação. Aventura do espírito amarrado, o êxtase é necessariamente mais frequente em uma religião autoritária do que em uma religião liberal; é um salto em direção à intimidade, o recurso às profundidades, *a fuga em direção a si*.

Sem ter tido, durante tanto tempo, nenhum outro refúgio além de Deus, mergulhamos tão fundo nele quanto em nós (esse mergulho representa a única verdadeira façanha que realizamos em dois mil anos), sondamos seus abismos e os nossos, arruinamos seus segredos um a um, exaurimos e comprometemos sua substância pela dupla agressão do saber e da prece. Os antigos não sobrecarregavam seus deuses; tinham muita elegância para assediá-los ou transformá-los em objeto de estudo. Como a passagem funesta da mitologia à teologia ainda não havia ocorrido, ignoravam essa tensão perpétua, presente tanto nos acentos dos grandes místicos quanto nas banalidades do catecismo. Quando o mundo aqui embaixo é sinônimo do impraticável, e sentimos que o contato que nos une a ele é fisicamente rompido, o remédio não reside na fé ou na negação da fé (expressões, uma e outra, de uma mesma enfermidade), mas no diletantismo pagão, mais precisamente na *ideia* que temos dele.

*

O mais grave dos inconvenientes com que se depara o cristão é o de poder servir *conscientemente* a um deus apenas, embora, na prática, tenha a opção de acorrentar-se a vários (o culto aos santos!). Vassalagem benéfica que permitiu que o politeísmo continuasse indiretamente, apesar dos pesares. Sem ela, um cristianismo demasiado puro teria infalivelmente instaurado uma esquizofrenia universal. Tertuliano que me desculpe, mas *a alma é naturalmente pagã*. Qualquer deus, à medida que responda às nossas exigências imediatas e urgentes, representa um acréscimo de vitalidade, uma *fustigadela*; não ocorre o mesmo se ele nos é imposto ou se não corresponde a nenhuma necessidade. O erro do paganismo foi ter aceitado e acumulado demais: morreu por generosidade e por excesso de compreensão, morreu por falta de instinto.

Se, para sobrepujar o eu, essa lepra, não se conta mais que com aparências, é impossível não lamentar o desaparecimento de uma religião sem dramas, sem crises de consciência, sem incitação ao remorso, tão superficial em seus princípios e práticas. Na Antiguidade, a filosofia, e não a religião, era pro-

funda; na era moderna, apenas o cristianismo foi causa de “profundidade” e dos dilaceramentos de toda sorte inerentes a ela.

São as épocas sem uma fé precisa (a época helenística ou a nossa) que se metem a classificar os deuses, recusando-se a dividi-los entre verdadeiros e falsos. Por outro lado, a ideia de que eles possam se equivaler é inconcebível nos momentos em que domina o fervor. A oração não saberia endereçar-se a um deus *provavelmente* verdadeiro. Ela não se rebaixa às sutilezas nem tolera a gradação no interior do supremo: mesmo quando duvida, o faz em nome da Verdade. *Não se implora por uma nuance*. Tudo isso só é verdade a partir da calamidade monoteísta. Para a piedade pagã, a coisa era outra. Em *Octavius*, o autor, Minúcio Félix, antes de defender a posição cristã, manda dizer a Cecílio, representante do paganismo: “Vemos adorar deuses nacionais: em Elêusis, Ceres; na Frígia, Cibele; em Epidauro, Esculápio; na Caldeia, Belus; na Síria, Astarte; na Táurida, Diana; Mercúrio entre os gauleses e em Roma todos esses deuses juntos”. E acrescenta, a propósito do deus cristão, o único a não ser aceito: “De onde vem esse deus único, solitário, abandonado, que não conhece nenhuma nação livre, nenhum reino...?”

Segundo uma velha prescrição romana, ninguém devia adorar em particular deuses novos ou estrangeiros, a não ser que fossem admitidos pelo Estado, mais precisamente pelo Senado, o único habilitado a decidir quais mereciam ser adotados ou rejeitados. O deus cristão, que surgiu nas periferias do Império e que chegou a Roma por meios pouco louváveis, certamente se vingaria, mais tarde, por ter sido obrigado a entrar nela de modo fraudulento.

Só se destrói uma civilização destruindo seus deuses. Os cristãos, sem ousar atacar o Império de frente, tomaram sua religião. Só se deixaram perseguir para poder fulminá-la melhor, para satisfazer seu irrepreensível apetite de execrar. Que infelizes teriam sido se não tivessem ousado se promover ao nível de vítimas! Tudo no paganismo os exasperava, inclusive a tolerância. Fortes em suas certezas, não podiam compreender que se pudesse resignar, como os pagãos, às verossimilhanças, ou que seguissem um culto cujos sacerdotes, simples magistrados encarregados das pantomimas do ritual, não impunham a ninguém a canseira da *sinceridade*.

Quando repetimos que a vida só é suportável se podemos mudar de deuses e que o monoteísmo contém em germe todas as formas de tirania, deixamos de lamentar a escravidão antiga. Mais valia ser escravo e poder adorar a divindade que se quisesse, do que ser “livre” e ter diante de si apenas uma única variedade do divino. A liberdade é o direito à *diferença*; sendo plural,

postula a dispersão do absoluto, sua resolução em uma poeira de verdades, igualmente justificadas e provisórias. Há na democracia liberal um politeísmo subjacente (ou inconsciente, se preferirem); inversamente, todo regime autoritário participa de um monoteísmo disfarçado. Efeitos curiosos da lógica monoteísta: mal se tornava cristão, um pagão caía na intolerância. Antes afundar com um bando de deuses acomodados do que prosperar à sombra de um déspota! Em uma época em que, na falta de conflitos religiosos, assistimos aos ideológicos, a questão que se coloca para nós é justamente aquela que assombrava a Antiguidade, em seu crepúsculo: “Como renunciar a tantos deuses por um só?” – com a correção, contudo, de que o sacrifício exigido de nós se situa mais abaixo, ao nível das opiniões, não mais dos deuses. Desde que uma divindade, ou uma doutrina, aspira à supremacia, a liberdade está ameaçada. Se a tolerância é vista como um valor supremo, tudo o que atenta contra ela deve ser considerado um crime, a começar por esses empreendimentos de conversão nos quais a Igreja permanece inigualável. E se ela exagerou a gravidade das perseguições de que foi objeto, e aumentou ridiculamente o número dos mártires, é porque, tendo sido uma força opressiva durante tanto tempo, precisou encobrir seus crimes sob nobres pretextos: deixar impunes as doutrinas perniciosas não foi uma traição àqueles que se sacrificaram por ela? Foi, portanto, por um espírito de lealdade que ela começou a aniquilar os “extraviados”, e que pôde, após ter sido perseguida por quatro séculos, ser perseguidora durante quatorze. Eis o segredo, o *milagre* de sua perenidade. Nunca os mártires foram vingados de forma tão sistemática e implacável.

O advento do cristianismo, ao coincidir com o do Império, fez com que alguns padres (Eusébio, entre outros) sustentassem que essa coincidência guardava um sentido profundo: um Deus – um imperador. Na realidade, foi a abolição das barreiras nacionais, a possibilidade de circular por um vasto Estado sem fronteiras, o que permitiu ao cristianismo infiltrar-se e causar estragos. Sem essa facilidade para espalhar-se, teria permanecido uma simples dissidência no seio do judaísmo, em vez de se tornar uma religião invasora e, o que é ainda mais irritante, uma religião de propaganda. Tudo era válido para recrutar, se afirmar e expandir, até mesmo as exéquias diurnas, cujo aparelho era uma verdadeira ofensa tanto para os pagãos quanto para os deuses olímpicos. Juliano observa que, segundo os legisladores de outrora, “uma vez que a vida e a morte diferem em tudo, os atos relativos a uma e outra devem ser realizados separadamente”. Disjunção que os cristãos, em seu proselitismo desenfreado, não estavam dispostos a fazer: conheciam bem a utilidade do cadáver, o proveito que se podia tirar dele. O paganismo não

escamoteou a morte, mas se privou de ostentá-la. Era um princípio fundamental para ele que a morte não conciliasse com o dia, que era um insulto à luz; pertencia à noite e aos deuses infernais. Os galileus encheram tudo de sepulcros, dizia Juliano, e nunca chamavam Jesus de outro modo que o “morto”. Para os pagãos dignos desse nome, a nova superstição só podia parecer uma exploração, uma exaltação do hediondo. Além do mais, deviam lamentar o progresso que estava fazendo em toda a parte. O que Celso não pôde conhecer, mas que Juliano conheceu perfeitamente, foram os veleidodos do cristianismo, aqueles que, incapazes de subscrever-se totalmente a ele, esforçavam-se por segui-lo, temendo que, se permanecessem à parte, seriam excluídos do “futuro”. Seja por oportunismo, seja por medo da solidão, eles queriam caminhar ao lado desses homens “nascidos ontem”, mas convocados ao papel de mestres, de algozes.

*

Por mais legítima que tenha sido sua paixão pelos deuses defuntos, Juliano não tinha chance de ressuscitá-los. Em vez de dedicar-se a isso inutilmente, teria feito melhor em aliar-se, só de raiva, aos maniqueus e com eles solapar a Igreja. Assim, sacrificando seu ideal, poderia ao menos ter satisfeito seu rancor. Que outra carta, a não ser a da vingança, ainda lhe restava jogar? Uma magnífica carreira de demolidor se abria diante dele, e ele poderia ter se engajado nela se não estivesse obcecado pela nostalgia do Olimpo. Não se travam batalhas em nome do arrependimento. Morreu jovem, é verdade: apenas dois anos de reinado; tivesse tido dez ou vinte anos diante de si, que serviço teria nos prestado! Sem dúvida, não teria sufocado o cristianismo, mas o teria obrigado a ser mais modesto. Seríamos menos vulneráveis, pois não teríamos vivido como se fôssemos o centro do universo, como se tudo, *até Deus*, girasse ao nosso redor. A Encarnação é a lisonja mais perigosa de que fomos objeto. Ela nos conferiu um estatuto desmesurado, desproporcional, em relação ao que somos. Ao elevar a anedota humana à dignidade de um drama cósmico, o cristianismo nos enganou sobre nossa insignificância, lançou-nos na ilusão, nesse otimismo mórbido que, por desprezo à evidência, confunde progresso e apoteose. Mais ponderada, a Antiguidade pagã coloca o homem em seu lugar. Quando Tácito se pergunta se os acontecimentos são regidos por leis eternas ou se ocorrem ao acaso, a bem da verdade, não responde, permanece indeciso sobre a questão, e essa indecisão exprime bem o sentimento geral dos antigos. O historiador, confrontado com essa mescla de constantes e aberrações de que é feito o processo histórico, é necessariamente, mais do que ninguém, levado a oscilar entre o

determinismo e a contingência, as leis e o capricho, a Física e a Fortuna. Não é mau que não possamos nos reportar a bel-prazer a uma distração da providência ou à indiferença do acaso, ou, enfim, à inflexibilidade do destino. Essa trindade, de um uso tão conveniente para qualquer um, sobretudo se for um espírito desiludido, é o que a sabedoria pagã tem de mais consolador a nos oferecer. Os modernos relutam em recorrer a ela, não menos do que rejeitam essa ideia, especificamente antiga, segundo a qual os bens e os males representam uma soma invariável que não pode ser modificada de maneira alguma. Com nossa obsessão pelo progresso e pela regressão, admitimos implicitamente que o mal muda, diminui ou aumenta. A identidade do mundo consigo mesmo, a ideia de que está condenado a ser o que é, de que o futuro não agregará nada essencial aos dados existentes, essa bela ideia já não tem validade; é que o *futuro*, justamente, objeto de esperança ou de horror, é nosso verdadeiro *lugar*; vivemos nele, ele é tudo para nós. A obsessão do acontecimento, que é de essência cristã, reduzindo o tempo ao conceito do iminente e do possível, torna-nos incapazes de conceber um instante imutável, repousante em si mesmo, subtraído do flagelo da sucessão. Mesmo desprovida de qualquer conteúdo, a *espera* é um vazio que nos preenche, uma ansiedade que nos tranquiliza, inaptos que somos a uma visão estática. “Não é necessário que Deus corrija sua obra” – essa opinião de Celso, que é a de toda uma civilização, vai contra nossas inclinações, nossos instintos, nosso próprio ser. Só podemos ratificá-la em um momento insólito, em um *surto* de sabedoria. Ela vai até mesmo contra o que pensa o crente, pois o que se repreende em Deus nos círculos religiosos, mais do que em outros, é sua boa consciência, sua indiferença à qualidade de sua obra e a recusa de atenuar suas anomalias. Necessitamos de *futuro* a qualquer custo. A crença no Juízo Final criou as condições psicológicas da crença no *sentido* da história; e mais: toda a filosofia da história não passa de um subproduto da ideia do Juízo Final. Por mais que nos inclinemos a essa ou aquela teoria cíclica, trata-se apenas de uma adesão abstrata de nossa parte; nos comportamos, de fato, como se a história seguisse um curso linear, como se as diversas civilizações que se sucedem fossem apenas etapas percorridas para manifestar e realizar algum grande desígnio, cujo nome varia de acordo com nossas crenças ou nossas ideologias.

*

Há melhor prova da deficiência de nossa fé que o fato de não existirem mais deuses falsos para nós? É difícil ver como, para um crente, o deus ao qual reza e um outro completamente diferente possam ser igualmente legítimos. A fé é exclusão, desafio. É porque não pode mais detestar as outras

religiões, é porque as *compreende*, que o cristianismo está acabado: a vitalidade da qual procede a intolerância lhe faz cada vez mais falta. Ora, a intolerância era sua razão de ser. Para seu infortúnio, deixou de ser monstruoso. Assim como o politeísmo em seu declínio, ele está abatido, paralisado por uma visão demasiado ampla. Seu deus não conta com mais prestígio para nós do que Júpiter para os pagãos despeitados.

A que se reduz o falatório em torno da “morte de Deus”, se não a um atestado de óbito do cristianismo? Não se ousa atacar diretamente a religião, atem-se ao padrão, repreendido por ser inatural, tímido, moderado. Ninguém teme ou respeita um deus que esgotou seu capital de crueldade. Estamos marcados por todos esses séculos em que crer nele significa temê-lo, em que nossos temores o imaginavam compassivo e inescrupuloso ao mesmo tempo. Quem ele intimidaria agora, quando os próprios crentes sentem que está ultrapassado e que não se pode mais associá-lo ao presente, muito menos ao futuro? E assim como o paganismo teve de ceder diante do cristianismo, este também terá de se curvar diante de alguma nova crença; desprovido de agressividade, não constitui mais um obstáculo à irrupção de outros deuses; basta que surjam, e é possível que isso aconteça. Sem dúvida, não terão nem rosto nem a máscara dos deuses; mas não por isso é que serão menos temíveis.

Para quem a liberdade e a vertigem são equivalentes, a fé, não importa de onde venha, mesmo antirreligiosa, é um entrave salutar, uma prisão desejada, sonhada, cuja função seria conter a curiosidade e a febre, suspender a angústia do indefinido. Quando essa fé toma corpo e se instala, o resultado imediato é uma redução do *número* de problemas que se pode levantar, e uma diminuição quase trágica das opções. O fardo da escolha lhe é retirado; escolhem em seu lugar. O que esperavam os pagãos refinados, que se deixaram tentar pela nova religião, era justamente que optassem por eles, que lhes dissessem *aonde* ir, para não terem mais de hesitar à frente de tantos templos ou ficar de rodeio entre tantos deuses. É por uma lassidão, por uma recusa das peregrinações do espírito, que se conclui essa efervescência religiosa *sem credo* que caracteriza toda época alexandrina. Denuncia-se a coexistência de verdades porque não é possível se satisfazer mais com o *pouco* que cada uma delas oferece; aspira-se ao todo, mas a um todo delimitado, circunscrito, *seguro*, tamanho é o medo de cair do universal no incerto, do incerto no precário e no amorfo. Essa degradingolada que o paganismo conheceu em seu tempo é a mesma que o cristianismo está em vias de experimentar. Ele declina, apressa-se em declinar; é o que o torna suportável aos descrentes, cada vez mais dispostos a ele. Mesmo vencido, o paganismo ainda era odiado; os cristãos eram furiosos que não podiam esquecer, enquanto que hoje todo mundo perdoou

o cristianismo. Já no século XVIII os argumentos contra ele haviam se esgotado. Como um veneno que perdeu suas virtudes, não pode mais salvar ou condenar ninguém. Mas ele derrubou muitos deuses para poder escapar, com toda a justiça, à sorte que lhes reservara. Chegou a hora da revanche deles. Sua alegria deve ser grande ao ver seu pior inimigo tão baixo quanto eles, já que os aceita sem exceção. Na época de seu triunfo, demoliu os templos e violou as consciências por onde quer que aparecesse. Um deus novo ignora a piedade, por mais que seja crucificado mil vezes, esmaga tudo em seu caminho, obstina-se em ocupar o máximo de espaço. Assim, faz-nos pagar caro por não tê-lo reconhecido antes. Enquanto era obscuro, podia ter alguma atração: ainda não detectávamos nele os estigmas da vitória.

Uma religião nunca é tão “nobre” como quando chega a tomar-se por uma superstição, assistindo, desapegada, ao seu próprio eclipse. O cristianismo se formou e floresceu baseado no ódio contra tudo o que não era ele; esse ódio o sustentou durante toda a sua carreira; carreira encerrada, termina também o ódio. O Cristo não tornará a descer aos Infernos: foi colocado de volta na tumba e, desta vez, ficará lá, de onde não sairá provavelmente jamais: não tem mais quem libertar nem na superfície nem nas profundezas da terra. Quando pensamos nos excessos que acompanharam seu advento, não podemos deixar de evocar a exclamação de Rutilius Namatianus⁷, o último poeta pagão: “Oxalá a Judeia nunca tivesse sido conquistada!”

Ao admitirmos que os deuses são indistintamente verdadeiros, por que deter-se a meio caminho, por que não predicar a todos? Seria um desfecho supremo por parte da Igreja: pereceria curvando-se diante de suas vítimas. Há sinais de que ela sente essa tentação. Assim, como nos templos antigos, ela faria a honra de recolher as divindades, os derrelitos de todas as partes. Mas, novamente, o verdadeiro deus deve desaparecer para que todos os outros possam ressurgir.



⁷ Rutilius Claudius Namatianus (séc. V d.C.), poeta do Império Romano e autor de um poema intitulado *De reditu suo*, composto em verso elegíaco, que descreve uma viagem costeira de Roma à Gália em 416 d.C. Muito se debate, entre os acadêmicos, se Namatianus teria se convertido ou não ao cristianismo. (n.t.)



memória
(n.t.)|Orchha



VAN GOGH

O SUICIDADO PELA SOCIEDADE

ANTONIN ARTAUD



O TEXTO: Ensaio histórico de Artaud sobre a loucura e a morte de Van Gogh (1853-1890), publicado em 1947, por ocasião da exposição dedicada ao pintor holandês pelo Musée de l'Orangerie, no mesmo ano, em Paris. Nele, o autor denuncia a psiquiatria, elaborando uma visão alternativa da loucura, além de deslocar as formas convencionais da escrita, ao apresentar um ensaio poético e autobiográfico, fugindo da estrutura típica desse gênero e reformulando-o. Em 1948, recebeu o prêmio Sainte-Beuve de melhor ensaio.

Fontes consultadas: Artaud, Antonin. *Van Gogh. Le suicidé de la société*. Paris: K éditeur, 1947; *Van Gogh. O suicidado pela sociedade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Achiamé, s/d.

O AUTOR: Antoine Artaud (1896-1948) foi um poeta, dramaturgo, ensaísta, romancista, diretor de teatro e ator francês. É autor de uma vasta obra que explora a maioria dos gêneros literários, os quais utilizava como meios para alcançar uma arte absoluta e "total". Foi o criador do Teatro da Crueldade, uma crítica à cultura do espetáculo, cuja noção exerceu uma grande influência na história do teatro mundial. Entre as décadas de 1920 e 1930, trabalhou em 22 filmes e curtas-metragens. Devido à influência de seu trabalho e de suas ideias dramáticas, foi considerado "o pai do teatro moderno".

O TRADUTOR: Rui Veiga é o tradutor das edições de *Van Gogh. O suicidado pela sociedade*, publicadas pela editora carioca Achiamé, na década de 1990.

VAN GOGH

LE SUICIDÉ DE LA SOCIÉTÉ

“Et c’est ainsi que van Gogh est mort suicidé, parce que c’est le concert de la conscience entière qui n’a plus pu le supporter.”

ANTONIN ARTAUD



INTRODUCTION

On peut parler de la bonne santé mentale de van Gogh qui, dans toute sa vie, ne s’est fait cuire qu’une main et n’a pas fait plus, pour le reste, que de se trancher une fois l’oreille gauche, dans un monde où on mange chaque jour du vagin cuit à la sauce verte ou du sexe de nouveau-né flagellé et mis en rage,

tel que cueilli à sa sortie du sexe maternel.

Et ceci n’est pas une image, mais un fait abondamment et quotidiennement répété et cultivé à travers toute la terre.

Et c’est ainsi, si délirante que puisse paraître cette affirmation, que la vie présente se maintient dans sa vieille atmosphère de stupre, d’anarchie, de désordre, de délire, de dérèglement, de folie chronique, d’inertie bourgeoise, d’anomalie psychique (car ce n’est pas l’homme mais le monde qui est devenu un anormal), de malhonnêteté voulue et d’insigne tartufferie, de mépris crasseux de tout ce qui montre race,

de revendication d’un ordre tout entier basé sur l’accomplissement d’une primitive injustice,

de crime organisé enfin.

Ça va mal parce que la conscience malade a un intérêt capital à cette heure à ne pas sortir de sa maladie.

C'est ainsi qu'une société tarée a inventé la psychiatrie pour se défendre des investigations de certaines lucidités supérieures dont les facultés de divination la gênaient.

Gérard de Nerval n'était pas fou, mais il fut accusé de l'être afin de jeter le discrédit sur certaines révélations capitales qu'il s'apprêtait à faire,

et outre que d'être accusé, il fut encore frappé à la tête, physiquement frappé à la tête une certaine nuit afin de perdre la mémoire des faits monstrueux qu'il allait révéler et qui, sous l'action de ce coup, passèrent en lui sur le plan supranaturel, parce que toute la société, occultement liguée contre sa conscience, fut à ce moment-là assez forte pour lui faire oublier leur réalité.

Non, van Gogh n'était pas fou, mais ses peintures étaient des feux grégeois, des bombes atomiques, dont l'angle de vision, à côté de toutes les autres peintures qui sévissaient à cette époque, eût été capable de déranger gravement le conformisme larvaire de la bourgeoisie second Empire et des sbires de Thiers, de Gambetta, de Félix Faure, comme ceux de Napoléon III.

Car ce n'est pas un certain conformisme de mœurs que la peinture de van Gogh attaque, mais celui même des institutions. Et même la nature extérieure, avec ses climats, ses marées et ses tempêtes d'équinoxe ne peut plus, après le passage de van Gogh sur terre, garder la même gravitation.

À plus forte raison sur le plan social, les institutions se désagrègent et la médecine fait figure de cadavre inutilisable et éventé, qui déclare van Gogh fou.

En face de la lucidité de van Gogh qui travaille, la psychiatrie n'est plus qu'un réduit de gorilles eux-mêmes obsédés et persécutés et qui n'ont, pour pallier les plus épouvantables états de l'angoisse et de la suffocation humaines, qu'une ridicule terminologie,

digne produit de leurs cerveaux tarés.

Pas un psychiatre, en effet, qui ne soit un érotomane notoire.

Et je ne crois pas que la règle de l'érotomanie invétérée des psychiatres puisse souffrir aucune exception.

J'en connais un qui se rebella, il y a quelques années, à l'idée de me voir ainsi accuser en bloc tout le groupe de hautes crapules et de faiseurs patentés auquel il appartenait.

Moi, Monsieur Artaud, me dit-il, je ne suis pas un érotomane, et je vous défie bien de me montrer un seul des éléments sur lesquels vous vous basez pour porter votre accusation.

Je n'ai qu'à vous montrer vous-même, D^r L., comme élément,
vous en portez sur votre gueule le stigmaté,
bougre d'ignoble saligaud.

C'est la binette de qui introduit sa proie sexuelle sous la langue et la retourne ensuite en amande, pour faire figue d'une certaine façon.

Cela s'appelle faire son beurre et trier son propre persil.

Si dans le coït vous n'avez pas obtenu de glousser de la glotte d'une certaine façon que vous connaissez, et de gargouiller en même temps du pharynx, de l'œsophage, de l'urètre et de l'anus,

vous ne pouvez pas vous déclarer satisfait.

Et il y a dans votre tressautement organique interne un certain pli que vous avez pris, lequel est le témoin incarné d'un stupre immonde

et que vous cultivez d'année en année, de plus en plus, parce que socialement parlant, il ne tombe pas sous le coup de la loi, mais il tombe sous celui d'une autre loi où c'est toute la conscience lésée qui souffre, parce qu'en vous comportant de la sorte, vous l'empêchez de respirer.

Vous décrêtez de délire la conscience qui travaille, tandis que, d'autre part, vous l'étranglez avec votre ignoble sexualité.

Et voilà justement le plan où le pauvre van Gogh était chaste,
chaste comme un séraphin ou une vierge ne peut pas l'être, parce que c'est eux justement

qui ont fomenté
et alimenté à l'origine la grande machine du péché.

Peut-être, d'ailleurs, Docteur L., êtes-vous de la race des séraphins iniques mais, par grâce, laissez les hommes tranquilles,

le corps de van Gogh sauf de tout péché fut sauf aussi de la folie que, d'ailleurs, le seul péché apporte.

Et je ne crois pas au péché catholique,
mais je crois au crime érotique dont justement tous les génies de la terre,
les aliénés authentiques des asiles se sont gardés,
ou alors, c'est qu'ils ne furent pas (authentiquement) des aliénés.

Et qu'est-ce qu'un aliéné authentique ?

C'est un homme qui a préféré devenir fou, dans le sens où socialement on l'entend, que de forfaire à une certaine idée supérieure de l'honneur humain.

C'est ainsi que la société a fait étrangler dans ses asiles tous ceux dont elle a voulu se débarrasser ou se défendre, comme ayant refusé de se rendre avec elle complices de certaines hautes saletés.

Car un aliéné est aussi un homme que la société n'a pas voulu entendre et qu'elle a voulu empêcher d'émettre d'insupportables vérités.

Mais, dans ce cas, l'internement n'est pas sa seule arme, et le rassemblement concerté des hommes a d'autres moyens pour venir à bout des volontés qu'il veut briser.

En dehors des petits envoûtements des sorciers de campagne, il y a les grandes passes d'envoûtements globaux auxquels toute la conscience alertée participe périodiquement.

C'est ainsi qu'à l'occasion d'une guerre, d'une révolution, d'un bouleversement social encore dans l'œuf, la conscience unanime est interrogée et s'interroge, et qu'elle porte aussi son jugement.

Il peut aussi lui arriver d'être suscitée et sortie d'elle-même à propos de certains cas individuels retentissants.

C'est ainsi qu'il y a eu des envoûtements unanimes à propos de Baudelaire, d'Edgar Poe, de Gérard de Nerval, de Nietzsche, de Kierkegaard, de Hölderlin, de Coleridge,

et il y en a eu à propos de van Gogh.

Cela peut se passer pendant le jour, mais cela se passe de préférence en général pendant la nuit.

C'est ainsi que d'étranges forces sont soulevées et amenées dans la voûte astrale, dans cette espèce de coupole sombre que constitue par-dessus toute la respiration humaine, la venimeuse agressivité du mauvais esprit de la plupart des gens.

C'est ainsi que les quelques rares bonnes volontés lucides qui ont eu à se débattre sur la terre se voient, à de certaines heures du jour ou de la nuit, au fond de certains états de cauchemar authentiques et réveillés, entourées de la formidable succion, de la formidable oppression tentaculaire d'une espèce de magie civique que l'on verra bientôt apparaître dans les mœurs à découvert.

En face de cette unanime saleté, qui d'un côté a le sexe et de l'autre, d'ailleurs, la messe, ou tels autres rites psychiques comme base ou point d'appui, il n'y a pas de délire à se promener la nuit avec un chapeau attaché de douze bougies pour peindre sur le motif un paysage ;

car comment le pauvre van Gogh y aurait-il fait pour s'éclairer, comme le faisait si justement remarquer l'autre jour notre ami, l'acteur Roger Blin ?

Quant à la main cuite, c'est de l'héroïsme pur et simple,

quant à l'oreille coupée, c'est de la logique directe,

et, je le répète,

un monde qui, jour et nuit, et de plus en plus, mange l'immangeable,

pour amener sa mauvaise volonté à ses fins,

n'a, sur ce point,

qu'à la boucler.



POST-SCRIPTUM

Van Gogh n'est pas mort d'un état de délire propre,

mais d'avoir été corporellement le champ d'un problème autour duquel, depuis les origines, se débat l'esprit inique de cette humanité.

Celui de la prédominance de la chair sur l'esprit, ou du corps sur la chair, ou de l'esprit sur l'un et l'autre.

Et où est dans ce délire la place du moi humain ?

Van Gogh chercha le sien pendant toute sa vie, avec une énergie et une détermination étranges,

et il ne s'est pas suicidé dans un coup de folie, dans la transe de n'y pas parvenir,

mais au contraire il venait d'y parvenir et de découvrir ce qu'il était et qui il était, lorsque la conscience générale de la société, pour le punir de s'être arraché à elle,

le suicida.

Et cela se passa avec van Gogh comme cela se passe toujours d'habitude, à l'occasion d'une partouse, d'une messe, d'une absoute, ou de tel autre rite de consécration, de possession, de succubation ou d'incubation.

Elle s'introduisit donc dans son corps,

cette société
absoute,
consacrée,
sanctifiée
et possédée,
effaçà en lui la conscience surnaturelle qu'il venait de prendre, et telle une
inondation de corbeaux noirs dans les fibres de son arbre interne,
le submergea d'un dernier ressaut,
et, prenant sa place,
le tua.

Car c'est la logique anatomique de l'homme moderne, de n'avoir jamais
pu vivre, ni penser vivre, qu'en possédé.

♦
LE SUICIDÉ DE LA SOCIÉTÉ

La peinture linéaire pure me rendait fou depuis longtemps lorsque j'ai
rencontré van Gogh qui peignait, non pas des lignes ou des formes, mais des
choses de la nature inerte comme en pleines convulsions.

Et inertes.

Comme sous le terrible coup de bûtoir de cette force d'inertie dont tout
le monde parle à mots couverts, et qui n'est jamais devenue si obscure que
depuis que toute la terre et la vie présente se sont mêlées de l'élucider.

Or, c'est de son coup de massue, vraiment de son coup de massue que
van Gogh ne cesse de frapper toutes les formes de la nature et les objets.

Cardés par le clou de van Gogh,
les paysages montrent leur chair hostile,
la hargne de leurs replis éventrés,
que l'on ne sait quelle force étrange est, d'autre part, en train de méta-
morphoser.

Une exposition de tableaux de van Gogh est toujours une date dans l'his-
toire,

non dans l'histoire des choses peintes, mais dans l'histoire historique tout court.

Car il n'y a pas de famine, d'épidémie, d'explosion de volcan, de tremblement de terre, de guerre, qui rebrousse les monades de l'air, qui torde le cou à la figure torve de fama fatum, le destin névrotique des choses,

comme une peinture de van Gogh, – sortie au jour,

remise à même la vue,

l'ouïe, le tact,

l'arôme,

sur les murs d'une exposition, –

enfin lancée à neuf dans l'actualité courante, réintroduite dans la circulation.

Il n'y a pas dans la dernière exposition van Gogh, au Palais de l'Orangerie, toutes les très grandes toiles du malheureux peintre. Mais il y a parmi celles qui sont là, assez de défilés giratoires constellés de touffes de plantes de carmin, de chemins creux surmontés d'un if, de soleils violacés tournant sur des meules de blé d'or pur, de Père Tranquille et de portraits de van Gogh par van Gogh,

pour rappeler de quelle sordide simplicité d'objets, de personnes, de matériaux, d'éléments,

van Gogh a tiré ces espèces de chants d'orgue, ces feux d'artifice, ces épiphanies atmosphériques, ce « Grand Œuvre » enfin d'une sempiternelle et intempestive transmutation.

Ces corbeaux peints deux jours avant sa mort ne lui ont, pas plus que ses autres toiles, ouvert la porte d'une certaine gloire posthume, mais ils ouvrent à la peinture peinte, ou plutôt à la nature non peinte, la porte occulte d'un au-delà possible, d'une réalité permanente possible, à travers la porte par van Gogh ouverte d'un énigmatique et sinistre au-delà.

Il n'est pas ordinaire de voir un homme, avec, dans le ventre, le coup de fusil qui le tua, fourrer sur une toile des corbeaux noirs avec au-dessous une espèce de plaine livide peut-être, vide en tout cas, où la couleur lie-de-vin de la terre s'affronte éperdument avec le jaune sale des blés.

Mais nul autre peintre que van Gogh n'aura su comme lui trouver, pour peindre ses corbeaux, ce noir de truffes, ce noir « de gueleton riche » et en

même temps comme excrémental des ailes des corbeaux surpris par la lueur descendante du soir.

Et de quoi en bas se plaint la terre sous les ailes des corbeaux *fastes*, *fastes* pour le seul van Gogh sans doute et, d'autre part, *fastueux* augure d'un mal qui, lui, ne le touchera plus ?

Car nul jusque-là n'avait comme lui fait de la terre ce linge sale, tordu de vin et de sang trempé.

Le ciel du tableau est très bas, écrasé,
violacé, comme des bas-côtés de foudre.

La frange ténébreuse insolite du vide montant d'après l'éclair.

Van Gogh a lâché ses corbeaux comme les microbes noirs de sa rate de suicidé à quelques centimètres du haut *et comme du bas de la toile*,

suivant la balafre noire de la ligne où le battement de leur plumage riche fait peser sur le rebrassement de la tempête terrestre les menaces d'une suffocation d'en-haut.

Et pourtant tout le tableau est riche.

Riche, somptueux et calme le tableau.

Digne accompagnement à la mort de celui qui, durant sa vie, fit tourner tant de soleils ivres sur tant de meules en rupture de ban, et qui, désespéré, un coup de fusil dans le ventre, ne sut pas ne pas inonder de sang et de vin un paysage, tremper la terre d'une dernière émulsion, joyeuse à la fois et ténébreuse, d'un goût de vin aigre et de vinaigre taré.

C'est ainsi que le ton de la dernière toile peinte par van Gogh est, lui qui, d'autre part, n'a jamais dépassé la peinture, d'évoquer le timbre abrupt et barbare du drame élisabéthain le plus pathétique, passionnel et passionné.

C'est ce qui me frappe le plus dans van Gogh, le plus peintre de tous les peintres et qui, sans aller plus loin que ce qu'on appelle et qui est la peinture, sans sortir du tube, du pinceau, du cadrage du motif et de la toile pour recourir à l'anecdote, au récit, au drame, à l'action imagée, à la beauté intrinsèque du sujet ou de l'objet, est arrivé à passionner la nature et les objets de telle sorte que tel fabuleux conte d'Edgar Poe, d'Herman Melville, de Nathanaël Hawthorne, de Gérard de Nerval, d'Achim Arnim ou d'Hoffmann, n'en dit pas plus long sur le plan psychologique et dramatique que ses toiles de quatre sous,

ses toiles presque toutes, d'ailleurs, et comme par un fait exprès, de médiocre dimension.

Un bougeoir sur une chaise, un fauteuil de paille verte tressée,
un livre sur le fauteuil,
et voilà le drame éclairé.
Qui va entrer ?
Sera-ce Gauguin ou un autre fantôme ?

Le bougeoir allumé sur le fauteuil de paille indique, paraît-il, la ligne de démarcation lumineuse qui sépare les deux individualités antagonistes de van Gogh et de Gauguin.

L'objet esthétique de leur dispute n'offrirait, si on le racontait, pas grand intérêt peut-être, mais il devait indiquer entre les deux natures de van Gogh et de Gauguin une scission humaine de fond.

Je crois que Gauguin pensait que l'artiste doit rechercher le symbole, le mythe, agrandir les choses de la vie jusqu'au mythe,

alors que van Gogh pensait qu'il faut savoir déduire le mythe des choses les plus terre-à-terre de la vie.

En quoi je pense, moi, qu'il avait foutrement raison.

Car la réalité est terriblement supérieure à toute histoire, à toute fable, à toute divinité, à toute surréalité.

Il suffit d'avoir le génie de savoir l'interpréter.

Ce qu'aucun peintre avant le pauvre van Gogh n'avait fait,

ce qu'aucun peintre ne fera plus après lui,

car je crois que cette fois-ci,

aujourd'hui même,

maintenant,

en ce mois de février 1947,

c'est la réalité elle-même,

le mythe de la réalité même, la réalité mythique elle-même, qui est en train de s'incorporer.

Ainsi, nul depuis van Gogh n'aura su remuer la grande cymbale, le timbre suprahumain, *perpétuellement* supra-humain suivant l'ordre refoulé duquel les objets de la vie réelle sonnent,

lorsqu'on a su avoir l'oreille assez ouverte pour comprendre la levée de leur mascaret.

C'est ainsi que la lumière du bougeoir sonne, que la lumière du bougeoir allumé sur le fauteuil de paille verte sonne comme la respiration d'un corps aimant devant le corps d'un malade endormi.

Elle sonne comme une étrange critique, un profond et surprenant jugement dont il semble bien que van Gogh puisse nous permettre de présumer la sentence plus tard, beaucoup plus tard, au jour où la lumière violette du fauteuil de paille aura achevé de submerger le tableau.

Et on ne peut pas ne pas remarquer cette coupure de lumière lilas qui mange les barreaux du grand fauteuil torve, du vieux fauteuil écarquillé de paille verte, bien qu'on ne puisse pas tout de suite la remarquer.

Car le foyer en est comme placé ailleurs et sa source étrangement obscure, comme un secret dont le seul van Gogh aurait, sur lui-même, gardé la clef.

Si van Gogh n'était pas mort à trente-sept ans je n'en appellerais pas à la Grande Pleureuse pour me dire de quels suprêmes chefs-d'œuvre la peinture eût été enrichie,

car je ne peux pas, après les « Corbeaux », me résoudre à croire que van Gogh eût peint un tableau de plus.

Je pense qu'il est mort à trente-sept ans parce qu'il était, hélas, arrivé au bout de sa funèbre et révoltante histoire de garrotté d'un mauvais esprit.

Car ce n'est pas de lui, du mal de sa folie propre, que van Gogh a quitté la vie.

C'est sous la pression du mauvais esprit qui, à deux jours de sa mort, s'appela le docteur Gachet, improvisé psychiatre, et qui fut la cause directe, efficace et suffisante de sa mort.

J'ai acquis, en lisant les lettres de van Gogh à son frère, la conviction ferme et sincère que le docteur Gachet, « psychiatre », détestait en réalité van Gogh, peintre, et qu'il le détestait comme peintre, mais par-dessus tout comme génie.

Il est à peu près impossible d'être médecin et honnête homme, mais il est crapuleusement impossible d'être psychiatre sans être en même temps marqué au coin de la plus indiscutable folie : celle de ne pouvoir lutter contre ce vieux réflexe atavique de la tourbe et qui fait, de tout homme de science pris à la tourbe, une sorte d'ennemi-né et inné de tout génie

La médecine est née du mal, si elle n'est pas née de la maladie, et si elle a, au contraire, provoqué et créé de toutes pièces la maladie pour se donner une raison d'être ; mais la psychiatrie est née de la tourbe populacière des êtres qui ont voulu conserver le mal à la source de la maladie et qui ont ainsi extirpé de leur propre néant une espèce de garde suisse pour saquer à sa base l'élan de rébellion revendicatrice qui est à l'origine du génie.

Il y a dans tout dément un génie incompris dont l'idée qui luisait dans sa tête fit peur, et qui n'a pu trouver que dans le délire une issue aux étrangelements que lui avait préparés la vie.

Le docteur Gachet ne disait pas à van Gogh qu'il était là pour redresser sa peinture (comme je me suis entendu dire par le docteur Gaston Ferdière, médecin-chef de l'asile de Rodez, qu'il était là pour redresser ma poésie), mais il l'envoyait peindre sur le motif, s'enterrer dans un paysage pour échapper au mal de penser.

Seulement, dès que van Gogh avait tourné la tête, le docteur Gachet lui fermait le commutateur de la pensée.

Comme sans penser à mal, mais par un de ces plis du nez dépréciatifs d'un anodin quelque chose où tout l'inconscient bourgeois de la terre a inscrit la vieille force magique d'une pensée cent fois refoulée.

Ce n'est pas seulement le mal du problème que ce faisant le docteur Gachet lui interdisait,

mais le semis soufré,

l'affre du clou tournant dans le gosier de l'unique passage,

avec quoi van Gogh,

tétanisé,

van Gogh, en porte-à-faux sur le gouffre du souffle,

peignait.

Car van Gogh était une terrible sensibilité.

Il n'y a, pour s'en convaincre, qu'à regarder sa figure, toujours comme pantelante, et aussi, par certains côtés, ensorcelante, de boucher.

Comme d'un antique boucher assagi et maintenant retiré des affaires, cette figure mal éclairée me poursuit.

Van Gogh s'est représenté lui-même dans un très grand nombre de toiles et si bien éclairées qu'elles fussent, j'ai toujours eu cette pénible impression qu'on les avait fait mentir sur la lumière, qu'on avait enlevé à van Gogh une lumière indispensable pour creuser et se tracer sa route en lui.

Et cette route, ce n'était pas le docteur Gachet, certes, qui était capable de la lui indiquer.

Mais, je l'ai dit, il y a dans tout psychiatre vivant un répugnant et sordide atavisme qui lui fait voir dans chaque artiste, dans tout génie, devant lui, un ennemi.

Et je sais que le docteur Gachet a laissé dans l'histoire, en face de van Gogh qu'il soignait et qui finit par se suicider chez lui, le souvenir de son dernier ami sur terre, d'une espèce de providentiel consolateur.

Je pense pourtant plus que jamais que c'est au docteur Gachet, d'Auvers-sur-Oise, que van Gogh a dû, ce jour-là, le jour où il s'est suicidé à Auvers-sur-Oise,

a dû, dis-je, de quitter la vie, –

car van Gogh était une de ces natures d'une lucidité supérieure qui leur permet, en toutes circonstances, de voir plus loin, infiniment et dangeusement plus loin que le réel immédiat et apparent des faits.

Je veux dire de la conscience que la conscience a pour habitude d'en garder.

Au fond de ses yeux comme épilés de boucher, van Gogh se livrait sans désespérer à l'une de ces opérations d'alchimie sombre qui ont pris la nature pour objet et le corps humain pour marmite ou creuset.

Et je sais que le docteur Gachet trouvait toujours que ça le fatiguait.

Ce qui n'était pas chez lui l'effet d'un souci médical simple, mais l'aveu d'une jalousie aussi consciente qu'inavouée.

C'est que van Gogh en était arrivé à ce stade de l'illuminisme, où la pensée en désordre reflue devant les décharges envahissantes de la matière,

et où penser, n'est plus s'user,
et n'est plus,

et où il ne reste que de *ramasser corps*, je veux dire



ENTASSER DES CORPS

Ce n'est plus le monde de l'astral, c'est celui de la création directe qui est repris ainsi par delà la conscience et le cerveau.

Et je n'ai jamais vu qu'un corps sans cerveau ait été fatigué par d'inertes trumeaux.

Trumeaux de l'inerte ces ponts, ces tournesols, ces ifs, ces cueillettes d'olives, ces fenaisons. Elles ne bougent plus.

Elles sont figées.

Mais qui pourrait les rêver plus dures sous le coup de tranchoir à vif qui en a descellé l'impénétrable tressaillement ?

Non, un trumeau, docteur Gachet, n'a jamais fatigué personne. Ce sont des forces de forcené qui reposent sans faire bouger.

Je suis aussi comme le pauvre van Gogh, je ne pense plus, mais je dirige chaque jour de plus près de formidables ébullitions internes et il ferait beau voir qu'une médecine quelconque vienne me reprocher de me fatiguer.

On devait à van Gogh une certaine somme d'argent au sujet de laquelle, nous raconte l'histoire : van Gogh, depuis plusieurs jours déjà, se fabriquait un mauvais sang.

C'est la pente des hautes natures, toujours d'un cran au-dessus du réel, de tout expliquer par la mauvaise conscience,

de croire que rien jamais n'est dû au hasard et que tout ce qui arrive de mal arrive par l'effet d'une mauvaise volonté consciente, intelligente et concertée.

Ce que les psychiatres ne croient jamais.

Ce que les génies croient toujours.

Quand je suis malade, c'est que je suis envoûté, et je ne peux pas me croire malade si je ne crois pas, d'autre part, que quelqu'un a intérêt à m'enlever la santé et profite de ma santé.

Van Gogh aussi croyait qu'il était envoûté, et il le disait.

Et moi, je crois pertinemment qu'il l'était et je dirai par où et comment un jour.

Et le docteur Gachet fut ce grotesque cerbère, ce sanieux et purulent cerbère, veste d'azur et linge haut-glacé, mis devant le pauvre van Gogh pour lui enlever toutes ses saines idées. Car si cette manière de voir qui est saine était répandue unanimement, la société ne pourrait plus vivre, mais je sais quels sont les héros de la terre qui y trouveraient leur liberté.

Van Gogh ne sut pas secouer à temps cette espèce de vampirisme de la famille intéressée à ce que le génie de van Gogh peintre s'en tînt à peindre, sans en même temps réclamer la révolution indispensable à l'épanouissement corporel et physique de sa personnalité d'illuminé.

Et il y eut entre le docteur Gachet et Théo, le frère de van Gogh combien de ces conciliabules puants des familles avec les médecins-chefs des asiles d'aliénés, au sujet du *malade* qu'ils leur ont amené.

– Surveillez-le, qu'il n'ait plus toutes ces idées ; tu entends, le docteur l'a dit, il faut perdre toutes ces idées ; ça te fait du mal, si tu continues à y penser, tu resteras interné à vie.

– Mais non, monsieur van Gogh, revenez à vous-même, voyons, c'est le hasard, et puis il ne fut jamais bon de vouloir regarder ainsi dans les secrets de la Providence. Je connais monsieur Un Tel, c'est un très brave homme, c'est votre esprit de persécution qui vous reprend de croire qu'il fait ainsi de la magie en secret.

– On vous a promis de vous payer cette somme, on vous la paiera. Vous ne pouvez pas continuer ainsi de vous obstiner à attribuer ce retard à de la mauvaise volonté.

Ce sont là de ces douces conversations de psychiatre bonhomme qui n'ont l'air de rien, mais laissent sur le cœur comme la trace d'une petite langue noire, la petite langue noire anodine d'une salamandre empoisonnée.

Et il n'en faut pas plus quelquefois pour amener un génie à se suicider.

Il arrive des jours où le cœur sent si terriblement l'impasse, qu'il en prend comme un coup de bambou sur la tête, cette idée qu'il ne pourra plus passer.

Car c'est pourtant bien après une conversation avec le docteur Gachet que van Gogh, comme si de rien n'était, est rentré dans sa chambre et s'est suicidé.

J'ai passé neuf ans moi-même dans un asile d'aliénés et je n'ai jamais eu l'obsession du suicide, mais je sais que chaque conversation avec un psychiatre, le matin, à l'heure de la visite, me donnait l'envie de me pendre, sentant que je ne pourrais pas l'égorger.

Et Théo était peut-être matériellement très bon pour son frère, mais cela n'empêche qu'il le croyait délirant, illuminé, halluciné, et s'évertuait, au lieu de le suivre dans son délire,

de le calmer.

Qu'il soit mort, après, de regrets, qu'importe ?

Ce à quoi van Gogh tenait le plus au monde était son idée de peintre, sa terrible idée fanatique, apocalyptique d'illuminé.

Que le monde devait se ranger sous le commandement de sa matrice à lui, reprendre son rythme compressé, antipsychique d'occulte fête en place publique et, devant tout le monde, remis dans la surchauffe du creuset.

Cela veut dire que l'apocalypse, une apocalypse consommée couve à cette heure dans les toiles du vieux van Gogh martyrisé, et que la terre a besoin de lui pour ruer de la tête et des pieds.

Nul n'a jamais écrit ou peint, sculpté, modelé, construit, inventé, que pour sortir en fait de l'enfer.

Et j'aime mieux, pour sortir de l'enfer, les natures de ce convulsionnaire tranquille que les grouillantes compositions de Breughel le Vieux ou de Jérôme Bosch qui ne sont, en face de lui, que des artistes, là où van Gogh n'est qu'un pauvre ignare appliqué à ne pas se tromper.

Mais comment faire comprendre à un savant qu'il y a quelque chose de définitivement déréglé dans le calcul différentiel, la théorie des quanta, ou les obscènes et si niaisement liturgiques ordalies de la précession des équinoxes, – de par cet édreton rose crevette que van Gogh fait si doucement mousser à une place élue de son lit, de par la petite insurrection vert Véronèse, azur trempé de cette barque devant laquelle une blanchisseuse d'Auvers-sur-Oise se relève de travailler, de par aussi ce soleil vissé derrière l'angle gris du clocher du village, en pointe, là-bas, au fond ; devant cette masse énorme de terre qui, au premier plan de la musique, cherche la vague où se congeler.

o vio profe
o vio proto
o vio loto
o théthé

Décrire un tableau de van Gogh, à quoi bon ! Nulle description tentée par un autre ne pourra valoir le simple alignement d'objets naturels et de teintes auquel se livre van Gogh lui-même,

aussi grand écrivain que grand peintre et qui donne à propos de l'œuvre décrite l'impression de la plus abasourdissante authenticité.

Qu'est-ce que dessiner ? Comment y arrive-t-on ? C'est l'action de se frayer un passage à travers un mur de fer invisible, qui semble se trouver entre ce que l'on sent et ce que l'on peut. Comment doit-on traverser ce mur, car il ne sert de rien d'y frapper fort, on doit miner ce mur et le traverser à la lime, lentement et avec patience à mon sens.

8 septembre 1888.

Dans mon tableau de café de nuit, j'ai cherché à exprimer que le café est un endroit où l'on peut se ruiner, devenir fou, commettre des crimes. Enfin j'ai cherché par des contrastes de rose tendre et de rouge sang et lie-de-vin, de doux vert Louis XV, et Véronèse, contrastant avec les vert-jaune et les vert-bleu durs, tout cela dans une atmosphère de fournaise infernale, de soufre pâle, à exprimer comme la puissance des ténèbres d'un assommoir.

Et toutefois sous une apparence de gaieté japonaise et la bonhomie du Tartarin...

23 juillet 1890.

Peut-être verras-tu ce croquis du jardinier de Daubigny – c'est une de mes toiles les plus voulues – j'y joins un croquis de vieux chaumes et les croquis de deux toiles de trente représentant d'immenses étendues de blé après la pluie...

Le jardin de Daubigny avant-plan d'herbe verte et rose. À gauche un buisson vert et lilas et une souche de plante à feuillages blanchâtres. Au milieu un par-

terre de roses, à droite une claie, un mur, et, au-dessus du mur un noisetier à feuillage violet. Puis une haie de lilas, une rangée de tilleuls arrondis jaunes, la maison elle-même dans le fond, rose, à toits de tuiles bleuâtres. Un banc et trois chaises, une figure noire à chapeau jaune et sur l'avant-plan un chat noir. Ciel vert pâle.

Qu'il semble facile d'écrire ainsi.

Eh bien ! essayez donc et dites-moi si, n'étant pas l'auteur d'une toile de van Gogh, vous pourriez la décrire aussi simplement, sèchement, objectivement, durablement, valablement, solidement, opaquement, massivement, authentiquement et miraculeusement que dans cette petite lettre de lui.

(Car le clou séparatif critère n'est pas une question d'ampleur ou de crampe, mais de simple force personnelle du poing.)

Je ne décrirai donc pas un tableau de van Gogh après van Gogh, mais je dirai que van Gogh est peintre parce qu'il a recollecté la nature, qu'il l'a comme retranspirée et fait suer, qu'il a fait gicler en faisceaux sur ses toiles, en gerbes comme monumentales de couleurs, le séculaire concassement d'éléments, l'épouvantable pression élémentaire d'apostrophes, de stries, de virgules, de barres dont on ne peut plus croire après lui que les aspects naturels ne soient faits.

Et de combien de coudoiements réprimés, de heurts oculaires pris sur le vif, de cillements pris dans le motif, les courants lumineux des forces qui travaillent la réalité ont-ils eu à renverser le barrage avant d'être enfin re-foulés, et comme *bissés* sur la toile, et acceptés ?

Il n'y a pas de fantômes dans les tableaux de van Gogh, pas de visions, pas d'hallucinations.

C'est de la vérité torride d'un soleil de deux heures de l'après-midi.

Un lent cauchemar génésique petit à petit élucidé.

Sans cauchemar et sans effet.

Mais la souffrance du pré-natal y est.

C'est le luisant mouillé d'un herbage, de la tige d'un plant de blé qui est là prêt à être extradé.

Et dont la nature un jour rendra compte.

Comme la société aussi rendra compte de sa mort prématurée.

Un plant de blé sous le vent incliné, avec au-dessus les ailes d'un seul oiseau en virgule posé, quel est le peintre, qui ne serait pas strictement peintre, qui aurait pu avoir comme van Gogh l'audace de s'attaquer à un sujet d'une aussi désarmante simplicité ?

Non, il n'y a pas de fantômes dans les tableaux de van Gogh, pas de drame, pas de sujet et je dirai même pas d'objet, car le motif lui-même qu'est-ce que c'est ?

Sinon quelque chose comme l'ombre de fer du motet d'une inénarrable musique antique, comme le leitmotiv d'un thème désespéré de son propre sujet.

C'est de la nature nue et pure vue, telle qu'elle se révèle, quand on sait l'approcher d'assez près.

Témoin ce paysage d'or fondu, de bronze cuit dans l'ancienne Égypte, où un énorme soleil s'appuie sur des toits si croulants de lumière qu'ils en sont comme en décomposition.

Et je ne connais pas de peinture apocalyptique, hiéroglyphique, fantomatique ou pathétique qui me donne, à moi, cette sensation d'occulte étranglée, de cadavre d'un hermétisme inutile, tête ouverte, et qui rendrait sur le billot son secret.

Je ne pense pas ce disant au Père Tranquille, ou à cette funambulesque allée d'automne où passe, en dernier, un vieil homme courbé avec un parapluie à sa manche accroché, comme le crochet d'un chiffonnier.

Je repense à ses corbeaux aux ailes d'un noir de truffes lustrées.

Je repense à son champ de blé : tête d'épi sur tête d'épi, et tout est dit, avec, devant, quelques petites têtes de coquelicots doucement semés, âcrement et nerveusement appliqués là, et clairsemés, sciemment et rageusement ponctués et déchiquetés.

Seule la vie sait offrir ainsi des dénudations épidermiques qui parlent sous une chemise déboutonnée, et on ne sait pourquoi le regard incline à gauche plutôt qu'à droite, vers le monticule de chair frisée.

Mais c'est ainsi et c'est un fait.

Mais c'est ainsi et cela est fait.

Occulte aussi sa chambre à coucher, si adorablement paysanne et semée comme d'une odeur à confire les blés qu'on voit frémir dans le paysage, au loin, derrière la fenêtre qui les cacherait.

Paysanne aussi, la couleur du vieil édreton, d'un rouge de moule, d'our-sin, de crevette, de rouget du Midi, d'un rouge de piment roussi.

Et ce fut sûrement de la faute de van Gogh si la couleur de l'édreton de son lit fut dans le réel si réussie, et je ne vois pas quel est le tisseur qui aurait pu en transplanter l'inénarrable trempe, comme van Gogh sut transborder du fond de son cerveau sur sa toile le rouge de cet inéditable enduit.

Et je ne sais pas combien de prêtres criminels rêvant dans la tête de leur soi-disant Saint-Esprit, l'or ocreux, le bleu infini d'une verrière à leur gouge « Marie », ont su isoler dans l'air, extraire des niches narquoises de l'air, ces couleurs à la bonne franquette qui sont tout un événement, où chaque coup de pinceau de van Gogh sur la toile est pire qu'un événement.

Une fois, ça donne une chambre proprette, mais d'un tain de baume ou d'arôme qu'aucun bénédictin ne saura plus retrouver pour amener à point ses alcools de santé.

Une autre fois ça donne une simple meule par un énorme soleil écrasée.

Cette chambre faisait penser au Grand Œuvre avec son mur blanc de perles claires, sur lequel une serviette de toilette rugueuse pend comme un vieux gri-gri paysan, inapprochable et réconfortant.

Il y a de ces blancs de craie légers qui sont pires que d'anciens supplices, et jamais comme dans cette toile, le vieux scrupule opératoire du pauvre grand van Gogh n'apparaît.

Car c'est bien cela tout van Gogh, l'unique scrupule de la touche sourdement et pathétiquement appliquée. La couleur roturière des choses, mais si juste, si amoureuxment juste qu'il n'y a pas de pierres précieuses qui puissent atteindre à sa rareté.

Car van Gogh aura bien été le plus vraiment peintre de tous les peintres, le seul qui n'ait pas voulu dépasser la peinture comme moyen strict de son œuvre, et cadre strict de ses moyens.

Et le seul qui, d'autre part, absolument le seul, ait absolument dépassé la peinture, l'acte inerte de représenter la nature pour, dans cette représentation exclusive de la nature, faire jaillir une force tournante, un élément arraché en plein cœur.

Il a fait, sous la représentation, sourdre un air, et en elle enfermer un nerf, qui ne sont pas dans la nature, qui sont d'une nature et d'un air plus vrais, que l'air et le nerf de la nature vraie.

Je vois, à l'heure où j'écris ces lignes, le visage rouge sanglant du peintre venir à moi, dans une muraille de tournesols éventrés,

dans un formidable embrasement d'escarbilles d'hyacinthe opaque et d'herbages de lapis-lazuli.

Tout cela, au milieu d'un bombardement comme météorique d'atomes qui se feraient voir grain à grain,

preuve que van Gogh a pensé ses toiles comme un peintre, certes, et uniquement comme un peintre, mais qui serait,

par le fait même,

un formidable musicien.

Organiste d'une tempête arrêtée et qui rit dans la nature limpide, pacifiée entre deux tourmentes, mais qui, comme van Gogh lui-même, cette nature, montre bien qu'elle est prête à lever le pied.

On peut, après l'avoir vue, tourner le dos à n'importe quelle toile peinte, elle n'a rien à nous dire de plus. L'orangeuse lumière de la peinture de van Gogh commence ses récitations sombres à l'heure même où on a cessé de la voir.

Rien que peintre, van Gogh, et pas plus,

pas de philosophie, de mystique, de rite, de psychurgie ou de liturgie,

pas d'histoire, de littérature ou de poésie,

ses tournesols d'or bronzé sont peints ; ils sont peints comme des tournesols et rien de plus, mais pour comprendre un tournesol en nature, il faut maintenant en revenir à van Gogh, de même que pour comprendre un orage en nature,

un ciel orageux,

une plaine en nature,

on ne pourra plus ne pas en revenir à van Gogh.

Il faisait orageux de la sorte en Égypte ou sur les plaines de la Judée sémite,

peut-être faisait-il noir de la sorte en Chaldée, en Mongolie ou sur les monts du Thibet, dont personne ne me dit qu'ils aient changé de place.

Et pourtant, à regarder cette plaine de blé ou de pierres, blanche comme un ossuaire enterré, sur laquelle pèse ce vieux ciel violacé, je ne peux plus croire aux monts du Thibet.

Peintre, rien que peintre, van Gogh, il a pris les moyens de la pure peinture et il ne les a pas dépassés.

Je veux dire qu'il n'est pas allé pour peindre au delà de se servir des moyens que la peinture lui offrait.

Un ciel orageux,

une plaine blanche de craie,

des toiles, des pinceaux, ses cheveux rouges, des tubes, sa main jaune, son chevalet,

mais tous les lamas rassemblés du Thibet peuvent secouer sous leurs jupes l'apocalypse qu'ils auront préparée,

van Gogh nous en aura fait pressentir par avance le peroxyde d'azote dans une toile qui contient juste assez de sinistre pour nous contraindre à nous orienter.

Ça lui a pris un jour comme ça de se résoudre à ne pas dépasser le motif,

mais, quand on a vu van Gogh, on ne peut plus croire qu'il y ait quelque chose de moins dépassable que le motif.

Le simple motif d'un bougeoir allumé sur un fauteuil de paille au châssis violacé en dit beaucoup plus sous la main de van Gogh que toute la série des tragédies grecques ou des drames de Cyril Tourneur, de Webster ou de Ford jusqu'ici d'ailleurs demeurés injoués.

Sans littérature, j'ai vu la figure de van Gogh, rouge de sang dans l'éclatement de ses paysages, venir à moi,

kohan

taver

**tensur
purta**

dans un embrasement,
dans un bombardement,
dans un éclatement,
vengeurs de cette pierre de meule que le pauvre van Gogh le fou porta
toute sa vie à son cou.

La meule de peindre sans savoir pour quoi ni pour où.

Car ce n'est pas pour ce monde-ci,
ce n'est jamais pour cette terre-ci que nous avons tous toujours travaillé,
lutté,
bramé d'horreur, de faim, de misère, de haine, de scandale, et de dégoût,
que nous fûmes tous empoisonnés,
bien que par elle nous ayons tous été envoûtés,
et que nous nous sommes enfin suicidés,
car ne sommes-nous pas tous comme le pauvre van Gogh lui-même, des
suicidés de la société !

Van Gogh a renoncé en peignant à raconter des histoires, mais le merveilleux est que ce peintre qui n'est que peintre,
et qui est plus peintre que les autres peintres, comme étant celui chez qui le matériau, la peinture a une place de premier plan,
avec la couleur saisie comme telle que pressée hors du tube,
avec l'empreinte, comme l'un après l'autre, des poils du pinceau dans la couleur,
avec la touche de la peinture peinte, comme distincte dans son propre soleil,
avec l'i, la virgule, le point de la pointe du pinceau même vrillée à même la couleur, chahutée, et qui gicle en flammèches, que le peintre mate et rebrasse de tous les côtés,

le merveilleux est que ce peintre qui n'est rien que peintre est aussi de tous les peintres-nés celui qui fait le plus oublier que nous ayons à faire à de la peinture,

à de la peinture pour représenter le motif qu'il a distingué,

et qui fait venir devant nous, en avant de la toile fixe, l'énigme pure, la pure énigme de la fleur torturée, du paysage sabré, labouré et pressé de tous les côtés par son pinceau en ébriété.

Ses paysages sont de vieux péchés qui n'ont pas encore retrouvé leurs primitives apocalypses, mais ne manqueront pas de les retrouver.

Pourquoi les peintures de van Gogh me donnent-elles ainsi l'impression d'être vues comme de l'autre côté de la tombe d'un monde où ses soleils en fin de compte auront été tout ce qui tourna et éclaira joyeusement ?

Car n'est-ce pas l'histoire entière de ce qu'on appela un jour l'âme qui vit et meurt dans ses paysages convulsionnaires et dans ses fleurs ?

L'âme qui donna son oreille au corps, et van Gogh l'a rendue à l'âme de son âme,

une femme afin de corser la sinistre illusion.

Un jour l'âme n'existait pas,

l'esprit non plus,

quant à la conscience, nul n'y avait jamais pensé,

mais où était, d'ailleurs, la pensée dans un monde uniquement fait d'éléments en pleine guerre sitôt détruits que recomposés,

car la pensée est un luxe de paix.

Et quel est, mieux que l'in vraisemblable van Gogh, le peintre qui a compris le phénoménal du problème, lui chez qui tout vrai paysage est comme en puissance dans le creuset où il va se recommencer.

Alors, le vieux van Gogh était roi contre qui, pendant qu'il dormait, fut inventé le curieux péché appelé de la culture turque,

exemple, habitacle, mobile, du péché de l'humanité, laquelle n'a jamais su faire autre chose que de manger, au naturel, de l'artiste pour farcir son honnêteté.

En quoi, elle n'a jamais fait que consacrer rituellement sa lâcheté !

Car l'humanité ne veut pas se donner la peine de vivre, d'entrer dans ce coudoisement naturel des forces qui composent la réalité, afin d'en tirer un corps qu'aucune tempête ne pourra plus entamer.

Elle a toujours mieux aimé se contenter tout simplement d'exister.

Quant à la vie, c'est dans le génie de l'artiste qu'elle a l'habitude d'aller la chercher.

Or, van Gogh, qui s'est fait cuire une main, n'a jamais eu peur de la guerre pour vivre, c'est-à-dire pour enlever le fait de vivre à l'idée d'exister,

et tout peut bien sûr exister sans se donner la peine d'être,

et tout peut être sans se donner, comme van Gogh le forcené, la peine de rayonner et de rutiler.

C'est ce que la société lui a enlevé pour réaliser la culture turque, celle de cette honnêteté de façade qui a le crime pour origine et pour étai.

Et c'est ainsi que van Gogh est mort suicidé, parce que c'est le concert de la conscience entière qui n'a plus pu le supporter.

Car s'il n'y avait ni esprit, ni âme, ni conscience, ni pensée,

il y avait du fulminate,

du volcan mûr,

de la pierre de transe,

de la patience,

du bubon,

de la tumeur cuite,

et de l'escharre d'écorché.

Et le roi van Gogh sommeillait, incubant la prochaine alerte de l'insurrection de sa santé.

Comment ?

Par le fait que la bonne santé c'est pléthore de maux rodés, de formidables ardeurs de vivre, par cent blessures corrodées, et qu'il faut quand même faire vivre,

qu'il faut amener à se perpétuer.

Qui ne sent pas la bombe cuite et le vertige comprimé n'est pas digne d'être vivant.

C'est le dictame que le pauvre van Gogh en coup de flamme se fit un devoir de manifester.

Mais le mal qui veillait lui fit mal.

Le Turc, sous sa figure honnête, s'approcha délicatement de van Gogh pour cueillir en lui la praline,

afin de détacher la praline (naturelle) qui se formait.

Et van Gogh y perdit mille étés.

De quoi il est mort à 37 ans,

avant vivre,

car tout singe a vécu avant lui des forces qu'il avait rassemblées.

Et c'est maintenant ce qu'il va falloir rendre, pour permettre à van Gogh de ressusciter.

En face d'une humanité de singe lâche et de chien mouillé, la peinture de van Gogh aura été celle d'un temps où il n'y eut pas d'âme, pas d'esprit, pas de conscience, pas de pensée, rien que des éléments premiers tour à tour enchaînés et déchaînés.

Paysages de convulsions fortes, de traumatismes forcenés, comme d'un corps que la fièvre travaille pour l'amener à l'exacte santé.

Le corps sous la peau est une usine surchauffée,

et dehors,

le malade brille,

il luit,

de tous ses pores,

éclatés.

Ainsi un paysage

de van Gogh

à midi.

Seule la guerre à perpétuité explique une paix qui n'est qu'un passage,

ainsi qu'un lait prêt à verser explique la casserole où il bouillait.

Méfiez-vous des beaux paysages de van Gogh tourbillonnants et pacifiques,

convulsés et pacifiés.

C'est la santé entre deux reprises de la fièvre chaude qui va passer.

C'est la fièvre entre deux reprises d'une insurrection de bonne santé.
Un jour la peinture de van Gogh armée et de fièvre et de bonne santé,
reviendra pour jeter en l'air la poussière d'un monde en cage que son
cœur ne pouvait plus supporter.

✦
POST-SCRIPTUM

Je reviens au tableau des corbeaux.

Qui a déjà vu comme dans cette toile la terre équivaloir la mer.

Van Gogh est de tous les peintres celui qui nous dépouille le plus profondément, et jusqu'à la trame, mais comme on s'épouillerait d'une obsession.

Celle de faire que les objets soient autres, celle d'oser enfin risquer le péché de *l'autre*, et la terre ne peut pas avoir la couleur d'une mer liquide, et c'est pourtant bien comme une mer liquide que van Gogh jette sa terre comme une série de coups de sarcloir.

Et la couleur de la lie du vin, il en a infusé sa toile, et c'est la terre qui sent le vin, qui clapote encore au milieu des vagues de blé, qui dresse une crête de coq sombre contre les nuages bas qui s'amassent dans le ciel de tous les côtés.

Mais je l'ai déjà dit, le funèbre de l'histoire est le luxe avec lequel les corbeaux sont traités.

Cette couleur de musc, de nard riche, de truffe sortie comme d'un grand souper.

Dans les vagues violacées du ciel, deux ou trois têtes de vieillards de fumée risquent une grimace d'apocalypse, mais les corbeaux de van Gogh sont là qui les incitent à plus de décence, je veux dire à moins de spiritualité,

et qu'a voulu dire van Gogh lui-même avec cette toile au ciel surbaissé, peinte comme à l'instant précis où il se délivrait de l'existence, car cette toile a une étrange couleur, presque pompeuse d'autre part, de naissance, de noce, de départ,

j'entends les ailes des corbeaux frapper des coups de cymbale forte au-dessus d'une terre dont il semble que van Gogh ne pourra plus contenir le flot.

Puis la mort.

Les oliviers de Saint-Rémy.

Le cyprès solaire.

La chambre à coucher.

La cueillette des olives.

Les Aliscamps.

Le café d'Arles.

Le pont où on a envie de plonger le doigt dans l'eau, dans un mouvement de régression violente à un état d'enfance auquel vous contraind la poigne faramineuse de van Gogh.

L'eau est bleue,

pas d'un bleu d'eau,

d'un bleu de peinture liquide.

Le fou suicidé est passé par là et il a rendu l'eau de la peinture à la nature, mais à lui qui la lui rendra ?

Un fou, van Gogh ?

Que celui qui a su un jour regarder une face humaine regarde le portrait de van Gogh par lui-même, je pense à celui avec un chapeau mou.

Peinte par van Gogh extra-lucide, cette figure de boucher roux, qui nous inspecte et nous épie, qui nous scrute d'un œil torve aussi.

Je ne connais pas un seul psychiatre qui saurait scruter un visage d'homme avec une force aussi écrasante et en disséquer comme au tranchoir l'irréfragable psychologie.

L'œil de van Gogh est d'un grand génie, mais à la façon dont je le vois me disséquer moi-même du fond de la toile où il a surgi, ce n'est plus le génie d'un peintre que je sens en ce moment vivre en lui, mais celui d'un certain philosophe par moi jamais rencontré dans la vie.

Non, Socrate n'avait pas cet œil, seul peut-être avant lui le malheureux Nietzsche eut ce regard à déshabiller l'âme, à délivrer le corps de l'âme, à mettre à nu le corps de l'homme, hors des subterfuges de l'esprit.

Le regard de van Gogh est pendu, vissé, il est vitré derrière ses paupières rares, ses sourcils maigres et sans un pli.

C'est un regard qui enfonce droit, il transperce dans cette figure taillée à la serpe comme un arbre bien équarri.

Mais van Gogh a saisi le moment où la prunelle va verser dans le vide,
où ce regard parti contre nous comme la bombe d'un météore, prend la
couleur atone du vide et de l'inerte qui le remplit.

Mieux qu'aucun psychiatre au monde, c'est ainsi que le grand van Gogh a
situé sa maladie.

Je perce, je reprends, j'inspecte, j'accroche, je descelle, ma vie morte ne
recèle rien, et le néant au surplus n'a jamais fait de mal à personne, ce qui me
force à revenir au dedans, c'est cette absence désolante qui passe et me sub-
merge par moments, mais j'y vois clair, très clair, même le néant je sais ce
que c'est, et je pourrai dire ce qu'il y a dedans.

Et il avait raison van Gogh, on peut vivre pour l'infini, ne se satisfaire que
d'infini, il y a assez d'infini sur la terre et dans les sphères pour rassasier mille
grands génies, et si van Gogh n'a pas pu combler son désir d'en irradier sa vie
entière, c'est que la société le lui a interdit.

Carrément et consciemment interdit.

Il y a eu un jour les exécuteurs de van Gogh, comme il y a eu ceux de
Gérard de Nerval, de Baudelaire, d'Edgar Poe et de Lautréamont.

Ceux qui un jour lui ont dit :

Et maintenant, assez, van Gogh, à la tombe, nous en avons assez de ton
génie, quant à l'infini, c'est pour nous l'infini.

Car ce n'est pas à force de chercher l'infini que van Gogh est mort,
qu'il s'est vu contraint d'étouffer de misère et d'asphyxie,

c'est à force de se le voir refuser par la tourbe de tous ceux qui, de son
vivant même, croyaient détenir l'infini contre lui ;

et van Gogh aurait pu trouver assez d'infini pour vivre pendant toute sa
vie si la conscience bestiale de la masse n'avait voulu se l'approprier pour
nourrir ses partouses à elle, qui n'ont jamais rien eu à voir avec la peinture ou
avec la poésie.

De plus, on ne se suicide pas tout seul.

Nul n'a jamais été seul pour naître.

Nul non plus n'est seul pour mourir.

Mais, dans le cas de suicide, il faut une armée de mauvais êtres pour dé-
cider le corps au geste contre nature de se priver de sa propre vie.

Et je crois qu'il y a toujours quelqu'un d'autre à la minute de la mort extrême pour nous dépouiller de notre propre vie.

Ainsi donc, van Gogh s'est condamné, parce qu'il avait fini de vivre et, comme le laissent entrevoir ses lettres à son frère, parce que, devant la naissance d'un fils de son frère,

il se sentait une bouche de trop à nourrir.

Mais surtout van Gogh voulait enfin rejoindre cet infini pour lequel, dit-il, on s'embarque comme dans un train pour une étoile,

et on s'embarque le jour où l'on a bien décidé d'en finir avec la vie.

Or, dans la mort de van Gogh, telle qu'elle s'est produite, je ne crois pas que ce soit ce qui s'est produit.

Van Gogh a été expédié du monde par son frère, d'abord, en lui annonçant la naissance de son neveu, il a été expédié ensuite par le docteur Gachet qui, au lieu de lui recommander le repos et la solitude, l'envoyait peindre sur le motif un jour où il sentait bien que van Gogh aurait mieux fait d'aller se coucher.

Car on ne contrecarre pas aussi directement une lucidité et une sensibilité de la trempe de celle de van Gogh le martyrisé.

Il y a des consciences qui, à de certains jours, se tueraient pour une simple contradiction, et il n'est pas besoin pour cela d'être fou, fou repéré et catalogué, il suffit, au contraire, d'être en bonne santé et d'avoir la raison de son côté.

Moi, dans un cas pareil, je ne supporterai plus sans commettre un crime de m'entendre dire : « Monsieur Artaud, vous délirez », comme cela m'est si souvent arrivé.

Et van Gogh se l'est entendu dire.

Et c'est de quoi s'est tordu à sa gorge ce nœud de sang qui l'a tué.



POST-SCRIPTUM

À propos de van Gogh, de la magie et des envoûtements, tous les gens qui sont depuis deux mois allés défiler devant l'exposition de ses œuvres au musée de l'Orangerie sont-ils bien sûrs de se souvenir de tout ce qu'ils ont

fait et de tout ce qui leur est arrivé tous les soirs des mois de février, mars, avril et mai 1946 ? Et n'y eut-il pas un certain soir où l'atmosphère de l'air et des rues devint comme liquide, gélatineuse, instable, et où la lumière des étoiles et de la voûte céleste disparut ?

Et van Gogh n'était pas là, qui a peint le café d'Arles. Mais j'étais à Rodez, c'est-à-dire encore sur la terre, alors que tous les habitants de Paris, du rent, pendant une nuit, se sentir bien près de la quitter.

Et n'est-ce donc pas qu'ils avaient tous participé de concert à certaines saloperies généralisées, où la conscience des Parisiens quitta pour une heure ou deux le plan normal et passa sur l'autre à l'un de ces déferlements massifs de haine dont j'ai été bien des fois un peu plus que le témoin pendant mes neuf ans d'internement. Maintenant la haine a été oubliée comme les ex-purgations nocturnes qui s'ensuivirent et les mêmes, qui à tant de reprises montrèrent à nu et à la face de tous leurs âmes de bas pourceaux, défilent maintenant devant van Gogh à qui, de son vivant, eux ou leurs pères et mères ont si bien tordu le cou.

Mais n'est-il pas, l'un des soirs dont je parle, tombé boulevard de la Madeleine, à l'angle de la rue des Mathurins, une énorme pierre blanche comme sortie d'une éruption volcanique récente du volcan Popocatepetl ?



VAN GOGH

O SUICIDADO PELA SOCIEDADE

*“E assim foi que Van Gogh morreu suicidado,
porque o consenso da sociedade já não pôde suportá-lo.”*

ANTONIN ARTAUD



INTRODUÇÃO

Pode-se proclamar a boa saúde mental de Van Gogh, que durante toda a sua vida somente assou uma das mãos e além disso, não passou de cortar a orelha esquerda.

Em um mundo em que todos os dias as pessoas comem vagina cozida na salsa verde ou sexo de recém-nascido, flagelado e enfurecido arrancado assim como sai do sexo materno.

E não se trata de uma imagem mas de um fato muito frequente, repetido diariamente e cultivado em toda a extensão da Terra.

É assim que se mantém – por delirante que possa parecer tal afirmação – a vida presente, na sua velha atmosfera de estupro, de anarquia, de desordem, de desvario, de descalabro, de loucura crônica, de inércia burguesa, de anomalia psíquica (porque não é o homem, mas o mundo que se tornou anormal), de desonestidade deliberada e insigne hipocrisia, de sujo desprezo por tudo que cheira à nobreza, de reivindicação de uma ordem inteiramente baseada no cumprimento de uma primitiva injustiça; em resumo, do crime organizado.

As coisas vão mal porque a consciência doente tem o máximo interesse, nesse momento, em não sair de sua doença.

Desta maneira, uma sociedade deteriorada inventou a psiquiatria para defender-se das investigações de alguns iluminados superiores, cujas faculdades de adivinhação a incomodavam.

Gérard de Nerval não era louco, mas o acusaram de ser com a intenção de lançar descrédito sobre determinadas revelações fundamentais, que se preparava para fazer, e além de acusá-lo, uma noite bateram em sua cabeça – materialmente atingido na cabeça – para que perdesse a memória dos fatos monstruosos que ia revelar e que, por causa do golpe, passaram, dentro dele ao plano sobrenatural; porque toda a sociedade secretamente conjurada contra a sua consciência, era bastante forte, neste momento, para fazê-lo esquecer a sua realidade.

Não, Van Gogh não era louco, mas seus quadros eram misturas incendiárias, bombas atômicas, cujo ângulo de visão comparado com o de todas as pinturas que faziam furor na época, teria sido capaz de transtornar gravemente o conformismo larval da burguesia do Segundo Império e dos esbirros de Thiers, de Gambetta, de Felix Faure, como os de Napoleão III.

Porque a pintura de Van Gogh não ataca um certo conformismo dos costumes, mas as próprias instituições. E até a natureza exterior, com seus climas, suas marés e suas tormentas equinociais não podem mais, depois da passagem de Van Gogh pela Terra, conservar a mesma gravitação.

Com maior motivo, no plano social as instituições se desagregam, e a medicina parece um cadáver inutilizado, decomposto, que declara Van Gogh louco.

Diante da lucidez de Van Gogh em ação, a psiquiatria fica reduzida a um grupo de gorilas, realmente obsessivos e perseguidos, que somente dispõe, para mitigar os mais espantosos estados de angústias e opressão humana, de uma ridícula terminologia, digno produto de seus cérebros viciados.

Na verdade, não existe psiquiatria que não seja um notório erotômano.

E não creio que a regra de erotomania inveterada dos psiquiatras seja passível de alguma exceção.

Conheço um que se rebelou, há alguns anos, diante da ideia de ver-me acusar em bloco ao conjunto de insignes crápulas e enganadores patentes ao qual pertencia.

No que me diz respeito, senhor Artaud – dizia – não sou erotômano, e o desafio a apresentar uma única prova para fundamentar a sua acusação.

Não tenho do que apresentar o senhor mesmo, Dr. L..., como prova; leva o estigma nas fuças, pedaço de porco imundo.

Tem a cara de quem introduz sua presa sexual debaixo da língua e depois a gira como uma amêndoa, para fazer o mal a seu modo.

A isto, chamam tirar o bom proveito e ficar bem.

Se no coito, não consegue este giro da glote do modo que o senhor tão profundamente conhece, e, ao mesmo tempo, o soluçar da faringe, do esôfago, da uretra e do ânus, o senhor fica satisfeito.

No curso destas sacudidas orgânicas internas, o senhor adquiriu certa propensão, que é o testemunho encarnado de um estupro imundo, que o senhor cultivava ano após ano, cada vez mais, porque socialmente falando, não está sob a férula da lei, mas cai debaixo da férula de outra lei quando sofre inteiramente a consciência ferida, porque ao comportar-se deste modo, o senhor o impede de respirar.

Enquanto por um lado o senhor dita que a consciência em atividade constitui delírio, por outro, a estrangula com sua ignóbil sexualidade.

E esse é, precisamente, o plano no qual o pobre Van Gogh era casto, castos não podem ser nem um serafim nem uma virgem, porque são precisamente eles os que fomentaram e alimentaram nas suas origens a grande máquina do pecado.

Por outro lado, talvez o senhor pertença, Dr. L..., à raça dos serafins iníquos, mas por favor, deixe os homens tranquilos, o corpo de Van Gogh, livre de todo o pecado, também esteve livre da loucura, que, por outro lado, somente se origina no pecado.

E conste que não creio no pecado católico, mas creio no crime erótico, do qual, justamente, todos os gênios da Terra, os autênticos alienados dos asilos, se abstiveram, ou, em caso contrário, é porque não eram (autenticamente) alienados.

O que se entende por autêntico alienado?

E um homem que prefere tornar-se louco – no sentido social da palavra – antes do que trair uma ideia superior da honra humana.

Por esse motivo, a sociedade amordaça a todos aqueles de quem ela quer se livrar, ou só proteger, por terem se recusado a converter-se em cúmplices de certas imensas porcarias.

Porque um alienado é, na realidade, um homem ao qual a sociedade se nega a escutar, e ao qual quer impedir que expresse certas verdades insuportáveis.

Mas, neste caso, o internamento não é a arma exclusiva, porque a con-fabulação dos homens tem outros meios para submeter as vontades que pretendem destruir.

Além das pequenas feitiçarias dos bruxos de povoados, estão os grandes passes do feitiço coletivo nos quais toda a consciência, em estado de emergência, intervém periodicamente.

Assim é que por motivo de uma guerra, de uma revolução, de um cataclisma social, ainda em germe, a consciência unânime é interrogada e se interroga, e chega a emitir o seu próprio veredito.

Também pode acontecer que tenha incitado a si próprio a fugir de si, em certos casos individuais ressonantes.

Assim é que aconteceram feitiços unânimes nos casos de Baudelaire, Edgar Poe, Gérard de Nerval, Nietzsche, Kirkegaard, Holderlin, Coleridge, e também no caso de Van Gogh.

Isso pode acontecer durante o dia, mas habitualmente durante a noite.

Assim é que forças estranhas são elevadas e conduzidas até à abóbada astral, para esta espécie de cúpula sombria que, por crime da respiração humana geral, configura a venenosa agressividade do espírito maléfico da maior parte das pessoas.

Assim é que as escassas e bem intencionadas vontades lúcidas que se debateram na Terra veem a si próprias, em certas horas do dia ou da noite, profundamente desaparecidas em autênticos estados de pesadelo em vigília, rodeadas da formidável sucção, da formidável opressão tentacular de uma espécie de mágica cívica, que não tardará a aparecer abertamente nos costumes.

Confrontado com essa imundície unânime, que de um lado tem o sexo e do outro a missa, ou outros análogos rituais psíquicos, como base ou pontal, não é índice de delírio passear à noite com um chapéu coroado por doze velas para pintar uma paisagem natural; pois de que outro modo teria podido o pobre Van Gogh iluminar-se, como bem o fez notar, em certa oportunidade, nosso amigo, o ator Roger Blin?

No que diz respeito à mão assada, trata-se de um heroísmo puro e simples; e quanto à orelha cortada, não é mais do que lógica direta, e insisto: para um mundo que tanto de dia como de noite, cada vez mais, come o incomível para dirigir sua maléfica vontade para a realização de seus fins, sobre este ponto não há mais remédio do que emudecer.

♦
POST-SCRIPTUM

Van Gogh não morreu por causa de uma definida condição delirante, mas por ter chegado a ser corporalmente o campo de batalha de um problema, em torno do qual se debate, desde as origens, o espírito inócuo desta humanidade, e do predomínio da carne sobre o espírito, ou do corpo sobre a carne, ou do espírito sobre um e outro.

E onde está neste delírio o lugar do eu humano?

Van Gogh procurou o seu durante toda a sua vida, com energia e determinação excepcionais.

E não se suicidou em um ataque de loucura, pela angústia de não chegar a encontrá-lo; ao contrário, acabava de encontrá-lo, e de descobrir o que era e quem era ele mesmo, quando a consciência geral da sociedade, para castigá-lo, por ter rompido as amarras, o suicidou.

E isto aconteceu a Van Gogh, como acontece habitualmente, por motivo de uma bacanal, de uma missa, de uma absolvição, ou de qualquer outro ritual de consagração, de possessão, de sucubação ou de incubação.

Assim, introduziu-se no seu corpo esta sociedade absolvida, consagrada, santificada e possuída, apagou nele a consciência sobrenatural que acabava de adquirir, como uma inundação de corvos negros nas fibras de sua árvore interna, submergiu-o numa última onda, e, tomando seu lugar, o matou.

Pois está na lógica anatômica do homem moderno, não ter podido jamais viver nem pensar em viver, senão como possuído.

♦
O SUICIDADO PELA SOCIEDADE

Durante muito tempo a pintura linear pura me apaixonou, até que descobri Van Gogh, que pintava, em lugar de linhas e formas, coisas da natureza inerte como agitados por convulsões.

E inerte.

Debaixo do terrível embate dessa força de inércia a qual todos se referem em meias-palavras, e que nunca esteve tão obscura como desde quando a totalidade da Terra e da vida presente se combinaram para esclarecê-la.

São pancadas, realmente pancadas as que Van Gogh aplica sem parar a todas as formas da natureza e aos objetos.

Destrinchadas pela punção de Van Gogh, as paisagens exibem sua carne hostil, o amargo de suas entranhas arrebetadas, que não se sabe, qual força insólita está metamorfoseando.

Uma exposição de quadros de Van Gogh é sempre uma data culminante na história, não na história das coisas pintadas, mas na própria história histórica.

Porque não existe fome, epidemia, erupção vulcânica, terremoto, guerra, que separem as mônadas do ar, que torçam o nariz com a cara deslavada ao destino neurótico das coisas, como uma pintura de Van Gogh, exposta à luz do dia, colocada diretamente diante da vista, do ouvido, do tato, do aroma, nos muros de uma exposição, lançada finalmente como uma nova atualidade cotidiana, outra vez colocada em circulação.

Na última exposição no Palácio L'Orangerie não foram exibidas todas as telas de grande porte do desventurado pintor. Mas havia, entre as que lá estavam, suficientes desfiles giratórios cobertos com penachos de planta carmim, caminhos desertos coroados por um vale, sóis violetas que giraram sobre parvas de trigo de ouro puro, e também o *Tio Tranquilo*, e retratos de Van Gogh por Van Gogh, para lembrarmos de que mísera simplicidade de objetos pessoais, materiais elementos Van Gogh extraiu essas qualidades de sons de órgão, esses fogos artificiais, essas epifanias atmosféricas, essa *Grande Obra*, enfim, de permanente e intempestiva transmutação.

Os corvos pintados dois dias antes da sua morte não lhe abriram, mais que suas outras telas, a porta de uma certa glória póstuma, mas abrem à pintura pintada, ou melhor, à natureza não-pintada, a porta oculta de um futuro possível, de uma permanente realidade possível, através da porta aberta por Van Gogh para um enigmático e pavoroso além.

Não é frequente que um homem, com uma bala do fuzil que o assassinou, cravada no ventre, ponha numa tela corvos negros, e debaixo uma espécie de planície, possivelmente lívida, de qualquer modo vazia, na qual a cor de borra de vinho da terra choca-se violentamente com o amarelo sujo do trigo.

Mas nenhum outro pintor, que não fosse Van Gogh, teria sido capaz de descobrir, para pintar seus corvos, esse negro de trufa, esse negro de *faustosa comilança* e ao mesmo tempo excremental, das asas dos corvos surpreendidos pelos resplendores declinantes do crepúsculo.

E de que se queixa a terra ali, sob as asas dos faustos corvos, faustos sem dúvida, somente para Van Gogh, e ainda mais, suntuoso augúrio de um mal que já não lhe concerne?

Pois até então, ninguém como ele tinha convertido a terra nesse trapo sujo empapado de sangue e vinho.

E no quadro existe um céu muito baixo, esmagado, violeta como as margens do raio.

A insólita franja tenebrosa do vazio eleva-se em relâmpago.

A alguns centímetros do alto, como se estivessem saindo da parte debaixo da tela, Van Gogh soltou os corvos, tal qual tivesse solto micróbios negros do seu braço suicida, seguindo o corte negro da linha, onde o bater da sua soberba plumagem pesa sobre os preparativos da tormenta terrestre a ameaça de uma sufocação vinda de cima.

E, sem a menor dúvida, todo o quadro é soberbo.

Soberbo, suntuoso e sereno quadro.

Digno acompanhamento para a morte daquele que, em vida, fez girar tantos sóis ébrios sobre montões de cereais rebeldes e que, desesperadamente, com um balaço no ventre, não pôde deixar de inundar com sangue e vinho uma paisagem, empapando a terra com uma última emulsão, radiante e tenebrosa ao mesmo tempo, que cheira a vinho azedo e a vinagre picante.

Pois esse é o tom da última tela pintada por Van Gogh, que nunca ultrapassou os limites da pintura e evoca os acordes bárbaros e abruptos do mais patético, passional e apaixonado drama isabelino.

E isso o que mais me surpreende em Van Gogh, maior pintor entre todos os pintores, é que, sem sair do que se denomina e é pintura, sem afastar-se do tubo, do pincel, do enquadramento do tema e da tela, sem recorrer à sátira, ao relato, ao drama, à ação com imagens, à beleza intrínseca do tema e do objeto, chegou a infundir paixão à natureza e aos objetos com tanto vigor que qualquer conto fabuloso de Edgar Poe, de Herman Melville, de Nathaniel Hawthorne, de Gérard de Nerval, de Achim von Armin ou de Hoffman não superam em nada, dentro do plano psicológico e dramático, suas telas modestas; suas telas, por outro lado, quase todas de reduzidas dimensões, como se respondessem a um propósito deliberado.

Uma lâmparina sobre uma cadeira, um sofá de palha verde trançada, um livro sobre o sofá, e o drama se esclarece.

Quem estará para chegar? Será Gauguin ou algum fantasma?

A lâmparina acesa, sobre a cadeira de palha verde, parece indicar a linha luminosa que separa as duas individualidades antagônicas de Van Gogh e Gauguin.

O motivo de sua disputa, poderia não oferecer grande interesse se o relatarmos, mas serviria para demonstrar uma cisão fundamental, humana, entre as personalidades de Van Gogh e Gauguin.

Penso que Gauguin acreditava que o artista deveria buscar o símbolo, o mito, ampliar as coisas da vida até à dimensão do mito, enquanto Van Gogh achava que se deve aprender a deduzir o mito das coisas mais terrestres da vida, e ao meu ver, merda, estava certo.

Pois a realidade é extraordinariamente superior a qualquer história, a qualquer fábula, a qualquer divindade, a qualquer suprarrealidade. Não é necessário mais que a genialidade de saber interpretá-la.

O que nenhum pintor havia feito antes do pobre Van Gogh, o que nenhum pintor voltará a fazer depois dele, porque eu acredito que desta vez, hoje mesmo, agora, neste mês de fevereiro de 1947 é a própria realidade, o mito da própria realidade, a realidade mítica, a que está em vias de incorporar-se.

Assim, ninguém, depois de Van Gogh, soube sacudir o grande címbalo, o timbre sobre-humano, perpetuamente sobre-humano, que faz soar os objetos da vida real quando se aprendeu a aguçar suficientemente o ouvido para escutar as ondas da sua maré crescente.

Dessa maneira ressoa a luz da lamparina, a luz da lamparina acesa sobre a cadeira de palha verde ressoa como a respiração de um corpo amante diante e próximo do corpo de um doente adormecido.

Ressoa como uma estranha crítica, um julgamento profundo e surpreendente do qual é provável que Van Gogh possa presumir o veredicto mais tarde, muito mais tarde, no dia em que a luz violeta da cadeira de palha consiga submergir totalmente o quadro.

E não podemos deixar de perceber esse corte de luz arroxeadada que morde as barras da grande cadeira turva, do velho sofá cambaio de palha verde, ainda que não descubramos à primeira vista.

Porque o foco está como que localizado em outro ponto, e sua fonte é estranhamente obscura, como um segredo do qual somente Van Gogh tivesse conservado a chave.

Não preciso interrogar a Grande Pitonisa para que ela me diga de quantas supremas obras-primas a pintura teria se enriquecido se Van Gogh não tivesse morrido aos trinta e sete anos, pois não consigo acreditar que depois dos *corvos*, Van Gogh viesse a pintar algum outro quadro. Creio que morreu aos trinta e sete anos porque já havia, desgraçadamente, chegado ao término

da sua fúnebre e revoltante história de indivíduo sufocado por um espírito maléfico.

Pois não foi por si próprio, por causa de sua própria loucura, que Van Gogh abandonou a vida.

Foi pela pressão, dois dias antes de sua morte, desse espírito maléfico que se chamava doutor Gachet, psiquiatra improvisado e causa direta, eficaz e suficiente da sua morte.

Lendo as cartas de Van Gogh a seu irmão cheguei à firme e sincera convicção de que o doutor Gachet, “psiquiatra”, na verdade detestava Van Gogh, pintor; detestava-o como pintor, e acima de tudo como gênio.

É quase impossível ser ao mesmo tempo médico e homem honrado, mas é vergonhosamente impossível ser psiquiatra sem estar ao mesmo tempo marcado a fogo pela mais indiscutível insanidade: a de não poder lutar contra esse velho reflexo atávico da multidão, que converte qualquer homem de ciência, aprisionado na turba, numa espécie de inimigo nato e inato de todo gênio.

A medicina nasceu do mal, se é que não nasceu da doença e não provocou, pelo contrário, a doença para assim ter uma razão de ser; mas a psiquiatria nasceu da multidão vulgar de pessoas que quiseram preservar o mal como fonte da doença e que assim produziram do seu próprio nada uma espécie de Guarda Suíça para extirpar na raiz o espírito de rebelião reivindicatória que está na origem de todo gênio.

Em todo alienado existe um gênio não compreendido, cujas ideias, brilhando na sua cabeça, apavoram as pessoas e que somente pode encontrar no delírio uma fuga às opressões que a vida lhe preparou.

O doutor Gachet não chegou a dizer a Van Gogh que estava ali para endireitar sua pintura (como ouvi o doutor Gastón Ferdière, médico-chefe do manicômio de Rodez, dizer que estava ali para endireitar minha poesia), mas mandava-o pintar a natureza, sepultar-se na paisagem para evitar a tortura de pensar.

No entanto, assim que Van Gogh virava a cabeça, o doutor Gachet lhe fechava o interruptor do pensamento.

Como se nada quisesse, mas mediante um desses despeitados e insignificantes franzir de narizes, no qual todo o inconsciente burguês de toda

essa Terra inscreveu a antiga força mágica de um pensamento cem vezes repressor.

Ao fazer isso o doutor Gachet não somente impedia os males do problema, mas também a inseminação sulfurosa, o tormento da punção que gira na garganta da única passagem com a qual Van Gogh, suspenso sobre o abismo da respiração, pintava.

Pois Van Gogh era de uma sensibilidade terrível.

Para se convencer, não é preciso mais que o bater de olhos no seu rosto sempre ofegante, e, sob um certo ângulo, também enfeitiçante, de açougueiro.

Como o de um antigo açougueiro acomodado, agora afastado dos negócios, este rosto em sombras me persegue.

Van Gogh se autorretratou em um grande número de telas que, por melhor iluminadas que estivessem, sempre me deram a penosa impressão de que o tivessem feito mentir sobre essa luz, que tivessem roubado a Van Gogh uma luz indispensável para abrir e traçar um caminho dentro de si.

E esse caminho, certamente, não era o doutor Gachet o elemento capacitado para lhe indicar.

Pois, como já disse, em todo psiquiatra vivente há um sórdido e repugnante atavismo que lhe faz ver em cada artista, em cada gênio, um inimigo.

E não ignora que o doutor Gachet legou para a história, com relação a Van Gogh, que ele atendia e que terminou suicidando-se na sua casa, a impressão de ter sido seu último amigo na Terra, algo assim como um consolador providencial.

Creio mais que nunca que é ao doutor Gachet, de Auverssur-Oise, que Van Gogh ficou devendo aquele dia, o dia em que se suicidou em Auverssur-Oise; ficou devendo, repito, o abandonar a vida, pois Van Gogh era uma dessas naturezas dotadas de lucidez superior, o que lhes permite, em qualquer circunstância, ver mais além, infinita e perigosamente mais além que o real imediato e aparente dos fatos; quero dizer, mais além da consciência que a consciência habitualmente conserva dos fatos.

No fundo dos seus olhos sem pestanas de açougueiro, Van Gogh dedicava-se incansavelmente a uma dessas operações de alquimia sombria que veem a natureza por objeto e o corpo humano por vasilhame ou crisol.

E sei que o doutor Gachet sempre achou que essas coisas cansavam Van Gogh.

O que no doutor não era o resultado de uma simples preocupação médica, mas a manifestação de uma inveja tão consciente quanto inconsciente.

Pois Van Gogh tinha chegado a esse estágio de iluminação no qual o pensamento em desordem reflui diante das descargas invasoras da matéria, no qual pensar já não é consumir-se e nem sequer no qual nada mais resta senão juntar pedaços do corpo, ou seja

ACUMULAR CORPOS

Já não é mais o mundo do astral, mas o da criação direta o que se recupera desse modo, mais além da consciência e do cérebro.

Eu nunca vi um corpo sem cérebro cansar-se por causa de telas inertes. Suportes do inerte são essas pontes, esses girassóis, esses feixos, esses olivais, essas pilhas de feno. Já não se movem.

Estão congelados.

Mas quem poderia sonhar com eles mais duros sob o traço seco que põe a nu seu impenetrável estremecer.

Não, doutor Gachet, uma tela nunca fatigou ninguém. São as forças de um louco em repouso, não transtornado.

Eu também estou como o pobre Van Gogh: deixei de pensar, mas dirijo, cada dia mais perto, formidáveis ebulições internas, e gostaria de ver algum médico vir reprovar o meu cansaço.

Alguém devia a Van Gogh uma soma de dinheiro, e a propósito disso a história nos diz que Van Gogh estava irritado há vários dias.

As naturezas superiores são propensas – sempre situadas um degrau acima do real – a explicar tudo pelo influxo de uma consciência maléfica.

A acreditar que nada é devido ao acaso, e que tudo o que acontece de ruim se deve a uma vontade maléfica, consciente, inteligente e organizada.

Coisa que os psiquiatras nunca acreditam.

Coisa que os gênios acreditam sempre.

Quando estou doente, é porque estou possuído, e não posso considerar-me um doente se não admito, por outro lado; que alguém tem interesse em arrancar-me a saúde e tirar proveito de minha saúde.

Também Van Gogh achava que estava possuído e assim o afirmava.

Para mim, acredito firmemente que esteve, e um dia direi onde e como aconteceu.

O doutor Gachet foi grotesco manipulador, o pestilento e pustulento manipulador, de jaqueta azul e camisa de seda, colocado diante do pobre e desgraçado Van Gogh para arrebatar-lhe as ideias sãs. Pois tal maneira de ver que é sã, difundira-se universalmente, a Sociedade já não poderia viver, mas eu sei quais heróis da Terra encontrariam sua liberdade.

Van Gogh não soube livrar-se a tempo dessa espécie de vampirismo familiar, interessada em que o gênio de Van Gogh pintor se limitasse a pintar, sem reclamar, a revolução indispensável para o desenvolvimento corporal e físico de sua personalidade de iluminado.

E entre o doutor Gachet e Theo, o irmão, existiram muitos desses hediondos conchavos entre familiares e médicos-chefe de asilos de alienados, concernentes ao doente que têm em mãos.

“Vigie-o para que não tenha mais esse tipo de ideia”. “Você não vê o que o doutor disse, acabe com esse tipo de ideia”. “Te faz mal pensar sempre nelas; você vai ficar internado para toda a vida”.

“Mas senhor Van Gogh, convença-se de que tudo isso é mera casualidade; e ainda por cima não é bom querer examinar desse jeito os segredos da providência. Eu conheço Fulano de Tal, é uma excelente pessoa; seu espírito de perseguição o está levando a achar que ele pratica mágica em segredo”.

“Prometeram-lhe pagar essa soma e a pagarão. Não pode o senhor continuar obstinado desse jeito, atribuindo esse atraso à má vontade”.

Todas essas suaves conversas de psiquiatra bonachão, que parecem inofensivas, mas deixam algo assim como uma marca de linguinha negra, a linguinha negra anódina das salamandras venenosas.

E, às vezes, nada mais é preciso para se induzir um gênio ao suicídio.

Surgem dias nos quais o coração sente tão terrivelmente a falta de saída, que o surpreende, como uma pancada na cabeça, a ideia de que já não poderá ir adiante.

Pois foi precisamente depois de uma conversa com o doutor Gachet que Van Gogh, como se nada tivesse acontecido, entrou no seu quarto e suicidou-se.

Eu mesmo estive nove anos num asilo de alienados e nunca tive a obsessão do suicídio, mas sei que cada conversa com um psiquiatra de manhã, na hora da visita dele, criava em mim o desejo de enforcar-me, ao compreender que não podia degolá-lo.

Theo talvez fosse muito bom para seu irmão, do ponto de vista material, mas isso não o impedia de considerá-lo um delirante, um iluminado, um alucinado, e se obstinava, em vez de acompanhá-lo em seu delírio, em acalmá-lo.

Que depois morreu de pena, não muda nada as coisas.

O que mais importava a Van Gogh era sua ideia de pintor, sua terrível ideia fanática, apocalíptica de iluminado.

O mundo deveria submeter-se ao comando da sua própria matriz, retomar seu ritmo comprimido, antipsíquico de festival secreto em lugar público e diante de todos, tornar a ser colocado no óleo superaquecido.

Isso quer dizer que o apocalipse, a consumação de um apocalipse se incube neste momento nas telas do velho Van Gogh martirizado, e que a terra tem necessidade dele para dar coices com os pés e a cabeça.

Não existe nada que tenha sido alguma vez escrito, ou pintado, esculpido, modelado, construído, inventado a não ser para sair do inferno.

E para sair do inferno prefiro as naturezas desse convulsionário tranquilo, às formigantes composições de Breughel, o velho, ou de Jerônimo Bosch que diante dele não são mais que simples artistas, ali onde Van Gogh não é senão um pobre ignorante empenhado em não enganar-se.

Mas como fazer compreender a um sábio que existe algo definitivamente desordenado no cálculo diferencial, a teoria dos quanta ou as obscenas e tão torpemente litúrgicas ordálias da precessão dos equinócios, diante deste torrencial de um rosa-camarão que Van Gogh faz espumar tão suavemente num lugar escolhido da sua cama, diante da pequena insurreição de um verde veronês ou de um azul que empapa essa barca diante da qual uma lavadeira de Auversur-Oise incorpora-se depois do trabalho, diante desse sol atarraxado atrás do ângulo cinza do campanário do povoado, no extremo dele, lá no fundo dessa enorme massa de terra que, no primeiro plano da música, procura a onda na qual congelar-se.

O VIO PROFE

O VIO PROTO

O VIO LOTO

O THETHÉ

Para que descrever um quadro de Van Gogh!? Nenhuma descrição tentada por quem quer que seja poderá se equiparar à simples alienação de

objetos naturais e de tintas a que se entrega Van Gogh, tão grande escritor como pintor e que transmite, dentro da obra que descreve, a impressão da mais desconcertante autenticidade.

23 de julho de 1890

“Talvez você veja esse croqui do jardineiro de Daubigny – é uma das telas na qual trabalhei com mais afinco – e inclusive um croqui de velhas choças, e os croquis de duas telas de trinta que representam imensas extensões de trigo depois de chuva...

O jardim de Daubigny com um primeiro plano de ervas verde e rosa. À esquerda um matagal verde e lilás e um maço de plantas com folhagens esbranquiçadas. No centro um punhado de rosas, à direita um valo, um muro e por cima do muro um emaranhado de folhagens violeta.

Continha o jardim uma penca de lilás, uma fila de tília redondas e amarelas, a casa rosada nos fundos, com tetos de telhas azuladas. Um banco e três cadeiras, uma figura negra com um chapéu amarelo, e em primeiro plano um gato preto. Céu verde pálido”.

8 de setembro de 1888

“No meu quadro ‘Café pela Noite’, tentei expressar que o bar-café é um lugar onde alguém pode arruinar-se, ficar louco, cometer crimes. Em resumo, procurei pelos contrastes de rosa tênue e vermelho sangue e fezes de vinho, de verde suave Luís XV e veronês em contrastes com verdes amarelados e verdes esbranquiçados duros, tudo junto numa atmosfera de forno infernal, de enxofre pálido, expressar algo assim como a potência tenebrosa de uma taberna.

E apesar de tudo isso, assumindo uma aparência de alegria japonesa unida à pureza de um Tártaro...

Que quer dizer desenhar? Como se consegue fazê-lo? É a ação de abrir passagem através de um invisível muro de ferro, que parece interpor-se entre o que se sente e o que é possível realizar. Que fazer para atravessar esse muro, porque não adianta bater fortemente sobre ele; para conseguir é preciso corrê-lo lenta e pacientemente com uma lima, esta é a minha opinião”.

Parece fácil escrever dessa maneira.

Tente e então me diga se você não fosse o autor de um quadro, de Van Gogh, poderia descrevê-lo tão simplesmente, sucintamente, objetivamente, duravelmente, validamente, autenticamente e milagrosamente, como nessa breve carta.

(Pois o critério do bisturi separador não depende da amplitude nem do artritico, mas do mero vigor pessoal do punho.)

Portanto, não descreverei um quadro de Van Gogh depois de ter feito, mas direi que Van Gogh é pintor porque recolheu a natureza, porque transpirou e a fez suar, porque salpicou nas suas telas, em faces, em monumentais feixes de cores, e secular trituração de lementos [*sic*], e terrível pressão elementar de apóstrofes, estrias, vírgulas, barras, que depois dele ninguém poderá discutir que façam parte do aspecto natural das coisas.

E a barreira de quantas cotoveladas reprimidas, choques oculares tirados do natural, piscadas de olhos extraídas do tema, correntes luminosas das forças que trabalham a realidade, tiveram que derrubar antes de serem contidos e como içados até à tela e aceitos.

Não existem fantasmas nos quadros de Van Gogh, nem visões nem alucinações.

Somente a tórrida verdade de um sol de meio-dia.

Um lento pesadelo de gênese pouco a pouco elucidado.

Sem pesadelos e sem afetos.

Mas ali está o sofrimento pré-natal.

E o brilho úmido de um pasto, do corte num plano de trigo que está ali pronto para o ceifar.

E do que a natureza um dia prestará contas.

Como também a sociedade prestará contas da sua morte prematura.

Um campo de trigo inclinado sob o vento, por cima do qual as asas de um único pássaro como vírgula; que pintor, que não fosse estritamente pintor, poderia ter a audácia de Van Gogh para dedicar-se a um tema de tão desarmante simplicidade?

Não, não existem fantasmas nos quadros de Van Gogh, nem existe drama, nem sujeito e eu diria que nem sequer objeto, porque o tema mesmo, qual é?

A não ser algo assim como a sombra do ferro do mote de uma indescritível música antiga, algo como o *leitmotiv* de um tema que desespera do seu próprio assunto.

E natureza pura e nua, vista tal como ela se revela quando alguém sabe aproximar-se ao máximo.

Testemunho disto essa paisagem de ouro fundido, de bronze cozido no Egito antigo, onde um sol enorme sobre os telhados tão corroídos pela luz que parecem em estado de decomposição.

Não conheço nenhuma pintura apocalíptica, hieroglífica, fantasmagórica ou patética, que me transmita essa sensação de secreto mistério, de cadáver de um hermetismo inútil, que entrega com a cabeça aberta sobre o patíbulo da execução, seu segredo.

Ao dizer isto não penso no *Tio Tranquilo*, nem nessa fúnebre avenida de outono onde passa, enfim, um velho encurvado com um guarda-chuva pendurado na manga como o gancho de um guarda-roupa.

Volto a pensar nos corvos com asas de negras trufas lustrosas.

Volto a pensar no campo de trigo: espigas e mais espigas, e não há mais nada para se dizer.

Com algumas pequenas cabeças de papoulas discretamente semeadas adiante, acre e nervosamente aplicadas ali, ralas, deliberada e furiosamente pontudas e desgarradas.

Somente a vida pode oferecer semelhantes devassas epidérmicas que falam sob uma camisa desabotoada; e não se sabe por que o olhar se inclina à esquerda mais que para a direita, até o montículo de carne eriçada. Mas o fato é que é assim.

Mas o fato é que está feito assim.

Seu dormitório também escondido, tão adoravelmente rústico e impregnado de um cheiro capaz de curtir o trigo que estremece na paisagem, ao longe, atrás das janelas que os ocultaria.

Também rústico, a cor do velho turbilhão, do vermelho de mexilhões, do ouriço-do-mar, dos camarões, do murgem [*sic*] do Mediterrâneo, de um vermelho de pimenta chamoscada.

E é com certeza culpa de Van Gogh que a cor do turbilhão do seu leito atingisse esse grau de realidade, e não conheço o tecelão capaz de transplatar o indescritível tom do modo como Van Gogh soube transportar desde o fundo de seu cérebro para a tela, o vermelho desse indescritível revestimento.

E não sei quantos padres sonham com a cabeça de seu assim chamado Espírito Santo, no ouro ocre, o azul infinito de alguns vitrais de sua donzela “Maria”, souberam isolar no ar, extrair dos nichos sarcásticos do ar essas

cores ao acaso, tudo isso é um acontecimento, e onde cada pincelada de Van Gogh sobre a tela é pior que um acontecimento.

Existem momentos que impressionam como um quarto bem arrumado, mas com um toque de bálsamo ou de um aroma, que nenhum beneditino poderia tornar a descobrir para obter o ponto ideal de seus licores purificantes.

(Este quarto faz pensar na *Grande Obra* com seu muro branco de pérolas claras do qual cai uma toalha rugosa como um velho amuleto campestre, intocável mas reconfortante.)

Em outros momentos impressiona como um simples amontoado esmagado por um enorme sol.

Existem brancos tênues de giz, piores que antigos suplícios, e nunca como nessa tela aparece a clássica escrupulosidade operativa do pobre grande Van Gogh.

Porque tudo isso é definitivamente Van Gogh; a escrupulosidade única do toque, surda e pateticamente aplicado. A cor plebeia das coisas, mas tão justa, tão amorosamente justa que não existe pedra preciosa que iguale a sua rareza.

Porque Van Gogh foi o mais autenticamente pintor entre todos os pintores, o único que não quis rebaixar a pintura como meio estrito de sua obra, e como marco estrito de seus meios.

E, por outro lado, o único, absolutamente o único, que rebaixou absolutamente a pintura, o ato inerte de representar a natureza, para fazer surgir, desta representação exclusiva da natureza, uma força giratória, um elemento arrancado diretamente do coração.

Fez, sob a representação, brotar um aspecto, e nela encerrar um nervo que é de uma natureza e um aspecto mais verdadeiro que o aspecto e o nervo da natureza verdadeira.

Na hora que escrevo estas linhas vejo o rosto vermelho ensanguentado do pintor aproximar-se de mim, numa muralha de girassóis arrebatados, numa formidável combustão de fagulhas de jacinto opaco e de ervas de lápis-lazúli.

Prova que Van Gogh concebeu suas telas como pintor, e unicamente como pintor, mas que seria por essa mesma razão um formidável músico.

Organista de uma tempestade suspensa que ri na natureza límpida, apaziguada entre duas tormentas, ainda que, como o próprio Van Gogh, mostre claramente o que está para acontecer.

Depois de olhá-la, podemos virar as costas a qualquer tipo de quadro pintado porque nenhum deles tem algo mais que nos dizer. A tempestuosa luz da pintura de Van Gogh começa seu sombrio recitativo no mesmo instante em que a deixamos de olhar.

Exclusivamente pintor, Van Gogh, e nada mais: nada de filosofia, nada de mística, nada de rito, nada de fisciurgia [*sic*] nem de liturgia, nada de história, nada de literatura nem poesia; esses girassóis de ouro bronzeado são pintados; estão pintados como girassóis e nada mais, mas para entender agora um girassol natural é indispensável passar por Van Gogh, assim como para compreender uma tempestade natural, um céu tempestuoso, uma planície da natureza, de agora em diante é impossível não voltar a Van Gogh.

O mesmo tempo tempestuoso existiu no Egito ou nas planícies da Judeia semita, talvez as mesmas sombras caíssem na Caldeia, na Mongólia, ou sobre os montes do Tibete, e ninguém me disse que mudaram de lugar.

Ao olhar essa planície de trigo ou de pedras brancas como um ossário enterrado, sobre a qual pesa aquele velho céu violáceo, já não é possível acreditar nos montes do Tibete.

Pintor, nada mais que pintor, Van Gogh adotou os meios da pintura pura e nunca os degradou. Quero dizer que, para pintar, não foi além de servir-se dos meios que a pintura lhe oferecia.

Um céu tormentoso, uma planície branca como cal, as telas, os pincéis, seus cabelos vermelhos, os tubos, sua mão amarela, seu cavalete ainda que todos os lamas juntos do Tibete sacudam sob seus hábitos o apocalipse que prepararam, Van Gogh nos terá feito sentir antecipadamente o cheiro do peróxido de nitrogênio numa tela que contém uma dose suficiente de catástrofe para obrigar a que nos orientemos.

Um dia ele decidiu não degradar o tema; mas quando se vê um Van Gogh, já não se pode acreditar que exista algo menos degradável que o tema do quadro.

O singelo tema de uma lamparina acesa, num sofá de palha de estruturas roxas, nos toca muito mais graças à mão de Van Gogh, que toda a série de tragédias gregas, ou de dramas de Cyril Turner, de Webster, ou de Ford que até agora não foram encenados.

Sem querer fazer literatura, vi o rosto de Van Gogh, vermelho de sangue na explosão de suas paisagens, chegar até mim,

KOHAN

TAVER

TENSUR
PURTAN

num incêndio, num bombardeio, numa explosão para vingar a pedra de moinho que o pobre Van Gogh, o louco, teve que carregar durante toda sua vida.

O fardo de pintar sem saber por quê nem para quê.

Pois não é para este mundo, nunca é para esta Terra onde todos, desde sempre, trabalhamos, lutamos, uivando de horror, de fome, miséria, ódio, escândalo e nojo e onde fomos todos envenenados, embora com tudo isso tenhamos sido enfeitados e finalmente nos suicidamos como se não fôssemos todos, como o pobre Van Gogh, suicidados pela sociedade!

Pintando, Van Gogh renunciou ao relato de histórias; mas o maravilhoso consiste em que este pintor não é nada mais que pintor, e que é mais pintor que todos os outros pintores, por ser aquele no qual o material, a própria pintura, assume um lugar primordial, com a cor extraída tal como sai do tubo, com a marca de cada pelo do pincel na cor, com a textura da pintura pintada, ressaltando na luz do próprio sol, com o i, vírgula, o ponto da ponte do pincel varrido diretamente na cor, que se alvoroça e salpica em massas as quais o pintor domina e há massa por todas as partes; maravilhoso é que este pintor, que não é nada mais que pintor, é também entre todos os pintores que existiram, aquele que mais nos deixa esquecer que estamos diante de uma pintura, uma pintura que representa o tema por ele escolhido, e que faz avançar até nós, diante da tela fixa, e enigma puro, o puro enigma da flor torturada, da paisagem apunhalada, arada, abalada em todas as partes por seu pincel bêbado.

Suas paisagens são antigos pecados, que ainda não encontraram seus apocalipses primitivos mas que não deixarão de encontrá-los.

Por que as pinturas de Van Gogh me deixam a impressão de serem vistas como do além-túmulo de um mundo no qual foram seus sóis os únicos seres girantes que iluminavam alegremente?

Pois não é a história completa daquilo que um dia chamamos alma, a que vive e morre nas suas paisagens convulsionadas e nas suas flores?

A alma que deu sua orelha ao corpo, e que Van Gogh devolveu à alma de sua alma, uma mulher, com a finalidade de fortalecer a sinistra ilusão, um dia a alma deixou de existir, e o espírito também.

E quanto à consciência, ninguém nunca pensou nela, mas onde estava o pensamento, num mundo unicamente formado por elementos em plena guerra, tão logo destruídos como recompostos, porque o pensamento é um luxo da paz.

E quem supera o inverossímil Van Gogh, o pintor que compreendeu o lado fenomenológico do problema, e para quem toda paisagem verdadeira está potencialmente cristalizada onde irá se reconstruir?

Então o velho Van Gogh era um rei contra quem, enquanto dormia, foi inventado o curioso pecado denominado pintura turca, exemplo, habitáculo, móvel do pecado da humanidade, que não soube fazer nada melhor que devorar o artista vivo para recheiar-se com sua probidade.

Com o que somente conseguiu consagrar ritualmente a sua covardia!

Porque a humanidade não quer ter o trabalho de viver, de tomar parte neste duelo natural entre as forças que compõem a realidade, com o objetivo de conquistar um corpo que nenhuma tempestade possa prejudicar.

Preferiu simplesmente existir, sempre.

Quanto à vida, costuma ir buscá-la no próprio gênio do artista.

Enquanto que Van Gogh, que assou uma de suas mãos, nunca temeu a luta pela vida, ou seja, separar o fato de viver da ideia de existir, e sem dúvida qualquer coisa pode existir sem ter o trabalho de ser, e tudo pode ser, sem ter o trabalho, como Van Gogh, o desorbitado, de irradiar e cintilar.

Tudo isto a sociedade lhe arrebatou para organizar a cultura turca, tem a probidade por fachada e o crime por origem e final.

E assim foi que Van Gogh morreu suicidado, porque o consenso da sociedade já não pôde suportá-lo.

Pois se não havia nem espírito, nem alma, nem consciência, nem pensamento, havia matéria explosiva, vulcão maduro, pedra em transe, paciência, ínguas, tumor cozido, e caveira descarnada.

E o rei Van Gogh incubava sonolento o próximo alarma da insurreição da sua saúde.

Como?

Pelo fato de que a boa saúde é uma abundância de endemias encurraladas, de um formidável desejo de vida com cem chagas corroídas que, apesar de tudo, é preciso fazer viver.

Aquele que esfumaça a bomba no cozimento e a vertigem não merece estar vivo.

Este é o bálsamo que o pobre Van Gogh considerou como dever de manifestar na forma de deflagrações.

Mas o mal que o preocupava lhe fez mal.

O Turco do rosto honrado aproximou-se delicadamente de Van Gogh para lhe extrair sua amêndoa conflitante, com o objetivo de separar o conflito (natural) que ia se formando.

E Van Gogh consumiu mil verões naquele momento.

Causa pela qual morreu aos trinta e sete anos, antes de viver, porque todo macaco viveu, antes que ele, das próprias forças que ele reuniu.

E que serão as que agora terão que ser devolvidas para tornar possível a ressurreição de Van Gogh.

Diante de uma humanidade de macacos covardes e cachorros molhados, a pintura de Van Gogh vai demonstrar que pertenceu a um tempo em que não existiu alma, nem espírito, nem consciência, nem pensamento; somente os elementos primeiros, alternadamente encadeados e sem cadeias.

Paisagens de intensas convulsões, de traumas enlouquecidos, como os de um corpo que a febre atormenta para restituí-lo à saúde perfeita.

Debaixo da pele, o corpo é uma usina quente, e por fora, o enfermo brilha, reluz, por todos os seus poros, estalados, como uma paisagem de Van Gogh na metade do dia.

Somente a guerra perpétua explica uma paz que é exclusivamente transitória, igual ao leite que está por derramar, explica a caçarola na qual ele fervia.

Desconfiam das maravilhosas paisagens de Van Gogh movediças e plácidas, em atrito e contidas.

Representam a saúde entre dois acessos de uma febre ardente que está por sarar.

Representam a febre entre dois acessos de insurreição de boa saúde.

Um dia a pintura de Van Gogh armada de febre e boa saúde, retornará para lançar ao vento o pó de um mundo enjaulado que seu coração não podia suportar.

✦
POST-SCRIPTUM

Volto ao quadro dos corvos.

Alguém viu alguma vez como nesta tela, uma terra comparável ao mar?

Entre todos os pintores, Van Gogh é o que mais a fundo nos despoja até atingir a meada, mas ao modo de quem se despoja de uma obsessão.

A obsessão de fazer com que os objetos sejam outros a de atrever-se e arriscar o pecado do outro; e ainda que a terra não possa ostentar a cor do mar líquido, é precisamente como um mar líquido que Van Gogh lança sua terra como uma série de golpes de [sic]

E infunde na tela uma cor de borra de vinho; e é a terra com aroma de vinho, a que ainda se mexe sorratamente entre os trigais, a que ergue uma crista de galo escura contra as nuvens baixas que se golpeiam no céu por todos os lados.

Mas como eu tinha dito, o lúgubre do assunto reside na suntuosidade com a qual estão representados os corvos.

Essa cor de almíscar, de nardo exuberante, de trufas que parecem vir de um grande banquete.

Nas ondas violentas do céu, duas ou três cabeças de anciões de fumaça tentam fazer uma careta de apocalipse, mas ali estão os corvos de Van Gogh incitando-os a uma maior decência, digo, uma menor espiritualidade, e é justamente o que quis dizer Van Gogh nessa tela com o céu rebaixado, como que pintada no mesmo instante que ele se libertava da existência, pois, essa tela tem ainda mais, uma estranha cor quase pomposa de nascimento, de boda, de partida; escuto os golpes fortes de címbalo que produzem as asas dos corvos por cima de uma terra, cuja torrente parece que Van Gogh já não conseguira conter.

Logo, a morte, as oliveiras de Saint-Rémy.

O cipreste solar.

O dormitório.

A plantação de oliveiras.

Os Alicamps de Arlés. O café de Arlés.

A ponte onde nos chega o desejo de mergulhar o dedo na água num impulso de violenta regressão infantil, que força a mão prodigiosa de Van Gogh.

A água azul, não de um azul de água, mas de um azul de pintura líquida.

O louco suicida passou por ali e devolveu a água da pintura à natureza, mas a ele, quem a irá devolver?

Acaso era louco Van Gogh?

Quem alguma vez soube contemplar um rosto humano, contemple o autorretrato de Van Gogh, me refiro àquele do chapéu caído.

Pintado pelo Van Gogh hiperlúcido, aquela cara de açougueiro ruivo que nos inspeciona e vigia; que nos escava com olhar turvo.

Não conheço um único psiquiatra capaz de escavar um rosto humano com uma força tão esmagadora, dissecando sua inquestionável psicologia como se estivesse munido de um estilete.

O olho de Van Gogh é o de um grande gênio, mas pelo modo como o vejo dissecar-me emergindo da profundidade da tela, é mais o gênio de um pintor o que neste momento sinto viver nele, mas o de um filósofo como nunca conheci outro igual em toda a minha vida.

Não, Sócrates não possuía aquele olhar, somente o desgraçado Nietzsche teve talvez, antes dele, esse olhar que despe a alma, libera o corpo da alma, desnuda o corpo do homem, além dos subterfúgios do espírito.

O olhar de Van Gogh está pendurado, soldado, vitrificado, atrás de suas pálpebras sem cílios, de suas sobrancelhas finas e juntas.

É um olhar que penetra direto, que destrói, saindo desse rosto talhado a golpes como uma árvore serrada.

Mas Van Gogh aprisionou o momento no qual a pupila vai virar-se no vácuo, no qual esse olhar lançado até nós como o projétil de um meteoro, toma a cor inexpressiva do vazio e do inerte que o enche.

Melhor que qualquer psiquiatra do mundo, o grande Van Gogh situou assim seu mal.

Irrompo, recomeço, inspeciono, engancho, rasgo o lacre, minha vida morta não esconde nada, e o nada nunca fez mal a ninguém. O que me impele a retornar ao inferno é essa desoladora ausência que acontece e me afunda por momentos, mas vejo claros nela, muitos claros, até sei que é o nada e poderia dizer o que existe no seu interior.

Tinha razão Van Gogh: pode-se viver para o infinito, satisfazer-se somente com o infinito sobre a terra e nas esferas, como para saciar a milhares de grandes gênios, e se Van Gogh não chegou a culminar seu desejo de iluminar sua vida inteira com ele, porque a sociedade o proibiu.

Proibiu rotunda e conscientemente.

Um dia apareceram os verdugos de Van Gogh, como apareceram os de Gérard de Nerval, de Baudelaire, de Edgar Poe e de Lautréamont.

Aqueles que um dia lhe disseram:

Agora basta, Van Gogh: à tumba; já estamos fartos de sua genialidade; e quanto ao infinito, esse infinito nos pertence.

Pois não é à força de procurar o infinito que Van Gogh morre, e é empurrado ao sufocamento pela miséria e pela asfixia, é à força de vê-lo recusar pela multidão ainda vivo, daqueles que acreditavam possuir o infinito excluindo-o.

E Van Gogh teria conseguido encontrar suficiente infinito para viver durante toda sua vida se a consciência bestial da massa não tivesse decidido apropriá-lo para nutrir seus próprios bacanais, que nunca tiveram nada a ver com a pintura ou com a poesia.

Além do que, ninguém se suicida sozinho, nunca ninguém esteve só ao nascer.

Ninguém está só ao morrer.

Mas no caso de suicídio, precisa-se de um exército de seres maléficos para que o corpo decida-se pelo ato *contra natura* de privar-se da própria vida.

E acho que sempre existe algum outro, no extremo instante da morte, que nos roube a própria vida.

E assim Van Gogh condenou-se porque tinha acabado com a vida, e como deixam entrever suas cartas a seu irmão, porque diante do nascimento de um filho de seu irmão, sentiu-se, a si mesmo, como uma boca a mais para alimentar, mas, acima de tudo, Van Gogh queria reunir-se finalmente com esse infinito, como se embarca num trem em direção a uma estrela, e se embarca no dia no qual se decidiu firmemente pôr termo à vida.

Agora, na morte de Van Gogh, como ocorreu, não creio que isso seja o que aconteceu.

Van Gogh foi despachado deste mundo, primeiro por seu irmão, ao anunciar-lhe o nascimento do sobrinho, e imediatamente depois pelo doutor Gachet, que em lugar de recomendar-lhe repouso e isolamento, mandou-o pintar a natureza, num dia no qual tinha certeza plena de que Van Gogh teria feito melhor se fosse descansar.

Pois não se contrapõe tão diretamente uma lucidez e uma sensibilidade como a de Van Gogh, o martirizado.

Existem espíritos que em certos dias se matariam por causa de uma simples contradição, e não é imprescindível para isso estar louco, louco registrado e catalogado; ao contrário, basta gozar de boa saúde e ter razão.

No que me concerne, num caso semelhante, não suportaria sem cometer um crime que me digam: “Senhor Artaud, está delirando”, como aconteceu comigo com frequência.

E Van Gogh ouviu o que lhe diziam.

E esse é o nó de sangue que o matou, apertando-lhe a garganta.



POST-SCRIPTUM

A propósito de Van Gogh, da magia e dos feitiços, todas as pessoas que estiveram desfilando neste dois meses diante da exposição de suas obras no Museu de L’Orangerie, estarão seguras de lembrar-se de tudo que fizeram e tudo que lhes aconteceu em cada noite desses meses de fevereiro, março, abril e maio de 1946? Não existiu uma certa noite na qual a atmosfera nas ruas tornava-se líquida, gelatinosa, instável e na qual a luz das estrelas e da abóbada celeste desaparecia?

E Van Gogh, que pintou o café de Arlés, não estava ali. Mas eu estava em Rodez, quero dizer, ainda na Terra, enquanto os habitantes de Paris desejaram, durante uma noite toda, abandoná-la.

É que todos tinham participado em unísono de certas sujeiras generalizadas, nas quais a consciência dos parisienses abandonou por uma hora ou duas o nível normal e passou a outro, a uma dessas violentas ondas maciças de ódio, das que fui algo mais que simples testemunha em muitas oportunidades, durante meus nove anos de internamento. Agora o ódio foi esquecido, assim como os expurgos noturnos que o seguiam. E os mesmos indivíduos que em tantas ocasiões mostraram a nu e cru, à vista de todos, suas almas sinistras de porcos, desfilam agora diante de Van Gogh, a quem, enquanto vivia, eles ou seus pais e mães torciam o nariz.

Mas, não foi numa dessas noites, como as que eu me referi, que caiu no Boulevard de Madeleine, na esquina da rue des Mathurine, uma enorme pedra branca, como que surgida de uma erupção do vulcão Popocatepetl?



INDEX



CAPA:



Bloco de Cascajal, México
ARQUIVO (n.t.)

INTERNAS:

Aline Daka (p. 3)
A escada, 2020
Nanquim sobre papel
ARQUIVO (n.t.)

VINHETAS:



Fotos de:
Miguel Sulis (pp. 8, 42, 176 e 241)
Índia
ARQUIVO (n.t.)

ENTRADAS:

Yun Dong-ju (autor) (p. 9)
Detalhe da capa de *Céu, vento, estrelas e poesia* (1ª ed.), 1948
Ilustração
GYEONGGI-DO CYBER LIBRARY, SUWON

Hikmet Onat (p. 20)
Detalhe de *Barcos em Yalıköy*, 1960
Óleo sobre tela
SAKIP SABANCI MUSEUM, ISTAMBUL

Pompeia (lugar) (p. 35)
Detalhe de *Músicos Errantes* (Villa Cícero), c.150-125 a.c.
Mosaico
MUSEO ARCHEOLOGICO NAZIONALE, NÁPOLES

Muhammad Abu Salah (p. 43)
Sem título, [s.d.]
Ilustração a lápis e carvão
GOOGLE IMAGENS



El Chiflón del Diablo (lugar) (p. 85)

Entrada da galeria Chiflón del Diablo, Lota, Chile

Fotografia

GOOGLE IMAGENS



Ralph Steiner (p. 106)

Teclas da Máquina de Escrever, 1921

Fotografia

METROPOLITAN MUSEUM OF ART, NOVA IORQUE



Louis-Léopold Boilly (p. 161)

Detalhe de *Jogo de damas em família*, c.1803

Óleo sobre tela

COLEÇÃO PARTICULAR

Mestres otomanos (p. 177)

Frontispício da cópia turca do *Livro de Salomão*, de Firdaws, c. 1500

Pergaminho

CHESTER BEATTY LIBRARY, DUBLIN



E.M. Cioran (autor) (p. 192)

Cioran em seu quarto em Paris, 10 de julho de 1981

Fotografia

LE MONDE, PARIS

Van Gogh (p. 242)

Autorretrato com cachimbo, 1886

Óleo sobre tela

VAN GOGH MUSEUM, AMSTERDÃ

CONTRACAPA:

Sem autoria (p. 300)

Escritório de Tradução em Mumbai, Índia

Fotografia

ARQUIVO (n.t.)



*

A (n.t.) | 17º acabou-se de editar em 5 de maio de 2020.

Fontes ocidentais: **Book Antiqua**, Baramond

Coreano: **Batang** Árabe: Sakkal Majalla

Vinita DTP Centre

(pvt.) India

&

TRANSLATIONS

विनिता डी.टी.पी. सेंटर



Get an edge with the
performance

UMA REVISTA DE TRADUTORES

Be epic. Be brut

Be the first to experience the
the new AMD FX B-Core Pro